

*As Flores
Perdidas*

HOLLY RINGLAND

*de Alice
Hart*





Holly Ringland cresceu, rebelde e de pés descalços, no jardim tropical da mãe, no norte da Austrália. Quando tinha nove anos, a sua família viveu numa caravana durante dois anos, viajando de parque em parque natural, na América do Norte, uma experiência que despertou em Holly o interesse pelas culturas e histórias dos lugares. Já na casa dos vinte anos, trabalhou durante quatro anos numa comunidade remota indígena no deserto central australiano. Mudou-se para Inglaterra em 2009 e fez uma especialização em Escrita Criativa na Universidade de Manchester em 2001. Agora vive entre o Reino Unido e a Austrália.

As flores perdidas de Alice Hart

Holly Ringland

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

The lost flowers of Alice Hart

Copyright © Holly Ringland, 2018

Tradução: Cláudia Ramos

Design e ilustrações da capa: Hazel Sam, HarperCollins Design Studio

Design e ilustrações do interior: © Edith Rewa Barrett 2018

Foto da autora: Guilia Zonza

Adaptação da capa para a versão portuguesa: NOR267

1.^a edição em papel: outubro de 2018



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67615-3

*Para todas as mulheres que duvidam do valor e
do poder das suas histórias.*

*Para a minha mãe, que fazia de tudo para me
trazer flores.*

*E este livro é para o Sam, pois sem ele o sonho
duma vida ia ficar por escrever.*

*Uma lágrima esplêndida caiu
Da flor-da-paixão de guarda ao portão.
Ela está a chegar, a minha pomba, a minha
amada;
Ela aí vem, a minha vida, o meu destino;
Brada a rosa vermelha: “Ela está perto, ela
está perto”;
E chora a rosa branca “Ela já tarda”.
A esporeira escuta; “Eu oiço-a, eu oiço-a”,
E o lírio sussurra: “Eu aguardo”.*

Alfred Lord Tennyson

Orquídea Fogo Negro



Significado: **Desejo de possuir**

Pyrorchis nigricans | Austrália Ocidental

Precisa de fogo para florescer. Brota de bolbos que possam parecer inativos. Riscas carmim-escuro sobre polpa pálida. Fica negra após a floração, como que carbonizada.

Na casa revestida a tábuas, já no fim do trilho, Alice Hart, de nove anos, sentou-se à secretária junto à janela, a sonhar com várias formas de atear fogo ao pai.

À sua frente, na secretária de eucalipto feita por ele, estava pousado um livro de biblioteca, aberto, carregado de histórias recolhidas de todo o mundo acerca dos mitos do fogo. Ainda que corresse uma brisa nordestina, vinda do Pacífico e carregada de salmoura, Alice sentia um cheiro a fumo, a terra, e a penas incineradas. Leu, num murmúrio alto:

A ave fénix é imersa no fogo para que as chamas a consumam e transformem em cinzas, para delas renascer, refeita, reformada – a mesma, mas completamente diferente.

Alice passou o indicador pela ilustração da fénix renascida: as penas branco-prata cintilando, as asas escancaradas, a cabeça lançada para trás para cantar. Afastou a mão com um gesto súbito, como se temesse que as lambidas de oiro laranja-escuro lhe queimassem a pele. Chegou-lhe o cheiro a algas numa lufada fresca vinda da janela; os sininhos do jardim da sua mãe avisaram-na que vinha aí vento forte.

Inclinando-se sobre a secretária, Alice fechou a janela, deixando apenas uma fresta aberta.

Afastou o livro, observando a ilustração enquanto estendia a mão para o prato com a torrada que fizera há horas. Trincou o triângulo amanteigado e mastigou lentamente a torrada fria. Como seria se o pai fosse consumido pelas chamas? Todos os monstros nele contidos reduzidos a cinzas, permitindo que a sua melhor parte renascesse, renovada pelas chamas, reconstruída no homem que por vezes conseguia ser: o homem que lhe fizera uma secretária para que ela escrevesse histórias.

Alice fechou os olhos e imaginou por um momento que o mar próximo, cujas ondas ouvia bater através da janela, era um oceano a cuspir fogo. Conseguiria empurrar o pai para lá, para ser consumido como a fênix do livro? E se ele emergisse, abanando a cabeça como quem acorda de um pesadelo, e abrisse os braços para ela? *B'dia Coelhinha*, dir-lhe-ia provavelmente. Ou talvez se limitasse a assobiar, com as mãos nos bolsos e um sorriso no olhar. Quem sabe Alice nunca mais voltasse a ver-lhe os olhos azuis enegrecerem de raiva, ou o sangue escoar-lhe das faces, o cuspo nos cantos da boca, numa espuma tão branca quanto a sua palidez. Ela poderia então concentrar-se apenas na direção que o vento tomava, ou nos livros a trazer da biblioteca, ou na sua escrita à secretária. Renascido pelo fogo, o toque do pai de Alice no corpo grávido da mãe seria sempre delicado; as mãos dele no corpo da filha sempre suaves e afetuosas. E sobretudo, iria embalar o bebé quando ele chegasse, e Alice não teria de ficar acordada a pensar em como proteger a família.

Fechou o livro. O som pesado reverberou pela secretária de madeira que corria a toda a extensão da parede do seu quarto. A secretária ficava em frente às duas janelas grandes que se abriam diretamente para o jardim de fetos, samambaias e plantas de folhas-borboleta que a sua mãe insistia em cuidar até os enjoos lhe impossibilitarem a tarefa.

Ainda naquela manhã, dedicara-se a colocar em vasos várias sementes de Pata de Canguru – até ter de se dobrar em duas para vomitar sobre os fetos. Alice estava à secretária a ler; ao ouvir os arrancos da mãe, saltou pela janela e aterrou no canteiro de fetos. Sem saber o que mais fazer, limitou-se a agarrar-lhe firmemente a mão.

– Eu estou bem – tossiu ela, apertando a mão da filha antes de a largar. – São só enjoos matinais, coelhinha, não te preocupes. – Ao inclinar a cabeça para trás para respirar fundo, o rosto revelou um novo hematoma, roxo como o mar ao amanhecer, rodeando uma ferida na pele sensível por detrás da orelha. Alice desviou rapidamente o olhar.

– Oh, querida – murmurou a mãe enquanto se levantava. – Estava na cozinha, não vi onde pus os pés e... tropecei. O bebé dá-me tantas tonturas. – Levou a mão à barriga e, com a outra, sacudiu a sujidade do vestido. Alice fixou os fetos jovens esmagados pelo peso da mãe.

Pouco depois, os pais saíram. Alice ficou a vê-los da porta de casa até a nuvem de pó levantada pela carrinha se desfazer no céu azul da manhã. Dirigiam-se à vila para mais uma consulta no obstetra; a carrinha tinha apenas dois lugares. *Porta-te bem, querida*, implorara-lhe a mãe roçando os lábios na face de Alice. Cheirava a jasmim, e a medo.

Alice pegou noutra torrada e segurou-o nos dentes enquanto pegava no saco com os

livros trazidos da biblioteca. Prometera à mãe que ia estudar para o seu exame do 4º ano, mas até àquele momento o teste de preparação que a escola por correspondência lhe enviara pelo correio continuava na secretária, por abrir. Quando tirou um livro do saco e leu o título, sentiu-se relaxar e esqueceu por completo o exame

À luz ténue de uma tempestade iminente, a capa em relevo de *O Fogo: Guia Para Principiantes* surgia como uma coisa iluminada, quase-viva. Um incêndio incontrollável, irrompendo em chamas metálicas. Alice sentiu algo de perigoso e eletrizante percorrer-lhe as entranhas, as palmas das mãos pegajosas. Tinha acabado de tocar com os dedos no canto da capa quando, como que conjuradas pelos seus nervos trémulos, as medalhas da coleira de Toby tilintaram atrás dela. O cão encostou-lhe o focinho à perna, deixando-lhe uma mancha húmida na pele. Aliviada pela interrupção, Alice sorriu ao ver o cachorro sentar-se obedientemente. Aproximou-se dele com a torrada entre os dentes e Toby retirou-a delicadamente com os seus, antes de a engolir de um trago só. Gotas de baba de cão pingaram-lhe para os pés.

– Que nojo, Tobes! – disse, afagando-lhe as orelhas. Ergueu um polegar e abanou-o de um lado para o outro. A cauda do cachorro abanou também, como que a responder-lhe. Levantou uma pata e pousou-a na perna dela.

Toby tinha sido uma oferta do pai, e era o melhor amigo de Alice. Quando era cachorrinho, tinha por hábito morder os pés do pai debaixo da mesa, até que um dia levou um pontapé que o fez voar de encontro à máquina de lavar. O pai de Alice proibiu-a de o levar ao veterinário e o cachorro ficou surdo desde então. Quando a menina percebeu que ele não a ouvia, dedicou-se a criar uma linguagem secreta, partilhada só pelos dois, recorrendo a gestos das mãos. Abanou de novo o dedo à frente dele, desta vez de cima para baixo, para lhe dizer que tinha sido um bom menino.

Toby lambeu a cara de Alice e ela limpou a bochecha, sorridente, emitindo um ruído de falso desagrado. Depois andou em círculos por uns segundos até se instalar confortavelmente aos pés da dona. Já tinha deixado de ser pequenino, tornando-se bem mais parecido com um lobo de olhos cinzentos do que com um cão-pastor. Alice enroscou os dedos dos pés no pelo fofo e comprido do seu melhor amigo. Encorajada pela sua companhia, abriu finalmente *O Fogo: Guia Para Principiantes*, sendo rapidamente absorvida pela primeira história.

Em locais longínquos, como a Alemanha e a Dinamarca, as pessoas usavam o fogo para queimar o velho e invitar o novo, dando as boas-vindas ao próximo ciclo: uma estação, uma morte, uma vida ou um amor. Algumas chegavam mesmo a construir figuras gigantes de vime e silvas, mantendo-as ateadas para estabelecer um final e marcar um início: para atrair milagres.

Alice recostou-se na cadeira. Sentiu os olhos quentes e pegajosos. Pressionou as mãos sobre as

páginas, sobre a fotografia de um homem a arder, feito de vime. Que milagre atrairia a fogueira dela? Acima de tudo, nunca mais se ouviria o som de coisas a partirem-se naquela casa. E o fedor amargo a medo nunca mais voltaria a empestar o ar. Alice plantaria uma horta sem ser castigada por utilizar inadvertidamente o sacho errado. Quem sabe não aprenderia a andar de bicicleta sem sentir as raízes dos cabelos serem-lhe arrancadas do couro pela mão do pai, só por não conseguir equilibrar-se. Os únicos sinais que teria de interpretar seriam os do céu, ao invés das nuvens e sombras que escureciam o rosto do pai, alertando-a para a iminência do monstro, ou do homem que fizera de um eucalipto uma secretária para ela escrever.

Fizera-a no dia seguinte a tê-la lançado ao mar para que nadasse sozinha até à margem. Enfiara-se na sua cabana de madeira nessa mesma noite e só de lá saíra dois dias depois, vergado sob o peso de uma secretária retangular, mais comprida do que o que ele media em altura. Fizera-a a partir de troncos de eucalipto que tinha acumulado ao longo do tempo com a intenção de construir uma nova estufa de fetos para a mãe. Alice observara-o a um canto do quarto enquanto ele pregava a secretária à parede, debaixo do longo parapeito. O quarto ficou com o intenso cheiro a madeira fresca, óleo e verniz. O pai mostrou-lhe como o tampo se abria, graças às dobradiças de latão, revelando um espaço de arrumação pronto para ser recheado com folhas, lápis e livros. Lembrara-se até de arranjar um ramo de eucalipto para manter o tampo aberto e Alice poder usar as duas mãos para vasculhar o interior. *Da próxima vez que for à vila trago-te lápis de escrever, lápis de cera e resmas de papel, Coelhinha.* Alice lançara os braços à volta do pescoço dele. Cheirava a sabonete Cussons, suor e aguarrás. *Minha Coelhinha.* A barba dele arranhara-lhe a cara e Alice quase proferira em voz alta estas palavras: *Eu sei que ainda estás aí. Fica. Por favor, não deixes que os ventos mudem.* Mas tudo o que conseguiu dizer foi: *Obrigada.*

Alice desviou o olhar para o livro aberto.

*O fogo é um elemento que requer fricção, combustível e oxigénio para inflamar e arder.
Um fogo ideal necessita destas condições.*

Ergueu os olhos para o jardim. A força invisível do vento puxava e empurrava os vasos de fetos dos ganchos que os seguravam. Uivava pela fresta estreita da janela aberta. Alice inspirou fundo algumas vezes, enchendo os pulmões e esvaziando-os lentamente. *O fogo é um elemento que requer fricção, combustível e oxigénio para inflamar e arder.* Fixando o olhar no coração verdejante do jardim da mãe, Alice soube então o que fazer.



Enquanto o vendaval vindo de leste varria o céu e o fechava atrás de cortinas negras, Alice vestiu

o corta-vento junto à porta das traseiras. Toby estava junto dela, inquieto, e Alice passou-lhe os dedos entre o pelo felpudo. O cão choramingou e, de orelhas baixas, encostou o focinho à barriga dela. Lá fora o vento arrancava as pétalas das rosas da mãe e espalhava-as pelo quintal como estrelas cadentes. Ao longe, no fundo da propriedade, via-se a sombra da cabana do pai – sempre trancada. Alice apalpou o bolso do casaco, sentindo a chave. Levou ainda um momento a arranjar coragem, mas abriu a porta e saiu de casa a correr, direta para o vento, com Toby atrás de si.

Mesmo proibida de lá entrar, nada impedia Alice de imaginar o que esconderia aquela cabana de madeira. A maior parte do tempo que o pai passava lá dentro sucedia-se às coisas terríveis que fazia. Mas quando saía, parecia sempre melhor. Alice decidira que a cabana detinha algum tipo de magia transformacional; como se dentro das suas paredes existisse um espelho encantado ou uma roda de fiar. Em tempos, era ainda pequena, tivera coragem para perguntar ao pai o que havia na cabana. Ele não respondeu, mas depois de lhe ter construído a secretária, Alice compreendeu. Tinha lido coisas sobre alquimia nos livros da biblioteca; conhecia a história de Rumpelstiskin. A cabana do pai era onde ele fiava palha, transformando-a em ouro.

As pernas e os pulmões ardiam-lhe enquanto corria. Toby ladrou para o céu até que o vislumbre de um relâmpago por cima da sua cabeça o fez meter o rabo entre as pernas. À porta da cabana, Alice tirou a chave do bolso e enfiou-a na fechadura. Não abriu. O vento chicoteava-lhe a cara e ameaçava-lhe o equilíbrio; só o calor de Toby encostado a ela a mantinha de pé. Tentou de novo. A chave magoou-lhe a palma da mão enquanto tentava fazê-la ceder. Mas nem se mexeu. O pânico toldou-lhe a visão. Largou a chave, esfregou os olhos e afastou o cabelo da cara. E tentou de novo. Daquela vez a chave cedeu tão facilmente que parecia que alguém tinha oleado a fechadura. Alice rodou a tranca e tropeçou lá para dentro, com Toby nos seus calcanhares. O vento sugou a porta, fazendo-a fechar com um estrondo.

O interior da cabana, sem uma única janela, surgiu era escuro como breu. Toby rosnou. Alice estendeu uma mão na escuridão para o sossegar. Estava quase surda, tal o afluir do sangue nos ouvidos, juntamente com o rugido feroz da ventania. Choveram sementes da acácia-rubra por detrás do casebre, numa sucessão forte – como se estivesse alguém com pantufas de lata a dançar no telhado.

O ar fedia a querosene. Alice tateou à sua volta até que os dedos tocaram num candeeiro a petróleo na bancada de trabalho. Reconheceu-lhe a forma, a mãe tinha um muito semelhante dentro de casa. Ao lado estava uma caixa de fósforos. Uma voz zangada ecoou-lhe na mente. *Não devias estar aqui. Não devias estar aqui.* Alice encolheu-se, mas conseguiu abrir a caixa de fósforos. Apalpou a ponta de um deles, passou-a pela superfície de lixa e sentiu o odor a enxofre quando uma chama rápida envolveu o ambiente. Levou-a ao pavio do candeeiro e atarraxou na base a campânula de vidro. A luz difundiu-se ao longo da bancada de trabalho do pai. À frente dela, uma gaveta entreaberta. Com um dedo trémulo, Alice abriu-a. Lá dentro estava uma fotografia e outra coisa que

não conseguiu discernir. Pegou na fotografia. Tinha os cantos quebrados e amarelados mas a imagem era nítida; uma casa antiga, ampla e resplandecente, coberta por hera. Alice enfiou a mão na gaveta para alcançar o outro objeto. As pontas dos dedos roçaram algo suave. Retirou-o e chegou-o à luz; uma madeixa de cabelo atada numa fita desbotada pelo tempo.

Uma rajada poderosa fez estremecer com violência a porta da cabana. Alice largou a fotografia e a madeixa, voltando-se repentinamente. Não havia ali ninguém. Era apenas o vento. O seu coração tinha começado a abrandar quando Toby fletiu as patas traseiras e rosnou novamente. A tremer, Alice ergueu o candeeiro para iluminar o resto da cabana do pai. O queixo caiu-lhe; os joelhos pareciam gelatina.

À sua volta havia dezenas de esculturas de madeira, desde miniaturas a figuras de tamanho real, todas baseadas em duas únicas fisionomias. Uma era uma velhota, representada numa série de poses: a cheirar uma folha de eucalipto, a inspecionar plantas em vasos, deitada de costas com um braço sobre os olhos e o outro a apontar para cima, a levantar a bainha da saia, carregada de flores que Alice desconhecia. As outras esculturas representavam uma menina: a ler um livro, a escrever à secretária, a soprar num dente-de-leão. Reconhecendo-se nas esculturas do pai, Alice sentiu uma dor forte na cabeça.

Inúmeras versões da velhota e da rapariga enchiam a cabana, dispostas em semicírculos que acabavam junto à bancada de trabalho. Alice respirou fundo várias vezes, lentamente, escutando as batidas do coração. *Estou-aqui*, dizia. *Estou-aqui*. Se o fogo podia ser um feitiço que transformava uma coisa noutra, as palavras também. Alice já tinha lido o suficiente para entender os encantos que as palavras podiam conter, sobretudo quando repetidas. Dizer uma coisa vezes suficientes fá-la *ser*. Concentrou-se no feitiço que lhe batia no coração.

Estou-aqui.

Estou-aqui.

Estou-aqui.

Alice voltou-se em círculos lentos, assimilando as figuras de madeira. Lembrou-se que tinha lido uma vez sobre um rei cruel que fizera tantos inimigos no reino que decidira criar um exército de guerreiros de pedra e barro para protegê-lo – só que o barro não era carne e a pedra não era coração nem sangue. No fim, os aldeões de quem o rei se queria defender recorreram ao próprio exército que ele criara para esmagá-lo enquanto dormia. Alice sentiu um arrepio na espinha ao recordar as palavras que lera anteriormente: *o fogo requer fricção, combustível e oxigénio para inflamar e arder*.

– Vamos, Tobes – disse, ansiosa, levando a mão a uma figurinha e depois a outra. Imitando uma delas, usou a t-shirt como bolsa para guardar todas as miniaturas que conseguiu levar.

O cão manteve-se ao lado de Alice, que sentia o coração a bater com força contra as costelas. Com tantas estátuas na cabana, o pai certamente não daria por falta de algumas das mais pequenas.

Seriam o combustível ideal para ela praticar.

Alice lembrar-se-ia para sempre daquele dia como o dia que mudara a sua vida de forma irreversível – ainda que lhe levasse os próximos vinte anos a compreender: a vida acontece para a frente, mas só pode ser entendida para trás. Não é possível apreciarmos a plenitude da paisagem onde estamos enquanto fazemos parte dela.



Estacionando à entrada de casa, o pai de Alice agarrou com força o volante, em silêncio. A mulher tinha vergões recentes no rosto – que tentava esconder com a mão. Com a outra segurava a barriga, mantendo-se bem encostada à porta do lugar do passageiro. Ele tinha visto com os próprios olhos a forma como ela tocara no braço do médico. Vira a expressão no rosto dele. Ele *tinha visto*. O olho direito começou a piscar-lhe incontrolavelmente, como um tique. Assim que se sentou, depois da ecografia, a mulher sofreu uma tontura; ele não quisera perder tempo com o pequeno-almoço para não correr o risco de chegar atrasado à consulta. Ela tentara equilibrar-se. O médico ajudara-a.

O pai de Alice fechou e abriu o punho. Os nós dos dedos ainda lhe doíam. Olhou de relance para a mulher, encolhida, enrolada em si própria, criando um desfiladeiro entre os dois. Teve vontade de estender-lhe a mão, explicar-se, dizer-lhe que tinha de ter mais cuidado com as suas atitudes, precisamente para não o provocar. Se lhe falasse na linguagem das flores, talvez ela percebesse. Drosera binata, *morro, se descurada*. Arlequim-fúcsia, *cura e alívio*. Arbusto-do-casamento, *constância*. Mas há anos que evitava oferecer-lhe flores – praticamente desde que tinham saído de Thornfield.

Naquele dia ela não o tinha ajudado. Devia ter acordado a tempo de preparar um pequeno-almoço para levarem na viagem; assim já não teria ficado tonta nem ele teria testemunhado aquele encontro de mãos entre ela e o médico. Ela sabia o que lhe custavam aquelas idas à vila, o pessoal médico a meter as mãos onde não devia, no corpo da *sua* mulher. Ao longo daquela gravidez ainda não tinham feito uma única ecografia ou exame em que não tivesse havido problemas. E o mesmo acontecera quando estivera grávida de Alice. Seria realmente culpa dele se ela insistira em não o apoiar, de todas as vezes?

– Estamos em casa – disse ele, puxando o travão de mão e desligando o motor.

A mulher tirou a mão da cara e levou-a ao puxador da porta. Tentou abri-la uma vez e esperou. Ele sentiu a raiva a ferver. Porque é que ela não dizia nada? Destrancou as portas à espera que ela se voltasse e lhe sorrisse com gratidão, ou até em jeito de pedido de desculpa. Mas ela saltou para fora do carro como uma galinha a fugir do galinheiro. Ele saiu do carro a gritar o nome dela, abruptamente silenciado pelo vendaval. Encolhendo-se sob o vento cortante, irrompeu atrás da mulher, decidido a mostrar-lhe quem mandava. Estava quase a chegar à porta de casa quando algo lhe

chamou a atenção.

A porta da cabana estava aberta – a tranca a pender da porta. Alertou-o um vislumbre rápido do corta-vento vermelho da filha, na soleira.



Quando a t-shirt já não conseguia transportar mais figurinhas, Alice precipitou-se para fora da cabana, sob a luz obscura. O rugido de um trovão tomou os céus, tão alto que Alice deixou cair as estatuetas e encolheu-se, encostada à porta da cabana. Apavorado, Toby reagiu, o pelo arqueando-se ao longo da espinha. Ela estendeu a mão para acalmá-lo e levantou-se, mas viu-se de novo lançada para trás por uma rajada tenebrosa. Esquecendo as figuras, fez sinal ao cão e correu para casa. Estavam prestes a alcançar a porta das traseiras quando um relâmpago gigantesco estilhaçou as nuvens negras em fragmentos prateados, numa seta ameaçadora voltada para baixo. Alice paralisou. Foi nessa flashada branca que o viu. O pai estava à porta, com os braços para baixo e as mãos fechadas em punhos ameaçadores. Ela não precisou de mais luz ou de uma distância menor para lhe discernir a negritude do olhar.

Mudou de direção e correu para um dos lados da casa. Não estava certa de que o pai a tivesse visto. Enquanto corria direta aos fetos verdes do jardim da mãe, acometeu-a um pensamento sinistro: o candeeiro a petróleo na cabana do pai. Na cabana *de madeira* do pai. Esquecera-se de o apagar.

Alice voou pela janela do quarto adentro, para cima da secretária, içando Toby com ela. Agacharam-se ambos, arquejando para tentarem recuperar o fôlego. Toby lambeu-lhe a cara e Alice fez-lhe uma festa reconfortante. Seria fumo o cheiro que sentia? Uma onda de terror fê-la estremecer. Saltou da secretária e reuniu os livros da biblioteca, enfiando-os no saco atabalhoadamente. Despiu o corta-vento e enfiou-o no saco, e por fim fechou a janela. *Alguém deve ter assaltado a tua cabana, Pai. Eu estava dentro de casa, à espera que tu voltasses.*

Não ouviu o pai entrar no quarto. Nem foi suficientemente rápida para se esquivar. A última coisa que viu foi Toby a arreganhar os dentes, os olhos tolhidos pelo medo. Sentiu o cheiro a fumo, a terra, e a penas incineradas. Uma forte pontada de fogo na cara de Alice fê-la mergulhar na escuridão.

Flor de Flanela



Significado: **O que se perde encontra-se**

Actinotus helianthi | Nova Gales do Sul

O caule, os ramos e as folhas da planta são cinza-claro, cobertos com uma penugem suave que lembra a textura da flanela. Bonitas flores em forma de margarida florescem na primavera, ainda que a floração possa ser mais profusa após uma queimada.

A primeira história que Alice conheceu teve início no perigoso limiar das trevas, quando os seus próprios gritos de recém-nascida ressuscitaram o coração da mãe.

Na noite em que ela nasceu, uma tempestade subtropical vinda de leste formou marés vivas que inundaram os leitos dos rios, inviabilizando o caminho entre a propriedade dos Hart e a vila. Encurralada a meio do caminho, já com as águas rebentadas e uma dor que parecia querer cortá-la ao meio, Agnes Hart deu à luz um bebê no banco traseiro da carrinha do marido. Clem Hart, consumido pelo pânico enquanto a tempestade assolava os canaviais, estava, de início, demasiado ocupado a enrolar a filha numa manta para sequer reparar na palidez da mulher. Mas ao ver-lhe o rosto branco como a cal e os lábios pálidos como a casca de uma amêijoia, lançou-se para ela, aflito, esquecendo a bebé. Abanou Agnes, em vão. Foi apenas quando a filha soltou o primeiro grito que a mulher recuperou a consciência. De ambos os lados do caminho, arbustos alagados pela chuva explodiram num turbilhão de florinhas brancas. Os primeiros sopros de Alice foram bafejados por relâmpagos e pelo odor suave de lírios-de-tempestade em pleno florescimento.

Foste o verdadeiro amor de que eu precisava para acordar de uma maldição, Coelhinha,

costumava dizer-lhe a mãe quando acabava a história. *És o meu conto de fadas.*

Alice tinha apenas dois anos quando Agnes lhe apresentou o mundo dos livros; à medida que ia lendo, seguia cada palavra com a ponta do indicador. Quando desciam até à praia, ela ia repetindo: um choco, duas penas, três pedaços de madeira flutuante, quatro conchas, e cinco vidrinhos do mar. Dentro de casa, pequenos cartazes redigidos na bonita caligrafia de Agnes: *LIVRO. CADEIRA. JANELA. PORTA. MESA. COPO. BANHO. CAMA.* Quando Alice começou o ensino doméstico, aos cinco anos, já conseguia ler sozinha. Ainda que tivesse desenvolvido uma paixão desmesurada pelos livros, a menina continuava a preferir o talento da mãe para contar histórias. Quando estavam sozinhas, Agnes inventava histórias sobre elas as duas. Mas nunca se o pai pudesse ouvi-la.

O ritual de ambas consistia em irem até à praia e deitarem-se na areia a olhar para o céu. Com a voz suave da mãe a indicar o caminho, apanhavam comboios em viagens pela Europa, percorrendo paisagens com montanhas tão altas que não se lhes via o topo, e cumeeiras tão cheias de neve que não se distinguia o céu branco do alvo da terra. Vestiam casacos de veludo na cidade de seixos de um rei tatuado, onde as casinhas do porto eram tão coloridas como uma caixa de aguarelas, e uma sereia esculpida em bronze esperava e esperava, eternamente apaixonada. Alice costumava fechar os olhos e imaginar que cada fio das histórias da mãe as tecia em crisálidas de onde poderiam emergir e voar para longe.

Uma noite, quando Alice tinha seis anos, a mãe foi aconchegá-la, chegou-se a ela e murmurou-lhe ao ouvido: *Chegou a hora, Coelhinha.* Alice soergueu-se, sorrindo, vendo-a ajeitar os cobertores. *Já tens idade suficiente para me ajudares no jardim.* Alice soltou um gritinho de entusiasmo; geralmente a mãe deixava-a ficar perto dela, entretida com um livro, enquanto jardinava sozinha. *Começamos amanhã,* disse Agnes antes de apagar a luz. A menina acordou muitas vezes nessa noite, para espreitar pelas janelas escuras. Finalmente, viu surgir no céu o primeiro fio de luz do amanhecer e saltou da cama.

A mãe estava na cozinha a preparar torradas com Vegemite¹ e requeijão e um bule de chá com mel, que colocou num tabuleiro e levou para o jardim ao lado da casa. O ar estava fresco, o sol da manhã quentinho. Poisou o tabuleiro num tronco de árvore musgoso e serviu duas chávenas de chá doce. Sentaram-se, bebendo e mastigando em silêncio. O coração de Alice batia apressado. Depois de Agnes engolir a última dentada de torrada e o último gole de chá, agachou-se entre os seus fetos e flores a sussurrar como se estivesse a despertar crianças pequenas. Alice não estava certa do que fazer. Aquilo é que era jardinar? Resolveu imitar a mãe e sentou-se no meio das plantas, a observar.

Paulatinamente, as linhas de apreensão no rosto da mãe foram desaparecendo. Os sobrolhos, sempre carregados, relaxaram. Deixou de contorcer as mãos, desinquietou-se. A plenitude e a clareza do seu olhar eram evidentes. Agnes transformara-se em alguém que Alice desconhecia. Estava em paz. Toda ela transparecia calma e serenidade. Aquela imagem encheu a menina de uma esperança

que nunca imaginara possível.

Quanto mais tempo passava com a mãe no jardim, mais Alice a entendia – na forma como virava o pulso ao inspecionar um novo rebento, na luz que lhe clareava os olhos quando erguia o queixo, nos finos anéis de terra que lhe rodeavam os dedos quando acariciava folhas de novos fetos para persuadi-los a brotarem do solo – tudo o que havia de mais genuíno na mãe florescia entre as plantas. Sobretudo quando falava com elas. De olhos vítreos, murmurava algo numa linguagem secreta, uma palavra aqui, uma frase acolá, colhendo as florinhas dos caules e guardando-as nos bolsos.

Dolorosa lembrança, dizia, arrancando uma campainha-branca de uma videira. *Amor volvido* – o cheirinho cítrico do mirto-de-limão envolvia o ambiente quando ela o arrancava de um ramo. *Prazeres da memória* – murmurava, levando ao bolso a flor escarlate de uma pata-de-canguru.

Arranhavam-lhe a garganta uma miríade de perguntas. Por que razão as palavras da mãe fluíam apenas quando ela lhe contava histórias sobre outros locais e outros mundos? Então e o mundo delas, mesmo ali à sua frente? Para onde viajava quando os seus olhos se tornavam distantes? E por que é que Alice não podia ir com ela?

Por alturas do seu sétimo aniversário, já o corpo de Alice se vergava sob o fardo das perguntas sem resposta. Pesavam-lhe no peito. Por que é que a mãe falava com as flores nativas de forma tão enigmática? E como é que o pai conseguia ser duas pessoas diferentes? De que maldição livrara a mãe ao soltar o seu primeiro choro? Ainda que lhe pesassem na mente, as perguntas de Alice insistiam em manter-se lá, entaladas, alojadas na traqueia e tão dolorosas como se tivesse engolido um caroço gigante. Houve momentos em que poderia ter feito à mãe todas aquelas perguntas, sim, em dias gloriosos passados no jardim, quando a luz lhe parecia perfeita. Contudo, Alice nunca o fizera. Em silêncio, limitava-se a seguir a mãe e os seus bolsos cheios de flores.

Se Agnes se apercebia dos silêncios da filha, a verdade é que nunca dissera nada para quebrá-los. Estava implícito que o tempo passado no jardim deveria ser calmo e silencioso. *Como numa biblioteca*, murmurara-lhe um dia a mãe, envolvida pelos seus tão amados fetos. Ainda que Alice nunca tivesse estado numa biblioteca – para ver mais livros reunidos num único sítio do que os que poderia imaginar, ou ouvir o sussurro coletivo dos virares de páginas – a verdade é que quase sentia que lá tinha estado, só de ouvir as histórias da mãe. Pela descrição de Agnes, Alice imaginava que uma biblioteca seria um sereno jardim de livros de onde as histórias brotavam como flores.

Alice nunca havia estado senão na propriedade da família. A vida dela estava confinada aos limites do terreno: do jardim da mãe até ao início dos canaviais, e da casa à baía, onde as ondas do mar se enrolavam, bem próximas. Estava proibida de se aventurar para lá destas linhas, e sobretudo daquela que separava o caminho da casa deles da estradinha que ia dar à vila. *Não é lugar para uma rapariga*, era o que dizia o pai, batendo com o punho na mesa de jantar, fazendo saltar pratos e talheres, sempre que a mãe da menina sugeria que ela frequentasse a escola. *Aqui é que ela está segura*, grunhia, colocando um ponto final na conversa. Era nisso que o pai dela era exímio, a pôr um

ponto final no que quer que fosse.

Quer passassem o dia no jardim ou na praia, chegava sempre o momento em que se ouvia o grito de um Koel do pacífico – o pássaro-da-tempestade – ou uma nuvem tapava o sol, e a mãe de Alice estremecia, como se estivesse a acordar de um sonho. Ficava agitada, acelerava a passada para correr até casa e chamava a filha por cima do ombro: *a primeira a chegar à cozinha tem direito a natas frescas nos scones!* A hora do chá era sempre um momento agridoce; o pai não tardaria a chegar. Dez minutos antes, a mãe punha-se à porta com o rosto num sorriso esforçado, a voz demasiado esganiçada e os punhos cerrados.

Havia dias em que Agnes desaparecia totalmente do seu corpo. Não havia histórias nem passeios pela praia. Nenhuma conversa com as flores. Ficava na cama com as cortinas completamente corridas, ausente, como se a sua alma tivesse partido para muito longe.

Quando isso acontecia, Alice tentava abstrair-se da forma como aquele ambiente a oprimia; o silêncio sinistro, como se não estivesse ninguém em casa; a imagem da mãe, engelhada na cama. Eram coisas que tornavam o ar irrespirável. Alice pegava em livros que já tinha lido dúzias de vezes, revia fichas de trabalho já feitas e refeitas ou ia até junto do mar para grasnar com as gaivotas e perseguir as ondas ao longo da costa. Corria pelos campos de cana-de-açúcar, lançando a cabeça para trás e balançando-se como as longas varas verdes sob o vento quente. Mas por mais que se esforçasse, nada lhe sabia bem. Sempre que encontrava uma pestana ou soprava num dente-de-leão, Alice desejava transformar-se num pássaro para voar para longe, alcançando a linha dourada do horizonte, onde o mar estava cosido ao céu. Os dias sombrios sucediam-se sem que a menina visse a mãe. Calcorreava eternamente os rebordos do seu mundo. Foi apenas uma questão de tempo até aprender que também ela podia desaparecer.



Uma manhã, depois de o ruído da carrinha do pai desvanecer ao longe, Alice ficou na cama à espera de ouvir a chaleira assobiar: o som glorioso que representava o prenúncio de um dia fantástico. Quando ele não chegou, a menina atirou os cobertores para trás com as pernas pesadas. Foi pé ante pé ao quarto dos pais e espreitou, distinguindo o corpo da mãe enrolado numa bola, tão inerte quanto as cobertas à sua volta. Percorreu-a uma onda de raiva, trémula e quente. Apressou-se para a cozinha, fez uma sanduíche de Vegemite, encheu um frasco de compota com água, colocou tudo dentro da mochila e saiu de casa.

Não ia seguir pela estrada – corria sérios riscos de ser vista – mas se seguisse escondida pelo meio do canavial, certamente sairia algures do outro lado; um sítio melhor do que aquela casa escura e silenciosa, sem dúvida.

Ainda que o bater do coração lhe ecoasse tão alto nos ouvidos que mal conseguia ouvir os

guinchos das catatuas a esvoaçarem por cima dela, continuou a correr. Passou pela cabana do pai e pelo roseiral da mãe e, ao chegar ao fim do canavial da propriedade, parou. A estrada de terra estendia-se a perder de vista, seguindo paralela aos talos altos das canas.

Na verdade, Alice surpreendeu-se com a facilidade com que conseguira fazer aquilo que desde sempre lhe tinham dito para não fazer. Bastara-lhe dar o primeiro passo. E depois outro.



Alice caminhou durante tanto tempo que chegou a pensar se não estaria num país diferente quando chegasse ao fim do canavial. Talvez desse consigo na Europa e pudesse apanhar um dos comboios das histórias da mãe com destino a um reino coberto de neve. Mas quando chegou ao fim dos campos a descoberta foi ainda melhor: estava num cruzamento, mesmo no meio da vila.

Protegeu os olhos do sol com a mão. Tanta cor e movimento, barulho e algazarra. Carros e camiões agrícolas chegando e saindo do cruzamento, buzinas a apitar, agricultores de braço de fora da janela das carrinhas de caixa-aberta, cumprimentando-se, erguendo as mãos calejadas enquanto se cruzavam. Alice viu uma loja com a montra repleta de todos os tipos de pão fresco e bolos cobertos de açúcar. Percebeu que se tratava de uma pastelaria, recordando imagens de livros que lera. Aquela tinha uma cortina feita de contas à entrada da porta. Do lado de fora, debaixo de um toldo às riscas, havia várias mesas e cadeiras. Em cada uma das mesinhas com toalha axadrezada estava pousado um vaso com uma flor garrida. Alice sentiu água na boca. Desejou ter a mãe ao seu lado.

De ambos os lados da pastelaria, várias outras montras ofereciam às mulheres dos agricultores toda uma parafernália de vida cosmopolita: vestidos novos com cinturas de vespa, grandes chapéus de abas moles, carteiras com fitas e borlas, e sapatos *kitten heels*. Alice encarquilhou os dedos dentro das sandálias. Nunca tinha visto a mãe com roupas como as dos manequins daquelas montras. Aliás, Agnes tinha apenas uma muda de roupa para as suas idas à vila: um vestido de poliéster cor de vinho de manga comprida e umas sabrinas de couro. O resto do tempo, usava vestidos largos de algodão que ela própria fazia, e, tal como a filha, andava quase sempre descalça.

O olhar de Alice desviou-se para o cruzamento mesmo à sua frente, onde uma senhora jovem e uma menina aguardavam que o semáforo mudasse para atravessarem. Estavam de mãos dadas e a mulher carregava a mochila cor-de-rosa da menina, que trazia uns sapatos pretos resplandecentes e umas meias brancas pelos tornozelos. Tinha o cabelo atado em dois totós laterais com fitas a condizer. Alice não conseguiu despregar os olhos delas. Quando o sinal mudou, atravessaram a rua e desapareceram no interior da cortina de contas da pastelaria. Pouco depois, saíram com copos de batidos e grossas fatias de bolo. Sentaram-se precisamente na mesa que Alice teria escolhido, a do vaso com a gerbera amarela esmagadoramente feliz, e beberam dos copos, trocando sorrisos cúmplices com bigodes de leite.

O sol caía sobre Alice, abrasador, ferindo-lhe os olhos. Quando estava prestes a desistir, dar meia volta e correr para casa, reparou numa palavra na fachada de pedra ornamentada de um edifício, do outro lado da rua.

BIBLIOTECA.

Alice susteve a respiração por um instante e em seguida correu para junto dos semáforos. Carregou insistentemente no botão – como vira a menina fazer – até a luz ficar verde e o cruzamento desimpedido. Atravessou a rua a correr e entrou pelas pesadas portas da biblioteca.

Ao chegar ao átrio, dobrou-se em duas, praticamente sem fôlego. O ar fresco aliviou-lhe a pele escaldante e transpirada. A pulsação abrandou, acalmando-lhe os ouvidos. Afastou com a mão o cabelo da testa queimada pelo sol, e com ele a imagem da senhora, da menina e da feliz gerbera amarela. Ia ajeitar o vestido quando percebeu que não trazia nenhum; ainda estava de camisa de noite. Não lhe ocorreu mudar de roupa quando resolveu fugir de casa. Sem saber o que fazer ou para onde ir, Alice ficou onde estava, beliscando os pulsos até os deixar vermelhos-vivos; a dor exterior distraiu-a da que sentia por dentro. Só parou quando uns raios de luz colorida lhe entraram no olhar.

Percorreu o átrio em bicos de pés e entrou no salão principal da biblioteca, que se abriu à sua volta e por cima dela. Os seus olhos foram atraídos para cima, por raios de sol filtrados por belíssimas janelas de vitrais desenhados: uma menina com um capuchinho vermelho rodeada pelas árvores de uma floresta; outra menina numa carruagem a afastar-se de um solitário sapato de cristal; uma pequena sereia no meio do mar a olhar fixamente para um homem na praia. Alice foi percorrida por um frenesim de excitação.

– Posso ajudar-te?

Alice baixou o olhar das bonitas janelas de vitrais, na direção da voz. Uma mulher nova, de cabelo comprido e sorriso aberto, sentada a uma secretária octogonal. Alice dirigiu-se a ela, sempre em bicos de pés.

– Oh, não precisas de andar em bicos de pés – disse a mulher, não contendo o riso. – Não me aguentava cá nem um dia se tivesse de ficar assim *tão* quieta. Eu sou a Sally. Acho que nunca te vi por cá. – Os olhos de Sally lembravam-lhe o mar num dia de sol. – Nunca aqui vieste, pois não? – perguntou-lhe.

Alice abanou a cabeça.

– Ah, bom... Que maravilha, uma nova amiga! – Sally bateu palmas de contente. Tinha as unhas impecavelmente pintadas de rosa claro. Deu-se uma pausa.

– E tu és... – Sally quis saber. Alice espreitou por entre as pestanas. – Ora, não fiques envergonhada. Nas bibliotecas fazem-se bons amigos. Toda a gente é bem-vinda aqui.

– Sou a Alice – murmurou.

– Alice...?

– Alice Hart.

Uma expressão de estranheza ensombrou o rosto de Sally – que pigarreou, antes de falar.

– Muito bem, Alice Hart – exclamou. – Que nome mágico! Quero que saibas que és muito bem-vinda e terei muito prazer em mostrar-te a nossa biblioteca. – Os olhos fixaram-se na camisa de noite da menina e depois nos olhos dela. – Vieste com a tua mãe ou com o teu pai?

Alice abanou a cabeça.

– Estou a ver. E diz-me lá, quantos anos tens tu, Alice?

Ela sentiu-se corar. Acabou por mostrar cinco dedos de uma mão e dois da outra.

– Gosto disso, Alice. Sete anos é a idade ideal para teres o teu próprio cartão da biblioteca.

Alice ergueu a cabeça.

– Ora aí está. Só vejo raios de sol a saírem dessa carinha. – Sally piscou-lhe o olho. Alice levou a mão às faces rosadas e quentes. Raios de sol.

– Vamos lá fazer-te uma ficha. Preenchemo-la juntas. – Sally estendeu a mão e apertou o braço de Alice. – Tens alguma pergunta que me queiras fazer, antes de mais nada?

Alice ponderou e assentiu.

– Sim. Pode mostrar-me o jardim onde os livros crescem? – Sorriu de alívio; a voz já não soava assustada. Sally estudou a expressão no rosto da menina antes de soltar uma gargalhada divertida.

– Alice! És tão engraçada! Tu e eu vamos dar-nos lindamente. – Confusa, a menina limitou-se a sorrir.

Na meia hora seguinte, Sally conduziu-a numa visita guiada à biblioteca, explicando-lhe que os livros viviam em estantes e não num jardim. Filas e filas de livros despertaram o encanto da pequena. Tantos livros.... Passado algum tempo, Sally deixou-a sozinha, sentada num grande cadeirão almofadado junto a umas estantes.

– Procura à vontade e escolhe os livros de que mais gostares. Eu estou já ali, se precisares de alguma coisa. – Sally apontou na direção da sua secretária. Alice, já com um livro no colo, limitou-se a acenar com a cabeça.



As mãos de Sally tremiam quando pegou no telefone. Enquanto marcava o número, voltou-se para trás para se certificar de que Alice não a seguira, mas a criança continuava instalada no cadeirão, com as solas gastas das sandálias a espreitarem sob a bainha encardida da camisa de noite. Manuseando a ficha de Alice entre os dedos de uma mão, Sally sobressaltou-se quando o papel lhe cortou um dedo. Levou-o à boca para estancar o sangue, sempre de olhos fixos na criança. Alice era filha de Clem Hart. Afastou aquele nome dos seus pensamentos e pressionou o auscultador contra a orelha. *Atende. Atende. Atende.* Finalmente, ouviu a voz do marido.

– John, sou eu. Não, por acaso não. Ouve, a filha do Clem está aqui. Passa-se algo de errado. Ela

está de camisa de noite, John. – Sally esforçou-se por manter a compostura. – Está imunda e... tem os bracinhos todos pisados.

Sally acenou com a cabeça ao ritmo da voz serena do marido e enxugou as lágrimas.

– Sim, sim, acho que veio a pé, percorreu a propriedade toda. Deve ter feito uns... quatro quilómetros? – Fungou, enquanto tirava o lenço da manga. – Ok. Sim, sim, eu mantenho-a aqui.

Ao desligar, o auscultador escorregou-lhe da mão suada.



Alice juntou mais um livro à torre em semicírculo que erguera à sua volta.

– Alice?

– Gostava de levar estes todos para casa, Sally, por favor.

Sally ajudou-a a desconstruir a torre de livros, devolveu umas boas dúzias deles às prateleiras e explicou-lhe duas vezes como funcionava o levantamento de livros na biblioteca. Alice ficou devastada por ter de limitar a sua escolha. Sally consultou o relógio. A luz vívida que antes descera dos vitrais transformara-se agora em suaves sombras pastel.

– Queres que te ajude a escolher?

Alice assentiu, agradecida. Queria muito levar livros sobre o fogo, mas não teve coragem de o dizer.

Sally baixou-se ao nível dos olhos da menina e fez-lhe algumas perguntas – qual o sítio onde mais gostava de ir – o mar – e qual a sua história preferida dos vitrais – a da sereia. Depois, com uma expressão de quem sabia bem o que estava a fazer, percorreu com o indicador um livro fino e de capa dura, com a lombada em relevo dourado, e retirou-o da estante.

– Acho que vais adorar este. É sobre as *selkies*².

– *Selkies*... – repetiu a menina.

– Sim – Sally apressou-se a explicar, – são mulheres que vivem no mar, mas conseguem mudar a pele e transformar-se em alguém completamente diferente. – Alice sentiu arrepios pelo corpo todo e abraçou o livro com força.

– A mim, ler dá-me fome – disse Sally subitamente. – E tu, tens fome, Alice? Tenho ali uns *scones* com geleia. E que tal uma chávena de chá?

À menção da palavra *scones*, Alice lembrou-se da mãe. Foi acometida de um profundo desejo de se ver em casa, mas tudo indicava que Sally pretendia que ela ficasse ali.

– Posso ir à casa de banho?

– Claro – disse Sally. – A das senhoras fica já ali ao fundo do corredor, à direita. Queres que vá contigo?

– Não é preciso, obrigada – Alice sorriu docemente.

– Vou ficar aqui à tua espera. Quando voltares, atacamos os *scones*, boa?

A menina assentiu e apressou-se para o corredor. Abriu a porta da casa de banho, esperou uns segundos e espreitou a secretária de Sally. Estava vazia. Ouvia o som de loiça e talheres mais ao fundo do corredor. E foi então que correu para a porta.

Enquanto seguia apressada pelo meio dos canaviais de regresso a casa, sentiu a forma do cartão da biblioteca no bolso da camisa de noite, como uma das flores da mãe. O livro das *selkies* saltava para cima e para baixo na sua mochila; sentia verdadeiros raios de sol na barriga. Estava tão ansiosa por mostrar à mãe o livro que trouxera da biblioteca que nem lhe passou pela cabeça que, à hora que chegasse a casa, o pai já teria regressado do trabalho.

¹ Marca registada de uma pasta gelatinosa à base de levedura de cerveja, muito usada para barrar pão e torradas, com um sabor salgado muito característico. Está para os australianos como a manteiga de amendoim para os americanos (N. da T.)

² Figuras mitológicas do folclore irlandês, escocês e finlandês, equivalentes às sereias, mas com uma diferença: no mar vivem como focas, e em terra podem adquirir a forma humana. (N. da T.)

Sempre-viva Viscosa



Significado: **O meu amor jamais te abandonará**

Xerochrysum viscosum | Nova Gales do Sul e Victoria

Estas flores com a aparência de papel podem exibir tonalidades que vão do amarelo limão ao dourado, do laranja-manchado ao bronze-vivo. Cortam-se facilmente e, quando secas, mantêm as suas cores magníficas por muito tempo.

Um mês depois de ter descoberto a biblioteca, Alice estava a brincar no quarto quando ouviu a voz da mãe a chamá-la:

– Hoje é dia de monda, Coelhinha.

Era uma tarde tranquila. O jardim estava cheio de borboletas cor de laranja. A mãe sorriu para ela por baixo das abas largas do chapéu que trazia. Era o mesmo sorriso com que habitualmente cumprimentava o pai quando ele chegava a casa: *está tudo bem, está tudo ótimo, está tudo fantástico*. Alice devolveu-lhe o sorriso, mesmo notando que a mãe estremecera e se agarrara às costelas ao erguer um braço para arrancar uma erva daninha.

Desde a história da biblioteca que as coisas não andavam bem. Alice não se conseguiu sentar durante vários dias, depois da lição que o pai lhe deu com o cinto. Rasgou-lhe o cartão da biblioteca em dois e confiscou-lhe o livro – mas não sem que Alice o tivesse lido antes, de uma assentada só. Absorveu todas as histórias das *selkies* e das suas peles mágicas como se fossem açúcar na língua. As feridas sararam e o pai só a castigou daquela vez; já a mãe, por seu lado, continuava a aguentar os seus ataques de raiva. Várias vezes a menina acordava a meio da noite com os sons sinistros vindos do quarto dos pais. Aqueles sons paralisavam-na. Nessas noites, Alice ficava na cama, encostava as mãos aos ouvidos e esforçava-se para fugir para os seus sonhos. Na maior parte deles, corria com a

mãe até ao mar onde ambas trocavam de pele antes de mergulharem. Lado a lado, vinham à tona e olhavam para trás apenas uma vez antes de desaparecerem nas profundezas do oceano. Na praia, as suas peles transformavam-se em flores prensadas, espalhando-se por entre conchas e algas.

– Toma, Alice – disse-lhe a mãe, estendendo-lhe outro tufo de ervas daninhas com um novo estremeção de dor. A pele da menina ardia-lhe, tal era a vontade de livrar para sempre o jardim de todas as ervas daninhas – para que a mãe pudesse passar o seu tempo a conversar com as flores na sua linguagem secreta, enchendo os bolsos de bolbos floridos.

– E esta, mãe? É erva-daninha?

A mãe não respondeu. Era tão inconstante quanto as borboletas, os olhos dardejando constantemente para a estrada, temendo as inevitáveis nuvens de pó.

E, como já era de esperar, elas lá apareceram.

Ele saltou do lugar do condutor, ágil e arrogante, segurando o chapéu voltado para cima – um *Akubra*³ original – e atrás das costas. A mãe de Alice levantou-se para cumprimentá-lo com os joelhos sujos de terra e um ramo de dentes-de-leão no punho fechado. Os caules tremeram quando ele se inclinou para lhe dar um beijo. Alice afastou o olhar. Quando estava bem-disposto, o pai tinha sempre a expressão de uma chuvada repentina caída de um céu soalheiro – era algo quase inacreditável. Quando Alice lhe encontrou o olhar, viu-o sorrir.

– As coisas têm estado péssimas desde que fugiste, não é verdade, Coelhinha? – disse-lhe o pai, agachando-se, mas mantendo o chapéu atrás das costas. – Mas penso que aprendeste a lição e percebeste que não podes sair da propriedade.

Alice sentiu o estômago revirar.

– Tenho andado a pensar nisso – prosseguiu ele, docemente –, e acho que mereces ter de volta o teu cartão da biblioteca. – Ela olhou-o, desconfiada. – Estou disposto a ir lá buscar-te livros, desde que prometas seguir sempre as nossas regras. E para te ajudar com essa promessa, achei que talvez gostasses de ter uma companhia cá em casa. – O pai não olhou para ela enquanto falava. Em vez disso, tinha o olhar cravado na mãe, que se mantinha muito quieta e sem pestanejar, com o rosto franzido num sorriso. Em seguida, voltou-se para Alice e estendeu-lhe o chapéu. A menina aceitou-o e pousou-o no colo.

Dentro dele estava uma bola de pelo preta e branca, toda enroladinha. Alice susteve a respiração. Embora estivessem meio fechados, os olhos do cachorrinho eram do mesmo azul que o mar de inverno. Endireitou-se e soltou um latido agudo, mordiscando o nariz de Alice. Ela soltou um gritinho de alegria; era o seu primeiro amigo. O cachorro lambeu-lhe o rosto.

– Que nome lhe queres dar, Coelhinha? – quis saber o pai, levantando-se. Alice não conseguiu decifrar-lhe a expressão do rosto.

– Tobias – decidiu. – Mas tratamo-lo por Toby.

O pai riu-se.

– Fica Toby, então – declarou.

– Queres pegar nele, mamã? – perguntou Alice. A mãe assentiu e estendeu as mãos para o cãozinho.

– Oh, é tão novinho ainda – exclamou, incapaz de conter o tom surpreso na voz. – Onde o arranjaste, Clem? Tens a certeza de que já tem idade suficiente para ser desmamado?

Os olhos do homem dardejaram fogo. O rosto ensombrou-se-lhe.

– É claro que sim – disse, entre dentes semicerrados, pegando no cão pelo cachaço. O bichinho ganiu e ele passou-o à filha.

Mais tarde, Alice escondeu-se lá fora, por entre os fetos da mãe, encostando o cachorro ao coração, tentando não ouvir os sons que vinham de dentro de casa. Toby lambeu-lhe o queixo, onde as lágrimas se juntavam, enquanto o vento soprava ligeiro, pelo meio do odor doce das canas-de-açúcar e em direção ao mar.



As marés dos estados de espírito do pai mudavam como as estações. Depois de ele ter furado um tímpano a Toby, Alice dedicou-se a ensinar ao cachorro língua gestual. Fez oito anos, passou para o terceiro ano do ensino doméstico, e terminava sempre de ler as pilhas de livros que o pai lhe trazia da biblioteca duas semanas antes do prazo de entrega. A mãe passava cada vez mais tempo no jardim, falando sozinha no meio das suas flores.

Num fim de tarde de inverno, sopraram rajadas tão fortes vindas do mar que Alice temeu que a casa viesse abaixo, tal como na fábula. Dos degraus da porta de entrada, ela e Toby ficaram a ver o pai arrastar a prancha de windsurf da garagem até ao quintal.

– Está um vento de noroeste de 40 nós, Coelhinha – disse ele, apressando-se a carregar a prancha para a carrinha de caixa aberta. – Isto é uma raridade! – exclamou, varrendo as teias de aranha da vela.

Alice limitou-se a concordar com a cabeça, afagando as orelhas de Toby. Ela sabia que era raríssimo; só tinha visto o pai levar a prancha para o mar um punhado de vezes. Nunca lhe fora permitido ir com ele, claro. Ouviu-se o ligar do motor da velha carrinha.

– Anda lá então, Coelhinha. Acho que hoje vou precisar de um amuleto. Despacha-te – chamou-a ele, com o rosto a surgir na janela do condutor.

Mesmo com o olhar selvagem do pai a deixá-la desconfortável, a inacreditável alegria que Alice sentiu por ser convidada levou-a a mexer-se. Correu ao seu quarto para vestir o fato de banho e, como um raio, passou pela mãe, despedindo-se, com Toby sempre colado aos seus calcanhares. Com um sonoro rugir do motor, o pai arrancou da entrada de casa em direção à baía.



Lá em baixo na praia, o pai de Alice vestiu o arnês e arrastou a prancha para junto da água. Alice ficou a observá-lo. Quando o pai a chamou, a menina seguiu o trilho fundo deixado na areia pela prancha, diretamente até ao mar. Ele empurrou a prancha até às ondas, estabilizando a vela contra o vento. As veias da testa sobressaíam-lhe, do esforço. Alice deixou-se ficar, com a água pelas coxas, sem saber o que esperar. O pai preparou-se para saltar para a prancha, depois voltou-se para ela, sobranceiras erguidas e sorriso imprudente. Fez-lhe um sinal de cabeça para que avançasse. Alice sentiu as batidas do coração nos ouvidos. Na praia Toby ladrava incessantemente, e a menina ergueu a mão com a palma voltada para ele: *fica calmo*. O pai nunca lhe pedira que fosse com ele. Por isso ela não se atreveu a recusar-lhe o convite.

Enquanto avançava rapidamente pelo mar na direção do pai, Alice ouviu a voz da mãe. Voltou-se e viu-a no cimo das dunas, a gritar o nome dela e a agitar freneticamente os braços, agarrada ao colete de salvação cor de laranja fluorescente da filha. Os gritos dela soavam cada vez mais alarmados. O cachorrinho desatou a correr para ir ter com ela. Dentro de água, o pai de Alice enxotava o pânico da mãe como se fosse um inseto irritante que esvoaçasse à sua volta.

– Não precisas de um colete de salvação aos oito anos. Com a tua idade eu já era rei do meu reino. – Fez-lhe sinal para que avançasse. – Salta pr’aqui, miúda.

Os olhos de Alice brilharam. O chamamento do pai era hipnótico.

Ele ergueu-a para cima da prancha, as mãos fortes e firmes debaixo dos braços dela, e posicionou-a à frente, diretamente contra o vento. Depois deitou-se de barriga na prancha e deu aos pés, levando-os mar adentro. Peixes prateados saltavam nas águas rasas. O vento estava forte e os salpicos de água salgada faziam arder os olhos de Alice. Ainda se virou para trás uma última vez para ver a mãe na praia, cada vez mais pequena, dada a expansão do mar entre ambas.

Já nas profundezas azuis esverdeadas do mar, o pai ergueu-se na prancha, enfiando os pés nas correias. Alice cravou os dedos nas bordas da prancha. O pai ergueu a vela na vertical, servindo-se das pernas para se equilibrar. Os músculos e tendões dos seus gémeos ondulavam sob a pele.

– Senta-te entre os meus pés – instruiu-a. Ela foi-se chegando. – Agarra-te bem! – Alice abraçou-se às pernas do pai.

Houve um momento de calma; o mundo era sereno e verde-azulado. Até que, *vvuuuuu*, o vento encheu a vela e Alice sentiu um borribo de água salgada na cara. O mar resplandecia, lindo. Velejaram pelas ondas, zigzagueando ao longo da baía. Alice lançou a cabeça para trás e fechou os olhos; o calor do sol na sua pele, as cócegas dos salpicos do mar, o vento enfiando os seus dedos pelo cabelo dela.

– Alice, olha! – gritou-lhe o pai. – Um grupo de golfinhos surgiu ao lado deles, exibindo-se, mergulhando em arco. Alice soltou um gritinho maravilhado, lembrando-se do livro das *selkies*. –

Levanta-te para os veres melhor – disse ele. – Agarrando-se às pernas do pai, a menina lá foi arranjando o equilíbrio necessário para se levantar, cativada pela beleza dos golfinhos. Os arcos prateados na água transmitiam uma sensação de paz e liberdade. Aos poucos, hesitantemente, Alice foi largando as pernas do pai, recorrendo ao próprio peso para se equilibrar. Por fim, abriu completamente os braços, fez rodar a cintura, depois as ancas, imitando os golfinhos. O pai gritou entusiasmado.

Seguiram, já bem afastados da baía, até ao canal onde um barco de turistas dava a volta para regressar ao porto da vila. Viu-se o flash de uma câmara apontada para eles e o pai de Alice acenou na sua direção.

– Faz o *hoola* para eles – encorajou-a o pai. – Estão a olhar para nós, Alice. Faz o *hoola*, agora!

Alice não percebeu o que era o *hoola*. E a urgência no tom do pai confundiu-a. Voltou-se lentamente da frente da prancha e olhou para ele. Aquele momento de hesitação foi um erro crasso; captou a sombra irada a invadir-lhe o rosto. Chegando-se à ponta da prancha tentou levantar-se nas pernas trémulas, abanando a cintura e as ancas atabalhoadamente. Tarde de mais. O barco já se tinha afastado, os flashes refletiam na água, na direção oposta. Alice ainda sorriu, esperançada, com os joelhos a tremer. Olhou de relance para o pai. Viu-lhe a mandíbula cerrada.

Quando ele deu a volta à vela e mudou de direção, a menina quase perdeu o equilíbrio. O sol, garrido e forte, mordida-lhe a pele. Agachou-se na prancha e agarrou-se aos rebordos. A voz da mãe era trazida pelo vento, chamando-os incessantemente enquanto atravessavam o canal, de regresso à baía. As ondas tornaram-se mais fortes, mais escuras. O pai nada disse. Ela deslizou até ele. Ao aninhar-se de novo entre os pés do pai, agarrando-se às barrigas das pernas, sentiu um músculo tremer-lhe sob a pele. Ergueu os olhos para ele e viu-lhe no rosto uma tela em branco. Alice não conteve as lágrimas. Tinha estragado tudo. Agarrou-se com mais força às pernas dele.

– Desculpa, Papá – disse, num fio de voz.

Sentiu uma pressão nas costas, rápida e firme. Viu-se lançada de frente para dentro da água gelada, gritando ao ser engolida pelas ondas. Esbracejando até à superfície, tossiu e cuspiu, tentando ignorar a dor da água salgada a queimar-lhe os pulmões. Dando fortes pontapés dentro de água, levantou os braços no ar, tal como a mãe lhe ensinara, caso alguma vez se visse apanhada num agueiro. Não muito longe, o pai observava-a da prancha, o rosto tão branco como a espuma nas ondas. Alice continuou a pedalar dentro de água. Com um gesto rápido, o pai virou novamente a vela. *Ele está a voltar para trás*. Alice gemeu de alívio. Mas quando a vela apanhou o vento e o fez afastar-se ainda mais, a menina parou de mexer as pernas, incrédula. Sentiu-se afundar. Quando a água lhe cobriu o nariz, Alice esbracejou e pedalou com toda a força que tinha, lutando contra as ondas que insistiam em puxá-la para baixo.

Lançada para cima e para baixo em plena corrente, Alice conseguiu vislumbrar a mãe sobre as ondas. Tinha-se lançado ao mar e nadava, aflita. A visão de Agnes deu à criança um novo alento.

Pontapeou e pedalou dentro de água até sentir um ligeiro aumento da temperatura, levando-a a perceber que se aproximava dos baixios. A mãe agarrou-a finalmente numa braçada frenética e cravou-se nela como se a própria filha fosse um colete de salvação. Assim que ambas sentiram a areia sólida sob os pés, Alice levantou-se e vomitou bílis, num gorgolejo aflito. Os braços e as pernas cederam. Arquejou, em busca de ar. Os olhos da mãe estavam baços como vidrinhos do mar. Levou a filha até à praia e envolveu-a no vestido que despira antes de entrar no mar. Embalou-a, para a frente, para trás, até Alice parar de chorar. Rouco de tanto ladrar, Toby gania enquanto lambia o rosto de Alice. Ela afagou-o debilmente. Quando começou a tremer, a mãe pegou-a ao colo e levou-a para casa. Não disse uma palavra.

Enquanto deixavam a praia, Alice olhou para trás, para as pegadas frenéticas que a mãe deixara na areia. Lá bem longe, em pleno oceano, a vela do pai cortava as ondas – impecavelmente resplandecente.



Ninguém falou sobre o que aconteceu naquele dia. A partir de então, sempre que Clem regressava dos canaviais, evitava ficar em casa. Em vez disso, para aliviar a culpa, fazia o de sempre: refugiava-se no seu casebre de madeira. Às refeições mostrava-se distante e mantinha apenas uma conversa educada. Estar perto dele era o mesmo que ficar na rua, sem abrigo, durante uma tempestade, sempre de olhos no céu. Alice passou ainda algumas semanas ansiosa, na esperança de que ela, Toby e a mãe pudessem fugir para dentro das histórias que ela contava, onde a neve cobria a terra como açúcar em pó, e cidades antigas e mágicas se erigiam dentro de água. Mas quando as semanas se transformaram em meses e o verão se foi esvaindo no outono, acabaram-se as explosões de raiva. As marés do pai tornaram-se pacíficas. Construiu-lhe uma secretária. Alice perguntou-se se ele teria deixado as tempestades da alma nas profundezas do mar, naquele dia em que ela vira o oceano ficar verde-escuro.



Numa manhã límpida, ao pequeno-almoço, o pai de Alice anunciou que, na semana seguinte, teria de viajar até à cidade para tratar da compra de um novo trator. Não estaria presente no dia do nono aniversário da filha. Era inevitável. A mãe da menina assentiu com a cabeça e tratou de levantar a mesa. Alice balançou as pernas debaixo da mesa, escondendo o rosto no cabelo enquanto digeriria a notícia. Ela, a mãe e Toby teriam uma semana inteira juntos, só para eles. Sozinhos. Em paz. Era o melhor presente de aniversário que lhe poderiam dar.

Na manhã em que o pai partiu, ficaram ambas à porta a dizer-lhe adeus. Até Toby ficou sentado

ao lado delas até as nuvens de pó levantadas pela carrinha se dissiparem. A mãe de Alice ainda ficou um momento de olhos fixos na estrada.

– Bom – disse, finalmente, dando a mão à filha –, este fim de semana é todo teu, Coelhinha. O que é que gostavas de fazer?

– Tudo! – disse Alice, num sorriso radioso.

Começaram com música. A mãe desencantou uns discos antigos e Alice fechou os olhos enquanto dançava e escutava.

– Se pudesses escolher o que quisesse, o que escolherias para o almoço? – perguntou-lhe a mãe.

Alice arrastou uma cadeira da cozinha até à bancada para ficar à altura da mãe e prepararam lado a lado biscoitos Anzac, crocantes por fora e fofos e húmidos por dentro, com muito melaço, exatamente como ela gostava. Alice comeu mais de metade da massa crua, partilhando colheradas com Toby.

Enquanto os biscoitos estavam no forno, Alice sentou-se aos pés da mãe e esta escovou-lhe o cabelo. O ritmo lento da escova no cabelo da menina soava ao bater de asas. Depois de Agnes contar a centésima escovadela, chegou os lábios ao ouvido da filha e fez-lhe uma pergunta. Alice respondeu com um entusiasmado aceno de cabeça. A mãe saiu do quarto e voltou momentos depois. Pediu a Alice que fechasse os olhos. Alice esboçou um grande sorriso, desfrutando da sensação dos dedos da mãe a entrelaçar-lhe o cabelo. Quando acabou, a mãe levou-a pela casa.

– Ok, Coelhinha, podes abrir – disse-lhe, com um sorriso na voz.

Alice esperou até não aguentar nem mais um segundo de expectativa. Quando abriu os olhos, ficou de boca aberta ao ver o seu reflexo no espelho. Entrançada à volta da sua cabeça, uma coroa laranja-vivo feita de flores do algodoeiro-da-praia. A menina nem se reconheceu.

– Feliz aniversário, Coelhinha – murmurou a mãe. Alice pegou-lhe na mão. Quando estavam ambas de pé e lado a lado em frente ao espelho, uma chuva forte desabou sobre o telhado. A mãe apressou-se para a janela, olhando lá para fora.

– O que foi, mamã?

Agnes fungou e limpou os olhos húmidos.

– Vem comigo, querida – disse-lhe. – Tenho uma coisa para te mostrar.

Esperaram à porta de casa que as nuvens de tempestade passassem. O céu estava violeta, a luz prateada. Alice seguiu a mãe até ao jardim, brilhante da chuva. Chegaram junto a um arbusto que Agnes plantara recentemente. Da última vez que a menina o vira, não passava de um tufo de folhas verdes. Agora, depois da carga de água, o arbusto estava coberto de florinhas brancas e perfumadas. Alice observou-as, estarrecida.

– Achei que ias gostar – disse a mãe.

– É magia? – Alice levou a mão às pétalas.

– Da melhor – concordou a mãe. – A magia das flores.

A menina inclinou-se para ficar o mais próxima possível das flores.

– O que são, mamã?

– Lírios-da-tempestade. Iguais aos da noite em que tu nasceste. Só florescem depois de uma boa chuva.

Alice estudou-as cuidadosamente. As pétalas estavam completamente abertas, exibindo plenamente os centros.

– Não existem sem chuva? – perguntou Alice, endireitando-se. A mãe olhou-a por um momento antes de responder.

– Quando eu estava na carrinha do teu pai, na noite em que nasceste, os arbustos de ambos os lados da estrada explodiram em florinhas destas. Lembro-me bem de os ver, em plena tempestade. – Afastou o olhar, mas Alice viu os olhos dela encherem-se de água.

– Alice – começou a mãe. – Eu... plantei estes lírios-da-tempestade por uma razão. – A menina assentiu. – São um sinal de expectativa. Da bonança que vem sempre depois de tempos maus. – A mãe poisou a mão na barriga.

Alice olhou-a, incitando-a a prosseguir. Ainda não tinha entendido.

– Querida, eu vou ter outro bebé. E tu vais ter um irmão ou irmã para brincares e para cuidares. – A mãe arrancou um lírio do caule e enfiou-o na ponta da trança de Alice. A menina olhou para baixo, para a florinha aberta, um coração exposto e vulnerável.

– Não são ótimas notícias? – perguntou Agnes. Alice viu os lírios-da-tempestade refletidos nos olhos da mãe. – Alice?

A menina escondeu o rosto no pescoço da mãe e fechou os olhos com força, inalando o cheirinho da pele dela, esforçando-se para não chorar. Saber que existia um tipo de magia que fazia flores e bebés nascerem depois de tempestades assustava-a; mais coisas preciosas no seu mundo que o pai poderia maltratar.



Durante a noite o tempo voltou a mudar, trazendo uma nova tempestade. Alice e Toby acordaram de manhã com uma chuva torrencial a açoitar as janelas e a porta da frente. Alice bocejou, deambulando pela casa, sonhando com panquecas. Tentou não contar as horas que faltavam para o pai regressar, nessa tarde. A cozinha estava escura como breu. Confusa, Alice tateou a parede à procura do interruptor. Acendeu-o. A cozinha estava fria e vazia. Correu ao quarto dos pais e aguardou que os olhos se habituassem à escuridão. Quando percebeu que a mãe não estava, correu lá para fora, chamando-a. Ficou ensopada em segundos. Toby ladrou. No meio do pesado aguaceiro, Alice vislumbrou o vestido de algodão da mãe a desaparecer por entre os arbustos do quintal da frente, em direção ao mar.

No momento em que Alice chegou à praia, já a mãe tinha espalhado as roupas pela areia. Ainda que a chuvada a deixasse praticamente sem visibilidade, conseguiu distinguir o vulto da mãe dentro de água. Tinha nadado até tão longe que não passava de um ponto pálido no meio das ondas, imergindo, mergulhando em arco, abrindo caminho pelas ondas como se a própria vida dependesse disso. Passado um bom bocado, surgiu à tona de um salto só e gritou violentamente ao mar enquanto ele a trazia de volta a terra.

Alice envolveu nos ombros as roupas da mãe, como uma estola, gritando por ela até lhe falhar a voz. Agnes não parecia ouvi-la. Levantou-se no meio da areia, nua, extenuada e sem fôlego. A visão da sua nudez silenciou a menina. A chuva caía, impiedosa, sobre elas. O cão gania, avançando e recuando. Alice não conseguia tirar os olhos do corpo da mãe. A barriga redonda estava tão grande, inimaginável. A toda a volta, feridas e hematomas que lhe subiam até às omoplatas, desciam pelos braços, sobre as costelas, em torno das ancas e no interior das coxas – como líquen do mar espalhado sobre as rochas. Durante todo aquele tempo em que Alice achou que não houvera tempestades, estivera redondamente enganada.

– Mamã! – A menina começou a chorar. Tentava limpar a chuva e as lágrimas do rosto, mas em vão. Os dentes batiam-lhe de frio e emoção. – Estava com medo que não voltasses.

A mãe de Alice pareceu olhar através dela. Os olhos grandes e escuros, as pestanas coladas. E assim ficou olhando, olhando, por um longo momento. Finalmente, pestanejou e disse:

– Sei que estavas preocupada, desculpa. – Retirou suavemente as suas roupas dos ombros da filha e vestiu-as sobre a pele molhada. – Vamos, Coelhinha – disse. – Vamos para casa. – Alice deu a mão à mãe e juntas percorreram a areia ensopada, debaixo de chuva, de regresso a casa. E por mais que o corpo da mãe tremesse, Alice certificou-se de que não a largaria.



Umás semanas depois, dias passados da tarde em que estivera a ler sobre a fénix, Alice e a mãe estavam no jardim a plantar sementes de ervilha e de abóbora. Espirais de fumo negro surgiram no horizonte.

– Não te preocupes, Coelhinha – disse a mãe, escavando terra nova para o canteiro. – É uma queimada, numa das quintas.

– Queimada?

– Em todo o mundo as pessoas fazem queimadas na jardinagem – explicou-lhe a mãe. Alice sentou-se no chão, junto à covinha que acabara de fazer para colocar as sementes e a terra fresca, e considerou, incrédula, o que acabara de ouvir. – A sério – prosseguiu a mãe, apoiando-se no ancinho. – Queimam plantas e árvores secas para permitir que coisas novas cresçam. São incêndios controlados, entendes, sem qualquer perigo, e também servem para reduzir os riscos dos incêndios

maus.

Alice abraçou os joelhos:

– Então... um fogo pequenino pode impedir um grande? – indagou, pensando no livro que trouxera da biblioteca com histórias de feitiços que transformavam sapos em príncipes, meninas em pássaros, e leões em cordeiros. – É tipo... um feitiço?

A mãe espalhou sementes de abóbora nas fileiras de terra fresca.

– Sim, suponho que seja isso mesmo, uma espécie de feitiço que transforma uma coisa noutra. Certas flores e plantas necessitam inclusivamente de fogo para se abrirem e desenvolverem; as orquídeas, por exemplo, e os carvalhos-do-deserto, esse tipo de coisas. – Limpou as mãos e afastou o cabelo da testa. – Menina esperta – observou e, pela primeira vez em muito tempo, um sorriso invadiu-lhe os olhos. Passado um momento, Agnes regressou à jardinagem.

Enquanto trabalhava no jardim, Alice não deixou de olhar para a mãe, de relance, iluminada pelo sol vespertino, fazendo crescer coisas novas do nada. Quando a mãe olhou em volta para a propriedade e o seu rosto ensombrou-se ao ver a cabana de madeira, Alice entendeu tudo com plena clareza: tinha de descobrir o feitiço adequado, o fogo certo na estação certa, para transformar o pai noutra coisa.

³ Mais do que um chapéu, é um autêntico ícone australiano. De aba e copa larga, foi sendo decorado com materiais da região, como dentes de crocodilo, penas ou pele de cobra. (N. da T.)

Brunonia azul



Significado: **Choro a tua ausência**

Brunonia australis | Todos os estados e territórios da Austrália

Planta perene encontrada em bosques e florestas abertas e planícies arenosas. Flores que surgem habitualmente durante a primavera, em tons de azul cerúleo a azul escuro, em cachos hemisféricos assentes num longo caule. Não florescem com facilidade e podem morrer em poucos anos.

Alice, consegues ouvir-me? Estou aqui.

A voz. Suave.

A menina ia entrando e saindo do estado de consciência, absorvendo apenas breves momentos, os suficientes para pressentir o que a rodeava. Um forte cheiro a desinfetante e antissépticos. Uma divisão de paredes brancas. A doçura das rosas. Lençóis de cama ásperos e cheios de goma. Um *bip-bip* ritmado mesmo ao lado dela. Sapatos a chiarem no chão. A voz. Suave.

Não estás sozinha, Alice. Estou aqui e vou contar-te uma história.

O anseio engrossou-lhe a língua. Esforçou-se por responder à voz, por se manter perto do cheirinho a rosas, mas rapidamente se afundou de novo nas enevoadas profundezas, braços e pernas pesados, a memória lodosa.



A luz âmbar projetava-se no vazio que pressionava Alice em todas as direções. Tentou mover-se. Sentiu uma estranha dureza debaixo dos pés, como quando alcançava o fundo arenoso dos baixios, depois de nadar no mar sem pé. Apercebeu-se de que estava na sua praia, mas algo de muito errado se passava. As dunas de ervas verde prateado estavam ardidadas e fumegantes; a areia negra como

alcatrão, e o mar desaparecera na maré mais baixa que Alice alguma vez vira. Enfiou os pés na areia, pontapeando as cascas pretas dos caranguejos mortos e os estilhaços chamuscados das cascas de amêijoas. Faíscas esvoaçavam como flocos de estrelas e as cinzas salgadas acumulavam-se nas pestanas dela. Lá ao fundo, a maré baixa brilhava alaranjada sob um céu escuro. O ar estava quente e cheirava a sujo.

Estou mesmo aqui, Alice.

Lágrimas rolaram-lhe pelo rosto.

Vou contar-te uma história, Alice.

Procurou com o olhar a linha negra da costa. Tinha um gosto acre na boca. Sentiu o calor na pele antes de se voltar para o oceano.

As cinzas que esvoaçavam no horizonte distante explodiram em chamas. Ondas de fogo ergueram-se no mar, caindo com estrondo e erguendo-se de novo, uma debandada de bestas brilhantes. Doía-lhe respirar. Um oceano de fogo avançou para ela pela areia negra.

O calor das ondas gigantescas queimou-lhe o rosto. Mas só lhe cheirava a rosas.



As ondas sucediam-se, formando cristas ameaçadoras, ganhando força e avançando para ela. Tentou rastejar para fugir, mas a areia mole não lhe oferecia tração. Encurralada e impotente, voltou-se para o mar, vendo as ondas de fogo cada vez mais próximas – formando uma parede de chamas em espiral. Sentiu uma pressão nas entranhas, mas quando respirou fundo, tudo o que lhe saiu dos pulmões foi um silencioso grito de florinhas brancas.

Deu por si a flutuar em chamas coral e amareladas. Aquilo que ela pensava ser um mar de fogo não era sequer água do mar, mas um oceano de luz intensa. Enrolava-se em torno dela, mudando constantemente, um esplendor de turquesa, um clarão de violeta, um fulgor laranja-escuro. Passou os dedos pelas cores, enquanto o seu corpo imergia.



O quarto estava escuro. Os lençóis ásperos estavam demasiado presos, cingindo-lhe o corpo. O ar tinha um cheiro tão intenso que lhe irritava os olhos e o nariz. Tentou voltar-se de lado, mas não teve forças; as bandas de luz transformaram-se em grossas cobras de fogo, enrolando-se-lhe no corpo, apertando, queimando. Tossiu violentamente, sem conseguir respirar, enquanto os pulmões se contraíam. Saiu-lhe dos lábios um sopro de terror.

Alice, consegues ouvir-me? Estou aqui.

Ela estava fora de si própria, vendo as cobras devorarem-lhe o corpo.



Sally acabou de ler em voz alta a última página e fechou o livro no colo. Recostou-se na cadeira junto à cama de hospital onde Alice se encontrava, mal suportando a visão do seu rosto pálido e dos hematomas que lhe cobriam o corpo. Estava tão diferente, dois anos mais velha que a menina que ela vira pela primeira vez naquele dia quente de verão a entrar pela biblioteca em camisa de noite, suja, maltratada e tão vívida quanto um sonho. Agora estava ali inerte, com o longo cabelo espalhado sobre a almofada e a pender dos lados da cama, como se fosse uma personagem do livro que Sally tinha no colo.

– Consegues ouvir-me, Alice? – voltou a perguntar-lhe. – Eu estou aqui, Alice. Mantém-te junto da minha voz.

Observou o rosto da menina, analisando os braços pousados sobre os lençóis de hospital na esperança de ver um movimento, por mais pequeno que fosse. Mas não, a única coisa que mexia era o peito dela, para cima e para baixo, ajudado pelas máquinas que piscavam e apitavam ao seu lado. De queixo solto, a criança ostentava um horrível hematoma que lhe cobria todo o lado direito do rosto. O tubo que a ajudava a respirar deixava-lhe a boca num *O* desfalecido.

Sally enxugou uma lágrima enquanto um pensamento lhe circulava pela mente como uma cobra mordendo a cauda: não devia ter perdido Alice de vista naquele dia em que ela entrou na biblioteca. Ou, a verdade ainda mais tácita, mais dolorosa: devia ter enfiado Alice no carro e levado a menina para sua casa para lhe dar uma refeição quente e um banho, e, sobretudo, para mantê-la a salvo de Clem Hart.

Incomodada pelo remorso, Sally levantou-se da cadeira e deu uns passos até aos pés da cama da menina. Não devia ter aceitado a versão que John lhe apresentou na altura; depois de Sally ter ligado para a esquadra, um carro-patrolha dirigiu-se à propriedade dos Hart. Agnes recebeu em casa os dois agentes. Serviu-lhes chá e *scones*. Aparentemente, Clem chegou a casa ainda com eles presentes. *A Alice não passa de uma miúda traquinas*, dissera-lhes. *Não há problema nenhum*. Para não perturbar John, Sally fez os possíveis para tentar esquecer aquela história. Mas conhecer Alice provocara na jovem bibliotecária um efeito que ela não conseguia controlar; Alice tornou-se o centro dos seus pensamentos. A cada dia, a toda a hora. Cerca de um mês depois de a menina ter visitado a biblioteca, Clem entrou descontraidamente pela porta com o livro das *selkies* e o cartão da menina colado com fita-cola, como se nada fosse. Sally escondera-se atrás de uma estante, deixando que uma colega o atendesse. Assim que ele saiu, a jovem Sally tremia tanto que a mandaram para a casa, julgando-a doente. Tomou um banho. Bebeu metade de uma garrafa de whisky. E ainda assim não parou de tremer. A visão de Clem deixava-a sempre naquele estado. Era o seu segredo mais obscuro.

E agora, anos depois, não se falava de outra coisa senão dele: o jovem e adorável agricultor que tinha mantido a esposa, tão nova e bonita, e a filha, encantadora e curiosa, trancadas em casa – como num conto de fadas. Tão novos, diziam uns, tão trágico, diziam outros, desviando o olhar.

O monitor da frequência cardíaca apitava, ritmado. Sally parou de andar pelo quarto. As veias nas pálpebras fechadas de Alice pareciam riozinhos violeta correndo-lhe sob a pele translúcida. Sally abraçou-se a si mesma. Já tinha conhecido centenas de crianças na biblioteca desde a morte de Gillian; nunca nenhuma a perturbara tanto como Alice Hart. Claro que não era coincidência. A menina era filha de Clem Hart. Desde a noite em que John entrara em casa e lhe contara sobre o incêndio, Sally ia ao hospital todos os dias, e lia para Alice enquanto a polícia e as autoridades da segurança social se reuniam, decidindo o seu destino. Sally fazia questão de falar com uma voz forte e clara, para que a menina conseguisse ouvi-la, onde quer que estivesse.

A porta do quarto abriu-se.

– Olá, Sal. Como está a nossa pequena guerreira?

– Bem, Brookie. Bastante bem.

Brooke folheou os gráficos de Alice e verificou os níveis do soro, sorrindo enquanto lhe tirava a temperatura.

– Trazes sempre um cheirinho a rosas a este quarto. Deves ser a única mulher que eu conheço que usa o mesmo perfume desde sempre.

Sally sorriu, confortada pela familiaridade carinhosa daquela amizade de muitos anos. Mas os sons das máquinas ensurdeciam-na. Incapaz de ouvir aquilo mais um segundo que fosse, Sally entabulou uma conversa.

– Ela hoje está mesmo bem. Adora contos de fadas. – Sally ergueu o livro que lhe estivera a ler. A mão tremeu-lhe. – E quem não gosta?

– Claro. Quem é que não gosta de finais felizes? – observou Brooke, sorridente.

O sorriso de Sally esmoreceu. Ela sabia muito bem que os finais felizes nem sempre eram o que pareciam ser.

Brooke observou-a atentamente.

– Eu sei, Sal – disse carinhosamente. – Sei como isto está a ser difícil para ti.

Sally limpou o nariz à manga.

– Pelos vistos não aprendi nada durante todos estes anos – murmurou. – Eu podia tê-la salvo. Podia ter feito alguma coisa. E agora... olha para ela. – O queixo tremeu-lhe. – Sou tão estúpida!

– Não. – Brooke abanou a cabeça. – Não vou permitir que digas essas coisas, estás a ouvir? Se eu fosse a Agnes Hart, que Deus a tenha, ficava-te eternamente grata. Vens aqui todos os dias, com esse amor profundo que tens no coração, para fazer companhia à menina, ler-lhe histórias...

À menção do nome de Agnes, as entranhas de Sally agitaram-se. Tinha-a visto algumas vezes, poucas, ao longo dos anos. Duas vezes a passar de carro pela vila, no lugar do passageiro, na

carrinha de Clem. Uma vez na fila dos correios. Era um farrapo de mulher. Duma debilidade física tal que parecia poder desaparecer a qualquer momento diante dos olhos de todos. Atrás dela na fila, Sally ficara impressionada com a fragilidade dos seus ombros. Estar ali no hospital, ao lado da filha, era o mínimo que Sally podia fazer por Agnes.

– Ela nem sequer me ouve – disse Sally, afundando-se na cadeira, acometida por uma pontada forte atrás dos olhos.

– Que disparate – exclamou Brooke. – Tu sabes que isso não é verdade, mas tudo bem, vou deixar-te choramingar. – Fez-lhe uma festa carinhosa na bochecha. – Tens cá estado todos os dias a ajudá-la a recuperar, Sal. A temperatura dela tem vindo a diminuir e os pulmões estão cada vez mais desobstruídos. Estamos com redobrada atenção ao edema no cérebro, mas as coisas estão a correr bem. Se continuar assim, a Alice terá alta até ao final da semana.

Sally franziu a testa. Interpretando mal as lágrimas nos olhos da amiga, Brooke deu-lhe um abraço carinhoso.

– Não é fantástico termos tido notícias da avó? – Brooke apertou-a uma última vez e endireitou-se.

– A avó? – perguntou Sally, com as pernas a tremer, endireitando-se de um salto.

– Sim, os serviços sociais conseguiram localizar a avó da Alice.

– O quê? – balbuciou a jovem.

– Numa quinta qualquer, numa terreola, algures no interior, acho eu. Faz jardinagem. Pelos vistos está nos genes da família.

Sally deu por si a assentir – só porque sim.

– Pensei que tinha sido o John a contactá-la e a tratar de tudo. Ele não te contou?

Sally saltou da cadeira, reunindo precipitadamente as suas coisas. Brooke deu um passo na direção dela, oferecendo-lhe uma mão a que se agarrar. Sally recuou, em direção à porta, abanando a cabeça.

– Oh, Sal... – Brooke finalmente compreendeu.

Sally escancarou a porta e correu pelo corredor fora, saindo daquele hospital – que agora parecia querer levar-lhe a segunda criança que ela mais amara na vida.



Alice pairava, embalada por um tranquilo vazio. Nenhum oceano, nenhum fogo, nenhuma cobra, nenhuma voz. Sentiu um arrepio na pele. Bem próximo dela, uma forte lufada de ar e o som de asas esvoaçantes. *Flap, flap, flap...* para cima, para longe.

Uma pluma solitária acenou-lhe, deixando um rasto de luz cintilante atrás de si.

Sem medo nenhum, Alice seguiu-a.

Flor da Pena Pintada



Significado: **Lágrimas**

Verticordia picta | Sudoeste da Austrália

Arbusto de pequeno ou médio porte com pequenas flores côncavas cor-de-rosa de fragrância extremamente doce. Depois de florescer dura apenas cerca de dez anos, mas exibe um cenário profuso de flores vivas durante uma estação prolongada.

Estou-aqui. Estou-aqui. Estou-aqui.

Alice ouvia o seu coração, a única maneira de conseguir estabilizar e acalmar as emoções. Mas nem sempre resultava. Às vezes ouvir coisas era pior do que vê-las: a pancada seca do corpo da mãe a embater numa parede; o exalar surdo, quase impercetível, saído da boca do pai quando lhe batia.

Abriu os olhos à procura de ajuda porque o ar lhe faltava. Onde estaria a contadora de histórias dos seus sonhos? Alice estava sozinha no quarto, à exceção das máquinas que apitavam freneticamente ao seu lado. O pânico percorreu-lhe a pele.

Uma mulher entrou a correr pelo quarto.

– Está tudo bem, Alice. Deixa-me ajudar-te a sentar para respirares melhor. – A mulher estendeu a mão e tocou em alguma coisa na parede atrás dela. – Tenta não entrar em pânico.

A cabeceira da cama de Alice começou a erguer-se lentamente até à posição sentada. As dores no peito começaram a diminuir.

– Estás melhor assim?

Alice assentiu.

– Linda menina. Respira o mais fundo que conseguires.

Alice respirou o mais profundamente que pôde, fazendo o coração abrandar. A mulher encostou-se à cama e pegou-lhe na mão, pressionando dois dedos sobre o pulso enquanto olhava para um pequeno relógio que trazia preso na bata.

– Chamo-me Brooke. – Tinha uma voz suave e amável. – Sou a tua enfermeira.

Brooke olhou de relance para a menina e piscou-lhe o olho. As bochechas formavam covinhas

quando sorria. Nas pálpebras brilhavam linhas de sombra azul e arroxeadas, levando Alice a recordar-se do matiz madrepérola brilhante das conchas das ostras. O barulho da máquina abrandou. Brooke largou-lhe o pulso.

– Precisas de alguma coisa, querida?

Alice tentou pedir um copo de água, mas as palavras não saíram. Fez o gesto com uma mão, levando-a à boca.

– É pra já, querida. Volto num segundo.

Brooke saiu. As máquinas continuaram a apitar. O quarto branco encheu-se com um zumbido de sons estranhos: um sibilar distante; vozes estáticas, algumas calmas, outras aflitas; o varrer de portas automáticas a abrir e a fechar; solas de sapatos a chiarem, uns apressados, outros bamboleantes. O coração de Alice acelerou de novo, batendo forte contra as costelas. De olhos fechados, esforçou-se por abrandar a respiração, mas doía-lhe quando inspirava profundamente. Tentou chamar alguém, gritar por ajuda, mas a voz não passava de um sopro. Tinha os lábios gretados, o nariz e os olhos a arder. O peso das perguntas que se acumulavam pressionava-lhe as costelas. Onde estava a sua família? Quando poderia voltar para casa? Tentou de novo falar, mas a voz insistia em não sair. Tinha na cabeça a imagem de traças brancas a saírem-lhe da boca, no oceano de fogo. Seria uma recordação? Teria acontecido realmente? Ou tudo não passara de um sonho? E, sendo um sonho, isso queria dizer que tinha estado apenas a dormir? E há quanto tempo?

– Calma, Alice – disse Brooke, entrando apressada no quarto com um copo e um jarro de água. Poisou-os e pegou na mão da menina enquanto lhe enxugava as lágrimas. – Calculo que isto deva ser um choque para ti, querida, acordares assim. Mas estás a salvo. Estamos a tomar conta de ti. – Alice olhou para os olhos madrepérola de Brooke. Queria tanto acreditar nela... – A médica está mesmo aí a chegar para te ver. – Brooke afagou a mão de Alice com suaves círculos do polegar. – Ela é amorosa – acrescentou, estudando o rosto da menina.

Pouco depois, entrou no quarto de Alice uma mulher de casaco branco. Era alta e esguia, e tinha o cabelo grisalho e comprido – que a Alice fez lembrar o sargaço que se acumulava à beira-mar.

– Olá, Alice, eu sou a Dra. Harris – disse, aos pés da cama da menina enquanto folheava os gráficos na prancheta. – É muito bom ver-te acordada. Tens sido uma menina muito corajosa.

A Dra. Harris deslocou-se para junto de Alice e tirou uma lanterninha do bolso, que ligou com um clique e apontou para os olhos da menina. Instintivamente, ela pestanejou e virou a cabeça para o lado.

– Desculpa, sei que não é agradável. – A médica encostou o estetoscópio frio ao peito de Alice e ficou a ouvir. Seria possível que conseguisse escutar as perguntas que tinha dentro dela? Seria possível que fosse desatar a responder-lhe subitamente, mesmo que Alice não estivesse certa de querer ouvir as respostas? Sentiu uma impressão estranha na barriga, de puro medo.

A doutora Harris tirou o estetoscópio dos ouvidos. Murmurou qualquer coisa a Brooke e

estendeu-lhe a prancheta. A enfermeira pendurou-a aos pés da cama e foi fechar a porta do quarto.

– Alice, vou falar contigo, contar-te como vieste aqui parar, ok? – disse a médica.

Alice olhou para Brooke de relance. Tinha os olhos pesados. Olhou novamente para a médica e assentiu lentamente com a cabeça.

– Linda menina. – A médica esboçou um sorriso e juntou as mãos como numa prece. – Houve um incêndio na propriedade onde moravas. A polícia está a tentar descobrir o que se passou, mas o mais importante é que tu estás em segurança e a recuperar muito bem.

Uma pausa sinistra encheu o quarto.

– Eu... lamento muito, Alice. – Os olhos da Dra. Harris estavam e húmidos e sombrios. – Nenhum dos teus pais sobreviveu. Mas... toda a gente aqui se preocupa contigo e com o teu bem-estar, e vão cuidar de ti até a tua avó chegar...

Os ouvidos de Alice deixaram de funcionar. Não ouviu a médica referir de novo a avó, nem nada que ela tenha dito a seguir. Só pensava na mãe. Nos seus olhos cheios de luz. Nas canções que cantarolava pelo jardim, profundamente tristes. O virar dos seus punhos delicados; os seus bolsos cheios de flores; o hálito suave e quente, pela manhã. Ver-se aninhada nos braços dela, na areia fresca num dia de calor, sentir a respiração subir e descer no peito dela, e o ritmo da voz e do coração enquanto lhe contava histórias, fazendo girar ambas dentro do casulo quente e mágico que as acolhia. *Foste o verdadeiro amor de que eu precisava para acordar de uma maldição, Coelhinha. És o meu conto de fadas.*

– ... e venho ver-te no meu próximo turno – concluiu a médica, olhando de relance para Brooke, antes de sair do quarto.

Brooke deixou-se ficar aos pés da cama de Alice, com uma expressão soturna. Alice sentia um buraco a arder-lhe no peito. Seria possível que Brooke não o ouvisse? Rugindo como fogo, feroz e sibilante, engolindo tudo o que havia dentro dela? Uma pergunta repetia-se uma e outra vez na sua mente, arrancando-lhe bocados de si mesma.

O que teria ela feito?

Brooke aproximou-se da cabeceira e serviu um copo de sumo pálido, estendendo-o a Alice. O que lhe apeteceu fazer imediatamente foi dar um safanão na mão da enfermeira, mas depois de provar o sabor doce e fresco, inclinou a cabeça para trás e engoliu. Caiu-lhe no estômago, gelado. Arquejando, estendeu o copo para que Brooke lhe desse mais.

– Bebe devagarinho – disse a enfermeira, hesitante, servindo-a de mais um pouco.

Alice bebeu tão sofregamente que o sumo lhe escorreu pelo queixo. Soluçou e estendeu de novo o copo. Mais. Mais. Agitou o copo na cara de Brooke.

– Só mais este.

Alice quase se engasgou a beber o último gole. Baixou o copo com o braço a tremer. Brooke ainda teve tempo de deitar a mão ao saco para vomitado, abrindo-o mesmo a tempo. Alice vomitou

golfadas de sumo. Depois, deixou-se cair na almofada, ofegante.

– Pronto, pronto – murmurou Brooke, massajando-lhe as costas. – Já passou. Linda menina. Respira devagar.

Mas tudo o que ela queria era deixar de respirar para sempre.



Alice passou por longos períodos de sono entrecortado. Sonhos com fogo deixavam-na alagada em suor. Quando acordava, sentia o coração tão quente que temia que lhe derretesse o peito. Coçava as omoplatas até as deixar em sangue. Brooke cortava-lhe as unhas amiúde, mas isso não a impedia; Alice cravava-as na pele noite após noite, até que Brooke optou por lhe calçar umas luvas enquanto dormia. E mesmo assim, a voz recusava-se a sair. Desaparecera, evaporada como uma poça de sal na maré baixa.

Novas enfermeiras vieram visitá-la. Usavam batas diferentes da de Brooke. Davam passeios com ela pelo hospital, explicando-lhe que os músculos dela tinham enfraquecido muito enquanto dormira e era preciso treiná-los para que voltassem a ser fortes. Ensinar-lhe exercícios para ela fazer na cama e no quarto. Outras vinham falar com ela sobre os seus sentimentos. Traziam-lhe cartas com bonecos e brinquedos. Alice não voltou a ouvir a voz da contadora de histórias nos seus sonhos. Estava cada vez mais pálida e com a pele gretada. Imaginava que o coração estava a morrer de sede, definhando aos poucos, secando desde as margens até ao centro, vermelho e cru. Todas as noites tentava escapar às ondas de fogo. Passava a maior parte do tempo deitada na cama a olhar pela janela, para o céu mutante, tentando não se lembrar, tentando não questionar coisa alguma, esperando apenas que Brooke chegasse. Os olhos de Brooke eram os seus preferidos.

O tempo foi passando. A voz de Alice perdera-se há muito. Não conseguia comer mais de duas garfadas a cada refeição, por mais que Brooke se zangasse com ela. As perguntas por responder ocupavam-lhe todo o espaço que tinha no corpo; e a que mais a assustava era sempre a mesma:

O que teria ela feito?

Ainda que mal comesse, bebia copos e copos de água e de sumo doce, mas nada extinguia o fumo nem a dor que sentia.

Olheiras profundas e roxas, como nuvens de tempestade, começaram a surgir-lhe no rosto. As enfermeiras levavam-na a passear ao sol duas vezes por dia, mas o brilho da luz era demasiado forte para ela aguentar mais do que escassos minutos de cada vez. A doutora Harris visitou-a de novo para lhe explicar que, se não comesse a comer, teriam de alimentá-la através de um tubo. Alice nem quis saber; as perguntas secretas doíam mais do que qualquer tubo. Já não tinha espaço dentro dela para sequer se importar.



Uma manhã, Brooke entrou no quarto de Alice – com os seus sapatos de borracha cor-de-rosa e os olhos brilhantes como o mar de verão. Trazia qualquer coisa nas mãos, escondida atrás das costas. Alice olhou para ela, vagamente interessada.

– Chegou uma coisa – disse a enfermeira com um grande sorriso. – Só para ti. – Alice ergueu um sobrolho.

Brooke imitou o rufar de tambores.

– *Tchanã!*

Mostrou-lhe uma caixa atada com várias fiadas de fita garrida. Alice recostou-se na cama, endireitando-se. Sentiu um brevíssimo arrepio de curiosidade percorrer-lhe o corpo.

– Estava na sala das enfermeiras esta manhã, quando comecei o meu turno. E só tinha este cartãozinho com o teu nome. – Brooke pousou-lhe a caixa no colo com um piscar de olho. Era maravilhosamente pesada.

Alice desatou a fita e abriu a caixa. Lá dentro, aninhada debaixo de resmas de papel de seda, uma pilha de livros. As lombadas estavam voltadas para cima, tal como as flores do jardim da mãe se viravam de frente para o sol. A menina passou os dedos pelos títulos, engolindo em seco ao reconhecer um deles. Era o primeiro livro que requisitara da biblioteca, o das *selkies*.

Com um inesperado surto de energia, Alice virou a caixa ao contrário. Os livros caíram-lhe no colo e ela suspirou de prazer, abraçando-os. Folheando páginas, inspirou profundamente o cheirinho a papel e a tinta. Histórias de sal e saudade pareciam flutuar em torno do rosto dela, acenando-lhe. Assim que ouviu o ruído dos sapatos de Brooke no chão de linóleo do lado de fora do quarto, Alice ergueu os olhos, surpresa; nem a vira sair.

Mais tarde, Brooke entrou discretamente, empurrando uma mesinha com rodas na direção da cama de Alice. Trazia uma série de tacinhas de plástico coloridas; salada de frutas com iogurte; uma sanduíche de queijo e salada, sem côdea, outra taça com uma pequena pilha de batatas fritas de pacote, brilhantes de óleo e sal. Por último, um pacotinho de amêndoas e passas. E um pacote individual de leite, com uma palhinha.

Os olhos da menina encontraram os de Brooke. Depois de uma pausa, concordou com um aceno de cabeça.

– Boa! É assim mesmo! – exclamou Brooke, travando as rodas do carrinho do almoço antes de sair do quarto.

Mantendo o livro das *selkies* junto a si, Alice escolheu outro da pilha que tinha no colo. Abriu-o, estremecendo de prazer ao ouvir o típico estalinho da lombada. Levou a mão a um triângulo da sanduíche e fechou os olhos ao cravar os dentes no miolo suave e fresco. Já nem se lembrava da última coisa que comera assim tão boa. A manteiga cremosa e salgada, o queijo levemente picante. A

alface crocante, a doçura da cenoura, o tomate sumarento... esfomeada, enfiou o resto do triângulo na boca, esforçando-se por mastigar – deixando cair dos cantos da boca pedacinhos de pão e cenoura ralada.

Depois de vários goles no leite para empurrar o almoço, Alice soltou um sonoro arroto. Sorriu para si própria de satisfação e, com a barriga cheia, dedicou toda a sua atenção ao livro. Ainda que estivesse certa de que nunca o tinha lido, sabia que conhecia a história. Passou a ponta dos dedos pelo relevo da capa. Era a ilustração de uma linda jovem a dormir, segurando na mão uma rosa espinhosa.

No dia seguinte, quando estava quase a acabar *A Bela Adormecida*, Alice afastou os olhos do livro para ver a Dra. Harris e Brooke a bichanarem lá fora no corredor com outras duas mulheres. Uma estava de fato, com uns óculos quadrados de massa e um batom berrante. Tinha nos braços um dossiê grosso, cheio de papelada. A outra vestia uma camisa caqui abotoada até acima, calças da mesma cor e botas de aspeto sólido, parecidas com as que o pai usava para trabalhar. Tinha já bastantes cabelos brancos e sempre que se mexia ouvia-se o tilintar de sininhos; trazia em cada pulso várias pulseiras de prata que batiam umas nas outras quando ela gesticulava. Alice não conseguia desviar o olhar da mulher.

O grupo voltou-se para entrar no quarto. Alice concentrou-se no livro e, quando elas entraram, nem sequer levantou os olhos. Os sininhos tilintaram.

– Alice – começou Brooke, num tom esganiçado. Alice não entendeu a razão das lágrimas nos olhos dela.

A mulher de fato avançou um passo:

– Alice, queremos apresentar-te a alguém muito especial.

A menina manteve o olhar fixo no livro. *A Bela Adormecida* estava prestes a ser salva pela força do amor. Quando a senhora de fato voltou a falar, fê-lo num tom demasiado alto, como se Alice fosse dura de ouvido.

– Alice, esta é a tua avó. Chama-se June. Veio buscar-te para ires para casa.



Brooke empurrou a cadeira de rodas de Alice pelos corredores do hospital até ao exterior, onde uma manhã radiosa as acolheu. Pouco antes, a enfermeira tinha desaparecido do quarto a correr, enquanto a mulher de fato falava. June limitara-se a olhar para Alice sem conseguir parar quieta com os dedos, por causa dos nervos. A menina já tinha lido o suficiente sobre avós para perceber que, com o conjunto caqui e as botifarras que trazia nos pés, June não tinha nem a aparência nem o comportamento típico de uma avó. Ao contrário das pulseiras, que não se calaram um segundo, June não abriu a boca, nem sequer quando a mulher de fato comentou que fora a própria June quem enviara

a Alice a caixa de livros. A doutora Harris disse que June era a guardiã de Alice; aliás, ela e a mulher de fato tinham usado e abusado dessa expressão. Guardiã. Guardiã. Alice associava o termo às imagens de faróis. Mas June não tinha nada aspeto de conter dentro de si uma luz protetora. Os olhos dela eram do mais distante que Alice já vira, como aquele tipo de horizonte tão longínquo que nem permite distinguir o mar do céu.

Cá fora, June estava sentada ao volante de uma velha carrinha de caixa, esperando por elas no parque de estacionamento dos visitantes. Ao lado dela estava um cão gigantesco com a língua de fora. Das janelas abertas saía um som suave de música clássica. Assim que o cão viu Brooke e Alice, levantou-se de um salto, ladrando, enchendo a cabine da carrinha com o seu corpo volumoso. June sobressaltou-se e baixou o volume da música para ver se punha freio ao cão.

– Harry! – gritou, tentando acalmá-lo. – Desculpem – disse, saindo com dificuldade do interior da carrinha. Mas Harry não deixou de ladrar. Sem pensar, Alice ergueu o braço, num sinal claro para calar Harry – Harry, e não Toby. Quando o cão não obedeceu, a menina apercebeu-se do seu erro e o queixo tremeu-lhe sem que conseguisse evitá-lo.

– Oh, não, não – disse June, interpretando erradamente a reação de Alice. – Eu sei que ele é enorme, mas não tenhas medo. Os Bullmastiffs são muito meigos. – Explicou, agachando-se ao lado da cadeira de rodas. Mas Alice não conseguiu olhar para ela. – Sabes, o Harry tem poderes especiais. Cuida das pessoas quando elas estão tristes. – June deixou-se ficar onde estava, aguardando. Ignorando-a, Alice entreteve-se a remexer os dedos com as mãos pousadas no colo.

– Bom, vamos, Alice. Vou ajudar-te a entrar para a carrinha – disse Brooke.

June levantou-se e recuou ligeiramente para permitir que Alice saísse da cadeira e entrasse para o lugar do passageiro. Harry deu um saltinho para se sentar ao lado dela. Tinha um cheiro diferente do de Toby, doce e barrento em vez de húmido e salgado. E também não tinha o pelo comprido e fofo, nada onde ela pudesse enfiar os dedos.

Brooke aproximou-se da janela. Harry abanou-se todo para ela e Alice mordeu o lábio inferior.

– Porta-te bem, Alice. – Brooke acariciou-lhe o rosto antes de lhe virar costas abruptamente. Dirigiu-se a June, que estava a poucos metros dela, e conversaram mais um pouco em voz baixa. A qualquer minuto, Brooke marcharia até à carrinha nos seus sapatos cor-de-rosa de borracha, abriria a porta do passageiro e declararia que tudo não passara de um engano. Alice não teria de se ir embora. Brooke levá-la-ia para casa, para a sua secretária e para o jardim da mãe, e Alice acabaria por encontrar a sua voz algures à beira-mar, por entre as cascas de vieira e os caranguejos-soldados, e gritaria alto, tão alto que a família acabaria por ouvi-la. A qualquer minuto, Brooke regressaria até ela. A qualquer minuto. Brooke eras sua amiga. Não a deixaria partir com alguém que ela não conhecia. Ainda que a mulher fosse um farol.

Alice observou intensamente as duas mulheres. June apertou amistosamente o braço de Brooke e esta devolveu-lhe o gesto. Certamente estaria a confortar June, explicando-lhe que tudo não passara

de um enorme engano – que Alice não ia a lado nenhum. Por fim, Brooke entregou a June o saco com os pertences da menina – que se resumiam aos seus livros e nada mais – e afastou-se da carrinha, em direção ao hospital.

Porta-te bem, Alice viu-a articular, enquanto erguia a mão num aceno. Ainda se demorou à entrada do hospital com a cadeira de rodas vazia. Mas pouco depois desapareceu no interior das portas automáticas.

Alice foi acometida de uma forte tontura, como se Brooke tivesse levado consigo todo o sangue das suas veias. Tinha-a deixado com uma estranha. A menina esfregou os olhos para empurrar as lágrimas para dentro, mas foi em vão. Enganara-se, pensando que as lágrimas poderiam ir para o mesmo local onde estava escondida a sua voz. Mas a verdade é que elas lhe corriam pelo rosto abaixo como se brotassem de uma torneira avariada. June estava de pé, junto à janela do passageiro com os braços paralelos ao corpo – como se não soubesse o que fazer com eles. Por fim, abriu a porta, enfiou o saco de Alice atrás do banco e fechou a porta suavemente. Deu a volta à carrinha e subiu para o lugar do condutor, ligando a ignição. Ficaram ambas ali sentadas, em profundo silêncio. Nem Harry, o cão-gigante, soltou um som que fosse.

– Vamos lá para casa, então, Alice – disse June. Engatou a primeira. – Temos uma longa viagem pela frente.

Saíram do parque de estacionamento. Alice sentiu as pálpebras pesadas de exaustão. Tudo lhe doía. Harry tentou algumas vezes tocar com o focinho na perna dela, mas a menina afastou-o, voltando costas aos seus dois companheiros de viagem – e mantendo os olhos completamente fechados ao seu novo mundo.



Brooke carregou uma e outra vez no botão do elevador com força e vasculhou dentro da mala até encontrar o seu maço de cigarros de emergência. Quando o elevador tocou e as portas se abriram, Brooke irrompeu por ele adentro e carregou no botão do estacionamento. Mais uma vez, recordou a felicidade no rosto de Alice quando viu a caixa dos livros; a luz que lhe enchera os olhos valera bem a mentira que Brooke dissera quanto à origem do presente. Alice estava agora com a avó. *Com a família dela*, forçou-se a pensar, que era, afinal, tudo o que a menina mais precisava.

Em toda a sua vida, Brooke nunca testemunhara um cenário semelhante ao que vira na propriedade dos Hart. A polícia insistia em chamar-lhe a *tempestade perfeita*: trovoadas secas, uma criança deixada sozinha com uma caixa de fósforos por perto, e uma família encurralada no tumultuoso ciclo da violência de um homem contra a sua mulher e filha. Brooke estava por perto quando a polícia explicou a June o que acontecera: Clem tinha espancado a filha até à inconsciência, no quarto dela, e depois, ao aperceber-se do incêndio, arrastara-a para fora de casa antes de voltar a

entrar para resgatar Agnes. Mas na altura em que a ambulância e os bombeiros chegaram, já não foi possível reanimar a mulher, e Clem morreu pouco depois, devido à inalação de fumos. A essa altura do relato, June já se mostrava tão agoniada que Brooke interveio e sugeriu ao polícia que fizesse uma pausa.

O elevador chegou ao estacionamento com um novo e nauseante *tlim*. Brooke inspirou profundas golfadas de ar puro, atrasando o acender do cigarro. Pobre mulher, aquela Agnes. Com apenas vinte e seis anos e tamanho pavor do marido que fizera um testamento a acautelar a guarda dos filhos, um dos quais nunca viria a conhecer. Brooke levou a mão ao estômago só de pensar no bebé, arrancado do corpo espancado e moribundo de Agnes. Engoliu a bílis que lhe subiu à garganta. Que marido seria capaz de fazer uma coisa daquelas à mulher grávida, à filha, e ao bebé ainda por nascer? E o que seria da menina, a filha de Agnes que sobrevivera ao incêndio?

Brooke sentiu-se subitamente esmagada pela imagem de Alice, inconsciente, espancada e intoxicada pelo fumo. Atirou o maço e o isqueiro para um caixote do lixo, meteu-se no carro e afastou-se do hospital tão depressa que os pneus chiaram no asfalto. Queria distanciar-se o mais possível do quarto vazio da menina.

Lá fora, o crepúsculo de verão surgiu-lhe espesso e ameno. Os pinheiros da Ilha de Norfolk, plantados por toda a extensão da orla marítima, estavam carregados de papagaios que guinchavam ebriamente, entoando a sua canção do ocaso. Brooke encostou o carro à berma e abriu as janelas para inspirar a fragrância forte a sal, algas e frangipani. Alice murmurara incessantemente coisas sobre flores quando estava no auge dos seus terrores noturnos. Flores, pássaros, fénix e fogo.

– Vá lá! – murmurou Brooke para si mesma – Recompõe-te, merda!

Limpou os olhos, assoou o nariz e ligou a ignição. Acelerando para longe do mar, cortou as curvas das ruas vazias do bairro onde morava, travando a fundo no caminho de entrada de sua casa. Assim que entrou, correu para o telefone e fez a chamada que temera fazer todo o dia. Forçou-se a marcar o último dígito do número de Sally – que sabia de cor desde os doze anos.

Sentiu o sangue pulsar-lhe nos ouvidos enquanto ouvia o toque de chamada.

E a luz dela

*estende-se uniformemente sobre o mar
salgado*

e sobre os campos cobertos de flores.

Sappho

Arbusto-menta listado



Significado: **Amor desamparado**

Prostanthera striatiflora | Austrália Central

Arbusto que se encontra em desfiladeiros rochosos e junto a afloramentos. Cheira intensamente a hortelã. Folhas estreitas e coriáceas. A flor é em forma de campainha, branca, com listas roxas em torno do núcleo, e manchas amarelas nas pétalas. Não deve ser ingerida porque pode causar alterações no sono. Sonhos vívidos são igualmente sintomáticos.

A viagem era longa, quente e poeirenta. Não havia o menor vestígio de mar na brisa que corria. O ar que entrava pela ventilação da carrinha soprava quente no rosto de Alice, como o hálito arquejante de Toby. Só de pensar no focinho dele, naquele sorriso de lobo sempre cheio de baba, Alice mordeu o lábio inferior, olhando fixamente pela janela, para a paisagem estranha e desconhecida. Nada de algas prateadas ou salinas, nenhum caranguejo-soldado, nenhuma maré para decifrar, nenhum colar de algas para envergar, e nenhum céu coberto de temíveis pinceladas de virga⁴, num pré-aviso de tempestade no mar.

De ambos os lados da estrada longa e plana, a terra surgia seca e sedenta, qual língua gretada. Ainda assim, curiosamente, aquela estranha paisagem pulsava vida. Alice sentia nos ouvidos o vibrar das cigarras, o ocasional cacarejar das kookaburras⁵. Havia fortuitos borrrões de cor, graças às flores silvestres que cresciam na base dos eucaliptos. Algumas eram brancas como a neve dos contos de fadas, outras de uma cor ocre, e tão brilhantes que pareciam ter sido envernizadas.

Alice fechou os olhos com força. A mãe. O irmão ou irmã por nascer. Todos os seus livros. O jardim. A sua secretária. O Toby. O pai. Esfregou a palma da mão no lado esquerdo do peito. Abriu os olhos. Na sua visão periférica June estendeu uma mão para ela, mas, parecendo insegura sobre

onde a pousar, deixou-a pendurada uns segundos, antes de a recolher de volta para o volante. Alice fingiu que não viu. Pareceu-lhe uma boa maneira de lidar com a situação, pelo menos tão boa como qualquer outra. Recostou-se, deixando o corpo num ângulo mais afastado de June e mais voltado para a janela. Estendeu o braço atrás do banco e puxou o saco dos livros, optando por ignorar que fora June quem lhos enviara, centrando-se antes no facto de eles lhe pertencerem. Alice puxou pelo primeiro em que os seus dedos tocaram, e quase sorriu ao ver o que era. Um consolo perfeito. Abraçando o livro, desfrutou do extremo conforto que lhe proporcionava a sua forma sólida e robusta, o cheirinho a papel, a história cativante, e a capa dura com a imagem que ela passara longas horas a contemplar: uma menina com o nome dela, que caiu num buraco e foi transportada para um mundo estranho e fantástico, mas que, ainda assim, encontrou o caminho de regresso a casa.



June manteve os olhos na estrada e as duas mãos firmes no volante, tal o medo que tinha do que poderia acontecer se olhasse para o lado ou afrouxasse os dedos. Não conseguia evitar que os membros lhe tremessem. Um golezinho do whisky que trazia na garrafa de bolso resolver-lhe-ia o problema, mas não podia ser. Não hoje. Não com a criança ao lado dela, tão próxima que bastava estender a mão para conseguir tocar-lhe. A sua neta, que nunca tinha visto. Até àquele dia. De relance, June observou a menina e viu-a encostar um livro ao peito – como se fosse ele que lhe permitisse o bater do coração. Ela tinha concordado com a sugestão da enfermeira: de dizer a Alice que a caixa dos livros lhe fora enviada pela avó. Aparentemente, Alice gostava tanto deles que lhe pareceu a maneira mais simples de estabelecer uma ligação entre ambas. *A coisa mais importante neste momento é que a Alice seja protegida de qualquer tipo de stress*, declarara a enfermeira.

Olhando para Alice, ao lado dela, June sentiu-se ridícula por acreditar que uma mentira, fosse ela qual fosse, pudesse aliviar a situação. Repreendeu-se pela sua estupidez. Devia era ter-se sentado junto à criança e conversado com ela, diretamente e sem rodeios: *Olá, Alice, eu sou a June, a tua avó. O teu pai é –* June abanou a cabeça – *era meu filho, e eu já não o via há muitos, muitos anos. Vou levar-te para minha casa, onde voltarás a sentir-te segura.* June piscou os olhos para reter as lágrimas. Ou talvez tivessem bastado umas poucas palavras; *lamento tanto, Alice. Eu devia ter sido melhor mãe. Tenho tanta, tanta pena.*

Quando a polícia local lhe batera à porta, em Thornfield, June escondera-se na despensa para beber um longo gole de whisky da garrafinha de bolso antes de ir abrir. Deixou-os entrar, achando que tinham vindo por causa de uma das Flores. Em vez disso, viu-os tirar os chapéus e ouviu-os contar que o filho tinha morrido num incêndio em casa, juntamente com a mulher. Sobreviveram-lhes o bebé acabado de nascer e a filha de nove anos. Os dois netos de June receberam os devidos cuidados médicos, e ela era a sua parente mais próxima. Informaram-na ainda que Clem era

claramente responsável por abusos graves contra a mulher e a filha. Assim que os policiais saíram, June mal teve tempo de chegar à casa de banho para vomitar. Os seus mais profundos receios acerca do filho, que mantivera em segredo durante anos, revelavam-se reais.

Olhando agora de relance para Alice, June voltou a sentir-se nauseada. A menina era tão parecida com Agnes. Cabelo rebelde, pestanas enormes, lábios carnudos e olhos grandes, profundos de curiosidade e desejo. Ambas usavam a vulnerabilidade como se se tratasse de um órgão vital, alojado do lado de fora do corpo. E se Alice era fisicamente igual à mãe, seria possível que tivesse o temperamento do pai? Seria a sua personalidade semelhante à de Clem? June ainda não sabia responder. O silêncio da menina era profundamente desconcertante. *A mudez seletiva é muito comum em crianças que experienciam traumas profundos*, dissera-lhe a Dra. Harris. *Regra geral, não é permanente. Com o devido apoio e terapia, a Alice vai voltar a falar, assim que estiver pronta. Até lá é impossível avaliarmos do que é que ela se lembra realmente.*

June cravou as mãos no volante, fazendo tilintar as pulseiras. Olhou para elas. Cinco pétalas amarelas incrustadas em pingentes de prata, uma para cada uma das cinco pulseiras. Cada Flor-borboleta tinha as mesmas cinco pétalas, ligeiramente desiguais. E na mesma pétala superior de cada uma, surgia uma marquinha vermelha. No centro de cada flor havia três estames, o maior com a forma de um barquinho a pedais. June tinha feito as pulseiras especificamente para aquele dia. De cada vez que elas lhe retiniam nos pulsos, repetiam o seu significado aos ouvidos dela, como uma oração secreta. *Segundas oportunidades. Segundas oportunidades. Segundas oportunidades.*

Alice arquejou, agitada no sono. Tinha a cabeça caída para trás num ângulo doloroso. June ainda pensou em tocar-lhe para fazê-la mudar de posição, mas nesse momento a menina tossiu e mexeu-se, reposicionando-se, já mais confortável.

June concentrou-se na estrada. Pisou com força o acelerador. Esperava que, quaisquer que fossem os sonhos da criança, lhe conferissem alguma paz e consolo.



A luz do fim da tarde entrou pela cabine. Alice acordou sobressaltada. Adormecera sem se dar conta; tinha lágrimas secas no canto dos olhos e doía-lhe o pescoço. Endireitou-se e estirou o corpo. Harry lambeu-lhe a mão. Ela deixou-o, estava demasiado cansada para afastá-lo. Reparou que já não estavam na autoestrada mas num caminho de terra cheia de lombas. Viu que tinha uma mancha cor-de-rosa no joelho de vir encostado à pega da porta enquanto a carrinha seguia aos solavancos pelos buracos da estrada. Tinha saudade da maresia.

June trazia a janela aberta, um cotovelo bronzeado repousando de fora. Os caracóis grisalhos moviam-se suavemente ao vento. Alice estudou-lhe o perfil. June não era nada parecida com o pai, mas tinha um ar extremamente familiar. Ao colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha, as pulseiras

de prata tilintaram-lhe nos pulsos. De cada uma delas pendia uma pétala amarela. Voltou subitamente a cabeça para Alice – que ainda tentou fazer de conta que estava a dormir.

– Já acordaste.

Alice viu o sorriso de June por entre as pestanas semicerradas do seu sono fingido. A avó agitou as pulseiras no pulso.

– Gostas? Sou eu que as faço. Todas as flores são da minha quinta.

Alice virou a cabeça para a janela.

– Cada flor tem um significado, como uma linguagem secreta. Quando uso uma determinada combinação de flores, é como se estivesse a escrever o meu próprio código secreto, que mais ninguém consegue decifrar ou entender, a não ser que conheça a minha linguagem. Hoje decidi usar apenas uma única flor.

Um músculo moveu-se na bochecha de Alice, quase impercetivelmente. June reduziu a mudança, as pulseiras retiniram em resposta.

– Queres saber o que significam? Eu conto-te o segredo.

Alice ignorou-a, olhando fixamente para um arbusto ressequido, da cor das cinzas, que passava naquele momento pela sua janela. Sentiu uma guinada no estômago quando a carrinha passou por um mata-burro⁶. O ruído das cigarras ofuscou-lhe os pensamentos. June continuava a falar:

– ... podia ensinar-te.

Alice olhou de relance para a mulher esquisita a seu lado. Por um momento, June calou-se. Alice fechou os olhos. Só queria ficar sozinha.

– Não viste a vila, quando passámos. Mas não faz mal. Temos tempo de sobra para lá ir mais tarde – disse June, reduzindo de novo a mudança e fazendo rugir o motor ao abrandar. – E pronto, chegámos.

Saíram da estrada poeirenta para entrarem numa mais estreita e suave. O som tumultuoso que enchera a carrinha enquanto percorriam o caminho esburacado dissolveu-se num zumbido. O ar alterou-se. Era doce e verde, em contraste com o amarelo barrento. Viçosos arbustos de grevélea surgiram de ambos os lados da carrinha. Borboletas-monarcas esvoaçavam sobre campos de algodão selvagem. Todos os sentidos de Alice se maravilharam, e ela não conseguiu deixar de se endireitar no banco para ver melhor. Um forte zumbido de abelhas chegou-lhe aos ouvidos, vindo de um conjunto de pequenas colmeias brancas semeadas por entre eucaliptos verde-prata entrelaçados, apontando todos numa única direção: a da maior casa que Alice alguma vez vira em toda a sua curta vida. Até se aperceber de que já a vira antes.

A casa surgia bem mais vívida do que na foto que Alice encontrara na cabana do pai; a fotografia que partilhara um esconderijo com uma madeixa de cabelo preto-azulado atado numa fita puída.

Alice olhou para o cabelo de June. Ainda que agora fosse grisalho, podia perfeitamente ter sido

preto.

Quando chegaram ao fim do caminho que dava para a casa, June fez inversão de marcha e estacionou a carrinha numa garagem sombreada por hera espessa. Harry revelou-se atento, com a cauda a abanar, batendo na perna de Alice em uníssonos com as batidas do seu coração. As árvores, frondosas, abrigavam o chilrear dos pássaros. Lá em casa, aquela era a altura do dia que Alice mais adorava, quando o mundo se pintalgava de azul com a chegada do entardecer e o ar ficava pungente do que quer que a maré tivesse trazido. Mas ali, era diferente. Mais seco e mais quente. Nenhum vestígio de mar. Nada de pelicanos a vaguear, nenhum chamamento de um *currawong*⁷. Alice enterrou os dedos entre as coxas, na tentativa de se acalmar. Uma borboleta-monarca bateu-lhe na janela. Ainda pairou por ali, como se pudesse ouvir todas as coisas que Alice não conseguia dizer, antes de esvoaçar para longe.

– Sê muito bem-vinda, Alice. – June tinha já saltado da carrinha e estava agora no primeiro de um conjunto de degraus de madeira que davam para um alpendre. Estendeu uma mão na direção da neta.

Alice deixou-se ficar na carrinha. Harry manteve-se junto dela e os dedos da menina desbravaram caminho até às orelhas dele – coçando no ponto que Toby mais adorava. O cão gemeu de gratidão. Ninguém a visitara no hospital à exceção de June, uma estranha a quem a menina fora entregue, como um cãozinho abandonado. O sorriso da avó começava a esmorecer. Alice fechou os olhos. Estava tão cansada, tão cansada, que só lhe apetecia deitar-se e dormir para acordar dali a cem anos. Fez um acordo consigo mesma: só ia entrar naquela casa para poder deitar-se numa cama.

Evitando o olhar de June, saltou da carrinha e Harry seguiu-a. Respirou fundo, endireitou os ombros e avançou para os degraus.

A casa tinha um enorme alpendre de madeira a toda a volta, iluminado por reluzentes candeeiros a petróleo. Pássaros e grilos cantavam uma melodia enquanto o sol de punha. O vento soprava por entre as árvores, libertando o odor fresco dos eucaliptos. Alice seguiu June até ao alpendre e parou em frente à entrada da casa. A porta de rede abriu-se e fechou-se à passagem de June. Alice ficou parada, com Harry a seu lado.

– Alice? – June assomou do lado de lá da porta. – Preparei um quarto para ti. Sei que não é como o que tinhas em tua casa, mas é um cantinho a que podes chamar teu. – Voltou a abrir suavemente a porta para dar passagem à menina.

Alice sentiu o nariz a pingar. Limpou-o às costas da mão.

– Por que não entras, lavas a cara e te deitas um pouco? Eu depois levo-te qualquer coisa para comeres.

Alice sentiu os olhos turvos de água.

– Que tal uma toalhinha quente? A casa de banho é já aqui ao fundo do corredor – June aproximou-se da neta.

Demasiado exausta para protestar, Alice permitiu que a avó a guiasse até dentro de casa. A cabeça pendia-lhe para a frente, como uma flor murcha. Harry seguia ao lado delas.

O tamanho descomunal da casa deixou-a de queixo caído. O corredor comprido, pálido como uma concha, estava iluminado com candeeiros dos mais variados tamanhos, projetando uma luz difusa. Seguiram ambas pela passadeira que se estendia a todo o comprimento dele. A cada canto e recanto surgia um vaso com plantas. Livros alinhados em estantes eram intervalados por frascos com pedras brancas, jarros com penas e raminhos de flores secas. Alice quis tocar em tudo.

June conduziu-a até uma ampla casa de banho, toda em madeira e azulejos brancos. Abriu a torneira do lavatório, enchendo-o de água tépida. Tirou de dentro de um armário espelhado um pequeno frasco castanho e verteu umas gotas na água – que desde logo emanou um aroma quente e relaxante. As pálpebras pesadas de Alice teimavam em fechar-se. June molhou uma toalhinha de rosto na água e ofereceu-a à menina. Alice cobriu o rosto com ela e inspirou profundamente. O calor fez dissipar uma grande parte da dor que a menina sentia sobre os olhos. Quando já estava a limpar o rosto, reparou que June se mantinha no mesmo sítio.

– Não te vou deixar. Não vou a lado nenhum – ouviu-a sussurrar.



Pouco depois, Alice e Harry seguiram June por um amplo lance de escadas em espiral, todo iluminado. Lá no cimo havia uma pequena porta. Alice ficou um pouco recuada, esperando que June a abrisse, e entrou atrás dela. Quando June acendeu a luz, o clarão obrigou Alice a arquejar e a tapar os olhos. June apressou-se a desligar o interruptor.

– Anda cá, deixa-me ajudar-te – ofereceu-se June. Alice ficou tensa ao sentir o braço da avó em torno dela enquanto atravessavam o quarto. Assim que os seus olhos vislumbraram os contornos de uma cama macia, a menina soltou-se do abraço de June, subiu para a cama e puxou os lençóis para cima, no escuro. Sentiu-os como penas sobre a pele. Aguardou pelo som dos passos de June a afastar-se. Mas em vez disso, sentiu a cama afundar-se sob o peso do corpo da avó.

– Vamos fazer isto... um passo de cada vez, Alice. – Ouviu-a dizer baixinho, do lado da cama. – Sim?

Alice voltou-lhe as costas, deitando-se de lado, convidando-a a sair. Momentos depois, June levantou-se; com um clique suave, a porta fechou-se atrás dela.

Alice suspirou, soltando o ar que tinha contido. A última coisa que ouviu antes de adormecer foi o som das unhas de Harry, andando em círculo antes de trepar para os pés da cama dela.



Lá em baixo, no corredor, June apoiou-se à parede para se acalmar e recuperar o equilíbrio. Não tinha bebido uma gota durante todo o dia.

– Ela já cá está?

Assustou-se com a voz de Twig, atrás de si. Mas não se voltou, limitando-se a assentir com a cabeça.

– E está bem?

Pausa.

– Não sei – respondeu June. O som do canto dos grilos preencheu o silêncio entre ambas.

– June...

Ela deixou-se ficar onde estava, as mãos pressionando a parede.

– Ela não merece menos do que as outras Flores. Como tu muito bem sabes – declarou Twig, firme e resoluta. – Aliás, até merece mais. De ti. De nós. Deste sítio. Ela é a tua família.

– Ela é dele – retorquiu June. – É dele, e eu não queria preocupar-me com ela.

– Desejo-te muito boa sorte com isso – disse Twig num tom de voz mais suave. Nova pausa. – Estás a tremer.

June concordou com um aceno.

– E então? Sentes-te bem?

– Foram uns dias do diabo. – June apertou a pele sobre a cana do nariz. Apercebeu-se do que vinha aí.

– Onde está o bebé?

June suspirou longa e profundamente.

– Não me digas que não o trouxeste... – Twig sentiu a voz fraquejar-lhe.

– Agora não, Twig, por favor. Falamos sobre isso amanhã, pode ser? – June voltou-se a tempo de ver a porta de rede bater. Twig já lá não estava. June deixou-a ir. Sabia melhor do que ninguém que às vezes as palavras faziam mais mal do que bem.

Percorreu a casa, apagando as luzes todas. Depois voltou atrás, como se tivesse pensado melhor, e acendeu um candeeiro – para o caso de Alice acordar a meio da noite. Parou à porta do quarto fechado de Candy, mas não viu nenhuma luz debaixo da porta; talvez ela estivesse do lado de lá do jardim, no dormitório, com as outras Flores. Um cheiro a tabaco de enrolar entrou numa baforada pela casa dentro; Twig estava a fumar um cigarro no alpendre. June voltou para trás, atravessou o corredor e entrou na sala de estar. Pôs a mão de fora da janela aberta e arrancou uma florinha do arbusto escova-de-garrafa. De volta ao corredor, enfiou a florinha pelo buraco da fechadura do quarto de Twig. *Reconhecimento.*

Assim que June se viu na privacidade do seu quarto, acendeu o candeeiro e deixou-se cair na cama. Cobriu os olhos com um braço, fingindo por mais um escasso momento que a garrafinha cheia que guardava no bolso não se tornava, a cada minuto, mais e mais pesada pela tentação.

Depois de Clem, na altura com dezoito anos, descobrir que June o excluía do testamento, pegara em Agnes e deixara Thornfield, tomado pela fúria. A partir desse dia, June só recebera notícias do filho uma vez. Nove anos antes – June calculava agora que teria sido aquando do nascimento de Alice – chegara a Thornfield uma encomenda endereçada a June na caligrafia do filho. E nesse dia ela fizera exatamente o mesmo que agora; retirara-se para o quarto com a sua garrafinha de whisky.

Sentou-se na cama, tirou a garrafinha do bolso, desenroscou a tampa e deu um trago profundo. Bebeu até sentir o whisky acalmar-lhe os tremores nos membros e atenuar-lhe a tensão acumulada nas costas. Quando sentiu as mãos firmes, tirou de debaixo da cama a encomenda, rasgada e manuseada tantas vezes.

Abriu a tampa de uma caixa e retirou cuidadosamente a peça de madeira cravada à mão. Um bebé, com a mesma boquinha em botão-de-rosa e os olhos grandes da menina que dormia no quarto por cima do seu, aninhada numa cama de folhas de couro e florinhas em forma de campainha. Cada uma delas tinha riscas no interior e manchinhas amarelas.

– Amor desamparado... – murmurou June, por entre lágrimas.

⁴Precipitação que cai de uma nuvem, mas que evapora antes mesmo de chegar ao solo. (N. da T.)

⁵Aves da família dos guarda-rios, indígenas da Austrália e Nova Guiné. (N. da T.)

⁶Ponte feita com tábuas ou traves colocadas de forma espaçada para impedir a passagem de gado ou de cavalos. (N. da T.)

⁷Ave aborígene da Austrália. O nome é uma onomatopeia, já que imita o seu canto. (N. da T.)

Campainhas amarelas



Significado: **Boas-vindas a um estranho**

Geleznovia verrucosa | Austrália Ocidental

Pequeno arbusto com grandes flores amarelas. Apaixonada pelo sol, é resistente ao calor e necessita de um solo bem drenado. Também cresce sob alguma sombra, ainda que lhe seja essencial apanhar sol na maior parte do dia. As flores cortadas dão ramos muito bonitos, mas a inconstância na propagação e germinação da semente fazem dela uma planta rara.

Aos primeiros raios da manhã, June levantou-se da cama, enfiou os pés nos seus confortáveis *Blundstones* e percorreu silenciosamente a casa até à porta das traseiras. Lá fora, o mundo surgiu frio e azul. Deixou-se tomar por ele, inspirando profundamente. Não tinha dormido bem, nem mesmo depois de emborcar a garrafinha de whisky inteira. A verdade é que já não dormia bem há décadas. Sobretudo desde que Clem partira. Baixou o queixo. Estudou as fendas e os arranhões nas botas. Também não tinha feito nada para chamar o sono, insistindo em manter na mesa de cabeceira a escultura do bebé e do arbusto-menta. Tinha procurado penitência e encontrara uma insónia.

Enquanto o céu se iluminava, June contornou a casa em direção ao telheiro das ferramentas e pegou nas tesouras de poda e num cesto, antes de percorrer os campos até às estufas de flores nativas. A manhã estava plena de zumbidos das abelhas e do ocasional canto das pegas.

O interior da estufa era húmido e estava repleto de flores. June sentiu que respirava melhor. Dirigiu-se às traseiras, onde as campainhas amarelas já tinham começado a florescer, e tirou a tesoura de poda do bolso do avental.

Thornfield sempre fora um sítio onde as mulheres e as flores tinham espaço para florescer. Todas as mulheres que vinham para Thornfield tinham a oportunidade de crescer à margem das coisas da vida que as tinham espezinhado. Depois de Clem ter partido, June empenhara-se em fazer de

Thornfield um local próspero, um local de beleza, paz e refúgio. Era tudo o que podia fazer para validar a decisão de não deixar as suas flores – a força vital das mulheres que ali chegaram antes dela – nas mãos do seu filho, volúvel e violento.

Twig fora a primeira Flor a chegar, um farrapo de mulher depois de o governo lhe ter tirado os filhos. *Toda a gente precisa de um sítio e de alguém a quem pertencer*, dissera-lhe June na sua primeira noite em Thornfield. E Twig mantinha-se firmemente ao lado dela desde então, enfrentando tudo o que a vida lhes foi lançando. Tal como fizera na noite anterior – lembrando a June que a criança estranha e calada que dormia na torre do sino merecia tanto ou mais do que qualquer uma das mulheres que trabalhavam nos seus campos de flores. Mesmo sendo filha do Clem.

June sabia que Twig tinha razão. Mas o medo insistia em estrangulá-la. Havia determinadas coisas que ela não podia desenterrar. Coisas que preferia de bom grado deixar ficar na terra a apodrecerem. Só a ideia de ter de falar com Alice acerca do pai deixava June ressequida, como se a mera ameaça de serem ditas reduzisse as suas palavras a pó.

A ideia de ter de andar em bicos de pés em torno de Alice, de se sentir vulnerável, de ter medo de arruinar aquela segunda oportunidade, era estranha para June. Estava habituada a comandar as tropas. Plantava sementes, e elas floresciaam quando e como ela achava que deviam florescer. A sua vida tinha os seus ciclos de cultivo, florescimento, e colheita – e ela confiava nesse ritmo, nessa ordem. Uma criança a entrar agora na vida dela, quando as coisas estavam mais calmas e ela própria já pensava em reformar-se, era algo profundamente desconcertante. Mas, no momento em que pusera os olhos na neta pela primeira vez, prostrada naquela cama de hospital, tão débil e tão murcha, June pressionara com a mão a dor que sentira no peito, apercebendo-se do quanto ainda tinha a perder.

Enquanto o sol reunia forças lá fora, June passeou por entre as plantas nativas, cortando as que estavam em flor. Apesar de não saber onde nem como começar a conversa com a menina, podia fazer a segunda melhor coisa: ensinar-lhe as diversas maneiras de falar através das flores.



Alice acordou nauseada. Os estalos e sibilos doentios do fogo ecoavam-lhe na cabeça. Limpou o suor da cara e tentou levantar-se. Tinha as cuecas molhadas; as pernas entrelaçadas em lençóis encharcados, enrolados nela como se de coisas vivas se tratassem. Com fortes pontapés, conseguiu libertar-se e sentar-se na beira da cama. O calor abrasador dos seus sonhos começou a esmorecer. A pele arrefeceu. Ao seu lado, Toby soltou um latido. Alice abanou a cabeça. Não era Toby. Esse não estava ali. A mãe não a viria buscar. A voz dela não lhe contaria mais nenhuma história. O pai não estava imerso no fogo. Nunca se transformaria noutra coisa. Ela nunca iria conhecer o bebé. Não ia voltar para casa.

Desistiu de tentar limpar a cara, deixando as lágrimas fluir. Tudo no seu interior estava feito em

cinzas, como as algas dos seus sonhos.

Aos poucos, apercebeu-se de que não estava sozinha no quarto. Voltou-se e viu Harry sentado aos pés da cama, olhando para ela com um ar bem-comportado. Quase como se estivesse a sorrir. Avançou para ela, lembrando-lhe mais um cavalo do que um cão, dado o seu tamanho. O que é que June lhe chamara? Bull-qualquer-coisa? Harry poitou a cabeça no colo dela, as sobancelhas a tremerem de expectativa. Alice hesitou, mas não porque ele a assustasse; ergueu a mão e afagou-lhe a cabeça. Ele suspirou. Quando ela o coçou entre as orelhas, a cauda varreu o chão, abanando num arco lento.

A chegada à quinta, na noite anterior, parecia-lhe já muito distante, como se esse momento tivesse ficado no fundo de um longo túnel e ela estivesse agora no outro extremo. Os momentos chocalhavam uns nos outros. O som das pulseiras de June. A sua própria pele coberta de pó amarelo.

Harry levantou-se e soltou um latido de protesto. Alice deixou-se ficar de cabeça baixa, os ombros voltados para dentro. O cão ladrou de novo. Ela fixou-o. Um novo latido. Desta vez mais alto. Ela não conseguia deixar de chorar, mas, aos poucos, as lágrimas acabaram por secar. A cauda de Harry abanou de novo. Embora ele ouvisse perfeitamente, a menina ergueu na mesma o polegar e abanou-o. O cão pôs a cabeça de lado, estudando o seu comportamento. Em seguida avançou uns passos e lambeu-lhe o pulso. Alice fez-lhe uma festa, bocejando profundamente e revelando um ligeiro interesse pelo que a rodeava.

O quarto era hexagonal. Duas paredes estavam revestidas de longas prateleiras brancas, cada uma a rebentar pelas costuras com tantos livros. Três outras paredes tinham janelas do chão ao teto, cobertas por cortinas finas. Em frente a uma delas havia uma estranha escrivaninha trabalhada e a respetiva cadeira posicionada de forma convidativa. Alice voltou-se para observar a última parede, atrás de si. A cama saía da parede como uma página aberta de um livro gigante. Alguém tinha tido uma grande trabalhadeira a fazer aquele quarto. Teria June preparado tudo aquilo expressamente para ela? June, a avó que Alice nem sequer sabia que tinha?

Pôs os pés no chão e forçou-se a levantar. O cão rodeou-a, ofegante e a postos. Alice sentiu uma tontura tão forte que quase caiu ao chão. Fechou os olhos, à espera que o feitiço da vertigem passasse. Harry, estrategicamente colocado ao lado dela, ajudou-a a equilibrar-se. Quando a tontura passou e ela se sentiu firme nos pés, dirigiu-se à secretária e sentou-se na cadeira – que lhe pareceu ter sido feita à medida do seu corpo. Passou as mãos pelo tampo. A madeira era suave e brilhante, os rebordos trabalhados com sóis e luas unidos por asas de borboletas e flores em forma de estrelas. Passou os dedos pelos entalhes. Algo naquela secretária lhe parecia familiar, mas porquê era apenas outra pergunta para a qual Alice não tinha resposta. Sobre a secretária estava um tinteiro e uma série de frascos com lápis de cor, canetas, lápis de cera, tubos de cola e pincéis. Uma pilha de cadernos estava perfeitamente alinhada a um canto. Alice passou os dedos pelos lápis, com todas as cores que poderia imaginar possíveis. Noutro frasco descobriu uma caneta de tinta permanente. Tirou-lhe a

tampa e desenhou uma linha preta nas costas da mão, libertando a tinta molhada. Depois folheou os cadernos; páginas e páginas branquinhas, completamente vazias.

– Em tempos isto foi uma torre sineira.

Alice deu um salto.

– Desculpa, não quis assustar-te.

Harry reagiu à presença de June, abanando-se de contente. Ela estava à porta do quarto, visivelmente tensa, com um prato de torradas com mel e um copo de leite nas mãos. O cheirinho a manteiga açucarada encheu o quarto. Alice já não comia desde a tarde anterior, quando June lhe comprara uma sanduíche de Vegemite numa bomba de gasolina. A avó entrou no quarto e pousou o prato e o copo na secretária. Tinha as mãos a tremer. E uma pétala amarela presa no cabelo.

– Há muito, muito tempo, quando Thornfield era ainda uma pecuária, este era um dos quartos mais importantes da casa. O sino soava por toda a propriedade para avisar as pessoas que o dia estava a começar, a terminar, ou que eram horas de comer. Há muito que o sino se foi mas, por vezes, quando o vento sopra de feição, parece que ainda consigo ouvi-lo. – June reposicionou o prato uma e outra vez, com os nervos. – Sempre achei que estar aqui em cima era como estar dentro de uma caixa de música.

June olhou em volta, cheirando o ar. Dirigiu-se às cortinas e abriu-as.

– As janelas abrem-se assim – explicou, mostrando-lhe um trinco que abria o terço superior de cada uma.

Alice sentia as bochechas a arder. Não conseguia olhar para June, nem mesmo quando ela se aproximou da cama. Na visão periférica, apanhou uns relances da avó a tirar os lençóis da cama, enrolando-os nos braços de forma desenvolta e seguindo em direção à porta.

– Estou lá em baixo, quando acabares de comer. Um duche parece-me boa ideia. Vou trazer-te umas roupas lavadas. E lençóis também. – Alice fez um leve aceno com a cabeça. Os seus olhos mantinham-se distantes.

Respirou fundo assim que a viu sair. Não estava em sarilhos por ter feito chichi na cama.

Assim que ouviu os passos de June a afastarem-se no corredor, lançou-se sobre o prato das torradas. Fechou os olhos enquanto mastigava, degustando o sabor doce e amanteigado. Abriu um olho. Harry estava sentado a olhar fixamente para ela. Após um momento de consideração, partiu um bocadinho de torrada – um bocadinho generoso, cheio de manteiga – e estendeu-lho. Tréguas. O cão retirou-lho delicadamente dos dedos, mastigando-o com prazer. Juntos, acabaram as torradas e o copo de leite.

Uma baforada de qualquer coisa doce atraiu a atenção de Alice. Aproximou-se cautelosamente da janela que June acabara de abrir e encostou-se ao vidro, de mãos espalmadas. Do topo da casa tinha uma vista circular da propriedade. De uma das janelas, viu por onde o caminho poeirento se estendia, desde os degraus do alpendre até aos eucaliptos. Alice correu para outra janela. Paralela à

casa havia uma cabana grande de madeira com um telhado de chapa ondulada ferrugenta no topo do qual caía uma espessa cortina de hera. Havia um trilho entre a casa e a cabana. Ao chegar à última janela, o coração da menina acelerou-se. Atrás da casa e da cabana, fileiras e fileiras de diferentes arbustos e flores estendiam-se em campos a perder de vista. Estava rodeada de um mar de flores!

Abriu os trincos das janelas todas. O ar que entrou no quarto para lhe dar as boas-vindas era mais pungente do que o do mar, mais forte do que o das canas-de-açúcar a arder. Tentou identificar os odores. Terra revolvida. Petróleo. Folhas de eucalipto. Estrume húmido. E o inconfundível cheirinho a rosas. Mas seria o momento seguinte que acabaria por ficar para sempre na memória de Alice – quando viu as Flores pela primeira vez.

Vistas dali podiam ser facilmente confundidas com homens, com as suas camisas e calças de sarja grossa caqui e pesadas botas de trabalho, como as que o pai usava. Traziam chapéus de abas largas e luvas nas mãos. Emergiram da cabana, numa formação em V, carregando baldes enormes, tesouras de podar e corta-ramos, sacas de fertilizante, ancinhos, pás e regadores, e dispersaram por entre as flores. Umas enchiam baldes com flores cortadas, carregando-os de volta ao caramanchão, antes de reaparecerem com os baldes prontos para serem novamente cheios. Outras empurravam por entre fileiras de flores carrinhos de mão cheios de terra fresca que lançavam às pazadas sobre os canteiros. Outras quantas, pulverizavam secções dos campos, verificando o estado das folhas e dos caules. Ocasionalmente uma e outra trocavam gargalhadas, num som que fazia lembrar um sininho. Alice serviu-se dos dedos para contá-las. Eram doze, no total. Até que ouviu o canto. Num dos lados da propriedade, junto a um conjunto de estufas, estava sentada uma mulher a vasculhar uma pequena caixa de pacotinhos e a cantar para si própria. Quando parou para tirar o chapéu e coçar a cabeça, Alice arquejou perante o cabelo azul-pastel que lhe caiu pelas costas. Agarrou-o e prendeu-o em cima da cabeça, enfiando de novo o chapéu e regressando à canção. Alice encostou bem o nariz e as mãos à janela para a ver melhor. A mulher do cabelo azul era a décima terceira.



Nessa manhã, Alice ficou no quarto, vagueando de janela em janela, observando os ritmos do trabalho das mulheres. O regar, o cuidar, o plantar e o cortar das flores. Os baldes cheios de botões de cores garridas, que pareciam maiores do que as mulheres que os carregavam dos campos para a cabana.

A mãe podia ser qualquer uma delas, qualquer uma daquelas mulheres com os rostos escondidos sob as abas dos chapéus e os corpos protegidos pelas espessas roupas de trabalho. Alice conseguiu ver o perfil da mãe, o chapéu bem puxado sobre a testa, as pulseiras de terra e pó nos braços, a mão estendida na direção de um botão de flor. Desde que ficasse ali, no seu quarto, isso era possível.

Harry arranhou a porta do quarto, a ganir. Toby costumava fazer o mesmo quando precisava de

fazer chichi. Alice tentou ignorá-lo. Só queria ficar sentada à janela todo o dia. Mas quando ele começou a arranhar a porta com as duas patas, receou que alguém aparecesse. E também não queria que o pobre bicho fizesse chichi ali mesmo. Abriu-lhe a porta e ficou a vê-lo galopar lá para baixo, ladrando. Viu-o da janela quando ele dardejou lá para fora, correndo para cumprimentar cada uma das mulheres, farejando aqui e ali. Todas o afagaram afetosamente. Afinal não queria nada fazer chichi, o traidor.

Alice voltou a contar as mulheres. Desta vez estavam apenas nove a trabalhar lá fora. Procurou a de cabelo azul mas, incapaz de a distinguir das outras, desistiu e afastou-se da janela. Sentou-se na cama. O sol estava alto, e o quarto um forno. Que agradável devia ser estar lá em baixo, lá fora, correr pelo meio das fileiras de flores, ver os baldes alinhados dentro da cabana de madeira. Começou a abanar as pernas. Tamborilou com os dedos nas coxas.

Um forte ladrar à porta do quarto interrompeu-lhe os pensamentos. Harry entrou e lambeu-lhe a mão. Apesar de Alice o ignorar, sentou-se perto dela e olhou-a fixamente. Sem ganir. Sem abanar a cauda. Fixando-a apenas. Um momento depois, Alice abanou a cabeça. O cão levantou-se de um salto e começou a ladrar. Ela tentou sossegá-lo fazendo gestos com as mãos, mas ele não parava. Assim que ela se levantou, ele calou-se, finalmente. Dirigiu-se à porta e esperou. Quando viu que Alice o seguia, desceu as escadas. Ela parou no cimo dos degraus, hesitante. Uma sucessão de latidos subiu pela escadaria em espiral. Com um suspiro resignado, Alice decidiu descer.

O corredor ao fundo das escadas estava vazio. Lá em baixo, Alice viu a casa de banho onde tinha estado a lavar a cara, com June. Entrou em bicos de pés e parou logo à entrada. Numa prateleira mesmo à sua frente, junto a uma pilha de toalhas limpas, viu um conjunto de roupas novas. Cuecas, um par de calças caqui e uma camisa igualzinha às que as mulheres usavam para trabalhar. E no chão, um par de botas azul-bebé. Alice passou os dedos pelo couro suave e brilhante. Nunca tinha tido um calçado tão bonito. Aproximou a camisa do corpo. Era o tamanho dela. Encostou-a ao rosto, inalando o cheirinho a algodão lavado. Apressadamente, fechou a porta da casa de banho, abriu o chuveiro, e despiu-se.

De volta ao corredor, penteou-se com os dedos, estremecendo com a sensação de prazer e frescura das roupas novas, do profundo consolo de se sentir tão limpa; a água do duche saía completamente castanha, do pó que se lhe entranhara no corpo durante a viagem. Sentia na pele o cheirinho a sabonete. Olhou para um lado e para o outro do corredor. Ninguém à vista. Inibida e sem saber o que fazer a seguir, preparava-se para correr lá para cima para o quarto quando o som de pratos e talheres misturado com vozes de mulheres lhe captou a atenção.

Encostou-se à parede e seguiu o alegre tagarelar e as ocasionais risadas. No fim do corredor, para lá de outra porta de rede, um amplo terraço estendia-se ao longo das traseiras da casa. Escudada pela sombra, Alice espreitou por ela.

No terraço de trás, viu grupos de mulheres sentadas à volta de quatro mesas grandes. Algumas

estavam de costas para Alice, as caras de outras bloqueadas do seu ângulo de visão. Mas muitas estavam sentadas de frente para ela. Eram de várias idades. Uma delas tinha uma bonita e delicada tatuagem de azulões a cobrir-lhe o pescoço. Outra usava uns bonitos óculos de armação preta. Outra ainda usava uma trança com penas às riscas entrelaçadas no cabelo. Outra tinha os lábios belissimamente pintados de um vermelho garrido, apesar de ter a cara toda transpirada e suja de pó.

As mesas estavam cobertas por toalhas brancas, e sobre elas havia taças de salada, jarros de água com gelo e fatias de limão e lima, travessas de legumes grelhados, pratos fundos com quiches e tartes, tigelas com fatias de abacate e tacinhas com morangos. A cauda de Harry espreitava entre duas cadeiras, abanando de um lado para o outro. Alice avançou um nadinha. No centro de cada mesa estava um vaso cheio de flores até acima. A mãe tê-los-ia adorado.

– Estás aí.

Alice estremeceu de susto.

– As roupas novas ficam-te bem – disse June, surgindo atrás dela no corredor. Alice não sabia para onde olhar, optando por cravar os olhos nas botas novas. – Alice – chamou-a a avó, estendendo-lhe a mão como que a querer tocar-lhe na face. Quando Alice se retraiu, June retirou a mão, fazendo tilintar as pulseiras.

Ondas de riso ecoavam no terraço.

– Bom. – June olhou através da porta de rede. – Vamos lá almoçar. As Flores querem muito conhecer-te.

Lírio-baunilha



Significado: **Embaixador do amor**

Sowerbaea juncea | Austrália Oriental

Planta perene com raízes comestíveis, encontrada nas florestas de eucaliptos, bosques, charnecas e prados subalpinos. As folhas assemelham-se a relva e têm um forte odor a baunilha. As flores têm a textura do papel e vão do rosa-lilás ao branco, com um aroma doce a baunilha. Voltam a brotar depois de queimadas.

June abriu a porta de rede. O silêncio abateu-se sobre o grupo de mulheres. Ela voltou-se e fez sinal a Alice para que a seguisse.

– Meninas, esta é a Alice. Alice, estas são as Flores.

Os cumprimentos murmurados das mulheres vibraram sobre a pele da menina. Beliscou os punhos, tentando distrair-se da sensação de desconforto que sentia na barriga.

– A Alice é... – June fez uma pausa. – Minha neta. – Ouviram-se sons de regozijo e entusiasmo. June aguardou um momento. – Vem juntar-se a nós, aqui em Thornfield – declarou.

Alice estava curiosa quanto à mulher de cabelo azul, se estaria presente, mas não suficientemente curiosa para olhar diretamente fosse para quem fosse. Ninguém falou. Harry sentou-se em cima dos pés da menina, inclinando o corpo contra ela. Alice fez-lhe uma festa, visivelmente grata.

– Ok. – June quebrou o silêncio. – Vamos lá comer. Ah, não, esperem. – Perscrutou o grupo das mulheres. – Twig, onde está a Candy?

– Está mesmo a acabar. Disse para irmos comendo.

Alice seguiu a voz; vinha de uma mulher esguia, com uma auréola de cabelo escuro e um rosto claro e aberto. Sorriu para Alice de uma forma que lhe aqueceu a pele como se estivesse ao sol.

– Obrigada, Twig. – June assentiu. – Alice, esta é a Twig, é ela quem cuida das Flores e dirige

Thornfield.

Twig sorriu e acenou. Alice esforçou-se por lhe devolver o sorriso.

June continuou com as apresentações, dando a volta à mesa. Sophie era a dos óculos excêntricos. Amy, a das penas na cabeça. Robin, a do batom vermelho. E Myf, a da tatuagem dos azulões sobre a pele pálida do pescoço; quando sorriu e acenou para Alice, as asas mexeram-se. Alice foi ouvindo os nomes das outras Flores. Algumas – Vlinder, Tanmayi e Olga – ainda não tinha visto. As restantes – Francene, Rosella, Lauren, Carolina e Boo – pareceram-lhe familiares de histórias que ouvira. Boo era a pessoa mais velha que Alice jamais vira; a pele parecia pergaminho, gretada e engelhada como se fosse uma página viva arrancada de um livro antigo.

Assim que June terminou as apresentações, indicou a Alice o seu lugar à mesa. À volta dele estava uma bonita grinalda de flores amarelas, cada uma delas também em forma de coroa.

– As campainhas amarelas dão as boas-vindas a um estranho – disse June, tensa, enquanto se sentava ao lado de Alice. As mãos dela pareciam nunca parar de tremer. Alice enfiou os pés debaixo da cadeira. – Bom proveito, Flores – disse June, com um aceno que fez harmonias com as pulseiras.

Às suas palavras, o terraço ganhou vida. Taças e tigelas passadas de mão em mão, cubos de gelo a tilintar nos copos. O bater de talheres nos pratos, pinças a beliscarem fatias de beringela – tudo isto com os ocasionais latidos entusiasmados do cãozarrão. Por entre as bocas cheias, o alegre tagarelar do grupo de mulheres. Veio à mente de Alice a imagem de um bando de gaivotas na areia molhada a lançarem-se sobre um festim de crustáceos.

Manteve sempre o olhar baixo, vagamente ciente de que June falava para ela ao mesmo tempo que a servia de um pouco de tudo. Alice estava demasiado preocupada com a grinalda de flores amarelas para pensar em comer. *Boas-vindas a um estranho*. June era sua avó e guardiã, mas ela *era* uma estranha. Não obstante o calor, a menina sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Certificou-se de que ninguém estava a olhar e arrancou umas quantas florinhas da grinalda, que enfiou no bolso das calças.

Por fim, dedicou-se a estudar as mulheres sentadas em torno das mesas. Algumas tinham olhares tristes que humedeciam quando falavam. Outras, poucas, tinham o cabelo grisalho, como June. Sempre que cruzavam o olhar com o de Alice, sorriam e acenavam-lhe – como se a presença dela as deixasse felizes, como se Alice fosse algo que tivessem perdido e reencontrado. Observá-las, o modo como interagiam, tão em sintonia umas com as outras, era como ver uma coreografia encenada milhares de vezes. Alice lembrou-se de uma história que ela e a mãe tinham lido juntas sobre doze irmãs dançarinas que todas as noites desapareciam do seu castelo. Sentada no terraço, no meio daquelas mulheres que usavam a tristeza como se fosse um bonito vestido de baile, Alice sentiu que tinha adormecido e acordado dentro de uma das histórias da mãe.

Depois da mesa levantada e limpa, as Flores regressaram ao trabalho. June e Alice ficaram sozinhas no terraço das traseiras. A tarde melosa cheirava a terra quente e dura, e a protetor solar de

coco. À distância, ouvia-se o trinado das pegas e o cacarejar das kookaburras. Harry estava esparramado no chão, ao lado delas, empanturrado com os restos do almoço.

– Anda daí, Alice – disse June, esticando os braços preguiçosamente. – Vou mostrar-te a propriedade.

Alice seguiu-a pelos degraus em direção às fileiras de flores. Ao nível dos olhos eram mais altas do que pareciam vistas lá de cima. A sensação era muito semelhante à de estar no meio dos canaviais; de tal forma que Alice parou, momentaneamente confusa.

– Estes são os nossos jardins de flores – June apontou para a frente. – Na sua maioria são nativas. A economia de Thornfield sempre se baseou nisto, no comércio de flores nativas. – O discurso dela soou tenso e cáustico, como se falasse com uma fatia de limão na boca.

June caminhou até ao outro extremo dos campos, apontando para as estufas e os politúneis das traseiras, e para uma grande cabana de madeira no lado oposto, onde as Flores trabalhavam mais à tardinha para evitarem o calor.

– Para lá da quinta há uma mata que se estende até ao rio. O rio é... – A voz de June falhou.

Alice olhou para cima.

– O rio é outra história. Um dia destes conto-te. – Virou-se para Alice, que ficara subitamente distraída com a ideia de haver água por perto. – Tudo isto faz parte de Thornfield. Pertence à minha família há gerações e gerações. – Fez uma pausa. – À *nossa* família – corrigiu.



Numa tarde quente de verão, Alice sentou-se aos pés da mãe, entretida com um livro de contos de fadas, enquanto Agnes fazia o jantar. Os contos tinham já ensinado à criança que, relativamente à família, as coisas nem sempre eram o que aparentavam ser. Reis e rainhas perdiam os filhos como se fossem meias sem par, e só os encontravam muitos anos depois, já adultos, se os encontrassem. As mães podiam morrer, os pais desaparecer, e sete irmãos podiam transformar-se em sete anões. Para Alice, a família representava a história mais curiosa de todas. Por cima da sua cabeça, uma nuvem da farinha que a mãe peneirava caiu sobre as páginas do livro aberto. Alice olhou para cima e cruzou o olhar com o da mãe. *Mamã, onde está o resto da nossa família?*

Agnes ajoelhou-se ao lado dela, encostando-lhe imediatamente os dedos aos lábios. Os seus olhos dardejaram até à sala de estar, onde Clem ressonava baixinho. *Somos só nós os três, Coelhinha*, murmurou. *E sempre foi assim. Ok?*

Alice apressou-se a assentir. Conhecia demasiado bem aquela expressão no rosto da mãe, e sabia que não devia voltar a fazer a pergunta. Mas a partir desse dia, sempre que se via sozinha na praia com os pelicanos e as gaivotas, imaginava como seria se uma daquelas aves se transformasse de repente numa irmã há muito perdida. Ou numa tia. Ou numa avó.

– Por que não vamos até ao ateliê? – Sugeriu June. – Para veres as Flores a trabalhar.

Enquanto caminhavam por entre as fileiras de flores, Alice apercebeu-se de que havia muitas que ela não reconhecia. Até que, mesmo à sua frente, deparou-se com um arbusto de patas-de-canguru escarlates. E, um pouco mais à frente, campainhas brancas. Alice correu por entre as flores, procurando. Ali estavam elas, à sua direita; as cabeças fofas das florinhas do mirto-de-limão. Alice quase conseguiu sentir o cheiro a algas marinhas e ao açúcar verde dos canaviais. Sentiu um formigueiro nas pontas dos dedos só de recordar a superfície brilhante da sua secretária, sob o toque dela. O cheiro a cera e a papel sempre que abria o tampo, revelando as suas caixas de lápis de cera, lápis de cor e cadernos de exercícios. A mãe a passar diante da janela, afagando as suas queridas flores, falando naquela linguagem secreta que as unia: *Dolorosa lembrança, Amor desamparado, Prazeres da memória*.

Perguntas emaranhadas de recordações. A ansiedade de acordar todos os dias sem saber o que encontraria dentro de casa: a mãe alegre e bem-disposta, cheia de histórias para contar, ou o farrapo humano que não conseguia sequer levantar-se da cama. O medo, opressivo como a humidade, nos momentos que antecedia o regresso do pai a casa, o comportamento dele, tão imprevisível como uma tempestade ocidental. E depois, a expressão sorridente de Toby. Os olhos grandes, o pelo fofo, as orelhas espetadas e surdas. De repente, assomou-a uma pergunta que ainda não lhe ocorrera.

Teria Toby morrido?

Ninguém falara sobre Toby. Nem a Dra. Harris, nem June. O que lhe teria acontecido? Onde estaria o seu cão, exatamente? O que é que acontecia aos animais quando morriam? Restar-lhe-ia alguma coisa de tudo o que ela mais amava? Teria sido tudo culpa dela? Por ter acendido aquele candeeiro a petróleo na cabana do pai...

– Alice? – June chamou-a, protegendo os olhos do sol vespertino.

Um enxame de mosquitos esvoaçou em torno do rosto da menina. Ela enxotou-os com a mão, olhando para June, a avó que nenhum dos pais alguma vez mencionara. June, a sua guardiã, que a levara para longe do mar e para aquele seu estranho mundo de flores. Ela avançou para Alice e agachou-se, ficando ao nível dos olhos dela. Um bando de catatuas-de-peito-rosado guinchou por cima delas.

– Então?... – A voz de June soou terna, carregada de genuína preocupação.

Alice inspirou grandes golfadas de ar, tentando respirar normalmente. Doía-lhe o corpo todo.

June abriu os braços para ela. Sem a menor hesitação, Alice avançou para o calor do seu abraço. June pegou-a ao colo. Tinha uns braços fortes. A menina enterrou o rosto no pescoço da avó. A pele dela cheirava a sal, tabaco e hortelã-pimenta. Lágrimas grossas escorreram pelo rosto de Alice, vindas de um lugar dentro dela tão profundo e assustador como os sítios mais escuros do mar.

Enquanto June a levava ao colo de volta ao alpendre, subindo sem esforço os degraus de madeira, Alice olhou por cima do seu ombro. Desde os campos até à casa, viu um rasto de florinhas colhidas, caídas do bolso dela.



A cozinha de Thornfield encheu-se do canto das cigarras e da luz do crepúsculo. Candy Baby parou de lavar a loiça e debruçou-se sobre a janela para inspirar o ar do outono que trazia o aroma aguado a musgo e juncos, vindo do rio vizinho. Sentiu um forte arrepio na pele. June contara-lhe que provavelmente teria sido por volta daquela altura do ano que Candy nascera, mas onde e de quem, ninguém sabia. A data em que celebrava o aniversário correspondia à noite em que June e Twig a encontraram abandonada, enrolada num vestido de baile azul, flutuando dentro de um berço, numa charneca alagada de lírios-baunilha entre o rio e os campos de flores. Estavam ambas em casa e tinham acabado de deitar o pequeno Clem, na altura com dois anos, quando ouviram os berros dela. Quando o feixe da tocha de June a encontrou, e Twig se agachou para lhe pegar, Clem sorriu e bateu palminhas. Nessa noite o ar cheirava tanto a baunilha que June decidiu chamar-lhe Candy Baby. Quando, mais tarde, June e Twig se tornaram oficialmente suas tutoras legais, já se tinham habituado ao nome, por isso decidiram mantê-lo.

Mergulhou de novo as mãos no lava-loiça, olhando o céu riscado de índigo. Dentro das paredes de madeira e argamassa de Thornfield, os canos resmungavam sempre que se abria a água quente. Candy esvaziou o lava-loiça e secou as mãos num pano. Dirigiu-se à porta da cozinha e espreitou para o corredor. June estava sentada no chão, encostada à porta da casa de banho, com a cabeça para trás, os olhos fechados, os braços pousados nos joelhos, os dedos entrelaçados. Sob a luz pálida e ténue, as bochechas molhadas brilhavam como prata. Harry estava sentado ao seu lado, com uma pata por cima do pé dela, como sempre fazia quando a via triste ou preocupada.

Candy recuou para dentro da cozinha. Poliu as bancadas até ficarem resplandecentes. Enquanto as outras cuidavam das flores lá fora, a cozinha era o seu jardim – de onde floresciam festins e banquetes. Aos vinte e seis anos, não conseguia imaginar-se a fazer outra coisa senão cozinhar. Mas nada de muito requintado, claro, nada de pratos elaborados, em doses minúsculas. Candy cozinhava para alimentar a alma. O sabor e a quantidade eram de igual importância. Tornou-se a cozinheira residente de Thornfield assim que acabou o liceu e conseguiu convencer June de que era seguro lidar com facas. *Está-te no sangue*, dissera-lhe Twig, depois de uma dentada no primeiro bolo de mandioca que ela fizera, acabadinho de sair do forno. *É o teu dom*, observara June quando Candy lhe serviu os primeiros rolinhos chineses com *chutney* de manga caseiro, feito de fruta, ervas e vegetais cultivados na propriedade. E era verdade; quando ela cozinhava, era quase como se um conhecimento profundo e oculto lhe tomasse as mãos, os instintos, as papilas gustativas. Candy

prosperava na cozinha, estimulada pela ideia de que talvez a mãe tivesse sido uma chef famosa, ou o pai um pasteleiro de renome. Cozinhar parecia suavizar a ferida interior que lhe ardia sempre que pensava que isso eram coisas que ela jamais viria a saber.

A casa estremeceu quando os canos se calaram. Candy deixou de polir. Inclinou-se sobre a bancada, à escuta. Ouviu barulho no corredor e, segundos depois, o som da porta da casa de banho a abrir.

Era sempre difícil quando chegava alguém novo: outra mulher a precisar de um lugar seguro para dormir desenterrava pó e dolorosas memórias em todas quantas habitavam Thornfield. Mas aquela era diferente. Aquela era a filha de Clem. Que não falava. E pior, era da família de June – quando a história que todas conheciam de cor e salteado era que June não tinha família. *As flores são a minha família*, ouviam-na dizer frequentemente, com os braços abertos na direção dos campos e das mulheres sentadas à sua mesa.

Mas agora, o mito que rodeava a família de June fora desfeito. Uma criança tinha regressado.



Para enorme alívio de Alice, June deixara-a sozinha a tomar banho. Deixou que a água lhe escorresse pela cara. Desejou profundezas para onde pudesse imergir; água para mergulhar, suficientemente salgada para lhe fazer arder os lábios e fresca o quanto baste para lhe acalmar os olhos. Ali não havia mar para onde ela pudesse correr. Lembrou-se do rio e ansiou encontrá-lo. Seria na primeira oportunidade que tivesse, decidiu. Só a perspectiva já a animava, por pouco que fosse.

Alice esperou até ver a pele engelhada e só então fechou a torneira. O toalhão era grande e felpudo. Vestiu o pijama que June lhe dera e escovou os dentes. A escova era cor-de-rosa com princesas dos desenhos animados. A pasta tinha brilhantes. Eram ambas tão bonitas que, por um momento, Alice não teve a certeza se seriam reais ou de brincar. Lembrou-se da sua escova de dentes branca e com as cerdas gastas, guardada num frasco vazio de *Vegemite*, ao lado da mãe, na prateleira da casa de banho. Aquele recanto fundo e sombrio que havia dentro dela abriu-se de novo, e as lágrimas vieram. Quanto mais chorava, mais acreditava que tinha de facto parte do mar dentro de si.

Depois de pronta, saiu da casa de banho e seguiu June escada acima. Harry passou-lhes à frente, galopando alegremente.

– Eu sei que aparentemente o Harry só faz palhaçadas, mas não te deixes enganar – disse-lhe June com um piscar de olho. – Ele tem um poder mágico muito especial. Consegue farejar a tristeza.

Alice parou à porta, vendo o cão trepar para os pés da cama.

– Aqui, toda a gente trabalha, e o trabalho do Harry é esse; cuidar de quem estiver triste e ajudar essa pessoa a sentir-se de novo segura. – A voz de June adoçou. – E ele também tem uma linguagem

secreta, sabes. Por isso, se por alguma razão ele não perceber que precisas de ajuda, podes dizer-lhe que sim, que precisas. Queres aprender essa linguagem?

Alice mordiscou a pele junto à unha do polegar. Assentiu.

– Ótimo. Vai ser esse o teu primeiro trabalho, então. Aprender a *falar* na linguagem do Harry. Vou pedir à Twig ou à Candy que te ensinem.

A menina endireitou-se ligeirissimamente. Tinha uma tarefa!

June percorreu o quarto a fechar as cortinas que dançavam como saias esvoaçantes.

– Queres que te aconchegue os cobertores? – perguntou June, apontando para a cama de Alice. – Oh! – exclamou. Alice seguiu o olhar dela.

Na almofada da menina estava um pequeno tabuleiro retangular com um resplandecente *cupcake*, decorado com uma flor de açúcar azul-claro. Presa ao bolinho, uma estrela de papel dizia *COME-ME*. Ao lado, um envelope amarelado com o nome dela.

Um sorriso esgueirou-se por entre as dores interiores de Alice e subiu-lhe até ao rosto, aquecendo-lhe as bochechas. Correu para a cama.

– Boa noite, Alice – disse June, já da porta do quarto.

A menina dirigiu-lhe um breve aceno. Assim que a avó desapareceu, abriu ansiosamente o envelope. Lá dentro, numa folha a condizer, estava uma carta escrita à mão:

Querida Alice,

Aqui estão três coisas que eu tomo como certas.

1. Quando eu nasci, alguém – gosto de pensar que foi a minha mãe – envolveu-me num vestido de baile azul.

2. Existe neste mundo uma cor com o nome da filha de um rei, que usava sempre vestidos exatamente desse mesmo tom de azul.

As histórias que ouvi sobre ela fazem-me, por vezes, desejar ter sido sua amiga; fumava em público (numa época em que as mulheres não fumavam), uma vez saltou completamente vestida para dentro de uma piscina com o comandante de um navio, andava frequentemente com uma jiboia à volta do pescoço, e outra vez disparou contra postes telegráficos de um barco em andamento.

3. A minha história preferida é assim: era uma vez, numa ilha não muito longe daqui, uma rainha que subiu a uma árvore para esperar que o marido regressasse de uma batalha. Amarrou-se a um ramo e jurou ali ficar até ele voltar. Esperou tanto tempo que acabou por se transformar numa orquídea, que era a réplica exata do padrão do vestido azul que trazia.

Eis outra coisa que eu tenho a certeza de que é verdade:

No dia em que a June nos contou que ia ao hospital buscar-te, eu estava no ateliê a prensar

orquídeas azuis. Sempre as adorei por terem os centros da minha cor preferida: o mesmo tom de azul do vestido onde um dia me embrulharam. E também a cor favorita da filha rebelde de um rei. Uma cor chamada Alice Blue.

Bons sonhos, ervilhinha. Vemo-nos ao pequeno-almoço.

*Com amor,
Candy Baby*

A mente de Alice encheu-se de imagens de bebés recém-nascidos, mulheres rebeldes e vestidos azuis que se transformavam em flores. Subitamente esfomeada, pegou no *cupcake*, retirou o rebordo do papel de pasteleiro e cravou os dentes na deliciosa massa com sabor a baunilha.

Adormeceu com migalhas na cara, abraçando a carta de Candy junto ao coração.



Candy encheu de água uma velha lata de tomate para regar o recanto das ervas aromáticas atrás do lava-loiça. A fragrância a coentros frescos e manjerição envolveu a cozinha. Depois, levou quatro canecas para junto da chaleira. A tijela da sopa que June gostava de chamar de *chávena de café*, a caneca de campismo de esmalte lascada de onde Twig insistia em beber o seu chá, e a sua própria chávena de porcelana, com o respetivo pires, que Robin tinha pintado para ela com lírios-baunilha. A quarta caneca era lisa e mais pequena. Só de pensar no rosto de Alice, marcado pela dor, Candy ergueu o olhar para o teto, perguntando-se se a menina já teria encontrado o seu *cupcake*.

Estava a pendurar os panos da loiça quando June desceu as escadas e entrou na cozinha. O foco de luz que entrava pelo exaustor rodeou-lhe o rosto de sombras.

– Obrigada, Candy. Pelo *cupcake*. Foi a primeira vez que a vi sorrir. – June esfregou rudemente o maxilar. – É espantoso – disse ela, numa voz embargada pelas lágrimas –, como ela consegue ser tão parecida com os dois.

Candy assentiu. Fora precisamente por essa razão que ela própria ainda não se tinha sentido preparada para conhecer Alice.

– Amanhã podes voltar a tentar. Não é isso que sempre nos dizes?

– Não é assim tão fácil, pois não? – murmurou June.

Candy apertou-lhe o braço antes de sair da cozinha. Enquanto se dirigia ao quarto, ouviu atrás de si o rangido do armário das bebidas alcoólicas a abrir-se. Não se lembrava de ver June beber tanto desde que a polícia lhe viera trazer as notícias de Clem e Agnes. As pessoas arranjavam subterfúgios onde quer que fosse para encontrarem alívio; June encontrava o dela no fundo de uma garrafa de whisky. A sua própria mãe, Candy calculava, encontrava-o numa charneca de lírios-

baunilha. E Candy aprendera da pior maneira que a sua escapatória era a cozinha de Thornfield.

Fechou a porta do quarto e acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira, iluminando o compartimento com uma luz difusa. Praticamente tudo o que amava estava ali. O longo assento de janela, debaixo de dois grandes vidros. Os esboços botânicos de Twig, emoldurados na parede, todos com os lírios-baunilha como tema. Estavam todos datados, o primeiro era da noite em que Twig e June tinham levado Candy da charneca para casa. A um canto, a cadeira e a secretária, repleta de livros de cozinha. A cama, coberta pela colcha em croché, toda em folhas de eucalipto, uma prenda de Ness, uma antiga Flor, por altura do seu 18º aniversário. Alguns anos antes tinha chegado a Thornfield um postal, vindo de uma terreola algures no norte, onde Ness se dedicava a uma pequena plantação de bananas e anunciava ter comprado uma casa. Algumas mulheres, como Ness, chegavam a Thornfield, demoravam-se o tempo necessário para reunir forças, e depois partiam. Outras, como Twig e Candy, sabiam ter encontrado ali a sua casa permanente. Sentou-se na cama e abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, procurando o colar que tirava sempre que cozinhava. Enfiou-o pela cabeça e aproximou o pendente da luz. Um leque de petalazinhas de lírio-baunilha, preservadas em resina, com o rebordo de prata esterlina, numa bonita corrente entrançada em espiga. June fizera-a especialmente para lhe oferecer no seu 16º aniversário, pouco antes de Candy ter aberto a janela do quarto, numa noite de lua nova, esquivando-se pelas sombras, na esperança de conseguir fugir da perda que lhe despedaçara a alma.

Para dar o nome ao filho, June inspirara-se na *Clematis*, uma flor trepadeira em forma de estrela, e era precisamente isso que Clem representava para Candy à medida que ela ia crescendo – um rapaz cativante como uma estrela, um rapaz por quem se apaixonara perdidamente. Passava a vida atrás dele, e ele fingia-se irritado, ainda que olhasse constantemente por cima do ombro para ver se ela o seguia.

Candy dirigiu-se à janela e deixou que os olhos repousassem no trilho do extremo dos campos – que seguia em ziguezague por entre os arbustos até ao rio. Teria mais ou menos a idade de Alice quando June a deixara ir lá sozinha pela primeira vez. E Candy convencera-se mesmo de que estava sozinha enquanto corria pelo caminho sinuoso pelo meio das árvores. Mas, claro está, Clem jamais a teria deixado viver sozinha uma nova aventura. Assim que ela chegou ao rio, ele surgiu pendurado numa corda amarrada ao enorme eucalipto suspenso, aterrando dentro de água com um estrondo medonho, fazendo-a gritar de medo. Quando recuperou do susto, Clem levou-a para a casinha secreta que construía a partir de troncos, ramos, paus e folhas, numa pequena clareira junto ao secular eucalipto. Lá dentro tinha um saco-cama, uma lanterna, o seu canivete, uma coleção de pedras do rio e o seu livro favorito. Sentaram-se juntos, os joelhos tocando-se enquanto ele lia para ela, passando o indicador pela ilustração de Wendy a coser a sombra no Peter Pan.

Nós também estamos cosidos um ao outro, Candy, dissera-lhe. *E não vamos crescer nunca.* Abrira o canivete e olhara-a nos olhos. *Jura.*

Ela oferecera-lhe a polpa suave da palma da mão. *Juro*, dissera, arquejando ao sentir o golpe frio e perfurante.

Jura de sangue, dissera Clem num tom solene, golpeando a própria mão e juntando-a à dela, de dedos entrelaçados.

Candy passou a ponta de um dedo pela pequena e quase impercetível cicatriz na palma da mão.

Enquanto ela crescia, Clem foi de facto a mais brilhante estrela no céu de Candy. Mas quando ela fez catorze anos, tinha ele dezasseis, tudo mudou. No dia em que o Exército de Salvação levou Agnes Ivie para Thornfield. Clem empalideceu, tornou-se temperamental e os seus olhos deixaram de seguir Candy; estava totalmente fixado em Agnes. Ela era da mesma idade de Candy, e igualmente órfã. Chegara com raminhos de acácia entrelaçados no cabelo, uma cópia de *Alice no País das Maravilhas*, e olhos enormes de um azul profundo – que nos seguiam aonde quer que fôssemos, como num quadro. June pô-la logo a trabalhar, e Agnes dedicou-se às suas tarefas como se fossem uma batalha a vencer. Lá fora, nos campos de flores, trabalhava de sol a sol até fazer bolhas nas mãos, e depois até rebentarem e sangrarem. Trabalhava até os braços delgados cederem sob o peso dos baldes carregados com flores acabadas de cortar, transportados dos campos até ao ateliê. Estudou afincadamente o Dicionário de Thornfield. À noite sentava-se no quarto do sino e cantava à lua o que tinha aprendido sobre a linguagem das flores. Candy começou a seguir Agnes por onde quer que ela andasse, observando-a às escondidas enquanto ela trabalhava, estudando a rapariga que Clem mais amava. Seguia-a até ao rio e escondia-se nos arbustos enquanto Agnes pegava numa caneta e escrevia histórias na pele, perna acima, braço abaixo, antes de se despir e nadar nas águas verdes do rio até elas desaparecerem. Quando ouviu um ramo estalar, Candy viu que Clem também observava Agnes, como se estivesse a ver uma estrela caída do céu. Quando Candy reparou que ele tinha gravado os seus nomes, Clem e Agnes, no tronco do eucalipto gigante, percebeu que o tinha perdido. Não lhe restava senão assistir, impotente, enquanto todos em Thornfield caíam no feitiço de Agnes – sobretudo o seu Clem. Agnes parecia ter acordado algo dentro dele, qualquer coisa cruel. Nunca mais voltou a ser o mesmo com Candy.



Quando Clem e Agnes deixaram Thornfield, o despertar da fúria violenta nele e a enormidade da sua ausência, dilaceraram Candy. Andou com lascas nas mãos durante um mês, tal a violência com que raspou o nome de Agnes do velho eucalipto. Mas nada lhe atenuava a dor. Nem mesmo ter ela própria deixado Thornfield.

As memórias da noite em que fugiu eram ainda viscerais: o ardor nas pernas enquanto corria sob a luz do luar pelo meio dos arbustos até à estrada, seduzida pelas palavras de um amante que jurara estar ali à espera dela. Candy já se tinha escapulado até à vila algumas vezes para se encontrar com

ele, desde aquela tarde em que ele encostara o carro à berma da estrada, quando ela ia a passar, vinda da escola. Oferecera-lhe vodca e cigarros. Contara-lhe histórias do lugar de onde vinha, um autêntico paraíso junto à costa. Ia na viagem de regresso para lá quando decidira parar na vila. Perguntara-lhe se queria ir com ele. Prometera ensiná-la a nadar em pleno oceano, e arranjar-lhe uma casa com o seu próprio jardim. A sensação de liberdade que Candy experienciou na noite em que foi ter com ele à via rápida foi inebriante. Entrou no carro, ele acelerou e seguiram pela noite prateada, com destino a um sítio onde a dor dilacerante da ausência de Clem não chegaria. Mas, poucos meses depois, Candy percorreu o trilho de entrada de Thornfield com nada mais do que a roupa que tinha no corpo e a florinha do lírio-baunilha pendurada ao pescoço. June e Twig estavam sentadas no alpendre. Levaram-na para dentro, puseram um terceiro prato na mesa e não disseram uma palavra. O seu quarto estava exatamente como ela o deixara; Candy ficou literalmente esmagada por dentro ao vê-lo na mesma. June e Twig sabiam que ela se tinha comportado como uma idiota e que voltaria; viram o erro dela ainda antes de ela o cometer, pensando ter encontrado uma forma de escapar à dor.

Candy olhou para o teto, pensando de novo em Alice, a filha silenciosa de Agnes e Clem, apanhada no seu próprio mundo de recordações, peneirando-as, tentando entender o que acontecera à sua vida. Uns dias antes, Candy tinha ouvido inadvertidamente June contar a Twig a história da menina: Clem espancara-a até à inconsciência e o corpo prenhe de Agnes revelara hematomas que denunciavam uma história semelhante. Que tipo de cobarde seria capaz de uma coisa daquelas? Em que tipo de besta ele se transformara? E o que seria feito do filho bebé de Clem, o irmãozinho de Alice?

Afastou as perguntas da sua mente. Passou o polegar pelo pendente, centrando-se no significado do lírio-baunilha: *embaixador do amor*. Desde que a bisavó de June, Ruth Stone, criara um horto a partir de um terreno de terra seca, no século XIX, o lema de Thornfield nunca se alterara: *Onde brotam flores silvestres*. Era a única coisa que Candy e todas as mulheres que vinham ter com June sabiam ser uma verdade absoluta.

Enquanto se preparava para dormir, Candy questionou-se se Alice já teria percebido, ainda que levemente, que independentemente do lugar de onde vinha e do que quer que lhe tivesse acontecido, aquela era a sua casa.

Beladona violeta



Significado: **Fascinação, feitiçaria**

Solanum brownii | Nova Gales do Sul

Um elemento da família da beladona, frequentemente venenosa. No folclore, é geralmente associada à morte e a fantasmas. O nome em latim vem de solamen, que significa «acalmar» ou «confortar», referindo-se às propriedades narcóticas de certas espécies. As larvas de algumas borboletas e traças alimentam-se delas.

De um salto, Alice ergueu-se na cama, com convulsões. Tinha a pele alagada em suores frios. No seu sonho, cordas de fogo tentavam sufocá-la. À medida que sentiu o calor na cara abrandar, deitou-se para trás sobre a almofada húmida e apertou os olhos para protegê-los da luz da manhã. A carta de Candy estava ao seu lado, amarrotada. Alice pegou nela e deslizou o indicador pela bonita caligrafia em espiral. O sonho de fogo daquela vez fora diferente. Era azul. A cor do nome dela, do cabelo de Candy, e do vestido de uma mulher cuja dor transformara numa orquídea.

Tentou estancar as lágrimas, mas elas teimavam em sair, o que não passou despercebido a Harry. O cão entrou no quarto com a coleira a tilintar e encostou o focinho molhado ao joelho da menina. A enormidade do tamanho dele fazia-a sentir-se segura.

A menina fechou os olhos e pressionou-os com a ponta dos dedos, com força, até doer. Quando os abriu, tinha a visão turva e cheia de estrelas negras. Enquanto recuperava a nitidez, notou que alguém tinha estado no quarto e deixado na secretária um conjunto de roupas lavadas e um tabuleiro. Harry lambeu-lhe a cara. Alice sorriu-lhe e levantou-se.

Nas costas da cadeira estavam uns calções e uma t-shirt. Na secretária, alguns pares de meias e cuecas cuidadosamente dobrados. E as botas arrumadinhas no chão. Também teve direito a um chapéu de abas largas e a um pequeno avental – igual aos que as Flores usavam – com o seu nome

bordado no bolso a azul-celeste. Passou o dedo pelas letras bordadas. Eram da cor que imaginara o vestido da rainha, na história favorita de Candy. A ideia de alguém esperar tanto tempo pelo regresso de um amor ao ponto de se transformar noutra coisa, fez-lhe doer a cabeça.

Pegou numa fatia de pêssigo do tabuleiro e meteu-a à boca. O sumo doce fez-lhe doer as bochechas. Depois de comer outra fatia, limpou a mão às calças do pijama e pegou na t-shirt. Era daquele tipo de algodão que parecia já ter sido usado milhares de vezes. A mãe tinha uma muito parecida, e Alice adorava vesti-la para dormir, principalmente porque tinha o cheiro da mãe.

– Bom dia.

June surgiu à porta do quarto. Harry fungou alegremente. O cabelo de Alice tapava-lhe a cara mas ela não fez qualquer gesto para o colocar atrás das orelhas enquanto June retirava – mais uma vez – os lençóis molhados da cama, levando-os para baixo sem dizer uma palavra. Voltou a entrar pouco depois, levemente ofegante, trazendo uma muda de lençóis lavados. Alice sentiu a vergonha ruborizar-lhe as faces. Encostado a ela, Harry lambeu-lhe as lágrimas. Os joelhos de June estalaram quando ela se acorou junto da menina.

– Não vai ser assim para sempre, Alice – descansou-a. – Prometo. Sei que estás a sofrer, e sei que tudo para ti é novo e assustador. Mas este sítio vai cuidar de ti, se lhe deres uma oportunidade.

Alice levantou a cabeça e olhou para June. Pela primeira vez os olhos da mulher não estavam distantes, perdidos no horizonte. Estavam ali, próximos e completos, focados nela.

– Sei que neste momento tudo te parece horrível e estranho, mas vai melhorar. Aqui estás segura, ok? Não voltarão a acontecer-te coisas más.

Quanto mais tempo Alice olhava para June, mais rápido lhe batia o coração. Fechou os olhos com força. Sentia cada vez mais dificuldade em respirar.

– Alice? Sentes-te bem? – A voz de June começou a soar longe, cada vez mais longe. Nervoso, o cão começou a andar em círculos à volta delas, ladrando.

Alice abanou a cabeça. As memórias começaram a separar-se, bem no fundo do seu ser. Antes de Thornfield, antes do hospital, antes do fumo e das cinzas. Mais para trás, mais para trás...

Dentro da cabana do pai.

As figuras esculpidas de uma mulher e de uma criança com flores.

Os lábios de June moviam-se, mas Alice não a ouvia. Tudo lhe soava como se estivesse debaixo de água, flutuando e afundando-se ao mesmo tempo, olhando para cima, para June, através do filtro do mar. O rosto da avó pareceu nadar na visão de Alice, à exceção de um momento fugaz em que lhe surgiu perfeitamente nítido.

Finalmente Alice reconheceu-a.

June: as expressões, o cabelo, a postura, o sorriso. Alice já os tinha visto antes.

Respirou com dificuldade.

June era a mulher que o pai esculpira uma e outra vez na sua cabana.



No vestíbulo, June tirou o seu *Akubra* do gancho, enfiou-o na cabeça e pegou nas chaves que estavam em cima do aparador. Correu lá para fora, desceu os degraus do alpendre, os olhos reagindo à luz forte da manhã, enquanto se apressava para a carrinha. Abriu a porta e ficou espantada por ver Harry já lá dentro. Ainda há segundos estava lá em cima com Alice, mas agora ali estava ele, sentado no seu lugar, atento, com a cauda enrolada entre as pernas da frente, olhando-a fixamente.

– Más tu és mágico ou quê? Pareces o Houdini – murmurou June, incrédula. – Nunca paras de me surpreender. – Afagou-lhe as enormes orelhas. Ao entrar para a carrinha, sentiu uma onda de suores frios ao recordar a expressão no rosto de Alice, lá em cima; o reconhecimento estampado bem no fundo dos olhos da menina. Tentou acalmar-se, controlar o tremor das mãos, e só ao fim da terceira tentativa é que conseguiu enfiar a chave na ignição. Levou a mão ao bolso do casaco e sacou da garrafinha de whisky para um gole rápido.

– June! – ouviu Twig chamá-la da porta da frente.

Guardou rapidamente a garrafa no bolso. O whisky queimou-lhe as entranhas.

Twig correu para a carrinha e ficou em frente à janela de June, aguardando. Não tinham trocado mais do que umas frases, curtas e de circunstância, desde que Alice chegara. June suspirou, preparando-se para a eterna e recorrente discussão – que já se tornara numa daquelas que, das duas uma, ou acabava uma relação ou a fortalecia. Tinham tido já uma série de arrufos ao longo dos anos, e ali estavam elas, a um passo de outro, mas sempre unidas. Como é suposto acontecer numa família.

Quando June abriu a janela, Twig deu um passo para trás e amaldiçoou-se por não ter consigo pastilhas para o hálito.

– Ela está bem – disse Twig, passado um momento. – Está a descansar na sala de estar, com a Candy.

June assentiu.

– Liguei para o hospital.

– Claro, estava-se mesmo a ver – disse June, mal-humorada.

Twig ignorou-a.

– A enfermeira, uma tal de Brooke, disse que tudo indica ter sido um ataque de pânico. A Alice precisa de descansar, de companhia e de um olho atento. E também precisa de terapia, June. – Twig apoiou as mãos na janela aberta. – Ela precisa de falar com alguém.

June abanou a cabeça.

– Toda a gente precisa de um lugar a que chame seu, e de alguém a quem pertencer, June. – A voz de Twig mal se ouviu, sob o rugir do motor da carrinha.

June sorriu com ar de troça, mas Twig sabia o que estava a fazer, repetindo as mesmíssimas

palavras que June lhe dissera anos atrás, quando ela própria chegara a Thornfield. Mas June não se deixava manipular. Engatou a primeira.

– Vou matriculá-la na escola. Esse é o lugar a que pertencem as meninas da idade dela – declarou. Twig recuou, apanhada de surpresa.

Ao afastar-se, June sentiu-se esmagada pelo peso das palavras de Twig. O que raio estava ela a fazer, afinal, assumindo a responsabilidade pela filha do seu próprio filho? Quem era ela senão apenas a *familiar mais próxima* num formulário? Aquela centelha de reconhecimento nos olhos da menina, naquela manhã, não lhe saía da cabeça. E a pergunta não deixava de a atormentar: como é que Alice reconheceria a cara dela?



Alice deitou-se no sofá em frente às janelas e ficou a ouvir o barulho do motor da carrinha a afastar-se. Estava ainda a tentar reunir todos os pedaços de informação: as estatuetas na cabana do pai eram de June. June era a avó dela, mas era também a mãe do pai. Por que razão Alice nunca a conhecera antes? Não podia ser por o pai não amar June; que outra razão haveria para ele passar tanto tempo a esculpir estátuas dela? Alice suspirou, afundando-se mais no sofá. O canto estridente de uma pega entrou pela janela. A menina fechou os olhos e ficou a ouvir. O tiquetaque do relógio do avô. O lento bater do seu coração. A respiração regular.

Depois de June a ter levado ao colo até à sala, deixando-a aos cuidados de Twig, saíra de casa e não voltara a entrar. Twig preparara-lhe uma bebida doce que a fizera sentir-se como chocolate deixado ao sol. Os olhos insistiram em fechar-se, e quando a menina os abriu de novo, Twig já lá não estava. Mas, no lugar dela estava Candy Baby, com o seu longo cabelo azul – como ondas de fios de lã do reino das fadas.

– Olá, ervilhinha – disse Candy, com um sorriso radioso.

Alice deixou-se maravilhar pela visão do cabelo dela, o *gloss* brilhante nos lábios, o verniz verde-menta já meio lascado, e os brincos de esmalte em forma de *cupcakes* que lhe pendiam das orelhas.

– Gosto muito de ver uma corzinha nessa cara bonita, minha flor. – Candy pegou-lhe na mão e apertou-a levemente. Sem saber como reagir, Alice manteve o olhar fixo nela. – Estou a fazer biscoitos – prosseguiu a mulher do cabelo azul. – São para o lanche da manhã, mas preciso de alguém que os prove antes de os servir. Será que me podes ajudar?

Alice assentiu com tal vigor que Candy não conteve uma sonora gargalhada vinda da barriga.

– Ena, ena, que coisa mais linda, esse sorriso! – Candy pôs uma mecha de cabelo de Alice atrás da orelha. – O mais bonito que eu já vi em Thornfield – acrescentou. Alice estremeceu. A mãe era a única pessoa que lhe dizia que o seu sorriso era bonito.

Enquanto esperava pelos biscoitos, Alice tamborilou com os dedos na barriga. A luz do sol era espessa, feixes luminosos insinuavam-se por entre a manta de retalhos formada pelas gigantescas folhas tropicais junto à janela. O odor a tabaco misturava-se com baforadas doces vindas da cozinha. De vez em quando, o suave cantarolar de Candy flutuava até à sala.

Por fim, Alice ouviu passos vindos da cozinha, trazendo com eles uma lufada quente com aroma a melaço. A menina esforçou-se por se endireitar.

– Não, ervilhinha. Descansa. – Candy arrastou até ao sofá uma pequena mesa de apoio onde pousou um prato de biscoitos Anzac e um copo de leite gelado. – Descanso. Com um maminho.

Alice pegou num biscoito acabado de sair do forno. Apertou as extremidades entre o polegar e o indicador. Firme. Pressionou o centro da mesma maneira. Fofó e húmido. Olhou para Candy, maravilhada.

– Oh, mas é claro! Estaladiços por fora, fofos por dentro. É assim que devem ser, digo eu – comentou Candy com um gesto firme de cabeça. Nesse momento, Alice adorou-a. Deu a maior dentada que conseguiu no biscoito.

– Tens as bochechas tão cheias que pareces um hamster – riu-se Candy.

A porta de rede abriu-se e ouviram-se os sons de alguém a entrar e a esfregar as botas no capacho do vestíbulo. Um momento depois, Twig apareceu na sala de estar, o sobrolho franzido de preocupação. Assim que viu Alice e Candy, o seu rosto relaxou.

– Chegas na altura certa, Twiggy Daisy. És servida? – Candy estendeu-lhe o prato. Twig olhou para Alice com uma expressão interrogativa. Ao vê-la assentir com um sorriso tímido, comentou:

– Quem sou eu para recusar um convite destes? – Serviu-se de um biscoito e saboreou-o. – Hmm... És uma alquimista, Candy.

Alquimista. Alice tomou uma nota mental para procurar a palavra no dicionário.

– Estou a ver que o chá de camomila e mel fez milagres, Alice. Sentes-te melhor, não? – perguntou-lhe Twig com um sorriso carinhoso. A menina respondeu que sim com a cabeça. – Ótimo. Isso é muito bom.

– Onde foi a June? – perguntou Candy, mas logo a seguir desejou não o ter feito.

– A June... ah... foi à vila tratar de umas coisas. – Twig lançou um olhar assassino à amiga e mudou rapidamente de assunto. – Está tudo pronto para as Flores virem tomar o lanche da manhã?

– Já está tudo na mesa do terraço de trás: bules de chá e de café e uma travessa de biscoitos – disse Candy.

– Ótimo. Então... – Twig foi interrompida pelo buzinar de um carro, seguido do resvalar de pneus à entrada da casa. Esticou o pescoço para espreitar lá para fora.

– É a Boryana, veio receber. Posso levar-lhe um biscoito? – Twig tirou dois biscoitos do prato, depois mais um que levou entre os dentes, sorrindo. Desapareceu no corredor para voltar um momento depois com as botas calçadas. – Meu Deus, são bons como o pecado, Candy. Vou dizer às

Flores para virem comer, sim? – Candy assentiu. Twig voltou-se para sair mas hesitou. – Olha lá, por que não mostras o ateliê à Alice, se ela concordar? – sugeriu. – É melhor agora, enquanto as Flores não estão lá. Vemo-nos mais logo, meninas. – Twig acenou e saiu.

– A Boryana também é uma Flor, a única que não vive cá – explicou Candy a Alice. – Ela e o filho vivem do lado de lá da vila. Mas a Bory vem todas as semanas e deixa Thornfield um brinco. Ela é búlgara e absolutamente fantástica.

Alice perguntou-se o que significaria “búlgara”. Talvez uma espécie de flor?

– Então é assim: eu vou a correr buscar a tua roupa e as tuas botas, depois tu vestes-te e vamos ver o ateliê. O que achas? – perguntou Candy. – E se te apetecer, posso apresentar-te a Boryana.

Alice concordou. Apetecia-lhe fazer qualquer coisa, desde que fosse na companhia de Candy Baby.

Enquanto Candy foi lá acima, Alice dirigiu-se à janela para tentar perceber o que era uma «búlgara». Lá fora, à conversa com Twig junto a um carro velho e cheio de mossas, estava uma mulher com braços fortes e bronzeados, longo cabelo preto e batom vermelho-vivo. Riam-se as duas. Mas não foram as mulheres que captaram a atenção de Alice. Foi o rapaz sentado no banco da frente do carro.

Alice nunca tinha estado tão próxima de um rapaz.

Só conseguia vê-lo de perfil, a maior parte do qual estava tapado por uma melena loirinha e desgrenhada. Caía-lhe para a cara, tal como acontecia com o dela. Olhava para baixo, para algo que tinha nas mãos. A menina perguntou-se como seriam os olhos dele. O rapaz mudou de posição e ergueu o livro que estava a ler, apoiando-o na janela. Um livro!

Como se tivesse ouvido o bater do coração dela, o rapaz olhou para cima – e diretamente para ela. Algo de estranho atingiu o corpo de Alice. Deixou de conseguir mexer os braços e as pernas, como se tivesse ficado congelada ali mesmo. Olhou para ele, de detrás da janela. Lentamente, ele levantou a mão. Estava a acenar-lhe. Embasbacada, Alice ergueu a mão e acenou de volta.

– Estás pronta?

Alice voltou-se de repente. Candy trazia as roupas dela debaixo de um braço e as botas azuis penduradas pelos atacadores. A menina acenou com a cabeça. Sentia-se esquisita por dentro, como se lhe tivessem remexido os órgãos, arrumando-os depois nos sítios errados.

– O que foi? – perguntou Candy, aproximando-se dela. Alice voltou-se para a janela e apontou, mas Boryana já se tinha afastado com o filho no carro poeirento.

– Oh, deixa lá, ervilhinha, podes conhecê-la noutro dia.

Alice pressionou as mãos contra a janela, ficando a ver a poeira assentar.



Alice seguiu Candy, passando pelo dormitório onde viviam as Flores. Quando chegaram ao ateliê, pararam em frente à porta coberta de hera. Candy afastou as folhas para o lado, tirou um molho de chaves do bolso e enfiou uma na fechadura.

– Pronta? – perguntou, sorrindo. A porta abriu-se.

Ficaram ambas à entrada do ateliê. O sol da manhã aquecia-lhes as costas, mas o ar condicionado do interior provocou um súbito arrepio na menina. Esfregou os braços, lembrando-se do rapaz que lhe acenara.

– Mas que grande suspiro – comentou Candy, de sobrolho erguido. – Estás bem?

Alice queria muito falar, mas tudo o que lhe saiu foi outro suspiro.

– Sabes, acho que as pessoas dão demasiada importância às palavras – disse Candy, pegando na mão da menina. – Não concordas?

Alice assentiu. Candy deu-lhe um apertão amistoso antes de a largar.

– Vamos. – Manteve a porta aberta para ela passar. – Anda daí ver isto.

Entraram. A primeira metade do ateliê estava coberta de bancadas, pilhas de baldes, uma fileira de lavatórios, e outra de armários-refrigerados encostada à parede. As prateleiras tinham ferramentas, rolos de redes e toda uma parafernália de frascos e pulverizadores. De ganchos nas paredes pendiam chapéus de abas largas, aventais e luvas de jardinagem – debaixo dos quais se exibia uma fileira certinha de botas de borracha – como uma fila invisível de soldados-das-flores, atentos e prontos para a luta. Alice voltou-se para as bancadas. Cada uma tinha ainda mais prateleiras em baixo, cheias de tubos e recipientes. O ateliê cheirava a terra fresca.

– É para aqui que trazemos as flores, depois de as colhermos dos campos. Cada uma delas é minuciosamente verificada antes de sair. Têm de ser perfeitas. Temos encomendas de todos os cantos do mundo; as nossas flores são expedidas para perto e para longe, para floristas, supermercados, estações de serviço e mercados. São usadas por noivas, viúvas, e... – A voz de Candy vacilou. – Recém-mamãs. – Passou as mãos por uma das bancadas. – Não achas mágico, Alice? As flores que nós criamos falam em nome das pessoas que não conseguem exprimir-se através das palavras, em praticamente todas as ocasiões de que te possas lembrar.

Alice imitou os movimentos de Candy, passando as mãos pela bancada. Quem eram as pessoas que enviavam flores em vez de palavras? Como podiam meia dúzia de flores dizer as mesmas coisas que as palavras? Como seria um dos seus livros, composto por milhares de palavras, se fosse feito de flores? Lembrou-se que nunca vira a mãe receber flores de ninguém.

Baixou-se para inspecionar as cubas de aparadores e corta-ramos, novelos de fio e corda, e pequenos baldes cheios de canetas e marcadores de todas as cores, por baixo das bancadas. Tirou a tampa de um marcador azul e cheirou-o. Nas costas da mão desenhou um *E*. Um momento depois, escreveu: *s-t-o-u a-q-u-i. Estou aqui.* Ao ver Candy aproximar-se esborratou o que escrevera.

– Psiu, Alice Blue... – Candy espreitou sobre a bancada onde Alice estava agachada. – Segue-

me.

Passearam entre as bancadas, passando pelos lavatórios e refrigeradores até ao outro lado do ateliê – que estava montado como um estúdio de arte. Secretárias cobertas por telas brancas, repletas de latas de tinta e frascos com pincéis. A um dos cantos havia cavaletes, bancos, e uma caixa cheia de tubos de tinta. Noutra secretária, rolos de película de cobre, pedacinhos de vidros coloridos e uma miríade de pequenas ferramentas. No momento em que Alice chegou a uma zona isolada nas traseiras do estúdio, já se tinha esquecido do rapaz. Esquecera-se de June e das estátuas do pai. Estava demasiado envolvida em tudo aquilo que estava mesmo ali à sua frente.

– Que tal? – quis saber Candy.

De uma estrutura de madeira, tipo moldura, pendiam dúzias de flores nas mais variadas fases de secagem. Uma longa bancada fora colocada ao lado da parede improvisada. Sobre ela estavam pousadas ferramentas, panos e trapos escurecidos pelo uso, e pétalas secas de flores, espalhadas, descartadas como roupas deixadas à beira-mar. Alice pressionou as mãos sobre a superfície de madeira, lembrando-se das mãos da mãe acariciando as flores do seu jardim.

No extremo da bancada, sobre uma folha de veludo estendida repousavam pulseiras, colares, brincos e anéis, todos decorados com flores em resina prensada.

– Este é o cantinho da June – esclareceu Candy. – É aqui que ela faz magia a partir das histórias sobre as quais Thornfield foi construída.

Magia. Alice ficou em frente às peças de joalharia, cada uma delas captando a luz ambiente.

– É aqui que a June cuida de cada uma das flores. – Candy pegou numa pulseira; o pendente continha uma pétala cor de pêssogo. – Ela seca e preserva cada uma das pétalas, molda-as em resina líquida, e por fim sela-as em prata. – Candy voltou a colocar a pulseira no seu lugar. Alice estudou o arco-íris de outras flores, prensadas em pendentes de colares, brincos e anéis. Cada uma delas era selada para sempre; congelada no tempo e, ainda assim, cheia de cor e de vida. Nunca ficavam castanhas, nem se desfaziam. Nunca apodreciam, nem morriam.

Candy aproximou-se dela.

– No tempo da Rainha Vitória, as pessoas na Europa falavam a linguagem das flores. É verdade. Os antepassados da June – os *teus* antepassados, Alice – mulheres que viveram há muito, muito tempo, foram trazendo a linguagem das flores através do oceano, vindas de Inglaterra, geração após geração, até Ruth Stone a trazer precisamente aqui para Thornfield. Dizem que durante muito tempo não usou a linguagem das flores, até ao dia em que se apaixonou. Só que a sua linguagem das flores era diferente da original: Ruth só incluía na sua linguagem as flores que o seu amado lhe oferecia – Candy calou-se. Tinha o rosto vermelho e afogueado. – Enfim... – disfarçou.

Ruth Stone. Sua antepassada. Alice sentiu as bochechas inflamarem-se de curiosidade. Apetecia-lhe enfiar um anel em cada dedo, apertar junto ao peito os pendentes dos colares, enfiar as pulseiras nos braços e levar os brincos às orelhas por furar. Queria muito usar aquela linguagem secreta das

flores, que dissesse por ela todas as coisas que a sua voz não conseguia.

Na outra ponta da bancada estava um pequeno livro feito à mão. Alice pegou-lhe. A lombada quebrada já tinha sido arranjada várias vezes, cosida com uma série de fiadas vermelhas. A capa estava escrita à mão, numa caligrafia dourada esbatida, e ilustrada com flores vermelhas que pareciam rodas de fiar. *A Linguagem das Flores Nativas Australianas de Thornfield*.

– A Ruth Stone era a tua tetravó – disse Candy. – E este era o dicionário dela. Ao longo dos anos, as mulheres que descenderam de Ruth foram aprimorando a linguagem à medida que cultivavam as flores, aqui em Thornfield. – Passou a ponta do polegar pelas extremidades das páginas espessas e velhas. – Este livro está na família da June há gerações. Na *tua* família, aliás – corrigiu.

Alice passou um dedo pela capa. Queria muito abri-lo, mas não tinha a certeza se estaria autorizada. Arriscou. As páginas surgiram-lhe amareladas e salientes em ângulos estranhos. Nas margens, muitas notas escritas à mão. Alice pôs a cabeça de lado. Só conseguiu ler algumas palavras: *Escura. Ramos. Ferida. Fragrância. Borboletas. Refúgio*. Era o livro mais fantástico que ela já tinha visto.

– Alice – Candy baixou-se para ficar ao nível dos olhos da criança. – Já alguma vez tinhas ouvido esta história? Sobre a Ruth Stone?

Alice abanou a cabeça.

– Sabes alguma coisa acerca da tua família, ervilhinha? – perguntou-lhe Candy, docemente. – Sem perceber porquê, Alice sentiu uma onda de vergonha que a fez virar a cara. Voltou a abanar a cabeça.

– Oh, és uma menina cheia de sorte – comentou Candy, com um sorriso triste.

Alice olhou para ela, confusa. Limpou o nariz às costas da mão.

– Lembras-te da Alice Blue, a mulher de que te falei na minha carta, a filha de um rei?

Alice assentiu.

– A mãe dela também morreu quando ela era muito novinha. – Candy pegou-lhe na mão. – Ficou despedaçada e mandaram-na para longe, para viver com uma tia no seu palácio repleto de livros. Mais tarde, quando já era crescida, a Alice Blue disse que o que a salvou foram as histórias que a tia lhe contou e aquelas que ela leu nos seus livros.

Alice imaginou Alice Blue, uma bonita donzela envergando o seu vestido-assinatura, a ler sob a luz ténue de uma janela.

– És uma menina cheia de sorte por teres descoberto este sítio, e com ele a tua história, Alice. Que sorte teres a oportunidade de saber e aprender de onde vieste e a quem pertences. – Candy voltou a cara para o lado. Um momento depois, limpou o rosto. Ao fundo, ouvia-se o ruído do ar condicionado. Alice observou o velho livro, sonhando acordada com as mulheres que também o teriam lido, quem sabe segurando um molhinho de flores silvestres enquanto adicionavam um novo termo à sua linguagem secreta.

Alice sentiu as pernas contraírem-se por estar parada há tanto tempo. Candy voltou-se para ela e

fez-lhe uma pergunta que a inundou de entusiasmo.

– Queres que te mostre o caminho até ao rio?

Caixa de espinhos



Significado: **Adolescência**

Bursaria spinosa | Austrália Oriental

Árvore pequena ou arbusto com casca cinzenta escura sulcada. Ramos lisos, mas com armações interiores espinhosas. As folhas, quando esmagadas, libertam uma fragrância a pinho. As flores são brancas, em forma de estrela e de aroma adocicado, e florescem no verão. Fornece néctar às borboletas e constitui um abrigo seguro para pequenas aves. A sua intrincada arquitetura de espinhos é muito procurada por numerosas espécies de aranhas para a construção de teias.

Alice protegeu os olhos do sol. Embora o outono tivesse já arrefecido as noites, os dias continuavam abrasadores. Candy afastou a hera, trancou a porta do ateliê e deixou que as folhas verde-escuras caíssem de novo sobre a porta. No terraço de trás, as Flores tinham acabado o lanche da manhã e dedicavam-se agora a levantar a mesa. Candy chamou Myf, a da tatuagem dos azulões, e perguntou-lhe as horas. Quando esta respondeu, voltou-se para Alice com a expressão alterada. A menina sentiu um baque no coração.

– Oh, ervilhinha, desculpa. Já é muito mais tarde do que eu pensava. Ainda tenho de tratar do almoço, as Flores não passam sem ele. Mas eu levo-te ao rio noutra altura, sim?

Alice perscrutou-lhe o rosto.

– Não, não olhes para mim assim. Por favor. Não posso deixar-te ir sozinha.

Alice manteve o olhar fixo nela.

– Raios... – murmurou Candy entredentes. – Ouve, mas tens de me prometer que vais ter o maior cuidado do mundo. Do. Mundo. – Franziu a testa. – E só se me prometeres que voltas num instante. Dás uma olhadela ao rio e corres para casa. Estou a falar a sério.

Alice assentiu com veemência.

– E mais uma coisa: não podes contar à June nem à Twig que eu te deixei ir ao rio sozinha, e logo na primeira vez que fiquei a tomar conta de ti.

Alice ergueu as sobrancelhas.

– Ah, claro. Isso não vais fazer. – Candy cruzou os braços. – Ok, Alice Blue – rendeu-se, sorrindo na mesma. – Podes ir sozinha até ao rio e explorar as redondezas. Mas não me desiludas, ok? As segundas oportunidades não abundam por estas bandas.

Alice correu para Candy e abraçou-se à cintura dela. *Confio em ti.*

Durante os dez minutos seguintes Candy repetiu-lhe uma e outra vez o caminho até ao rio: vais até ao trilho que há no fim dos campos de flores. Segue-lo sempre, pelo mato e até ao rio. Não saias do trilho. Não entres no rio. Não tentes atravessar o rio. Não faças nada que não seja seguir o trilho até ao rio.

Depois de Alice ter assentido, palavra por palavra, *três vezes*, Candy deu-se por satisfeita.

– Ok, pronto – disse. – Vou tratar do almoço. Até já, ervilhinha.

Alice hesitou, nem acreditava que estava autorizada a ir até ao rio. No último degrau do alpendre, Candy voltou-se. *Vai*, articulou com um sorriso, enxotando Alice com as mãos.

E lá foi ela, na direção dos campos de flores, com as orientações de Candy retinindo-lhe nos ouvidos. Não parou, não olhou para trás, nem hesitou. Se a voz dela funcionasse, teria lançado a cabeça para trás e soltado um grito de triunfo. Não tirou os olhos do trilho branco e poeirento do extremo do jardim, que cortava para o interior da floresta. *Para o rio*, cantou para si mesma. Para o rio.

Assim que se sentiu envolvida e protegida pelos arbustos, Alice abrandou a passada. Uma luz sarapintada caía pelo arvoredado e espalhava-se aos seus pés. Grilos e ferradores cantavam numa sinfonia à qual se juntava o ocasional coaxar de uma rã. Alice olhou para os eucaliptos nodosos por cima dela, ramos e folhas sussurrando ao vento. Borboletas-monarca esvoaçavam sobre arbustos de algodão selvagem. Parou para observar as rochas cobertas de líquen, os caracóis peludos dos botões das samambaias, os canteiros naturais de flores silvestres de aroma adocicado. O ar estava impregnado de um cheiro a terra seca, baunilha e eucalipto. Quase se esqueceu ao que vinha, até que o ouviu. Parou e ficou à escuta. Lá estava ele, leve, mas inequívoco; o barulho da água chamando-a tão vividamente como se fosse a voz da mãe. Alice correu para o rio, o cabelo esvoaçando atrás de si.

O trilho chegou ao fim numa clareira situada nas margens de um rio verde e largo. Não se enrolava, não rugia, nem batia como o mar; era calmo, uma canção contínua e fluída. Alice sentiu-se logo atraída para ele, como tudo o resto ao seu redor parecia ser. As raízes das árvores chegavam ao rio, assim como fiadas de musgo, longas e finas, que se agarravam a pedras semi-submersas.

Não entres no rio.

Alice dirigiu um silencioso pedido de desculpas a Candy enquanto descalçava as botas. Tinha

acabado de tirar as meias quando reparou num trilho estreito, perpendicular à margem do rio.

Ficou curiosa. Não havia referência a um segundo trilho nas indicações de Candy. *As segundas oportunidades não abundam por estas bandas. Confio em ti.* Alice avançou lentamente em direção ao trilho. Ia só espreitar. Mas, para sua desilusão, o trilho não ia dar a lado nenhum. Terminava abruptamente, praticamente onde começava, num pequeno recanto circular, à sombra, próximo do rio e onde não cabiam mais do que duas pessoas. Alice esfregou os pés no trilho poeirento, suspirando de desilusão. Mas quando se preparava para regressar ao rio, algo lhe chamou a atenção: o contorno dourado de algo suficientemente grande para tapar o sol. As suas sobrelanceiras ergueram-se quando viu o tamanho do gigantesco eucalipto. O tronco da árvore era mais largo do que a altura dela. Alice olhou para os ramos da árvore, tão alta que não se lhe via o topo. Só de se imaginar a trepá-la ficou com as mãos suadas. Os ramos estavam carregados de botões de flores, e folhas longas e perfumadas em forma de meias-luas. As raízes estendiam-se até ao rio, criando bolsas ao longo do caminho que se enchiam de bolotas de eucalipto, folhas e flores. Era a rainha das árvores. Mas o que mais fascinou Alice foi a zona do enorme tronco com uma lista de nomes gravados.

Ainda que comesçassem acima do nível dos olhos da menina, bastou-lhe pôr-se em bicos de pés e esticar o pescoço para os conseguir ler. Reconheceu o nome de Ruth Stone, mas nenhum dos outros. Até ler os dois últimos.

June Hart.

Ao lado do nome de June havia uma incisão profunda, onde Alice calculou ter existido outro nome gravado. Debaixo do nome da avó, o nome do pai: *Clem Hart*. E, ao lado, outro sulco semelhante, onde em tempos existira outro nome.

Alice tentou interpretar a lista, como se se tratasse de uma linguagem secreta – como a das flores – mas não conseguiu. *Ruth Stone, Jacob Wyld. Wattle Hart, Lucas Hart. June Hart. Clem Hart.* E mais dois, entretanto raspados do tronco.

O berro estridente de uma catatua fê-la dar um salto. Qualquer coisa nos nomes apagados e respetivas áreas em branco deixava-a nervosa.

Quando a catatua gritou de novo, Alice correu para a clareira junto ao rio e deixou-se ficar ali, um breve momento, arquejante, tentando abrandar as batidas do coração. A corrente suave e constante do rio conseguiu acalmá-la. Sentiu na pele o calor e a humidade. Uma gota de suor desceu-lhe pelas costas. *Promete que voltas para casa depois de dares uma rápida olhadela ao rio. Direta para casa.*

Alice não conseguiu conter-se. Despiu a t-shirt e os calções, deixou-os junto às botas, e desceu até à margem arenosa do rio. Quando a água fresca lhe bateu nos pés, um conforto familiar fê-la estremecer. A última vez que tinha tomado um banho de mar parecia-lhe já tão distante no espaço e no tempo que mal se conseguia recordar do sabor da água salgada. Avançou até a água lhe chegar aos joelhos, embalada pela suave corrente, depois até à cintura, afagando a superfície da água com as

mãos abertas. Os ombros relaxaram. Deixou-se enfeitiçar pelos sons mágicos da floresta que a cercava.

Olhou na direção do eucalipto gigante, pensando nos nomes gravados no tronco. *O rio é toda uma outra história*, dissera-lhe June quando percorreram juntas os campos de flores. *Pertence à minha família, há gerações e gerações. À nossa família*. Alice olhou para os pés através da água, para o fundo arenoso do rio. Seria um rio algo que se pudesse *ter*? Não seria o mesmo que alguém dizer que o mar lhe pertencia? Alice sabia que o contrário era verdade. Que quando alguém entrava no mar, pertencia-lhe. Contudo, a ideia de ela poder, de alguma maneira, fazer parte daquele sítio, aquecia-lhe o coração. Por cima dela, o arrulhar de uma kookaburra. Alice assentiu. Já chegava de pensar. Avançou um passo e deixou-se afundar nas águas verdes do rio, deixando à superfície as suas perguntas sem resposta.

A doçura, a total e absoluta ausência de sal na água chocou-a. Os olhos não lhe arderam. Soprou bolhinhas e ficou a vê-las erguerem-se e rebentarem. O coração do rio batia-lhe nos ouvidos. O pai dissera-lhe um dia que toda a água corria eventualmente para a mesma fonte. Uma nova pergunta floresceu: conseguiria ela nadar rio abaixo, através do tempo, e chegar a casa?

Alice ponderou a questão durante tanto tempo que ficou debaixo de água até os pulmões lhe doerem. Cravou firmemente os pés no fundo do rio e projetou-se para cima, emergindo meio aflita e ofegante. Já não lhe doía tanto respirar desde o incêndio. Subitamente, a luz na mata já não lhe parecia acolhedora, nem a água relaxante. Apressou-se para fora do rio, tossindo violentamente, trepando pela margem até terra firme e seca. Tossiu e tossiu, dobrada em duas, as mãos nos joelhos.

– Estás bem?

Alice voltou-se na direção da voz.

Ali estava ele. Na outra margem do rio. O rapaz do carro.

Alice teve outro ataque de tosse, agarrada à barriga, chorando dos olhos e pingando do nariz. Não conseguia parar. Quanto mais tentava, mais tossia. Às tantas a tosse transformou-se em vômito. Atrás de si, ouviu o som forte de um mergulho, seguido, pouco depois, de salpicos de água nos seus pés. O rapaz estava mesmo ao lado dela, completamente ensopado.

– Inspira, pensa *para dentro*. Expira, pensa *para fora*. – Ele pôs-lhe a mão entre as omoplatas. Alice olhou-o de relance e seguiu as instruções.

Dentro. Fora

Dentro. Fora

Aos poucos, a tosse foi passando.

Quando se ergueu, apercebeu-se – tarde de mais – de que estava apenas de cuecas. Sentiu-se corar violentamente enquanto se precipitava para os calções e para a t-shirt e, antes de conseguir voltar a olhar para o rapaz, desatou a correr pelo trilho fora.

– Ei! – ouviu-o chamar. Mas Alice não olhou para trás.

Só parou para se vestir quando chegou ao ponto em que o mato dava lugar aos campos de flores. E foi então que percebeu que estava descalça: tinha deixado as botas junto ao rio.

Enquanto corria para casa, o sol da tarde aqueceu-lhe a pele. O rosto já tinha arrefecido. Não fazia ideia do que fazer em relação às botas, a não ser tentar ir buscá-las mais tarde e às escondidas.

Do lado de lá dos campos ouvia-se o zumbir do ar condicionado do ateliê. As Flores estavam lá dentro, calculou Alice, prestes a dar por terminada a manhã de trabalho. Correu ligeira pelos degraus do terraço das traseiras. As mesas estavam limpas, as cadeiras arrumadas. Não fazia ideia de quanto tempo estivera ausente. Teria faltado ao almoço? Como resposta sentiu o roncar do estômago. Em bicos de pés, abriu a porta de rede.

Dentro de casa não parecia estar ninguém. Talvez Twig e Candy estivessem também no ateliê. Alice relaxou. Foi à cozinha procurar comida e encontrou pão, manteiga e Vegemite, e preparou duas sanduíches.

– Bem, tu hoje estás com um apetite do tamanho do Harry!

Alice paralisou, depois voltou-se, forçando um sorriso tranquilo na direção de Twig, que a olhava da porta da cozinha.

– A Candy disse-me que almoçaste no quarto, ainda há pouco, e que limpaste o prato.

Sem saber o que dizer, Alice limitou-se a um aceno de cabeça. Tinha faltado ao almoço. Tinha estado fora muito mais tempo do que pensara, e afligiu-se perante a ideia de ter arranjado sarilhos ou, pior ainda, ter metido Candy em sarilhos. Mas a mulher do cabelo azul tinha mentido por ela, para protegê-la; e isso deixara-a genuinamente feliz.

– Eu costumo dizer que um bom apetite é tão importante como uma boa atitude – afirmou Twig, saindo para o corredor. Voltou-se para ela antes de sair: – Ah, e por falar no Harry, quando acabares de comer vem até à sala, sim?

Alice soltou o ar que tinha sustido; Twig não pareceu reparar nos pés descalços dela, nem no cabelo húmido.

De pé no meio da cozinha, mastigando as sanduíches, Alice não conseguiu deixar de sorrir. Agora tinha uma coisa, uma coisa de Thornfield que sentia como sua. A sua primeira visita ao rio seria sempre e unicamente sua. À exceção, claro, do rapaz. Só de pensar nele, Alice sentiu-se corar. Poisou a sanduíche na bancada. Subitamente já não lhe sabia a nada.



A sala era arejada e plena de luz. Twig estava sentada no sofá, com Harry aos seus pés, que suspirava de vez quando ao senti-la coçar-lhe as orelhas. Alice juntou-se a eles. Sentou-se no sofá, no mesmo sítio onde estivera de manhã – quando June a levava ao colo e depois desaparecera. Pareceu-lhe que já se tinham passado dias. Ao olhar pela janela, a menina reparou que a carrinha de

June estava estacionada junto ao ateliê. Viria ter com elas? A ideia deixou-a nervosa. Esfregou os olhos, sentindo-os subitamente muito pesados.

– Creio que a June já te falou nos poderes especiais que o Harry tem? – quis saber Twig. Alice assentiu, bocejando.

– Então acho que te posso ensinar como falares com ele, sempre que precisares de apoio.

Ao ouvir o seu nome, Harry ergueu as orelhas sob os dedos massajadores de Twig. Estava encostado às pernas dela, de boca semiaberta, babando-se de vez em quando. *Não me parece propriamente um super-cão*, pensou Alice.

– O Harry é um cão de assistência. Alguma vez ouviste falar nestes cães, Alice?

A menina abanou a cabeça. Antes de Harry, o único cão que conhecera fora Toby, e ele não era seu *assistente*. Era o seu melhor amigo.

– Os cães de assistência são treinados para ajudarem as pessoas quando estão assustadas ou com medo. Os cães como o Harry conseguem entender as emoções das pessoas. Sabem confortá-las e distraí-las quando estão tristes, assustadas ou preocupadas. – Twig sorriu quando o cão lhe lambeu a mão. – E quem sabe se o Harry não te deu já algum desse consolo, desde que cá chegaste? – perguntou ela, olhando para Alice.

Alice lembrou-se do cão se ter mantido ao lado dela na carrinha, quando chegara a Thornfield. Só saiu depois de ela própria sair. E também estava lá quando ela acordou dos pesadelos, e até tinha arranjado maneira de a fazer descer as escadas no dia anterior. Olhou para o sorriso dele, para as orelhas com as pontas pretas, para o focinho dourado. Não era Toby, mas Twig tinha razão; havia algo em Harry que a fazia sentir-se melhor.

– A assistência que o Harry presta é muito valiosa, sobretudo quando aparece alguém novo aqui em Thornfield. Por isso, sempre que precisares dele, Alice, sempre que te sentires triste, com medo, ou em pânico, lembra-te que ele está aqui para ti. Como estamos todas, aliás. – Twig sorriu. Afagou as orelhas de Harry e deu-lhe uma palmadinha no lombo. – A grande maioria das ordens que lhe damos são faladas, mas também recorremos a ordens visuais. E são essas que eu te vou ensinar, ok?

Durante o resto da tarde, Alice aprendeu a falar na linguagem de Harry. Percebeu tudo rapidamente. Se estalasse os dedos em frente ao corpo, o cão levantava-se à sua frente – criando uma barreira entre Alice e o que quer que fosse. Se batesse palmas ele entrava numa divisão e acendia as luzes, para Alice não ter de andar no escuro. Essa era a ordem que mais lhe agradava. Ficar a ver o cãozarrão irromper pela sala e pisar o interruptor do chão para acender o candeeiro de pé, divertia-a imenso.

– Ele conhece cada divisão desta casa, Alice, e sabe onde estão todos os interruptores – declarou Twig, em tom sério mas de olhos sorridentes.

A última ordem, erguer uma mão aberta e acenar da esquerda para a direita, fazia com que Harry entrasse a correr numa divisão, farejando-a de uma ponta à outra, à procura de intrusos – e ladrar se

encontrasse algum. A possibilidade de ter de usar aquela ordem não lhe agradou.

– Ótimo, Alice, muito bem. Aprendes depressa. E lembra-te: sempre que te sintas sozinha ou aflita, como te sentiste esta manhã, podes – *deves* – pedir ajuda ao Harry.

Na altura em que a porta do ateliê se abriu e se ouviram as vozes das Flores, que acabavam o seu dia de trabalho, já Alice sabia de cor e salteado todas as ordens de Harry. Caiu no sofá, demasiado cansada para praticar mais.

– A June deve estar mesmo a chegar para jantar – disse-lhe Twig. – Que me dizes a um bom banho ainda antes de comeres para depois te deitares cedinho? Hoje foi um longo dia.

Alice concordou. Ainda que não lhe apetecesse um banho, no tom de voz de Twig tudo fazia perfeito sentido. Enquanto a seguia pelo corredor até à casa de banho, Alice estalou os dedos atrás de si, mesmo não precisando de o fazer. Harry já seguia bem colado aos seus calcanhares.



Twig escancarou a porta de rede e sentou-se nos degraus do terraço das traseiras, desfrutando dos últimos raios de luz do dia. Enrolou um cigarro, acendeu-o, e deu uma longa passa, ouvindo o crepitar do tabaco a arder e deixando que o fumo lhe enchesse os pulmões. Expeliu uma baforada em direção às primeiras estrelas.

Uma luz amarela saía das janelas do ateliê, lá longe, depois dos campos de flores. June estava lá dentro desde que regressara a casa, no início da tarde. Twig tinha estado a trabalhar no escritório, rodeada de papelada, esperando que Alice regressasse do rio, quando ouviu os passos de June nos degraus da frente. Fora até ao vestíbulo para cumprimentá-la, mas June retivera-a, levantando a mão em protesto.

– Twig – dissera-lhe, antes que a outra pudesse abrir a boca. Tinha os olhos raiados de vermelho. Harry colocara-se imediatamente entre as duas, quase as deitando ao chão.

– Ela está no rio – apressara-se Twig a dizer. – Vou ensinar-lhe a lidar com o Harry assim que voltar. – Afagou o cão. – Ela vai precisar de ajuda quando voltar a ter outro ataque de pânico.

– *Se* ela tiver outro ataque de pânico. – O tom de June saíra-lhe cansado. – Já a matriculei na escola. Começa na próxima semana. Vou dizer-lhe logo à noite.

Twig cerrou os punhos. June não tinha sido assim tão teimosa quando criara Candy Baby. Mas Twig percebia a diferença; Candy fora uma bênção. Alice era sangue do seu sangue.

– E a matrícula levou a manhã toda? – Twig olhara para a carrinha de June através da porta de rede. Via-se o canto de uma caixa de avelaneira trabalhada a espreitar por baixo de uma lona verde, na caixa-aberta. Twig ergueu um sobrolho. Sabia perfeitamente onde June tinha estado: no armazém que tinha alugado na vila, a desenterrar velhos fantasmas.

– Calma Twig. Não é o que tu pensas. Foi um dia muito difícil.

– Sim, podes crer que foi – sibilara-lhe a outra. – Sobretudo para a tua neta, mas deixa lá isso... E o teu neto? Sabe-se lá, não é? Já que decidiste deixá-lo para trás, como se fosse uma erva-daninha?

As palavras atingiram June como estilhaços. Assim que Twig viu a expressão de June, desejou apanhá-los do chão e engoli-los um a um. Foi então que June saiu de casa, entrou no ateliê e bateu com a porta. E ainda não tinha voltado.

Twig acendeu outro cigarro. Estava grata a June por ela não lhe ter atirado à cara as suas próprias dores. A raiva que sentia não tinha apenas a ver com o facto de June ter decidido separar os filhos de Clem. Claro que não. Tinha a ver com os *seus* próprios filhos. Os *seus* bebés. Estava prestes a fazer trinta anos que as assistentes sociais tinham aparecido lá em casa, num Holden resplandecente, irrompendo por ali dentro com uma ordem do tribunal que a acusava de negligência. Porque não tinha marido. Porque frequentemente deixava Nina e Johnny com Eunice, a irmã, enquanto andava à procura de trabalho. Porque era pobre. Porque os Serviços de Proteção de Menores decidiram que a única oportunidade que os filhos dela teriam de virem a ser australianos decentes passava por serem criados por uma família australiana decente. Uma família australiana branca. Uma das assistentes sociais segurara Twig, enquanto a outra lhe arrancava Nina e Johnny dos braços. As crianças choravam. Twig desatara a cantar alto, tentando acalmá-las, mas elas revelaram-se inconsoláveis, arrancando punhados do arbusto de margaridas do quintal, tentando agarrar-se ao que quer que fosse enquanto eram arrastadas para o carro. Twig deixara-se cair de joelhos junto às margaridas arrancadas, escurecendo e morrendo ao sol; a última coisa em que os filhos tinham tocado. E ali permaneceu até Eunice chegar do trabalho, cantando sob as rajadas de uma súbita ventania de noroeste, e espalhando as flores mortas como se as conseguisse replantar. Twig tentou seguir em frente, crente de que Nina e Johnny acabariam por descobrir o caminho de volta para ela, mas depois de Eunice ter sido dada como desaparecida, uns anos mais tarde, decidiu fugir. Deambulou costa acima, depois pelo interior, à boleia de terreola em terreola. Até que um dia, quando seguia a pé pela via rápida, foi atraída pela estradinha de acesso a Thornfield, primeiro por mera curiosidade e depois pelo som de um bebé a chorar.

Uma onda de riso vinda do dormitório interrompeu-lhe os pensamentos. Twig limpou os olhos à camisa. Tinha pedido a Candy que servisse o jantar às Flores no dormitório; se June pretendia explicar a Alice que ela ia para a escola dali a dias, iam precisar de privacidade. Isto se June tencionasse sair do ateliê, evidentemente.

Como que respondendo a uma deixa, a porta abriu-se. Twig escondeu a beata do cigarro e sentou-se muito direita, encoberta pela sombra, enquanto via June percorrer o caminho de acesso à casa. Se a viu, não o demonstrou. A porta de casa abriu-se e fechou-se. Na sala de jantar, a porta do louceiro rangia à medida que June ia pondo a mesa. Mais ao fundo, no corredor, gorgolejavam os canos enquanto a banheira esvaziava. A porta da casa de banho abriu-se. Passos leves percorreram o corredor até à cozinha. O suspiro do forno a ser desligado. O murmúrio da voz de June. Cadeiras a

arrastar no soalho de madeira da sala de jantar, enquanto Alice e June se sentavam. O barulho dos talheres nos pratos enquanto jantavam.

Alice devia estar esfomeada depois de ter ido e voltado do rio. Twig sabia exatamente onde ela tinha estado quando se encontrou com a menina na cozinha, nessa tarde. Tinha a camisa mal abotoada, o cabelo molhado e cheio de folhas, e os pés descalços e com areia. Mas tinha também um brilho nos olhos e duas rosáceas nas faces que mantiveram Twig em silêncio. Ela sabia demasiado bem que Thornfield arranjava todos os meios e mais alguns de consertar as almas despedaçadas que lhe chegavam e lhe chamavam lar. Para já, era o rio que mantinha Alice em paz. Para Twig, desde o momento em que chegara a Thornfield, esse papel reconfortante coubera sempre a June.



Alice deitou-se na cama – ainda com a cabeça à roda da notícia que June lhe dera ao jantar. Estava matriculada na escola local. Começava as aulas na semana seguinte.

– Fui hoje falar pessoalmente com o diretor – dissera-lhe June. – Ele sugeriu que o Harry te acompanhasse, para teres um amigo contigo desde o início.

A escola. Alice tinha lido sobre ela. Professores e salas de aula, secretárias, lápis e livros. Crianças, recreios, sanduíches, ler, escrever, e trabalhos de casa. E podia levar Harry consigo.

Alice rebolou na cama. Resolveu desviar os pensamentos para o rio. Como ele soava abaixo da superfície, e a estranha sensação que sentira quando o rapaz lhe pusera a mão nas costas para ajudá-la a respirar.

Sentiu uma brisa debaixo do queixo. Sentou-se na cama. Uma das cortinas brancas do quarto esvoaçou na escuridão. Ela não se lembrava de ter aberto a janela. Estendeu a mão para o candeeiro da mesa de cabeceira e acendeu-o.

No chão, aos pés da cama, estavam as suas botas azuis.

Dentro de uma delas, um ramo de flores silvestres que cheiravam a baunilha.



Twig estava a enrolar outro cigarro quando ouviu a pancada seca vinda de um dos lados da casa. Susteve a respiração para escutar melhor. Ouviu passos a esmagarem o caminho de terra que ia dar aos campos de flores, até que viu o rapaz. Semicerrou os olhos. Expirou lentamente. Com o cigarro por acender numa mão e o isqueiro na outra, esperou para ver se ele olhava para trás. Mesmo antes de o caminho virar para a floresta, Twig viu-lhe o rosto sob o luar.

Ali estava ele, o filho de Boryana. Com os olhos tão fixos na luz da janela de Alice que Twig duvidava que ele a visse mesmo que ela estivesse a arder.

Pouco depois, quando o viu desaparecer na floresta, Twig acendeu o cigarro e deu uma longa passa para acalmar os nervos. Já tinha visto aquilo acontecer. Quando Agnes Ivie era a criança no quarto da torre. E Clem Hart o rapaz que trepava à janela dela para lhe oferecer flores.

Lírio-do-rio



Significado: **Amor oculto**

Crinum pedunculatum | Austrália Oriental

Grande planta perene encontrada geralmente na orla das florestas, mas também ao nível da maré alta próxima dos manguezais. As flores são brancas, em forma de estrela, e muito perfumadas. Por vezes, as sementes germinam enquanto ainda estão presas à planta-mãe. A seiva é muito utilizada no tratamento das picadas de alforreca.

Alice passou o resto da semana seguindo as Flores pela quinta, enquanto trabalhavam. No lanche da manhã, sentava-se ao lado de Boo e ajudava-a a fazer as palavras-cruzadas do jornal; Boo conhecia muitas palavras. Mais tarde, ia colher mel das colmeias com Robin, que a deixava usar o seu batom vermelho-vivo – que trazia sempre consigo no bolso do avental – e lhe mostrava como chupar os favos acabadinhos de colher. Seguia atrás de Olga, Myf e Sophie, vendo-as subir e descer as fileiras dos campos, cortando novas flores. Ajudava Tanmayi a fazer água de rosas a partir de pétalas frescas, deixando-se encantar pelas histórias que ela lhe contava sobre Sita, a princesa que regressara ao útero da terra-mãe, acusada de bruxaria, e Draupadi, a princesa que amaldiçoara cem homens por a terem maltratado. À tarde, Alice cirandava por entre as bancadas do ateliê, fazendo colares a partir de pétalas, caules, folhas e cordel, enquanto Francene, Lauren, Caroline e Amy atendiam as encomendas, embrulhando buquê atrás de buquê em papel castanho e cordel. Acompanhava Rosella às casas das sementes, e ajudava Vlinder a regar os arbustos de algodão selvagem; dezenas e dezenas de borboletas-monarcas esvoaçavam em torno deles para se alimentarem.

Às sextas, Alice juntava-se às treze mulheres no terraço de trás. Elas despiam os aventais, tiravam os chapéus e abanavam-se com eles. June trazia uma enorme geleira de dentro de casa, de onde elas tiravam garrafas geladas de cerveja de gengibre, passando-as umas às outras como

preciosas joias âmbar. As Flores sentavam-se, com as cabeças inclinadas para trás e os olhos semicerrados. As fileiras de plantas floridas, os politúneis, as colmeias brancas e o longo e espesso arbusto que delimitava a propriedade estendiam-se à distância, balançando sob a luz do crepúsculo, como num sonho.

Enquanto Alice beberricava da sua bebida, entretinha-se a observar-lhes os rostos. Na maior parte das vezes as Flores mostravam-se joviais e trabalhadoras. Mas naquela tarde, no terraço, algo mudou. Toda a gente ficou em silêncio. À medida que o sol se punha, todas as histórias que cada uma daquelas Flores tinha vivido, amado e deixado para trás, pareciam ter pousado naquele terraço. Os ombros das mulheres encolhiam-se. Algumas choravam. Confortavam-se umas às outras. E June permanecia sentada no meio, de rosto composto e costas direitas.

Alice já tinha percebido que não era assim tão diferente das Flores. Até da própria June. Havia alturas em que toda a gente precisava de silêncio. E era essa a magia de Thornfield; um lugar onde se podiam dizer as coisas que não se conseguiam pronunciar. E, à sua maneira, Alice começava a entender o poder da linguagem das flores. Desde aquele seu passeio até ao rio, todas as noites depois do jantar, quando ia para o quarto, uma nova flor repousava junto às suas botas, aos pés da cama.



June instalou-se no terraço das traseiras a ver o sol erguer-se sobre a quinta de flores, enquanto soprava o vapor de uma caneca de café bem forte. A manhã detinha uma leve aspereza, uma primeira sugestão de inverno. Tirou a sua garrafinha do bolso e verteu um pouco de whisky na caneca. Levou-a aos lábios e beberricou lentamente, saboreando o calor forte da bebida.

Enquanto a luz se propagava pelos campos de flores, ocorreu-lhe que aquele era um nascer do sol exatamente igual a qualquer outro em Thornfield. Aquele momento podia facilmente ter acontecido oitenta anos antes. Ruth Stone podia perfeitamente ter aparecido ali, vinda do ateliê, com a luz cobre do amanhecer a iluminá-la por trás, as mãos bem enfiadas nos bolsos, os olhos ainda não marcados pela dor.

June acabou o café, pegou nas luvas de jardinagem e enfiou-as no bolso do colete. Avançou pela manhã luminosa, através dos campos e em direção às casas das sementes que a mãe tinha construído. Por vezes, a vontade de poder conversar com a mãe *só mais uma vez* levava-a a crer que se escacaria em mil pedaços, caso respirasse com mais força. Atormentava-a saber que Alice estava a sofrer por Agnes da mesma maneira. A tendência natural que a vida tinha para se repetir era de uma crueldade sem limites.

O ambiente no interior das casas das sementes era denso – com a promessa de novos começos. June fechou os olhos por um momento. Tinham ali passado horas sem fim, reunindo os desejos dos corações das pessoas em mancheias de rebentos e sementes, enquanto a mãe lhe contava histórias de

Thornfield. *Presta atenção agora, Junie*, costumava dizer-lhe Wattle Stone. *Estas são as dádivas da Ruth. As nossas formas de sobrevivência*. Em criança, a imaginação de June era arrebatada pelas histórias sobre a avó. Ficava horas lá em baixo, no rio, passando os dedos sobre o nome de Ruth gravado no tronco do eucalipto gigante, com o nome de Jacob Wyld ao lado do seu.

Quando Ruth Stone apareceu na vila pela primeira vez, correram desde logo vários rumores sobre ela. Alguns afirmavam que tinha nascido de uma mulher a bordo de um navio, o último barco de condenados enviado para a Austrália. Outros juravam a pés juntos que ela era descendente de uma feiticeira de Pendle Hill que tinha escapado ao seu destino. Alegadamente, as suas posses resumiam-se a um caderno de notas cheio de rabiscos numa linguagem estranha. Alguns afirmavam que era um livro de feitiços. Outros juravam que já lhe tinham visto as páginas; cheias de flores, diziam. A única coisa em que todos concordavam era que Ruth Stone fora objeto de um negócio de Madame Beaumont, a dona de um bordel na vila ao lado – que a trocara pelas últimas vacas leiteiras de Thornfield, uma quintarola a cair aos bocados ali dos arredores. O dono, o solitário Wade Thornton, vendera-lhe as últimas vacas enquanto via a sua quinta transformar-se em pó, na pior seca de que havia memória na zona. Esse também tivera direito à sua boa dose de mexericos da terra. Era conhecido por tentar afogar os seus demónios em rum; e quando Ruth Stone apareceu na vida dele em pagamento pelas vacas, servir-se do corpo dela passou a ser o seu método de exorcismo preferido.

Não levou muito tempo até Ruth perceber como e quando se ausentar de casa. Uma noite, depois de Wade acabar de comer uma mistela qualquer que ela lhe preparara para o jantar, Ruth saiu sob o pretexto de ir buscar mais lenha para o fogão. Já ia ele na quarta bebida quando Ruth desatou a correr em direção ao rio, à época quase seco. Lá chegada, arranjou um sítio onde se esconder até Wade inevitavelmente desmaiar de bêbado. Foi então que se sentou na base do gigantesco eucalipto do rio e se permitiu chorar e cantar. Os livros e as canções eram o que a ajudavam a manter a sanidade. Cantava histórias que a mãe lhe ensinara, sobre flores que diziam coisas que as palavras não conseguiam. E estava a cantar junto do eucalipto gigante na noite em que um negociante de gado falido – com nada nos bolsos a não ser sementes – passou pelo ressequido leito do rio – como se a canção o tivesse atraído diretamente para ela. Reza a história que, ao ver Ruth cantar e chorar ao luar, Jacob Wyld se agachou aos pés dela, sem dizer uma palavra, e plantou as sementes ali mesmo, na terra por entre as raízes do grande eucalipto. O que cresceu naquela noite, regado pelas lágrimas de Ruth, foi uma charneca selvagem de lírios-baunilha – e uma igualmente arrebatadora história de amor entre Ruth e Jacob.

Encontravam-se no rio sempre que Ruth conseguia escapulir-se de casa. Ele trazia-lhe sementes de flores, e ela levava-lhe parques restos de comida, qualquer coisa que conseguisse surripiar da cozinha.

Em pouco tempo, Ruth tinha sementes suficientes para cultivar um pequeno quinhão de terra perto da casa e junto a uma única e solitária acácia, quase moribunda. A terra estava tão seca que lhe levou

um mês até conseguir amaciá-la com pequenas doses de água que trazia do rio. Eventualmente a acácia deu flor, um esplendor de inverno num tom amarelo adocicado. Ruth caiu de joelhos ao ver aquilo. O aroma chegou à vila. As abelhas zumbiam à volta da árvore, ébrias do seu néctar. Junto à raiz da acácia brotaram círculos de rebentos verdes. Ruth desenhou cada um deles no seu caderninho. Enquanto estas estranhas flores brotavam – tão diferentes das dedaleiras e das campainhas-de-inverno das canções da mãe – Ruth ia anotando aquilo que elas significavam para si, adaptando a linguagem vitoriana das flores. As estranhas e belas flores nativas, capazes de florescer nas mais adversas condições, encantavam-na; sobretudo aquela curiosa flor escarlate-vivo com o centro vermelho-sangue. *Significado*, escreveu Ruth no seu caderno, *Tem coragem, acredita*.

Sob as garras de uma seca extrema, quintas morriam umas atrás das outras, famílias entravam na bancarrota, e rigorosamente nada crescia da terra; quando tudo fazia crer que a região estaria prestes a desaparecer definitivamente do mapa, Ruth Stone criou um horto de flores nativas.

As notícias depressa se espalharam. As pessoas acorriam para verem com os seus próprios olhos a explosão de cor nascida no meio do pó e das ossadas das vacas. E não tardavam a regressar, trazendo botões murchos dos seus jardins moribundos. Ruth plantava-os a todos e, sob os seus cuidados, eles florescia exuberantes. Wade Thornton deixou de beber. Abriu as portas de Thornfield, acolhendo quem lá quisesse entrar. As pessoas levavam as suas enxadas, os seus barris de água, as suas preciosas sementes. Ruth mostrava-lhes onde e o que plantar. Construíam estufas. Trabalhavam de sol a sol para cuidarem dos novos rebentos. O ar que se respirava era denso, com o cheiro verde da expectativa. Quando Thornfield florescia, as pessoas ajudavam Ruth a colher as flores e a fazer buquês, e levavam-nas depois pela fresca da noite até aos maiores mercados de flores do país, cada ramo atado com um cartãozinho escrito na caligrafia de Ruth a explicar o seu significado. Vendiam tudo antes da hora do almoço. E regressavam a Thornfield cheios de encomendas das flores nativas que falavam a linguagem do coração de Ruth. As gentes da vila começaram a ter esperança.

Os dias passavam, e mais flores de inverno florescia. Fizeram-se planos para mais viagens aos mercados. Sóbrio e relegado aos recantos sombrios da sua casa, Wade Thornton observava o rosto afogueado e sorridente de Ruth, enquanto algo de muito amargo crescia dentro dele.

Uma noite, pouco depois da primeira colheita de sucesso de Ruth, Wade bebeu rum suficiente para convencer Ruth de que tinha desmaiado e esperou que os passos dela esmorecessem lá fora. Seguiu-a debaixo de um céu frio e estrelado ao longo do caminho que ele próprio desbastara com as próprias mãos até ao rio. E lá chegado, escondeu-se no mato e ficou à espera. Quando um homem surgiu do leito do rio para envolver Ruth no seu abraço, a visão toldou-se-lhe de raiva. Lembrou-se das vezes que possuía Ruth, de como tinha de cuspir nos dedos para conseguir penetrá-la, enquanto ela voltava a cara, com o olhar vazio, o corpo inerte. Mas nos braços daquele homem, Ruth ganhava vida, prateada e radiosa. À luz pálida do luar de inverno, Ruth pegou na mão do homem e encostou-a

à sua barriga. Sorriu. Os seus olhos brilhavam. Nesse instante Wade Thornton saltou do meio do mato com um rugido e atirou-se a Jacob Wyld, espancando-o com uma pedra do rio, deixando-o inconsciente. Depois amarrou Ruth a uma árvore, e obrigou-a a assistir enquanto afogava o seu amante com as próprias mãos.

Na casa das sementes, June sentiu um calafrio e esfregou os braços. O peso do legado de Thornfield abateu-se sobre ela com a mesma força com que se tinha abatido na sua adolescência, quando, devastada, ficara a saber o que tinha acontecido à sua avó. *Presta atenção agora, Junie*, dizia-lhe a mãe enquanto lhe ensinava tudo sobre as flores. *Estas são as dádivas da Ruth. As nossas formas de sobrevivência.*

O que lhe diria a mãe naquele momento? – perguntou-se June, enquanto escarificava novos rebentos para que crescessem. Wattle Stone dir-lhe-ia certamente: *Junie, Thornfield é um direito inato da Alice. E é contigo que ela deve aprender tudo.*



– Alice, vamos lá! – A voz de June subiu em espiral pela escadaria.

Alice sentou-se na cama com a farda da escola, desconfortável e cheia de goma. Harry lambeu-lhe o joelho. A menina suspirou. Pegou na mochila nova e arrastou os pés até lá abaixo.

– Vá lá, não sejas assim – riu-se June ao vê-la atravessar a cozinha, estendendo-lhe a lancheira com o almoço. – Vais divertir-te imenso. E fazer novos amigos.

Já lá fora, June abriu a carrinha da quinta. Harry saltou lá para dentro. Alice deixou-se ficar no topo dos degraus do alpendre. Os pés pareciam não funcionar. June estendeu-lhe a mão.

– O Harry vai ficar contigo. – June fez-lhe um gesto para que se juntasse ao cão. Alice desceu os degraus a bater com os pés para marcar uma posição. June ajudou-a a subir para a carrinha. Harry ladrrou. Alice bufou de impaciência e resignação. June fechou a porta, fazendo tilintar as pulseiras.

– Vamos lá embora – disse, apressando-se para a porta do condutor. Enquanto davam a volta e se afastavam da casa, um coro de pios e grasnidos irrompeu de detrás delas. Alice voltou-se para olhar pela janela de trás. As Flores corriam atrás da carrinha, assobiando e aplaudindo, lançando confetis e serpentinas.

Vai ser o máximo, Alice!

Força, Alice!

Tem um ótimo primeiro dia de escola, miúda!

Alice pendurou-se na janela, acenando-lhes freneticamente. June buzinou à medida que se afastavam. Alice viu-a limpar os olhos.

Quando chegaram à estrada que ia dar à vila, June pisou o acelerador.

Alice agarrou-se à coleira de Harry com tanta força que lhe doeram os dedos.



A escola primária da vila era constituída por um aglomerado de pequenas casinhas revestidas a tábuas, sob um glorioso dossel de eucaliptos. Folhas e bolotas esmagavam-se sob os pés de June e Alice, soltando um aroma cítrico. Harry puxava pela trela, farejando tudo, quase levando Alice arrastada. Ainda cá fora, junto ao edifício principal, June parou para ajustar o colarinho de Alice. O hálito da avó cheirava a menta. Alice estudou-lhe o rosto, tão próximo do seu. Os olhos eram iguaizinhos aos do pai. Finalmente, June levantou-se e endireitou os ombros.

– Pronto, vamos lá. Vai correr tudo bem.

Entrando para o átrio da receção, Alice teve dúvidas se June falava para ela ou para si própria.



Depois de preencher a papelada da neta, as duas esperaram sentadas, com Harry ao lado delas. A rececionista disse-lhes que o novo professor de Alice chegaria em poucos minutos para conhecê-la, durante a primeira pausa da manhã. June mastigava a pastilha elástica de mentol como uma vaca ruminante. Uma das pernas não parava de tremer. Alice segurava Harry pela trela, afagando-lhe o pelo aveludado. June olhou para o relógio.

No recreio da escola ouviu-se a campainha tocar.

– Pronto, ele deve estar mesmo a aparecer, Alice – observou June. Harry chegou-se à frente para lhe lamber a mão, num gesto reconfortante. June acariciou-lhe as orelhas. Ele arqueou as costas para se espreguiçar e soltou um longo e sonoro pum. June tossiu para disfarçar, encavacada. Alice corou. A rececionista pigarreou. Quando o cheiro lhes chegou ao nariz, June teve um ataque de riso. De lágrimas nos olhos, tossiu de novo – como que a querer disfarçar o cheiro com som – e levantou-se, dirigindo-se às janelas para tentar abrir alguma. Enquanto Alice tentava ajudá-la, Harry deixou-se ficar sentado, com a língua de fora e sorridente.

– Peço imensa desculpa – disse June à rececionista. – Desculpe. – Repetiu, levando um lenço ao nariz. Avó e neta abriram finalmente as janelas e respiraram de alívio. Alice espreitou as crianças de várias idades que saíam das salas de aula. Deu meia volta e regressou para o seu lugar. Deu por si a imaginar Harry a descuidar-se, ao lado dela, em plena sala de aula. Passado um momento, inclinou-se para ele e deu-lhe um forte abraço; depois passou a trela a June – que ficou a olhar para ela, sem saber o que pensar.

– Tu consegues fazer isto sozinha – disse-lhe, finalmente, com o olhar doce e sorridente. Alice concordou com a cabeça.

Uma porta abriu-se. Um homem novo, com uma marca de giz na bochecha, entrou na receção.

– Alice Hart?

À medida que se aproximava, o nariz contraiu-se. Fungou umas vezes, depois olhou de lado para Harry.

June levantou-se para cumprimentá-lo. Alice ficou onde estava. Uma das meias pelo joelho do homem estava caída. Tinha as pernas cobertas por uma penugem loira, muito diferente dos pelos escuros e grosseiros do pai.

– Muito bem, Alice – disse ele com um sorriso. – Eu sou o Mr. Chandler, o teu novo professor.

Limpou uma mão aos calções e estendeu-lha. Alice olhou de relance para June. Esta assentiu, encorajando-a. A mão de Mr. Chandler ficou no ar, pendurada. June segredou-lhe qualquer coisa que Alice não ouviu. Ele retirou a mão. Passado um momento, esfregou o queixo, tal como Twig fazia quando estava absorta nos seus pensamentos.

– Diz-me lá, Alice, tu gostas de livros? É que eu preciso de uma assistente para a biblioteca da nossa sala e creio que tu chegaste na altura certa.

Passado outro breve momento, Alice estendeu-lhe a mão.



Até às três da tarde, quando soou a campainha, as horas correram devagar como caracóis.

– Até amanhã a todos – disse Mr. Chandler enquanto os alunos iam saindo da sala.

Alice arrumou lentamente a mochila.

– Que tal correu, Alice? Gostaste do teu primeiro dia?

A menina assentiu, mantendo a cabeça baixa. Não tinha feito um único amigo. Porque não falava. Porque toda a gente agira como se ela cheirasse mal, como os puns de Harry. Devia tê-lo mantido a seu lado. Pelo menos teria um amigo.

– Vêm cá buscar-te? – quis saber o professor.

– Ela vem comigo. – Candy Baby surgiu à porta da sala, mastigando uma pastilha elástica cor-de-rosa – tão surpreendente e deslocada como uma flor de primavera no inverno. Harry estava ao lado dela, a abanar a cauda. Alice ficou radiante por vê-los.

A caminho do parque de estacionamento, enquanto Candy perguntava a Alice como tinha sido o seu dia, e Harry a ia lambendo energicamente, passaram por um grupo de raparigas que Alice reconheceu da sua sala.

– Ali vai ela, A Retardada – disse uma.

– Desculpa, disseste alguma coisa? – perguntou-lhe Candy.

Alice só queria ir para casa e enfiar-se no quarto, com os seus livros, e com vista para as Flores. Enquanto brincava nervosamente com o fecho da mochila, ouviu um gemido atrás de si. Parou para ouvir melhor. De novo, o mesmo gemido. Afastou-se de Candy e Harry, seguindo na direção do ruído. Atrás do edifício da escola, deitado sobre um tufo de relva alta, estava o rapaz do rio. Tinha

uma bochecha ferida e o lábio aberto. As pernas estavam cobertas de arranhões sangrentos.

– Alice? – chamou Candy, alarmada. – Oggi! – exclamou, aparecendo por detrás de Alice. – Oggi, o que é que te aconteceu?

– Eu estou bem – disse ele, aceitando a ajuda das duas para se levantar. Olhou bem nos olhos de Alice. – Como vês, não és a única a ser maltratada por seres diferente.

– Os retardados atraem-se – disse uma voz, vinda de um arbusto próximo.

Candy correu para o grupo de miúdos, espantando-os dali. A raiva de Alice pareceu dissolver-se. Não se importava nada que dissessem que Oggi era como ela.

O rapaz estremeceu quando Alice o ajudou a levantar-se. Ela apanhou-lhe a mochila do chão e pô-la ao ombro, oferecendo-lhe o outro para ele se apoiar. Pelo menos o rapaz era mais leve de carregar do que a mãe, quando ficava ferida, pensou a menina. Ele era do seu tamanho.

Mancaram juntos até ao portão da frente. Candy abriu a porta da carrinha, pôs as mochilas atrás, juntamente com Harry, e ajudou Alice a sentar Oggi no lugar do passageiro.

– Vamos lá levar-te a casa, companheiro. Passar um pouco de calêndula nessas feridas para ficares bom. O mesmo já não se pode esperar de quem te fez isto. Que Deus os ajude quando a Boryana vier a saber.

– Que é precisamente a razão pela qual não lhe vamos contar – disse Oggi, em tom implorante.

Candy abanou a cabeça enquanto metia a marcha atrás. Seguiram em silêncio, com Harry andando de um lado para o outro lá atrás, pondo a cabeça ao vento de quando em vez. Enquanto desciam a rua principal, Alice deixou-se fascinar pelos tons pastel das montras das lojas. E a sua mente regressou de novo aos campos de cana-de-açúcar, ao dia em que se aventurara e pudera admirar as lojas de vestidos, o café com uma flor amarela em cada mesa, e a biblioteca do lado de lá da rua, com a rapariga do sorriso simpático que lhe dera o livro das *selkies*. A Sally. Alice tentou recordar-se da cara dela, mas a imagem saiu-lhe esbatida e distante.

Segundos depois de saírem da vila, Candy entrou numa estrada de terra.

– Não são bonitos estes gigantes? – disse, baixando-se para olhar por cima do volante. Alice admirou os seus enormes troncos brancos e reluzentes, pensando nas histórias da mãe sobre locais tão carregados de neve que as árvores e a terra e o céu eram uma e a mesma coisa. – Chegámos. – Candy estacionou numa pequena clareira perto do rio. Alice ficou a vê-lo correr. Então tinha sido assim que Oggi a encontrara; o rio levava-o até ela.

Oggi esforçou-se para sair da carrinha, e coxeou até uma pequena casa de madeira com um amplo alpendre, cortinas vermelhas de algodão, e a porta da frente aberta.

– Oggi? – Ouviu-se uma voz lá dentro. A mulher de longo cabelo preto e batom vermelho apareceu à porta. – O que é que se passa?

– O Oggi teve uns problemazinhos na escola – disse Candy, saindo da carrinha.

Boryana despejou uma torrente de palavras numa língua que Alice desconhecia.

Alvoraçou-se perante as feridas e hematomas do filho, observando atentamente cada uma delas. Ele levantou as mãos, como que a render-se, e respondeu na mesma língua da mãe. Harry ladrou, da carrinha, até Candy o deixar sair, soltando-o da trela. O cão correu para Boryana, lambendo-lhe as mãos enquanto ela gesticulava nervosamente.

– Oh, desculpa! Desculpa, Harry. – Boryana afagou a cabeça do cão para acalmá-lo. – Está tudo bem. Pelos vistos, aqui o meu Ognian é um menino crescido que sabe muito bem cuidar de si. E por isso não me conta quem é que lhe fez isto. – Boryana cruzou os braços, a expressão grave.

– Bom... nós temos de ir andando, Bory. Fiquem bem – disse Candy. – Anda daí, Harry.

– O quê?! Não, nem pensar. Entrem que eu faço um lanche rápido. A June não se vai importar.

– Podes crer que se importa – respondeu-lhe Candy. – Hoje foi o primeiro dia de escola da Alice – Candy rodeou os ombros da menina com o braço –, e a June está ansiosa por saber como correu. Já agora, Bory, esta é a Alice, a neta da June. A nossa mais recente Flor. – Alice sorriu timidamente, sem conseguir tirar os olhos de Oggi.

– Ena, ena, mas que prazer que é conhecer-te! – As palavras de Boryana soavam a coisas doces, como se estivessem revestidas por uma espessa camada de açúcar. Pegou na mão de Alice e apertou-a efusivamente.

– Tu e o meu Oggi são amigos?

– Andamos juntos na escola – apressou-se o rapaz a dizer.

– Mas que bem – concordou a mãe. E, olhando de relance para Candy:

– De certeza que não podem ficar para uma chávena de chá? Pelos vistos, temos muita conversa para pôr em dia. – Boryana ergueu um sobrolho. Alice olhou para Candy com uma expressão suplicante.

– Ok, ok. Mas tem de ser rápido – rendeu-se a outra.

Boryana deu-lhe o braço e seguiram ambas para dentro de casa, tagarelando cumplicemente. Oggi e Alice deixaram-se ficar ao lado um do outro, visivelmente desconfortáveis.

– Vou fazer-te uma visita guiada – disse ele, por fim, apontando para o rio. Alice concordou com um aceno. Estalou os dedos atrás de si. Harry lambeu-lhe o pulso e seguiu-a.

Nas traseiras da casa havia um jardim de rosas pequeno, mas muito bem cuidado, e uma capoeira com três belas e gordas galinhas. Alice sentou-se debaixo de uma árvore-de-chá enquanto Oggi abria a capoeira para elas passearem. Harry ainda andou atrás delas a farejar, mas desinteressou-se pouco tempo depois.

– Esta é a *Pet*, a minha preferida. – Oggi apontou para uma galinha preta farfalhuda, reagindo à dor no braço que o gesto lhe provocara. Alice fechou os olhos com força, mas continuava a ver a imagem do corpo da mãe, nu e ferido, a sair do mar.

– Estás bem, Alice?

Ela encolheu os ombros. Oggi dirigiu-se ao jardim de rosas da mãe e reuniu um montinho de

pétalas e folhas caídas. Depois regressou para junto de Alice e depositou-as no chão de terra à volta dela. Repetiu a operação, uma e outra vez, até o círculo ficar completo. Por fim, saltou lá para dentro e sentou-se.

– Depois de o meu pai morrer, eu costumava fazer isto para me sentir melhor – disse o menino, abraçando os joelhos.

– Dizia para mim próprio: tudo dentro deste círculo está a salvo da tristeza. Ia fazendo o círculo maior ou mais pequeno, consoante me sentisse. Uma vez, quando a minha mãe não parava de chorar, fiz um círculo à volta da casa inteira. Claro que tive de usar as rosas todas, mas ela não reagiu da maneira que eu esperava.

Borboletas amarelas esvoaçavam por entre as rosas. Enquanto Alice lhes observava as asas, pequenas chamas cor de limão, lembrou-se de como elas voavam sobre o mar, no verão, ou como relaxavam sob as copas das casuarinas, ou como batiam na janela do quarto dela, à noite.

– A mina onde o meu pai trabalhava ruiu. Durante uns tempos, a minha mãe sentava-se no alpendre dia após dia, à espera que ele voltasse. E sempre com uma rosa na mão.

Tal como a rainha que esperara tanto tempo que o seu amor regressasse a casa que se transformara numa orquídea. Alice esfregou os arrepios que lhe tomaram os braços.

– Estás com frio? – perguntou o rapaz. Ela abanou a cabeça. Ficaram ambos sentados a observar o rio.

– É por isso que eu colho flores e as deixo todas as noites junto às tuas botas – disse Oggi, baixinho.

Alice fez com que o cabelo lhe caísse sobre o rosto.

– Conheço essa sensação. De estar triste e sozinho. – Oggi virou uma pétala nas mãos. – Nós íamos ficar cá pouco tempo, até o meu pai fazer dinheiro suficiente para nos mudarmos. Mas como ele morreu, fomos obrigados a ficar aqui. A minha mãe não tem documentos que lhe permitam fazer outra coisa.

Alice inclinou a cabeça.

– Nós não somos australianos. A minha mãe não nasceu aqui. Por isso, não estamos cá legalmente. Ela diz que se tentarmos sair desta zona para outro sítio qualquer, podemos ser presos e separados; ela pode ser mandada para a terra dela e proibida de cá voltar. E ela não quer que isso aconteça, porque isto é... era a terra do meu pai. É por isso que estamos sempre aqui escondidos, e a minha mãe não pode trabalhar em lado nenhum, e eu não estou autorizado a fazer amigos na escola. Mas também... ninguém quer ser meu amigo. Chamam bruxa à minha mãe. Como a todas as mulheres de Thornfield.

Alice arregalou os olhos.

– Não, não te preocupes – disse ele rapidamente. – Não é verdade.

A menina suspirou de alívio.

Oggi pegou numa pedra do chão.

– A minha mãe sonha em voltar para a Bulgária, um dia. E é isso que eu vou fazer quando for crescido: ganhar dinheiro suficiente para levá-la para casa, para o Vale das Rosas.

Alice levou uma pétala ao nariz. O cheiro fê-la lembrar-se dos seus sonhos de fogo.

– A minha mãe diz que foi lá que eu nasci. No Vale das Rosas, na Bulgária. Não é bem um sítio. Ela diz que é um sentimento, mas eu não percebo o que isso significa. Só sei que, lá, os reis são enterrados e as rosas crescem com um cheirinho doce porque há ouro enterrado na terra, juntamente com os ossos deles.

Alice ergueu um sobrolho.

– Ok, essa parte do ouro e dos ossos fui eu que inventei. Mas diz lá se não era giro? Se os ossos e os tesouros dos reis tivessem sido enterrados nesses vales de rosas mágicos?

Ouviram-se passos atrás deles.

– Temos de ir andando, ervilhinha – disse Candy com um sorriso.

Alice e Oggi saíram do círculo de pétalas de rosas e seguiram Candy até à frente da casa – onde Boryana os esperava.

– Toma lá, Alice. Uma gracinha para te desejar as boas-vindas. – Boryana estendeu-lhe um frasquinho tapado com tecido e atado com uma fita. Lá dentro, uma geleia cor-de-rosa brilhante. – É feita de rosas – disse ela. – E faz magia nas torradas.

– Adeus, Alice – disse Oggi. – Vemo-nos amanhã na escola.

Amanhã. Alice acenou-lhe enquanto Candy conduzia de volta à rua principal. Ver-se-iam novamente amanhã.

Enquanto se dirigiam para casa, a menina levou os dedos às faces quentes. Parecia-lhe que tinha raios de sol a saírem-lhe das bochechas.

Acácia baileyana



Significado: **Firo para curar**

Acacia baileyana | Nova Gales do Sul

Bonita árvore de folhagem tipo feto, com flores amarelo-dourado em forma de globo. Adaptável e perene, cresce facilmente. Floresce no inverno e as flores libertam um forte aroma adocicado. Produz pólen em abundância e é das árvores preferidas das abelhas para a produção de mel.

June andou às escuras pelo corredor, acendendo alguns candeeiros. O relógio do avô anunciava as duas da manhã. Assim que nascesse o sol, aguardava-a uma longa viagem até aos mercados de flores da vila. Mas ainda faltavam umas boas horas. Podia dormir mais um bocado.

Há semanas que as noites se alongavam cada vez mais, vazias e inquietas. A cama de June vergava sob o peso de demasiados fantasmas, sentados aos pés dela, segurando viçosos ramos de acácias. O inverno era sempre a estação mais complicada. As encomendas de flores diminuía significativamente. Histórias antigas revolviam-se de onde estavam, enterradas em geadas precoces que cobriam a terra. E aquele era também o inverno em que Alice viera para casa.

Ainda que não falasse, a menina sorria cada vez mais. Algo na escola a acordara, de certo modo, retirando-a da profunda paralisia da dor. Há semanas que não fazia chichi na cama. Não teve mais nenhum ataque de pânico. Twig deixou de insistir com a questão da terapia. Alice tinha sempre um livro aberto no colo, com uma flor prensada entre as páginas. Vivia agarrada a Candy, na cozinha ou no jardim de ervas aromáticas, ajudando-a a inventar novas receitas. Ou ia saltitando nas suas botinhas azuis, seguindo Twig como uma sombra pelo ateliê.

Mas por mais que June tentasse mantê-la debaixo de olho, e mesmo com os dias cada vez mais frios, Alice arranjava sempre forma de desaparecer de vez em quando – para regressar pouco depois com o cabelo molhado. June sabia que ela já conhecia muito bem o rio. E, provavelmente, o eucalipto gigante. No entanto, ainda não se sentia capaz de lhe contar as histórias de Thornfield e das

mulheres de quem ela descendia. June sabia que assim que falasse no nome de Ruth, a história inevitavelmente seguiria um único rumo: Wattle, depois June, e por fim Clem, Agnes, e a opção que June tinha tomado.

Encostou-se à bancada da cozinha, com a garrafa de whisky aberta, e serviu-se de outro copo. Estava cansada. Cansada de suportar o peso de um passado demasiado doloroso de recordar. Estava farta de flores que diziam o que as pessoas não suportavam dizer. De mágoas, isolamento e fantasmas. De ser mal compreendida. Quando pensava em falar a Alice sobre a família dela, dava por si a lutar contra a ideia de ter de assumir mais culpas pelos segredos que cresciam por entre as flores de Thornfield. Tinha de haver outra maneira de Alice sarar as suas feridas interiores que não a obrigassem a confrontar-se com a verdade sobre a sua família; uma verdade que June achava que a menina desconhecia, apesar da manhã em que Alice parecera ter reconhecido o rosto da avó. Nada indicava que Alice soubesse a razão pela qual o pai levava a mãe para longe de Thornfield, ou que June poderia ter salvo Agnes, se tivesse cedido aos caprichos de Clem. Mas a verdade é que ela tinha deixado o filho partir, levando a mãe de Alice com ele. Tudo porque se recusara a ceder à sua ira. E também porque Agnes o amava mais do que a si própria.

Levou o whisky para a sala de estar e bebeu diretamente da garrafinha. No primeiro dia de Alice em Thornfield, quando a menina se aninhou nos braços dela e enterrou a cara na curva do seu pescoço, June sentiu cada centímetro do seu corpo encher-se de um amor que ela nunca se atrevera sequer a recordar. Não arriscaria perder isso. Não aguentava a ideia de a neta pensar mal dela. Dia após dia, as histórias permaneciam por contar. Ela ia adiando, adiando... *Quando a Alice começar a escola, conto-lhe. Quando a Alice sorrir, conto-lhe. Quando a Alice me perguntar, eu conto-lhe. Tem cuidado, June, avisara-a Twig. O passado tem uma maneira muito peculiar de fazer brotar novos rebentos. Se não cuidares bem delas, esse tipo de histórias arranjam maneira de criar as suas próprias raízes.*

June deixou-se cair no sofá, segurando a garrafinha de whisky, sentindo o passado reunir-se à sua volta. As histórias de Thornfield nunca estavam longe dos seus pensamentos.

O homicídio de Jacob Wyld deixara Ruth desolada. Parira sozinha a filha de ambos, junto ao rio, e dera-lhe o nome da primeira acácia a florir durante a seca⁸. Era tudo o que restava do jardim de Ruth, e tudo o que podia dar à filha: um nome que talvez conseguisse encorajá-la a sobreviver, enquanto crescia numa casa com Wade Thornton e os seus abusos. *Eu estava determinada a não o deixar fazer a mim aquilo que ele fizera à da minha mãe. Os olhos dela eram vazios como as cascas das cigarras na terra seca, onde um dia as flores dela cresceram, Junie, costumava dizer-lhe Wattle.*

Os olhos das gentes da vila tornaram-se deliberadamente cegos em relação a Thornfield, depois de Ruth ter deixado de vender flores nos mercados e o seu jardim ter secado e morrido. Quando

Wade aparecia na vila, ninguém o questionava acerca dos rumores do seu temperamento violento, e ignoravam Wattle, a menina que muitos diziam ter sido mais criada pelos pássaros do que pela mãe. À exceção de Lucas Hart que viu Wattle pela primeira vez quando era ainda um rapazinho, passeando à beira rio. Na altura, achou que ela era uma espécie de sereia do rio, pelo modo como a sua pele parecia verde debaixo de água, e por ter o longo cabelo preto cheio de flores e folhas. Ainda que nunca a tivesse visto na escola, ou nas lojas, ou na igreja, a menina cativou-lhe irrevogavelmente a imaginação. Sempre que ia até ao rio, rezava para que ela lá estivesse. Fascinava-o vê-la nadar, braços e pernas cortando a água como se tivesse uma pontuação a atingir. E ao longo do tempo, ambos foram crescendo. Ela tornou-se uma jovem mulher, sempre solitária e inatingível, raramente vista na vila. E ele foi para fora estudar medicina. Mas nem a instrução, nem a vida citadina fizeram com que Lucas a esquecesse; as lembranças de Wattle corriam-lhe nas veias como uma febre. Regressou a casa, ocupou a residência do médico de família na vila, e todas as noites insistia em ir até ao rio. Ficou desde logo a par dos rumores que corriam acerca de Wade Thornton. Mas a verdade é que ninguém intervinha; entre marido e mulher ninguém metia a colher. Só que a Lucas apetecia-lhe gritar a plenos pulmões que Ruth Stone nunca fora esposa de Wade Thornton por escolha. Nem, como mais tarde se veio a provar, Wattle Stone era filha dele. A cada noite que se dirigia ao rio, Lucas prometia a si mesmo que iria bater à porta da frente de Thornfield e apresentar-se. Mas, inevitavelmente, noite após noite, não se atrevia a transpor as fronteiras da propriedade, e voltava para trás. Até à noite em que ouviu uma mulher gritar, e depois um tiro. Seguido de um silêncio sinistro.

Lucas desceu a correr o caminho do rio até ao jardim da frente de Thornfield, onde Wattle Stone ainda segurava a caçadeira, debruçada sobre o corpo de Wade Thornton, alagado num sangue tão escuro que parecia tinta. *Estás ferida?* gritara Lucas. *És tu que estás a sangrar, Wattle? Estás ferida?* Wattle endireitara-se, rígida e terrivelmente pálida, os olhos tão escuros quanto a poça de sangue aos seus pés. *Wattle?* gritara Lucas, em pânico. Ela abanou a cabeça lentamente. *Não sou eu,* sussurrou, a arma tremendo-lhe nas mãos. Procuraram os olhos um do outro e fizeram um voto secreto.

A notícia da morte de Wade Thornton espalhou-se pela vila como um incêndio, acompanhada de muita especulação.



Alguns diziam que Ruth Stone o tinha enfeitiçado, levando-o ao suicídio. Outros afirmavam que tinha sido a filha de Ruth a assassiná-lo. As mulheres Stone e as suas flores foram decretadas aziagas; a maldição que caíra sobre a vila – desde que Ruth Stone deixara de manter os campos de flores – tinha levado consigo o ganha-pão das pessoas, bem como as suas esperanças. Os pescadores

do rio apressaram-se a afirmar que tinham visto Ruth naquela noite a falar com alguém na margem. E quando se deu o avistamento de um bacalhau-de-murray⁹, os rumores triplicaram; era impossível o Rei do Rio surgir tão próximo de uma via fluvial tão a norte. Só podia ter sido ela a conjurar aquele mau presságio. O facto de Ruth Stone e a sua quinta de flores terem sido, em tempos, a salvação de toda uma população foi facilmente esquecido.

As calúnias não se silenciaram até o Dr. Lucas Hart ter vindo a público dar o seu testemunho: tinha visto Wade Thornton a cambalear de bêbado, fazendo disparar a sua caçadeira enquanto a tentava limpar, acabando por matar-se sem querer. A polícia considerou que a morte tinha sido accidental, e os locais rapidamente dirigiram as suas atenções para outros assuntos. Wattle Stone casou com Lucas Hart, levando nas mãos até ao altar um bonito buquê de acácias. Viveram sempre em Thornfield, junto de Ruth.

Até que chegaste tu, Junie, era o que a mãe lhe dizia sempre naquela parte da história, olhando bem nos olhos de June. *E as pessoas voltaram a ser boazinhas; tu quebraste a maldição de Thornfield.*

Com June a seu lado, no berço, Wattle soprou o pó do caderno de notas de Ruth. Enquanto Lucas dava consultas na clínica, ela ia levantando sistematicamente livros da biblioteca da vila, lendo-os em voz alta, decifrando os esboços de Ruth e fazendo uma lista das sementes que tinha de encomendar na vila, enquanto a bebé June palrava perto dela. Ao longo de uma dúzia de estações, Wattle conseguiu reerguer a quinta de flores da mãe. As pessoas começaram a valorizar os buquês que surgiam à venda nos mercados da vila. *Regresso da felicidade*, dizia um ramo de telopeas, cada uma do tamanho de um coração humano. *Devoção*, diziam as borónias cor-de-rosa, num ramo de flores côncavas de aroma intenso. Não demoraram a vender-se todas. Mais uma vez, as flores de Thornfield não chegavam para as encomendas.

Ainda que Wattle tivesse feito renascer os tão adorados jardins da mãe, não conseguiu atenuar-lhe os desvarios da mente. Mimava a mãe com o mesmo afeto com que acarinhava a própria filha, esforçando-se por fazê-la feliz, mas Ruth continuava a escapulir-se de casa todas as noites. Wattle ficava acordada, ouvindo ranger as tábuas do soalho, até que, numa noite de luar, resolveu segui-la até ao rio. E viu Ruth lançar flores à água, balbuciando coisas sem nexos.

Mamã... Wattle surgiu no leito arenoso do rio, sob a noite estrelada de prata. Os olhos da mãe estavam brilhantes e lúcidos. *Com quem estás a falar, mamã?*

Com o teu pai, meu amor, respondeu Ruth, simplesmente. *O Rei do Rio.*

Formaram-se bolhas na superfície da água, enquanto uma flor era sugada para baixo – mas por o quê, Wattle não viu. Virou costas e regressou a casa, para os braços do marido que a aguardava no calor da cama.

Ruth morreu durante o sono, quando June tinha apenas três anos. Na manhã em que Wattle a

encontrou, o cabelo da mãe estava húmido do rio, cheio de folhas de eucalipto e lírios-baunilha.

O testamento dela deixava tudo a Wattle. Ruth pedia apenas uma única coisa à filha: que Thornfield nunca viesse a ser legada a um homem que não a merecesse. E nas gerações seguintes, nunca o foi. Para grande raiva e fúria de Clem Hart.

Presta atenção agora, Junie, ouviu a voz da mãe ecoar-lhe na mente. Estas são as dádivas da Ruth. As nossas formas de sobrevivência.

June suspirou profundamente, vendo os primeiros raios de luz surgirem no céu. Cambaleante, levantou-se do sofá e arrastou-se até ao quarto, as últimas gotas de whisky agitando-se no fundo da garrafa.



No primeiro dia das férias de inverno, Alice aproximou-se de uma das janelas do quarto a observar o trilho de terra calcária que saía do mato e seguia até ao rio. Ela e Oggi tinham um encontro marcado lá, no dia seguinte de manhã, assim que acordassem – para festejarem juntos o décimo aniversário dela. Oggi era o melhor amigo que Alice alguma vez tivera – isto porque Toby era um cão, Candy era muito mais velha, e Harry também era um cão, e um livro não era uma pessoa.

Afastou-se da janela e dirigiu-se aos seus livros, espalhados pelo chão do quarto, para fazer os trabalhos de casa. Harry abanou a cauda ao vê-la sentar-se. Alice tinha um trabalho de férias para fazer: escrever uma crítica sobre um livro que adorasse, explicando porquê. Enquanto os colegas se lamentavam, Alice ficou entusiasmadíssima quando Mr. Chandler distribuiu os trabalhos para férias. Soube de imediato qual seria o livro: o das histórias das *selkies*, o livro que Sally escolhera para ela na biblioteca. E o mesmo que June lhe enviara para o hospital, antes de se conhecerem.

Foi até a uma estante, percorreu com o dedo as lombadas até encontrá-lo. Quando o puxou, veio outro atrás, caindo no chão. Alice apanhou-o, um exemplar de capa dura forrada a tecido, com letras brilhantes e uma ilustração esbatida. Era o livro sobre a menina com o mesmo nome dela, e as suas aventuras no país das maravilhas.

Alice abriu-o. Quando leu a dedicatória, ficou gelada.

– Olá, ervilhinha, trouxe-te um chocolate quente. – Candy apareceu à porta do quarto com uma caneca fumegante. – Alice? O que foi? – Poisou a caneca. – Deixa-me ver. – Candy tirou o livro das mãos da menina. Alice ficou a vê-la ler a dedicatória. – Oh, Alice... – A voz falhou-lhe.

A raiva tomou conta da criança. Empurrou Candy para fora do quarto, batendo-lhe com a porta na cara. Harry correu para junto dela, ladrando nervosamente. Alice abriu a porta e enxotou-o também.

Não apareceu lá em baixo durante o resto do dia. Candy levou-lhe a carne assada do jantar, mas Alice não lhe tocou. Depois de tentar falar com ela através da porta do quarto, Twig instalou-se no terraço de trás, acendendo cigarro atrás de cigarro.

Já estava escuro quando os faróis da carrinha de June surgiram no horizonte, na estradinha de acesso à propriedade. Alice sentou-se na cama, agarrada ao livro. Ouviu a porta de casa abrir, o ruído das chaves de June na taça de vidro do vestíbulo. Passos cansados percorrendo o corredor até à cozinha. A torneira do lava-loiças a abrir e depois a fechar. Pulseiras a tilintar. O borbulhar da água quente na chaleira, seguida do previsível assobio. Imaginou o vapor a sair de uma caneca com um pacotinho de chá pendurado. O bater de uma colher na borda de porcelana. Uns momentos de silêncio, até os passos pesados de June se dirigirem às escadas.

– June. – A voz de Twig no corredor.

– Tem calma, Twig.

– June, eu...

– Calma, Twig.

Os passos da avó pelas escadas. Subindo. Subindo. O bater à porta do quarto de Alice.

– Olá, Alice. – June abriu a porta. Harry correu para ela, abanando-se todo e cumprimentando-a com um latido. Alice não olhou para a avó. Limitou-se a dar um forte pontapé na estrutura da cama. – Como foi o teu dia? – June passeou pelo quarto de Alice com uma mão no bolso e a outra a segurar a caneca de chá. Pisou o trabalho de casa que Alice deixara no chão e dirigiu-se às estantes. Alice cravou os olhos nas botas da avó. Quando ela se voltou, disfarçou rapidamente.

A menina ergueu o livro com ambas as mãos, aberto na página da dedicatória, onde a mãe escrevera o seu nome, uma e outra vez, desenhando os *a* como corações.

Agnes Hart. Mrs. Hart. Mr. and Mrs. Hart C & A Hart. Mrs. Agnes Hart.

E por baixo, na caligrafia do pai:

Querida Agnes,

Encontrei este livro na vila e lembrei-me de ti. Sei que foi a única coisa que trouxeste para Thornfield, e espero que não te importes de ficar com um segundo exemplar, oferecido por mim.

Antes de o comprar, nunca tinha lido esta história. Mas li-a agora, e fez-me lembrar de ti. Porque quando estou contigo sinto-me a cair, mas de um modo maravilhoso. Como um labirinto de onde não quero sair. Tu és a coisa mais mágica e desconcertante que jamais me aconteceu, Agnes. És mais bonita do que qualquer flor que cresce em Thornfield. Acho que é por isso que a minha mãe também te ama tanto. Acredito que possas vir a ser a filha que ela nunca teve.

Também quero muito agradecer-te por me teres contado as tuas histórias sobre o mar. Eu nunca vi o oceano, mas quando tu olhas para mim sinto que consigo entender aquilo

que descreves. A impetuosidade, a beleza. Talvez um dia possamos lá ir. Quem sabe um dia não nadamos juntos?

Com amor,

Clem Hart

June esfregou a testa com força. Harry ofegou, a cauda abanando ansiosamente de um lado para o outro.

– Alice... – começou.

Alice observou a cena como se estivesse fora do seu corpo, como quando estava no hospital e viu as cobras de fogo enrolarem-se à volta dela, transformando-a em algo que ela não reconheceu. Levantou-se da cama. Puxou o braço atrás. E com toda a força que tinha, atirou o livro a June. Ele atingiu-a em cheio na cara e ao cair no chão a lombada desfez-se.

June mal se mexeu. Um hematoma roxo começou a formar-se-lhe na bochecha. Alice olhou para a avó. Porque é que ela não reagia? Porque é que não estava furiosa? Por que razão não lhe bateu de volta? A visão de Alice turvou-se-lhe. Puxou os próprios cabelos, desejosa de gritar. A mãe dela tinha estado em Thornfield? Quando? E por que razão ninguém lhe dissera? Que fora ali que os seus pais se tinham conhecido? Que mais coisas não lhe teriam contado? Por que haveriam de lhe ter escondido tal coisa? Porque teriam os pais dela saído de lá? A cabeça de Alice doía-lhe terrivelmente.

June avançou para ela, mas Alice esperneou, enxotando-a. O cão não parava de andar de um lado para o outro, ganindo. Alice ignorou-o. Ele não a podia proteger *daquilo*.

– Oh, Alice, desculpa. Sei que estás a sofrer. Lamento tanto.

Quanto mais June tentava confortá-la, mais furiosa a menina ficava. Deu pontapés e mordeu e arranhou as mãos de June. Lutou com todas as suas forças contra o corpo forte da avó, contra a sua vida em Thornfield, contra o estar tão longe do mar. Lutou contra os colegas maldosos da escola e o modo como continuavam a chateá-la, a ela e a Oggi. Deu pontapés e gritou contra o facto de as pessoas terem de morrer. Lutou contra o precisar da ajuda de Harry, e contra a tristeza de Candy quando cozinhava, e contra as lágrimas contidas no riso de Twig.

Tudo o que Alice queria era libertar-se e correr para o rio, mergulhar nas suas águas e nadar para longe, muito longe, de volta à sua baía. Para casa, para junto da mãe. Para o hálito quente de Toby na sua bochecha. Para a sua secretária. Para onde ela pertencia.

Assim que se sentiu a perder as forças nos braços de June, Alice começou a chorar. Como desejava nunca ter vindo para Thornfield – onde nada era o que parecia. Como desejava nunca ter entrado na cabana do pai.

⁸ *Wattle*, no original, que significa “acácia” (N. da T.)

⁹ Grande peixe predador de água doce da Austrália. É o maior peixe do país, e um dos maiores do mundo. (N. da T.)

Taças-de-cobre



Significado: **Minha rendição**

Pileanthus vernicosus | Austrália Ocidental

Arbusto estreito e lenhoso, encontrado em charnecas, dunas e planícies. Tem flores magníficas que variam do vermelho ao laranja e amarelo. Floresce na primavera, em raminhos espigados densamente cobertos por folhinhas robustas. Os jovens botões de flores têm uma camada oleosa brilhante.

De todas as maneiras que Alice podia ter ficado a saber da história dos pais em Thornfield, a última que June esperava era que fossem *eles* a contar-lhe. Mas ali estava a prova, na caligrafia de ambos: Agnes a praticar o seu futuro nome e Clem a escrever uma declaração de amor. Antes de Alice chegar, June pensava ter escondido todas as provas nas caixas que levava para um armazém alugado na vila. Nunca lhe passou pela cabeça folhear os livros das estantes do quarto do sino.

Depois de ver Alice finalmente exausta de tanto lutar, June levou-a ao colo para baixo, até à casa de banho – onde Twig lhe preparara um banho quente. June evitou o olhar dela. Twig nunca lhe diria as palavras em voz alta, não fazia o género dela, mas June ouviu-as à mesma. *O passado tem uma maneira muito peculiar de fazer brotar novos rebentos.*

June passou apressada pela cozinha, viu Candy aquecer leite para Alice, e, sem uma palavra, refugiou-se no quarto. Fechou a porta firmemente. A caixa de avelaneira estava em cima da cama, onde ela a deixara. Olhou-a atentamente.

Na manhã em que Alice tivera o ataque de pânico, June arrancara com a carrinha e fora matriculá-la na escola. Sim, era verdade. Mas também era verdade que tinha passado a maior parte do tempo no armazém, confortando-se com as recordações e relíquias do seu passado. E, no regresso

a casa, decidira levar consigo a caixa de avelaneira dizendo a si própria que precisava de algo que estava lá dentro para fazer o presente de aniversário da neta.

Sentou-se ao lado da caixa, demorando-se nos preciosos detalhes de marcenaria, imaginando as horas que Clem teria investido naquela obra magnífica. A seguir à secretária que ele construíra para Agnes – e que estava agora no quarto de Alice – aquela era a sua obra digna de maior orgulho. Ele era bom com sementes e flores, mas era excecional a transformar árvores caídas em sonhos. Tinha acabado aquela caixa pouco antes de completar dezoito anos, aquela fase em que um rapazinho acha que pode gravar a sua alma numa caixa de avelaneira e transformar-se num homem.

À volta de um dos rebordos da tampa via-se Ruth com as mãos cheias de sementes, e flores a crescerem aos seus pés. Outras imagens mostravam o perfil da sua barriga grávida, e, mais tarde, muito mais velha, já encurvada e de olhar sereno, sentada à beira rio. Tinha flores nos braços e, a seus pés, a sombra quase impercetível de um bacalhau-gigante nas águas do rio. À volta do outro rebordo via-se Wattle com uma coroa de flores na cabeça e a bebé June ao colo, com a casa e o campo de flores estendendo-se por detrás delas. No centro da caixa, o próprio Clem gravado, com um homem sem rosto de pé atrás dele. À direita de Clem, a própria June, sorrindo. À sua esquerda, uma menina aproximando-se, trazendo nos braços ramos de acácias.

Era assim que Clem se via: como o centro da história de Thornfield. Razão pela qual, lembrou June, ele tinha feito o que fizera: deixado a quinta juntamente com Agnes, depois de, acidentalmente, ter ouvido June dizer que não tencionava deixar-lhe Thornfield em testamento. Em suma, o filho tinha ouvido a própria mãe dizer à rapariga que amava que o considerava desmerecedor.

June pegou na sua garrafinha e deu um longo trago no whisky. E outro. E outro ainda. A cabeça deixou de latejar.

Ao olhar para o rosto de Agnes gravado pela mão do filho, June foi obrigada a admitir que Alice era a cara chapada da mãe. Os mesmos olhos enormes e o mesmo sorriso aberto.

A mesma passada ligeira. O mesmo bom coração. Dar a Alice alguma coisa que pertencera à mãe era o mínimo que June podia fazer. Levantou o fecho de latão e abriu a caixa. Antes que June conseguisse detê-las, as memórias saltaram, inundando-lhe os sentidos. O cheirinho doce dos invernos junto ao rio. A amargura dos segredos.

June tinha dezoito anos quando, lado a lado com a mãe, espalharam as cinzas do pai à volta da velha acácia. Mais tarde, quando as gentes da vila se reuniram lá em casa contando histórias sobre os bebés que o pai tinha trazido ao mundo e as vidas que salvara, June escapulira-se para o rio. Fazia muito tempo que não percorria o trilho branco e poeirento; praticamente desde criança. Conhecia demasiadas histórias sobre o azar que aquele percurso sempre trouxera às mulheres da sua família. Para June, todas as coisas tinham a sua ordem, e aterrorizava-a o facto de o amor poder ser tão desmedido e injusto; detestava a visão do eucalipto gigante onde a mãe e a avó tinham gravado os seus nomes, a recordação da bênção e da maldição que o amor descarregara sobre cada uma delas.

Contudo, naquele dia, June fora atraída para o trilho pela simples ideia da água; o corpo dela estava ressequido pela dor.

Quando chegou ao rio, com o rosto marcado pelas lágrimas e as meias pretas cheias de buracos, encontrou um jovem a nadar nu na água verde-chá, de olhos erguidos para o céu.

Apressou-se a limpar as lágrimas, recompondo-se. *Isto é propriedade privada*, gritou-lhe, no seu tom mais arrogante.

A expressão serena do jovem revelou-se desarmante. Como se estivesse à espera dela. O cabelo escuro, os olhos pálidos. A barba de três dias a cobrir-lhe o queixo.

Anda, disse-lhe, observando as roupas pretas dela. *Aqui dentro ninguém sofre*.

June tentara ignorá-lo. Mas o olhar dele fê-la corar; o alívio de sentir outra coisa que não morte e sofrimento era mais doce que o mel das colmeias do pai.

June começou a desabotoar o vestido; primeiro lentamente, depois num frenesi, até deixar as roupas de luto num monte, no chão. Lançou o corpo pálido à água. Foi ao fundo, soprando o ar dos pulmões para a superfície. Sentiu a areia e o cascalho por entre os dedos dos pés. A água do rio encheu-lhe os ouvidos, os olhos e o nariz.

Ele tinha razão. *Ninguém sofria ali*.

Ao sentir a pressão apertar-lhe os pulmões, veio à superfície, sedenta de ar. Ele ficou onde estava, mantendo a distância, olhando para ela. Antes de sequer perceber o que estava a fazer, June nadou até ele.

Mais tarde, já no lusco-fusco e com uma pequena fogueira a crepitar numa cova de areia na margem do rio, deixaram-se ficar enrolados um no outro. O corpo ardia-lhe de dor e de prazer. Já tinha namoriscado com rapazes nos arbustos das traseiras da escola, mas era a primeira vez que se entregava a um homem por inteiro. Passou a ponta dos dedos por uma cicatriz avermelhada no peito dele. Tinha outra nas costas, na mesma zona. June beijou cada uma delas, saboreando a água doce do rio sobre a sua pele.

Onde moras? perguntou-lhe.

Ele desembaraçou-se do abraço dela.

Em todo o lado, respondeu-lhe, calçando as botas. Ela ficou a vê-lo, o reconhecimento atingindo-a como uma pedrada. Ele estava a ir-se embora.

June tapou o corpo com as suas roupas. *Ver-te-ei de novo?*

A cada inverno, respondera-lhe. *Quando a acácia florescer*.

June mergulhou no amor como se fosse o rio; firme, constante e verdadeiro. Disse a si própria que aquilo nada tinha a ver com o fatídico caso amoroso da avó Ruth com o Rei do Rio, nem com a firmeza da união entre o pai e a mãe. Do ponto de vista de June, era ela quem controlava a situação; não estava disposta a perder-se de amores por um homem, nem pretendia gravar o nome dela numa árvore, como testemunho do seu sofrimento. O seu amor não seria uma história inacabada. Ele

voltaria. Quando a acácia florescesse. E a acácia florescia sempre.

Os meses que se seguiram à morte do pai foram lentos, poeirentos e árduos. Wattle Hart recusava-se a sair da cama. A casa cheirava a flores estagnadas. June voltou-se para a quinta, passando longos dias a cuidar das flores e a responder às encomendas das vilas vizinhas. À noite, depois de preparar uma refeição que Wattle mal depenicava, June enfiava-se no ateliê, aprendendo a fazer flores prensadas em resina, concebendo joias. Deixava-se ficar por lá até os olhos lhe arderem de cansaço. Por vezes adormecia à secretária, acordando com câibras no pescoço e pétalas coladas à bochecha. Evitava a dor da mãe sempre que podia; não suportava ver os destroços que o amor deixava para trás.

Em maio, June manteve-se atenta; aos primeiros sinais de florescimento da acácia, correu até ao rio. Susteve a respiração enquanto corria. *Só respiro quando o vir. Só respiro quando o vir.*

Voltou lá todos os dias, até se aproximar o fim do inverno. Os rebentos da acácia começaram a cair. A roupa dela ficava-lhe cada vez mais larga, pendendo-lhe dos ombros e das ancas. Meias-luas roxas surgiram-lhe debaixo dos olhos. Enquanto a sua pele se tornava febril e os dedos se enchiam de terra, os campos floresciam. Numa tarde de final de agosto, quando atravessava a clareira até à margem do rio, viu uma pequena fogueira a arder, com uma caneca de estanho por cima contendo chá. Ele olhou para ela, os seus olhos pálidos perfurando-lhe a alma.

Por onde tens andado? Ruth perguntou-lhe.

Ele desviou o olhar. *Estou aqui agora*, disse-lhe apenas.

Ela notou-lhe um hematoma recente debaixo do olho direito. June caiu sobre ele, tomando-o nos braços, sentindo-lhe as batidas do coração pressionado contra o seu, através da camisa de flanela.

Só voltou a casa três dias depois.

Acampou à beira rio com ele, comendo ervilhas de lata e pão seco com toucinho, fazendo amor junto à fogueira e grinaldas de margaridas ao sol. Ele não lhe contou onde estivera. E ela não lhe disse o quanto precisava que ele ficasse.

Uns meses depois, saíram nos jornais uma série de artigos relativos a uns assaltos a bancos nas vilas vizinhas. Alegavam que os bandidos eram veteranos, regressados da guerra. Avisavam as gentes locais para se manterem atentas e vigilantes. *Estes criminosos estão armados, são perigosos e procuram sítios para se esconderem.*

Ao longo da primavera, verão e outono, Thornfield viu-se abençoada por um amplo esplendor de flores – resultado do trabalho incansável de June. Deixara-se absorver pelo trabalho de tal forma, transformando os seus tormentos em flores, que nem reparara no estado cada vez mais fragilizado da mãe; até a ver transformada num farrapo da mulher que outrora fora.

Presta atenção agora, Junie, foram as últimas palavras que ouviu da boca dela. *Estas são as dádivas da Ruth. As nossas formas de sobrevivência.*

June não prestara a devida atenção à mãe, e a doença consumira o que lhe restava do coração.

Para o funeral, June cortou todas as flores de acácia que havia em Thornfield.

O terceiro inverno que passaram juntos no rio foi praticamente mudo. Ele não lhe perguntou porque motivo ela chorava. Ela não lhe perguntou que feridas eram aquelas nos nós dos dedos. Tal como ele, June não estava interessada em ouvir a resposta.

Quando chegou a primavera, June já sabia que estava grávida. Deu à luz sozinha, num ventoso dia de outono, e chamou ao filho *Clematis*, o nome de uma flor trepadeira em forma de estrela. E quando a acácia voltou a florescer, June já sabia, antes mesmo de chegar à clareira com o bebé nos braços, que ele não estaria lá. E que jamais regressaria.

De volta à quinta, enlutada, sozinha, e com um bebé recém-nascido, June passou as noites a chorar, ensopando a almofada com lágrimas de culpa e terror, temendo que a sua atitude negligente tivesse conduzido à morte da mãe. E também receava que o seu filho viesse a revelar a mesma natureza insensível do pai. Noite após noite, o cenário repetia-se, até ao dia em que uma inesperada amizade subiu os degraus de sua casa.

June vasculhou a caixa de avelaneira até o encontrar: um ramo de margaridas secas. Deixou que os dedos brincassem com ele, com um suspiro nostálgico.

Foi numa clara manhã de primavera que Tamara North chegou a Thornfield, com uma mala pequena numa mão e um vaso de bonitas margaridas na outra. June abriu a porta de casa sem ter tomado banho e a cheirar a leite azedo, com Clem a berrar-lhe nos braços – e uma quinta de flores moribundas às costas. Ofereceu ali mesmo um emprego a Tamara. A fazer o quê, não sabia ainda; ajudando na quinta ou simplesmente assumindo o papel de amiga dela. June precisava de ambas. Tamara pousou a mala e o vaso no chão e pegou de imediato em Clem.

Quando um bebé chora, não há nada melhor do que pô-lo dentro de água, declarou. *A água acalma-os.*

Tamara avançou confiante até à casa de banho, como se soubesse sem a menor dúvida para onde ia e o que tinha de fazer. June ficou no corredor, estarecida ao ouvir o som de um banho a correr, a serena canção de Tamara, e o arrulhar do pequeno Clem.



Na primeira noite de Tamara em Thornfield, depois de ela ter deitado Clem e de se ter instalado no seu novo quarto, June cortou umas quantas margaridas do vaso que ela trouxera. Pendurou o raminho voltado ao contrário na janela do seu quarto, para que as flores secassem, e colou duas delas no Dicionário de Thornfield, com uma nova entrada:

Margarida Twiggy. A tua presença atenua as minhas dores.

E Tamara passou a chamar-se Twig¹⁰, e atenuou as dores de June desde então. Mesmo quando June não lhe dava ouvidos.

Voltou a colocar o ramo de flores secas na caixa. Passou os dedos pelos rebordos esculpidos. Fora a última coisa que Clem lhe dera, antes de ficar a saber que a quinta de Thornfield nunca seria sua. Antes daquele temperamento que lhe aflorava a pele desde bebé explodir irrevogavelmente. *Oxalá nunca te tivesse conhecido, oxalá tivesse sido criado pelo meu pai*, gritou ele a June, antes de agarrar em Agnes por um braço e arrancarem juntos na carrinha. A rouquidão da sua voz e a palidez doentia do seu rosto continuavam bem vívidas na memória dela; assim como o vazio no olhar de Agnes, na janela do carro.

June sentiu o estômago revirar ao questionar-se se o filho teria escolhido propositadamente a madeira de avelaneira para fazer a caixa; mas a verdade é que ele não podia saber que o seu significado atormentaria a mãe ao longo dos anos futuros: *reconciliação*. Antes que um soluço lhe saísse do peito, June vasculhou apressadamente o conteúdo da caixa até encontrar aquilo de que precisava para fazer o presente de anos de Alice.

Limpou os olhos, fechou a tampa com força, e esticou a mão trémula até à garrafa whisky. Depois de uns longos goles, saiu do quarto, atravessou a casa e saiu, dirigindo-se ao ateliê.

Muito depois de toda a gente se ter deitado, June continuava sentada à secretária, sob a luz de um candeeiro de joalheiro até os olhos lhe arderem e a garrafinha ficar vazia. Acabada a carta que escrevera a Alice, e com o presente dela devidamente embrulhado, June desligou o candeeiro. Saiu do ateliê, cambaleou pela escuridão até à porta de casa, e subiu ao quarto da neta.



Alice agitou-se no sono. Levantou-se da cama. Sob a ténue luz da lua que lhe entrava pelas janelas, viu June sentada à secretária do quarto. Mas, incapaz de manter os olhos abertos, afundou-se de novo na almofada. Quando acordou já era dia. O dia do seu décimo aniversário. Lembrando-se do que vira a meio da noite, olhou para a secretária. Sobre o tampo lúcido estava um presente e uma carta.

Rasgou o embrulho com mãos ansiosas, abriu a caixa de joias e suspirou. Um grande medalhão de prata pendurado num fio. Encrustado em resina, o fecho ostentava um molhinho de pétalas vermelhas prensadas. Alice enfiou uma unha na ranhura. O medalhão abriu-se. Olhando para ela através de um vidro finíssimo, uma fotografia da mãe, a preto e branco. Alice sentiu lágrimas quentes rolarem-lhe pelo rosto. Pôs o colar ao pescoço e pegou na carta.

Querida Alice,

Por vezes, certas coisas são muito difíceis de serem ditas. Sei que entendes isso melhor do que ninguém.

Quando eu tinha aproximadamente a tua idade, comecei a aprender a linguagem das

flores criada pela minha mãe, a tua bisavó – que a aprendeu com a mãe dela – recorrendo às flores que crescem nesta terra, o nosso lar. Elas ajudam-nos a dizer o que, por vezes, as palavras não conseguem.

Parte-me o coração não poder recuperar aquilo que te foi roubado. Assim como tu perdeste a voz, também eu perdi parte da minha quando pensei em falar-te sobre a tua mãe e o teu pai. E isso não é bom, eu sei. Compreendo que precisas de respostas. Estou a tentar dar o meu melhor, e sei que tu também estás. Quando eu encontrar essa parte da voz que me falta, por favor acredita que te darei todas as respostas de que precisas. Prometo. Quem sabe não encontramos juntas as nossas vozes?

Sou tua avó. Amei muito os teus pais. E amo-te a ti. Amar-te-ei toda a vida. Agora somos a família uma da outra. Para sempre. E a Twig e a Candy também.

Esta é a única fotografia que tenho da tua mãe. Agora pertence-te. Fiz este medalhão a partir de pétalas prensadas de uma flor chamada ervilha-do-deserto-de-Sturt. Para as mulheres da nossa família, significa «Tem coragem. Acredita».

Thornfield é o lar da tua mãe, o lar da tua avó, o lar da tua bisavó e trisavó. E agora também pode ser o teu. Vai abrir para ti as suas histórias, tal como este medalhão. Se tu deixares.

A tua avó que te adora,

June

Alice dobrou a carta e passou os dedos pelo vinco. Enfiou-a no bolso e segurou o medalhão aberto na palma da mão, olhando fixamente para a fotografia do rosto da mãe. Talvez June tivesse razão. Certas coisas eram difíceis de dizer, de recordar. E certas coisas eram demasiado difíceis de saber. Mas a avó tinha prometido: se Alice encontrasse a sua voz, June dar-lhe-ia as respostas.

Enfiou as botas azuis e deslizou para fora de casa, para a manhã púrpura e fria.



Lá em baixo no escritório, Twig manteve o telefone no ouvido, apesar de a conversa ter terminado. O coração bateu-lhe descompassado. Tinha sido fácil de mais: o contacto do Departamento do Estado para os Serviços de Adoção vinha nas Páginas Amarelas. Ela limitou-se a pegar no telefone, marcar o número, anunciar-se como June Hart e dizer que desejava informações sobre a adoção do seu neto. Deu o endereço postal de Tamara North, diretora da Quinta de Thornfield, e foi informada que os formulários de que precisava lhe chegariam por correio num prazo máximo de 10 dias úteis. Não lhe levou mais de cinco minutos. A chamada terminou e Twig deixou-se ficar sentada, ouvindo o bip-bip do telefone desligado, o som do destino em movimento; um som

que ela nunca conseguira ouvir quando procurara os próprios filhos. Oficialmente, não havia qualquer registo da existência de Nina e Johnny. Mas Twig continuava a festejar o aniversário de ambos, plantando novas sementes. Havia atualmente em Thornfield mais de sessenta plantas e árvores dessas.

Lá fora, o sol brilhava sobre as Flores, ocupadas a cortar ramos de flor-de-acácia e colocando-os em baldes. Uma delas cantava um antigo hino de igreja. Twig ainda pensou em acompanhá-la, mas não o fez. Deixara há muitos anos de ir à missa.

O quarto de June estava mergulhado no silêncio. Twig sabia que ela se tinha levantado cedíssimo, tentando compensar os erros da melhor maneira que sabia, através das flores. Mas a culpa era uma semente estranha; quanto mais fundo se enterrava, mais ela lutava para florescer. Se June não contasse a Alice sobre o bebê, Twig estava preparada para fazê-lo. E isso implicava reunir toda a informação que pudesse.

Ao inclinar-se para poisar o auscultador do telefone, algo lá fora brilhou ao sol. Twig semicerrou os olhos, e seguiu a luz. O colar novo de Alice refletiu os raios de sol enquanto ela passava subrepticiamente pelas Flores para se esconder nos arbustos. Twig sabia com quem Alice se ia encontrar no rio. E não via nenhum interesse em tentar impedi-la. A criança precisava de todo o apoio e consolo que conseguisse.



Alice correu pelos campos de flores. As ervas secas de inverno estalavam sob os seus pés e o ar gélido queimava-lhe os pulmões. No fundo da quinta, as acácias surgiam brilhantes de florinhas amarelas, radiosas e cheirosas. As Flores trabalhavam lá fora, e Alice fugiu-lhes da vista, cortando caminho por entre o mato. Corria ao ritmo do medalhão que balançava e lhe batia no peito.

Coragem-Acreditar. Coragem-Acreditar.

Quando chegou ao rio, parou finalmente para respirar, olhando para o jorro de água verde sobre as pedras e raízes das árvores. Ficou ali por uns momentos, recordando o mar. Parecia-lhe tão distante, quase como se nunca tivesse sido real, como se fosse apenas um dos seus sonhos. Odiava essa ideia, que a vida dela junto ao mar e tudo o que mais amara não passava agora dos fogos contra os quais lutava durante o sono. Que Toby, a pata dele na perna dela, quando lhe lia em voz alta mesmo sabendo que ele não a ouvia, não passava de uma centelha no meio de um sonho de fogo. Ou que a mãe, a passear no jardim, com os pés descalços e as mãos delicadas, não era mais do que um sopro de fumo. Teria vindo a mãe àquele rio? Teria estado naquele preciso ponto onde ela estava agora, vendo o jorrar da água sobre as pedras e raízes? Estaria o nome dela cravado no tronco do velho eucalipto? Quase conseguiu sentir a pele da mãe, o calor do seu abraço.

Alice tirou do bolso a carta de June e desdobrou-a.

Quando eu encontrar essa parte da voz que me falta, por favor acredita que te darei todas as respostas de que precisas. Prometo. Quem sabe não encontramos juntas as nossas vozes? Dobrou-a novamente e guardou-a no bolso. Formaram-se-lhe gotículas de suor na testa quando as memórias se desviaram para o pai. Lembrou-se de o ver a sair da cabana de madeira, vergado sob o peso da secretária nova, com os olhos cheios de esperança. E a rapidez com que obscureciam. Viu-o avançar como um furacão em direção à casa, lançando o corpo da mãe contra a parede, antes de se voltar para Alice.

Fechando os olhos com força, a menina cerrou os punhos ao lado do corpo, inspirou profundamente, e soltou um grito profundo. Era tão bom gritar, deixar que a sua voz se juntasse à água do rio e seguisse para onde quer que a corrente a levasse. Imaginou a voz a percorrer todo o caminho até ao mar, carregando a mãe, o bebé que não nascera e Toby, de volta para casa. Levando-os a todos no seu canto até ao mar, onde poderiam emergir dos seus sonhos terríveis e cuidar uns dos outros, mantendo-se a salvo.

Quando a garganta lhe começou a doer, Alice parou de gritar. Despiu-se e descalçou as botas. Com medo de estragar o medalhão, tirou-o e escondeu-o no meio da roupa. As águas verdes escuras do rio corriam aos seus pés. Ela mergulhou um dedo, arrepiando-se com o frio. Hesitou um pedaço até se sentir com coragem. *Aos três.* E atirou-se. O choque da água gelada fê-la voltar à superfície, – onde deu por si a cuspir pétalas de rosa da cor do fogo. Confusa, olhou para baixo. Outra pétala colou-se-lhe à pele trémula. E depois outra, e outra ainda. Olhou rio acima. Oggi estava agachado à beira rio, a atirar pétalas para a água. Ao lado dele, uma manta grossa e uma mochila. A menina sorriu e lançou salpicos de água na sua direção.

– Olá, Alice.

Ela acenou-lhe, apoiando-se nas rochas para sair da água.

– Toma. – Oggi levantou-se e ofereceu-lhe a manta, virando a cara. – Algo me disse que hoje vinhas nadar, mesmo com este frio de rachar. – Tremendo, ela aceitou a manta e envolveu-se nela. – Feliz aniversário – disse ele. O brilho do sorriso de Oggi aqueceu-a. Caminharam juntos até às botas e à roupa dela. O rapaz sentou-se e abriu a mochila. – Sabias que na Bulgária festejamos quem somos duas vezes por ano? Uma vez no aniversário, e de novo no dia do nosso nome. Todas as pessoas com o mesmo nome comemoram no mesmo dia. Não sei é se existe o *dia da Alice*. Mas enfim, a tradição manda que toda a gente apareça, mesmo sem ser convidada, e a pessoa que celebra o dia oferece-lhes coisas boas para comerem e beberem.

Alice franziu a testa.

– Só que eu nunca achei piada a essa ideia, por isso... trouxe-te eu uns presentes.

Ao ouvir aquilo, Alice sorriu e sentou-se ao lado dele. Oggi tirou de detrás das costas uma coisa embrulhada num pano com desenhos de rosas e um nó em cada canto. Com um gesto, encorajou Alice a desatá-los. O pano caiu, revelando um potezinho de geleia colorida e um objeto retangular

devidamente embrulhado. Alice sorriu. Oggi tirou da mochila um recipiente com pão com manteiga, uma faca para barrar e uma termos com um aspeto muito gasto.

– Aposto que não sabias que na Bulgária o teu aniversário calha no fim da época da colheita das rosas. Vai de maio a junho, quando o Vale das Rosas fica coberto de rosas de todas as cores. As flores são cortadas uma a uma e colocadas em cestas de salgueiro para seguirem para as destilarias. E é lá que são transformadas no que quer que seja que se tornem a seguir. Geleia. Óleo. Sabonete. Perfume.

Alice voltou o pote de geleia nas mãos. Brilhava sob a luz fria. Oggi abriu a tampa da termos e usou-a como copo.

– É isto que bebemos quando festejamos. – Verteu na tampa uma bebida transparente. – Chama-se *rakija*. – Ficou com a tampa para si e estendeu-lhe a termos. – E dizemos *nazdrave!*

Alice concordou com um aceno. Imitando o amigo, ergueu a termos, levou-a aos lábios e deu um pequeno gole. Tossiram ambos em uníssono, visivelmente aflitos. Alice cuspiu para o chão e limpou a língua à manta, enojada.

– É nojento, eu sei – disse-lhe Oggi com uma careta –, mas os adultos adoram. – Alice devolveu-lhe a termos, com uma careta semelhante à dele. Ele atarraxou-a, rindo. – Vá, agora abre o teu presente.

Alice começou por rasgar um cantinho do papel, mas depois a excitação levou-a a arrancá-lo. Era um livro com a lombada já partida e páginas amareladas – com o mesmo cheiro do Dicionário de Thornfield. Alice passou os dedos pelas letras da capa.

– Achei que ias gostar. Um dos contos é sobre uma menina do mar que perde a voz.

Alice olhou para Oggi.

– E como consegue recuperá-la! – apressou-se o rapaz a acrescentar.

Sem pensar, Alice precipitou-se sobre ele e plantou-lhe um beijo na face, sentando-se em seguida, antes sequer de se aperceber do que tinha feito. Oggi levou os dedos ao ponto onde os lábios dela lhe tinham tocado. Envergonhadíssima e querendo muito disfarçar, Alice pegou na bota onde estava o medalhão e pegou-lhe pelo fio.

– Uau – disse ele, estendendo a mão para lhe tocar. Alice abriu o fecho. Oggi estudou a fotografia.

– Oggi, esta é a minha mãe – disse ela, articulando lentamente as palavras.

O rapaz largou o medalhão como se tivesse levado um choque. – Mas que... – O rosto dele espelhava a sua surpresa. – Alice, tu falaste? Tu falas?! Já consegues falar?

Alice soltou uma risadinha. Já se tinha esquecido como era bom rir.

– Ela fala! – Oggi levantou-se e desatou a correr em círculos à volta dela. Divertida, Alice fechou o medalhão e pôs o fio ao pescoço.

Quando Oggi finalmente parou, baixou-se, com as mãos pousadas nos joelhos:

– Pronta para um pequeno-almoço de aniversário? – perguntou-lhe, expectante.

– Sim, por favor – murmurou a menina timidamente.

– Ela disse «sim, por favor!» – riu-se ele. – A multidão está ao rubro! – Levou as mãos à boca, tipo funil, e aclamou. – Alice, este é o melhor aniversário de sempre, e nem sequer é o meu!

– Muito obrigada pelos meus presentes – disse ela, lentamente, habituando-se de novo às palavras. Abraçou o livro.

– Não tens de quê. – Oggi sorriu e abriu o pote de geleia. – A minha mãe fez isto de propósito para o teu aniversário. – Passou a faca pela geleia e barrou com ela uma fatia de pão com manteiga. – Do jardim dela, feita de rosas com o meu nome.

– Como assim? – Alice aceitou a fatia de pão que ele lhe estendeu.

– Refiro-me à cor – explicou o rapaz, barrando uma fatia para ele.

– *Ognian* é uma cor? – quis saber a menina, surpresa. O nome dela também era uma cor.

– Sim, também pode ser – respondeu Oggi, com a boca cheia. – *Qué izê fougú*.

– Desculpa?

Oggi riu-se e engoliu.

– O meu nome. Ognian, quer dizer *fogo*.

– Oh – disse ela. O murmúrio do rio misturou-se com o chamamento de uma pega. A luz de inverno insinuou-se pelo meio das árvores.

– Diz outra coisa qualquer – pediu Oggi, passado um momento.

– *Outra coisa qualquer* – disse Alice, as faces coradas da satisfação de o fazer rir.



Quando Alice chegou a casa, June estava na cozinha a vigiar uma série de frigideiras ao lume. Candy e Twig estavam à mesa, a ler. Harry, sentado aos pés delas, abanou a cauda ao ver a menina entrar. As três mulheres ergueram o olhar para ela. Ninguém disse nada sobre o seu cabelo molhado ou a areia que trazia nos pés.

– Feliz aniversário! – disse June, de olhos postos no medalhão.

– Feliz aniversário, ervilhinha! – Candy fechou o livro de receitas.

– Olá, Alice, muitos parabéns! – Twig dobrou a folha que estava a ler.

A silhueta de June estava encurvada. O rosto de Candy, pálido. Os movimentos de Twig, lentos e pesados. Todas tentaram sorrir, mas nenhuma com olhos felizes.

– Estou a fazer panquecas de aniversário. Queres provar? – A voz de June saiu-lhe trémula.

Alice ofereceu a June o sorriso mais caloroso que conseguiu.

– Vão já sair! – June deitou mais um pouco de massa na frigideira.

Alice sentou-se na cadeira livre.

– E que tal um sumo especial de aniversário, Alice? – sugeriu Twig, levantando-se. Alice assentiu. Twig dirigiu-se à bancada e pegou numa *flute* de champanhe. De passagem, beliscou suavemente a mão de June. Harry enrolou-se nos pés da menina. Alice ficou a observar as mulheres. O modo como os ombros de June estremeciam levemente. Os olhos tristes de Twig. O cabelo azul de Candy que, por mais brilhante que estivesse, não lhe escondia as mágoas. Alice não era a única a sentir-se triste e com saudades das pessoas que amava.

June serviu as panquecas com manteiga e melaço. Twig encheu a *flute* com sumo de maçã e água com gás, pousando-a junto ao prato de Alice.

– Obrigada, June. Obrigada, Twig. – A voz da menina encheu a cozinha.

June largou a espátula cheia de massa crua. Twig abriu a boca de espanto. Candy soltou um guinchinho. Harry, sem saber se havia de lambar a massa do chão ou caminhar em círculos, optou por fazer as duas coisas.

As mulheres caíram sobre Alice, envolvendo-a num abraço de grupo.

– Fala outra vez, Alice! Diz outra coisa!

– Diz *Candy Baby*, Alice!

– Não! Consegues dizer *Twig*?

Envolvida pelo abraço das três mulheres, Alice olhou-lhes os rostos, reunidos à volta dela como pétalas num novo rebento. Ainda que fosse o seu aniversário, partilhar a sua voz pareceu-lhe um presente oferecido às três.

Sorriu para si própria, enquanto as mulheres dançavam à volta dela. Tinha encontrado a sua voz. E agora, June ia ter de cumprir a promessa que lhe fizera de encontrar as suas respostas.

¹⁰ Twig: galhos finos de margaridas (N. da T.)

*Como anseio, como suspiro pelo tempo das
flores*

Emily Brontë

Eucalipto negral



Significado: **Encantamento**

Eucalyptus camaldulensis | Todos os estados e territórios

Uma árvore australiana icônica. A casca suave desfaz-se em longas tiras e as folhas formam uma coroa larga e densa. As sementes necessitam das habituais cheias da primavera para sobreviverem. Floresce do final da primavera até meados do verão. Chamam-lhe “a viuveira” porque larga com frequência bolotas enormes (que chegam a atingir metade do diâmetro do tronco) sem pré-aviso.

Alice cravou as mãos no volante até ficar com os nós dos dedos brancos. Manteve o olhar fixo no semáforo, aguardando que ficasse verde. A perna tremeu-lhe, de fazer força para carregar na embraiagem.

– Ok, Alice, vamos seguir até ao fim da Main Street, onde lhe peço que faça uma inversão de marcha, por favor – disse o examinador, baixando a cabeça para a prancheta que tinha no colo e escrevinhando qualquer coisa. Ainda era cedo, antes das aulas começarem e das lojas abrirem. A chuvada de primavera da noite anterior deixara a estrada escorregadia sob a luz da manhã. Alice semicerrou os olhos. O sinal abriu.

Levantou o pé esquerdo do pedal. *Espera até sentires a mudança a entrar*, dissera-lhe Oggi dezenas de vezes, instalado ao lado dela na velha carrinha da quinta. Só de pensar nele, Alice sentiu-se logo mais calma. Quando a mudança entrou, pressionou o acelerador. A carrinha arrancou suavemente, sem nenhum solavanco. A jovem suspirou, agarrando o volante confiante e sorrindo para si mesma. Olhou de relance para o sargento. O seu rosto era imperscrutável.

Foi passando os semáforos a toda a extensão da Main Street, atenta ao limite de velocidade. A

estrada estendia-se à frente deles, uma fita preta que ultrapassava os limites da vila e curvava para o interior do mato. Alice manteve os olhos fixos no ponto preciso onde a estrada desaparecia, por entre os eucaliptos desgrenhados. Sonhou percorrê-la; sentiu-se inebriada diante das possibilidades que a estrada lhe oferecia, de todos os lugares onde poderia levá-la.

– Encoste aí à frente e faça inversão de marcha, por favor. Depois seguimos de regresso à esquadra.

Alice assentiu. Abrandou e ligou o pisca, até que viu o traço contínuo a meio da estrada. Desligou o pisca e seguiu em frente.

– Alice?

Ela manteve os olhos na estrada.

– Traço contínuo, Sargento. É proibido – conseguiu proferir num tom suficientemente calmo. – Vou virar à esquerda um pouco mais acima, na entrada para o *Fatty Patty's*. E de lá seguimos para a esquadra.

O sargento esforçou-se por se manter indecifrável, mas Alice denotou-lhe o esboço de um sorriso. Virou à esquerda no pequeno restaurante e percorreu as tranquilas ruas interiores até à esquadra.

June e Harry estavam no parque de estacionamento quando Alice chegou. Buzinou várias vezes ao estacionar.

– Linda menina! – June bateu palmas. Harry soltou um ladrido rouco. Já estava velhote.

– Vou a conduzir para casa! – gritou Alice, dando um murro de vitória no ar enquanto seguia o sargento para dentro da pequena esquadra. Um momento depois, saiu de lá, já com a carta de condução no bolso. E por mais que o sargento lhe tivesse pedido para fazer uma pose mais séria, a fotografia da carta mostrava-a com um grande sorriso.



Alice percorreu o caminho de entrada para Thornfield e fez uma cautelosa inversão de marcha em frente à casa.

Puxou o travão de mão, mas deixou o carro ligado.

– Ainda vais a algum lado? – perguntou June, de sobrolho erguido, soltando o cinto de segurança. Os olhos de Harry dardejaram entre uma e outra. – Está toda a gente à tua espera.

– Eu sei. Vou só buscar o Oggi – disse Alice, radiante. – Visto que passei no exame.

Uma sombra quase impercetível passou pelo rosto de June.

– É claro que sim. Eu faço panquecas que cheguem para todos. – Sorriu, mas os olhos permaneceram frios.



Alice conduziu pela vila, inspirando a brisa fresca até todas as coisas que desejava dizer a June deixarem de a queimar por dentro. Harry seguia ao lado dela com a língua de fora. Quantos mais quilómetros ela punha entre Thornfield e si própria, mais calma ficava. Quanto mais próxima se via de Oggi, mais feliz se sentia. Como sempre fora, desde os nove anos.

Quando virou na última rua à esquerda, para um caminho de terra já fora da vila, Harry começou a ladrar.

– Estamos quase a chegar – riu-se a jovem. Por vezes achava que o cão gostava mais de Oggi do que ela própria.

Quando estacionou em frente à casa, Oggi esperava-a no alpendre. Sentiu uma onda de emoção percorrê-la com uma tal intensidade que pouco faltou para que lhe saíssem faíscas das pontas dos dedos ao abrir a porta da carrinha.

– Já cá canta! – gritou-lhe, saindo da carrinha com um enorme sorriso e acenando-lhe com a carta de condução. O cão seguiu-a.

Ao vê-la, o rosto do rapaz iluminou-se. Alice queria beber aquela sua expressão; a luz nos olhos dele apenas porque a amava.

– Eu sabia que ias passar – disse-lhe, tomando-lhe o rosto nas mãos e dando-lhe um beijo profundo. O cabelo de Alice caiu para cima do olho dele e quando ela se afastou para pô-lo para trás, as pulseiras tilintaram-lhe no pulso. Tinha-as escolhido da sua caixa de joias com particular cuidado, as mais indicadas para aquele dia. *Eucalipto negral. Encantamento.*

– Queres vir dar uma volta comigo? – perguntou-lhe com um sorriso tímido.

– Como é óbvio – respondeu-lhe ele, beijando-a de novo. – Mas antes, tenho uma coisa para ti.

Ela fitou-o com curiosidade, antes de ele lhe pôr uma mão nos olhos e a outra no fundo das costas.

– Preparada? – Os lábios dele roçaram-lhe o ouvido.

– Hmm... O que é que tu estás a tramar? – Alice agarrou-se a ele, deixando-se conduzir para fora do alpendre.

– Ok. Podes abrir. – Oggi tirou-lhe a mão dos olhos. Alice abriu a boca, atónita.

O velho Volkswagen Carocha verde-menta tinha a capota ferrugenta e faltava-lhe uma jante. Uma coroa de pétalas garridas estava pendurada no espelho retrovisor.

– Oggi! – exclamou Alice. – Como é que conseguiste isto? – Abriu a porta e sentou-se no lugar do condutor, passando as mãos pelo volante grande e fino.

– Fiz algumas horas extra no depósito de madeiras – disse ele com um encolher de ombros. – E fizeram-me um preço especial por ele, no pub.

Ela rebentou a rir. Uns meses antes Oggi conseguira um trabalho à noite, no pub local.

– Sacaste o carro a um bêbado para mim? – riu-se ela.

– Era o mínimo que podia fazer – disse ele com um meio-sorriso e puxando-a para si.

– E se eu tivesse chumbado no exame?

Oggi passou um dedo pela pele nua entre a saia e o top de manga à cava que Alice trazia, puxando o cós para lhe espreitar as cuecas. Ela sentiu um forte calor instalar-se-lhe entre as pernas.

– Eu sabia que ias passar – respondeu-lhe ele.

Alice ficou de olhos abertos enquanto o beijava, querendo reter tudo daquele momento, e desejando mantê-lo para sempre na sua plenitude; a luz viva e radiosa, o canto das gralhas, e o rio verdejante que corria atrás deles. Percorria-lhe o corpo uma onda de calor e desejo pelo rapaz – *a pessoa* – que ela mais amava no mundo.



Alice chegou a casa no seu novo Carocha – com Oggi e Harry logo atrás, na carrinha. Ainda não acreditava que estava a conduzir um carro que Oggi comprara para ela. Era perfeito. A pintura lascada verde-menta, o som sólido que as portas faziam ao fechar. O grande volante, os assentos frouxos, os pedais com as molas gastas. E sobretudo o rugir e o vibrar do motor, tão alto que mal conseguia ouvir o rádio. A carga de horas extra de trabalho que ele teria suportado para conseguir ter dinheiro suficiente. Tudo por ela. Um arrepio percorreu-lhe o corpo ao pensar na última hora que tinham passado no rio. Não conseguia faltar-se dele.

Quando parou à porta de Thornfield, Alice carregou no centro do volante, rindo do alegre buzinar do seu Carocha. Oggi parou ao lado dela. As Flores acorreram ao trilho entre a casa e o ateliê para saudá-los.

– Conquistaste, ervilhinha! – guinchou Candy, com massa de bolo no queixo e a cheirar a canela. As outras rodearam-na, tagarelando com Oggi e elogiando o carro.

Twig surgiu atrás delas, visivelmente nervosa. Cumprimentou Alice.

– Boa, conquistaste – disse, com uma alegria forçada. – Muitos parabéns, Alice. – Deu-lhe um beijo na cara.

– Obrigada – respondeu Alice, estranhando o tom e observando os olhos de Twig. – O que é que se passa?

Twig olhou para Oggi, depois para Alice.

– É a June. Ela...

O som de um motor vindo das traseiras da casa calou-a. June surgiu ao volante de uma carrinha antiga, uma Morris Minor de caixa-aberta, maravilhosamente restaurada. Estava pintada de amarelo brilhante, os pneus, com uma borda interior branca, encrustados em bonitas jantes polidas. Quando June deu a volta para estacionar, Alice leu as letras inscritas na porta:

Alice Hart, Floriógrafa

Quinta de Thornfield, onde germinam flores silvestres

Sentiu um baque no coração. No seu décimo sétimo aniversário, June tinha mencionado a ideia de lhe atribuir o cargo de gerente de Thornfield, assim que acabasse o liceu. E não fora tanto a ideia em si que a deixara desconfortável, mas sim o facto de June nem sequer lhe ter perguntado se era isso que *ela* queria. E também não passava despercebido a Alice o facto de June ignorar completamente a existência de Oggi sempre que fazia planos para o futuro dela.

– Um presente de nós todas – disse June, saindo da carrinha. – Todas contribuíram!

– Oh, é... é... – Alice sentiu a voz falhar-lhe. – É linda, June! Muito obrigada! A todas!

June fitou-a nos olhos.

– E isto... – Apontou para o Carocha. – É o quê?

– Nem vais... acreditar – gaguejou a jovem. – O Oggi poupou dinheiro e... comprou-o para mim.

O sorriso de June não se alterou.

– Oggi... – zombou ela. – Que presente fantástico que deste à Alice, principalmente quando não tens dinheiro sequer para teres o teu próprio carro. Que sorte termos tido os dois a mesma ideia! Pronto, a Alice fica com o Morris e tu, Oggi, com o Carocha. Toda a gente fica a ganhar! – Bateu palmas de contente. – Ora bem, a Candy esteve enfiada na cozinha a manhã inteira a preparar um verdadeiro banquete.

– Sim! – exclamou Twig, demasiado alto e liderando o caminho para casa. – Vamos lá, malta, vamos comer.

Enquanto o grupo se dirigia a casa, Twig chegou-se a Alice e deu-lhe o braço.

– Dá-lhe espaço – aconselhou-a. – Ela já anda a preparar esta surpresa há seis meses, e foi apanhada de surpresa, só isso.

Alice forçou-se a concordar. *Mas porque é que tudo girava em torno dela?* apeteceu-lhe gritar.

Quando Oggi se aproximou, a jovem mal conseguiu olhar para ele. Ele pegou-lhe na mão e apertou-a suavemente, forçando-a a olhar para ele. Não obstante a humilhação que Alice sabia que ele estava a sentir, viu-o piscar-lhe o olho. Por isso, apertou-lhe a mão em resposta.



Depois de um *brunch* notoriamente tenso, Alice e Oggi escapuliram-se de casa e foram até ao rio. Sentaram-se na margem. Ela fez uma coroa de flores silvestres. Ele entreteve-se a polir pedras brancas do rio na camisa, lançando-as depois nas águas verdes. Ela sentiu-lhe os olhares de relance, mas não conseguiu dizer nada. Não sabia o que dizer. Como pedir desculpa pela atitude de June. Como pedir desculpa por não o ter apoiado, e ao seu fantástico presente. Por não ter feito nem dito nada. Finalmente, Oggi quebrou o silêncio.

– Ela não pode sair impune, tratando-te desta maneira. Como se fosses uma coisa do seu jardim, que ela pode decidir se floresce ou não. – Oggi não olhou para ela ao dizer isto.

Alice continuou a atar pés de margarida uns nos outros.

– Por vezes sinto-me precisamente assim – disse, por fim. – Como se não passasse de uma semente das estufas dela. Como se não pudesse sair de debaixo da sua proteção, do seu teto. Como se o meu futuro estivesse escrito.

– O que é que queres dizer com isso?

– Como se o meu destino estivesse decidido. Entendes? Tipo, que vou ficar aqui para sempre.

– E é isso que tu queres? – Ele estudou-lhe o rosto.

Ela soltou uma risadinha irónica:

– Sabes bem que não.

Passado um longo momento, Oggi aclarou a garganta:

– Bom... Eu tenho outra surpresa para ti.

Levou a mão ao bolso e tirou um postal esbatido e dobrado num canto. Ofereceu-o a Alice. Ela pegou-lhe, reconhecendo um dos cenários das histórias dele: o Vale das Rosas.

– Bom, isto é assim: para o ano, quando fizeres dezoito, já devemos ter conseguido poupar o suficiente para os nossos bilhetes de avião. – Passou o dedo pelo anelar dela, enviando-lhe ondas de calor diretamente ao coração. – Podemos ir até à Alemanha e de lá seguimos de comboio até Sófia. Acampamos debaixo das estrelas. Bebemos *rakija* para nos aquecermos e cozemos peras do pomar da minha avó. Eu podia cultivar rosas e tu vendia-las nos mercados. Passávamos a ser pessoas diferentes, com uma vida diferente. Ficávamos juntos, só nós dois. – Os olhos dele procuraram uma resposta no rosto dela. – Alice...

Alice suspirou de anseio por terras cobertas de neve, cidades feitas de pedrinhas e jardins de rosas que nasciam de ossadas de reis. Não percebeu por que razão Oggi sorria tanto, até se aperceber de que estava a concordar com a cabeça.

– Sim – disse, quando ele a puxou para si. – Sim! – Riu-se ao ouvido dele. Oggi abraçou-a, ligeiramente trémulo. O sol poisou a sua luz quente sobre o bonito rosto de Alice. Oggi beijou-lhe a testa, as faces, os lábios. Disse os nomes de outros locais aonde iriam, e mais coisas que fariam na sua nova vida. Juntos.



Candy arrumou o resto da loiça do *brunch* e preparou para si uma caneca de café bem forte. Bebeu-o enquanto observava as Flores percorrerem os campos, verificando os novos rebentos. Não falavam nem riam tanto como de costume. Algo de gelado se tinha abatido sobre Thornfield. Depois de comerem, Alice e Oggi tinham-se escapulido – achando que ninguém reparara. June marchou até

ao ateliê, batendo a porta com força. Twig foi para as casas das sementes espalhar ervilhas-do-deserto em tabuleiros. E Candy esfregou tachos e panelas com palha de aço até lhe doerem os dedos.

Já ninguém podia ignorar. Os dias de infância de Alice há muito que se tinham ido. Nem Twig, nem Candy, nem June falavam da dor que sentiam ao verem a esperança de Agnes e a braveza de Clem nas profundezas dos olhos de Alice. Por vezes, quando a jovem passava por ela, em casa ou nos campos, o primeiro instinto de Candy era olhar para o céu em busca de fumo; quase podia jurar que sentia o cheiro de alguma coisa a arder.

Ainda que nunca mais tivesse ouvido falar de Clem depois de ele ter desaparecido com Agnes, Candy nunca quebrara a promessa que ambos tinham feito. Ela continuava ali, a sua vida cosida à dele, só que agora através da filha – que depressa se tornara uma mulher com ideias próprias. Uma mulher que parecia não ter herdado os demónios do pai, e que parecia ter-se libertado do legado de Thornfield. Algo que Candy nunca conseguira fazer.

Bebeu o resto do café, fazendo uma careta ao engolir as borras amargas. Candy podia ter trinta e quatro anos, mas continuava a ter nove: a menina que vivia numa casinha feita de ramos e paus, presa a um fantasma que jamais voltaria para casa.



Quando a tarde começou a cair, Alice correu para casa. Estava ansiosa por pegar no diário e na caneta. O que escreveria ela acerca daquele dia? Tinha sido tudo tão maravilhoso... As asas amarelas das borboletas-Cleópatra esvoaçavam por entre flores e arbustos. O ar pungente do cheiro a limão das folhas de eucalipto esmagadas sob os pés deles. A voz de Oggi sempre presente: *Passávamos a ser pessoas diferentes, com uma vida diferente.*

Enquanto corria, a imagem do rosto de June pairou-lhe na mente. O que seria da avó se ela deixasse Thornfield? Um sentimento de culpa apertou-a, algures entre as costelas.

Abrandou para recuperar o fôlego e tentou afastar aqueles pensamentos. Quando recuperou o alento, o coração e os passos estavam de novo em sincronia.

Orquídea-Rainha



Significado: **Consumida pelo amor**

Thelymitra crinita | Austrália Ocidental

Orquídea perene que floresce na primavera. As flores são de um azul intenso e em forma de delicadas estrelas. Não precisa de fogo para estimular a floração, mas pode ser abafada por outra vegetação, daí que sejam benéficas queimadas periódicas que restrinjam o crescimento de arbustos mais altos.

Naquele ano, que seguia a passos largos para o 18º aniversário de Alice, Twig viu algo que mais ninguém em Thornfield viu. Noite após noite, sentada no escuro, via a porta de rede das traseiras abrir-se, e Alice, com o longo cabelo solto ondeando atrás de si, atravessar pé-ante-pé o alpendre, descer os degraus e desaparecer nos campos de flores sob a luz do luar. Twig deixava-se ficar a fumar, muito depois da silhueta prateada da jovem desaparecer pelo meio do mato. Mesmo sabendo que June queria que a neta fosse diferente, que fosse imune, a verdade estava cravada no trilho que ia dar ao rio, diante de quem quisesse ver: Alice estava profundamente, perdidamente, cegamente envolvida nas malhas do seu primeiro amor.

Na noite em que Alice completou dezoito anos, depois do magnífico assado e do bolo de anos que Candy preparou, enfeitado com lírios-baunilha, toda a gente foi para a cama levemente inebriada pela caixa de Moët que June encomendara especialmente para a ocasião. Twig sentou-se no terraço de trás, enrolando um cigarro, grata pelo silêncio das estrelas de inverno. As coisas estavam a mudar. Sentia-se-lhes o cheiro no ar, como uma nova estação. Alice andava inquieta. Assim como Twig, à conta das mentiras que lhe dizia sempre que a jovem lhe fazia perguntas sobre a família. Ainda que se tivesse sempre manifestado contra a desonestidade de June, Twig sabia que ela própria era cúmplice; também ela escondera segredos de Alice durante anos a fio.

O relatório que ela tinha preenchido e devolvido aos serviços de adoção do estado, não dera em nada. Tinha voltado a vasculhar as Páginas Amarelas e feito novas chamadas. Deu ao primeiro investigador privado que a atendeu o nome da mulher referida por Agnes no seu testamento, bem como o nome da terra onde Alice crescera. Passaram-se alguns meses. Pouco depois de Alice começar as aulas, o relatório do detetive privado chegou pelo correio. Twig teve de dar um longo passeio até ao rio para se acalmar o suficiente antes de o ler. O irmão mais novo de Alice estava ótimo; vivia com a mulher que Agnes designara como tutora dos filhos, caso June não tivesse condições para criá-los. Alice e o irmão viviam afastados, e sem saberem da existência um do outro. Teria acontecido o mesmo a Nina e Johnny? Contrariamente à crença comum, Twig sabia que nem mesmo Thornfield conseguia salvar uma mulher do seu passado. Tinha tido uma boa vida ali, ajudando a criar Candy, e dedicando-se a Clem de alma e coração. Cuidara de Agnes e das restantes Flores, gerindo a quinta e administrando um negócio próspero. Mas a verdade é que não havia segundas oportunidades suficientes, nem mesmo em Thornfield, para mudar o passado – por mais que June o desejasse. A relação de Twig com June nunca mais fora a mesma desde que ela regressara a casa com Alice. *Eu sou a executora testamentária*, Twig, sibilara-lhe várias vezes ao longo dos anos, mais vezes do que as que Twig conseguia contar. *Tomei uma decisão difícil tendo em conta os interesses de todos*. Twig escondera o relatório do detetive juntamente com uma cópia do testamento de Agnes numa das casas das sementes. Esperou nove anos até chegar o momento certo de entregar aqueles documentos a Alice. E contudo, eles permaneciam escondidos no mesmo sítio, por entre as sementes de ervilha-do-deserto.

Quando a porta de rede se abriu, Twig encolheu-se no escuro, enquanto Alice se imiscuía pelos campos de flores, deixando atrás de si um ligeiro odor a champanhe. A jovem tinha bebido *flute* atrás de *flute* ao jantar. Algo se passava com ela, Twig pressentia-o tão bem quanto uma mudança de tempo.

Contou em silêncio um minuto inteiro, para se certificar de que Alice não lhe ouviria os passos, até se apressar a segui-la pelo trilho que ia dar ao rio.

Oggi estava à espera dela na margem, ao calor de uma pequena fogueira acesa junto ao eucalipto gigante. Tinha estado demasiado calado ao jantar. Twig agachou-se atrás de umas árvores baixas. Alice lançou-se nos braços dele como se não o visse há anos, a pele assumindo um tom bronze à luz da fogueira. Beijaram-se ternamente. A expressão no olhar de Oggi quando viu Alice deixou Twig de olhos humedecidos. Ela também já tinha amado alguém assim, em tempos. Lembrava-se bem da sensação de ser assim profundamente vista e percebida por outra pessoa, de se sentir tão inteira.

– Conta-me outra vez o teu plano – pediu Alice, envolta pelos braços dele.

– Amanhã encontramo-nos precisamente aqui, à meia-noite. Trazemos uma mala cada um. Mais nada. Não podemos levar muita coisa. – Beijou-lhe a têmpora, o rosto, o pescoço. – Apanhamos o primeiro autocarro para o aeroporto e levantamos os bilhetes. O voo é tão longo que vais achar que

nunca mais acaba, mas eventualmente chegaremos a Sófia. Vamos para casa dos meus avós, bebemos *rakija* e comemos *shopska salata*, dormimos até nos livramos do *jet lag*, acordamos, e apanhamos o teleférico que sobe ao Monte Vitosha. Visitamos o lago de pedras e vemos o mundo lá de cima. E de manhã vamos passear as cabras. Os sininhos das coleiras delas soam melhor que o dia de Natal. Aos fins de semana, pegamos na carrinha do meu avô e atravessamos a fronteira até à Grécia, onde podemos nadar no mar e comer azeitonas e queijo derretido.

– Oggi ... – sussurrou Alice, imbuída no sonho, voltando-se para ele. – Tens aí o teu canivete?

Gravaram os nomes no tronco do eucalipto e envolveram-se num novo abraço, beijando-se com a fome da adolescência. A criança que chegara a Thornfield, tão calada, tão tomada pelo medo, estava mais viva do que Twig jamais a vira.

Twig levantou-se silenciosamente e esticou as pernas para aliviar as câibras. Depois retomou o caminho de regresso à quinta. Entrou na casa das sementes, desenterrou a mica de plástico com os documentos amarelados que continham a verdade sobre a vida de Alice, e foi para casa esperar que ela voltasse.

Sentou-se no sofá. Pensou em fazer um café. Fechou os olhos só por um minuto.

Twig carregaria aquele remorso até ao fim da vida; o de ter adormecido tão profundamente que não ouviu o ranger das tábuas do soalho quando Alice chegou a casa.



Na manhã seguinte, Alice tinha ido à vila atender uma encomenda quando June desceu. A meio da manhã Twig foi à cozinha fazer um chá e voltou-se para oferecer um a June, mas mudou logo de ideias. June estava à porta da cozinha com o diário de Alice aberto nas mãos.

– June? – disse Twig olhando para o diário, as páginas cheias dos arabescos da caligrafia de Alice.

Sem dizer uma palavra, June saiu para as traseiras. Sentou-se no terraço a olhar para os campos de flores. Twig pousou uma chávena de chá ao lado dela. Um bando de catatuas guinchou por cima das suas cabeças. June manteve-se em silêncio.

Durante o resto da manhã, Twig entreteve-se com as Flores, mantendo-as a todas longe da vista de June. Até Harry preferiu ficar longe dela. De vez em quando, Twig espreitava para o terraço para ver como ela estava. Quer tivesse ou não feito as pazes com o passado, a verdade é que June mudara para sempre desde a chegada de Alice a Thornfield, ainda em criança. A neta agora já estava crescida, a caminho da independência, e apaixonada; e June sabia perfeitamente que nada havia de mais ameaçador no mundo do que uma mulher com a cabeça no lugar.

Já era fim de tarde quando June se levantou de onde estava. Twig ficou na expectativa, esperando que ela fosse até ao ateliê ou se enfiasse na carrinha. Mas em vez disso, viu-a entrar em casa, dirigir-

se ao escritório e fechar-se lá dentro. Twig ainda encostou o ouvido à porta, mas não conseguiu escutar o que June dizia ao telefone. Após uma longa pausa, resolveu bater. Uma vez, e outra, com mais força. Quando não obteve resposta, girou a maçaneta e abriu a porta. Ao vê-la entrar, June desligou o telefone. A expressão nos olhos dela fez Twig deter-se.

– O que é que fizeste? – indagou Twig, sem rodeios.

June voltou-se para olhar pela janela. Alice acabara de chegar. As duas viram Alice e Oggi saírem da carrinha, falando e rindo alto.

– O que tinha de ser feito – respondeu June com uma lágrima a rolar-lhe pela face.

Há anos que Twig não a via chorar. E a total ausência do cheiro a whisky naquela sala deixou-a ainda mais preocupada.

June limpou rudemente as lágrimas da cara e levantou-se.

– Fiz o que tinha de fazer – repetiu. – Está bem, Twig? – Percorreu a secretária e voltou-se de costas, como que a tentar esconder-lhe alguma coisa.

– O que é que se passa? – perguntou Twig novamente, avançando para ela.

Num gesto repentino, June tentou enfiar na gaveta um molho de cartas que estava em cima da secretária, mas conseguiu apenas que caíssem ao chão, espalhando-se. Praguejou baixinho. Twig agachou-se, reunindo as cartas e as fotografias – todas do mesmo rapazinho. Voltou-se para olhar para June:

– Como é que ainda consegues esconder dela estas fotografias? – murmurou.

– Porque sei o que é melhor para ela – respondeu. – Eu sou avó dela.

Twig levantou-se e olhou para a amiga, furiosa, as cartas a tremerem-lhe nas mãos. Sem mais uma palavra, atirou-as a June e saiu, batendo com a porta. O dia estava ventoso. Twig deixou-se ficar no alpendre, inspirando lenta e profundamente, deixando que o fresco do fim da tarde lhe enchesse os pulmões. Alice e Oggi estavam junto à porta do ateliê, provocando-se mutuamente num clima de alegre brincadeira.

Enquanto os observava, Twig levou os braços ao peito para se proteger do vento que lhe sacudia a roupa. Conseguia senti-la nos ossos, aquela súbita ventania de noroeste.



Alice abriu lentamente a porta do quarto e ficou no cimo da escadaria, a ouvir. Os únicos sons que se ouviam na casa eram o tiquetaque ritmado do relógio do avô, e o ressonar abafado vindo do quarto de June. Sentiu um peso súbito sobre o corpo. Lembrou-se da noite em que chegara a Thornfield, sem falar, mal conseguindo levantar a cabeça, vergada sob o peso da dor. June lavara-lhe a cara com uma toalhinha quente. *Não vou a lado nenhum*, dissera-lhe. E era verdade. Tinha estado sempre ali para ela. No fim de um dia de escola, no meio dos campos de flores, à cabeceira da mesa

de jantar, no ateliê, supervisionando os arranjos florais que a neta fazia. A jovem deu por si a pensar nas mãos calejadas da avó, cravadas no volante, acenando ao portão, afagando as orelhas de Harry, abraçando Alice. Num aperto *demasiado* forte.

Depois de um último olhar em torno do seu quarto, Alice pegou na mala e desceu as escadas em silêncio, como se fosse feita da mesma cepa que os fantasmas das memórias de Thornfield, dos quais tentava tão desesperadamente livrar-se.

Percorreu o corredor em bicos de pés. A coleira de Harry tilintou na sala de estar quando a viu aparecer. Ela ajoelhou-se para lhe beijar a cabeça. Mesmo meio adormecido, ele sabia guardar segredos.

As mãos tremeram-lhe quando abriu a porta de rede. Inspirou profundamente o ar perfumado da noite. Assim que desceu os degraus e pisou o caminho de terra, Alice desatou a correr.

Os arbustos arranhavam-lhe os tornozelos nus enquanto corria por entre os campos de flores, e depois pelo mato que ia dar ao rio. Sentiu lágrimas nos olhos, mas continuou. A noite estava fria e seca. As cigarras cantavam. A luz leitosa da lua envolvia o mundo num fulgor pálido. O futuro brilhava à frente dela, num embrião prestes a tornar-se vida.

Alice chegou ao rio. Pousou a mala. Limpou os olhos. Envolta na escuridão, estudou os nomes das mulheres da sua família gravados no eucalipto; mulheres que tinham estado sentadas precisamente naquele sítio, lançando os seus sonhos ao rio. Passou os dedos pelos novos nomes recém-cravados no tronco, e cheirou-os, inalando profundamente o aroma a madeira recém-cortada. Lembrou-se de quando era criança e viera pela primeira vez ao rio – achando que se o seguisse, chegaria a casa. Mas, em vez disso, o rio trouxera Oggi até ela. E agora ele era a sua casa. A sua história.

Compôs-se, passando os dedos pelo cabelo e alisando a roupa, à espera de ouvir os passos de Oggi. Tirou o medalhão de dentro da camisa e sussurrou *Estou aqui*, olhando o rosto da mãe. Enrolou a echarpe à volta do pescoço e sentou-se na base do eucalipto, apoiando as costas no tronco.

Inclinou a cabeça para trás, na esperança de ver estrelas cadentes.

E esperou.



O grito de um bando de catatuas-rosa acordou-a. Doía-lhe o pescoço. Sentia a pele húmida e fria. Endireitou-se e estremeceu. O rio agitou-se ao lado dela, sob a luz fria da manhã.

O nome dele aflorou-lhe os lábios. Alice caminhou por entre as rochas e raízes junto à margem. Nenhum bilhetinho deixado entre as pedras, nada amarrado nos ramos baixos da árvore. Talvez ele estivesse à espera dela na quinta. Um cacarejo soou do meio das árvores enquanto as cacatuas ensaiavam o seu coro matinal. Alice deixou a mala onde estava e correu por entre as árvores e ervas

altas, esforçando-se por ignorar a onda de medo que lhe tomava o estômago.

Quando chegou a Thornfield, as Flores já estavam de aventais postos, a cuidar das plantas. Alice desatou a chorar. Subiu os degraus e entrou na cozinha. June estava encostada ao balcão, a beber café.

– Bom dia, querida. Queres torradas? Café?

– Ele está aqui? – perguntou ela com a voz embargada.

– Quem? – perguntou June, o rosto sereno.

– Sabes perfeitamente – disse ela, exasperada.

– O Oggi? – June pousou a caneca e franziu o sobrolho, preocupada. – Alice... – murmurou, indo ao encontro dela para a abraçar. – O que é que se passa, Alice?

– Onde é que ele está?! – gritou a jovem.

– Em casa, espero eu, a preparar-se para ir trabalhar, como é o seu dever – disse June, olhando para Alice de alto a baixo e perdendo-se no vestido amarrotado. – O que é que se passa?

Alice livrou-se dos braços dela, tirou as chaves do gancho da parede e correu para a carrinha.

O pânico envolveu-a enquanto acelerava em direção à vila. Virou à esquerda e entrou no caminho da casa de Oggi, fazendo a carrinha derrapar e soltar uma nuvem de pó antes de parar à porta.

No alpendre estavam duas cadeiras, uma de cada lado de uma mesinha onde repousava um vaso com uma rosa acabada de colher – como se, a qualquer momento, Boryana fosse aparecer no alpendre para lhe oferecer um chá.

Alice correu para a porta de casa, contando que estivesse trancada. Mas não estava; abriu-se sem resistência. Lá dentro, nada de estranho. Nenhum sinal de alerta. Nenhuma evidência de caos, de crise ou de qualquer motivo que o tivesse impedido de encontrar-se com ela no rio. A jovem deambulou pela casa. Estava arrumada e acolhedora, mas havia algo de errado. Parecia demasiado limpa. Ou talvez ela não quisesse admitir uma verdade mais profunda, uma resposta mais óbvia. Oggi tinha levado Boryana de volta para a Bulgária; tinha mudado de ideias e partido sem ela. O vento soprava pelas janelas soltando um assobio sinistro.

Nas traseiras da casa, o jardim de rosas estava lindo, resplandecente. Alice lembrou-se dos vales de rosas nascidos do ouro e das ossadas de reis, do mar de pétalas da cor do fogo. Num ímpeto cego, arrancou as rosas dos seus caules e destruiu-as, fazendo cair uma chuva de pétalas aos seus pés.

Oggi tinha partido sem ela.



Alice continuava no mesmo lugar, rodeada de pétalas de rosas, quando a carrinha de June surgiu no horizonte. Não sentiu os joelhos falharem-lhe. Quando veio a si estava caída no chão, cheia de pó, envolta no abraço de June. Sentiu o cheiro da pele dela, a terra fresca, whisky e pastilhas de hortelã-

pimenta.

– Tu desmaiaste Alice. Mas estás bem... Estás segura, eu estou aqui – sussurrou-lhe a avó.

– Ele foi-se embora sem mim... – soluçou a jovem.

June abraçou-a com mais força, embalando-a para a frente e para trás.

Ficaram as duas assim por um longo momento, até os soluços de Alice acalmarem aos poucos.

– Vamos para casa. – June afagou suavemente os braços de Alice. Esta concordou com um aceno.

Ajudaram-se mutuamente a levantar-se, sacudindo o pó das roupas e dirigindo-se cada uma à sua carrinha. Alice conduziu lentamente de regresso a Thornfield, seguida de perto por June.



Assim que chegaram a casa, Alice correu para o quarto. June deixou-a ir. *Deve estar exausta.* June esforçou-se para afastar do pensamento a visão de Alice esperando a noite inteira por Oggi. Ela fizera o que tivera de fazer para manter a neta a salvo. Era para o bem dela. *Era para o bem dela,* repetiu para si mesma mais firmemente. Empurrou a porta de rede e deixou que ela se fechasse atrás de si. Estava feito. Alice continuava ali. Estava a sofrer, sim, mas era suficientemente jovem para conseguir ultrapassar. Estava a salvo. Debaixo da sua asa protetora.

June dirigiu-se ao frigorífico e serviu-se de um copo de água com gás. Pegou num limão de uma taça de cima da bancada e fatiou-o, colocando dois pedaços no copo. Dirigiu-se rapidamente ao armário das bebidas alcoólicas e pegou numa garrafa de whisky, vertendo uma boa dose no copo. Mexeu-a com o dedo e deixou-se ficar em frente ao lava-loiças, a beber.

Em breve, Thornfield ficaria a cargo de Alice. Era esse o próximo passo. Uma rapariga de coração partido era tão vulnerável quanto uma cabana de madeira sem um aceiro, na época dos incêndios; a mais pequena faúlha podia consumi-la. Assim como June tinha visto Agnes, também ela órfã, ser consumida por Clem. E eis que surgira Alice, o fruto dos dois. Sempre que June via a neta irritar-se, numa expressão demasiado parecida com a de Clem, corria a afogar a mágoa na garrafinha de bolso, por vezes antes até do pequeno-almoço. Noutras alturas, a natureza delicada e fantasiosa da neta transmitia-lhe a sensação de que a própria Agnes tinha regressado a Thornfield. Para June, tudo aquilo era quase insuportável. Não estava disposta a cometer o mesmo erro duas vezes; não voltaria a perder a sua família. E fizera o necessário para garantir isso mesmo. O que Alice precisava agora era de distração e independência. Uma sensação de utilidade, de propósito e liberdade. E era exatamente isso que June tencionava dar-lhe.



Alice escavou e cortou o tronco do eucalipto do rio até lhe doer o pulso. Durante uma semana,

regressara ao rio todas as noites. E quantos mais dias passavam sem respostas, sem que Oggi lhe surgisse com elas, mais amaldiçoada ela se sentia pelo rio e pelas suas histórias secretas. A começar pelo nome no topo da lista cravada no tronco da árvore: Ruth Stone.

Ao longo dos anos, Alice ficara apenas a saber o que Candy lhe contara sobre Ruth; que fora ela a trazer para Thornfield a linguagem das flores; que criara uma quinta de flores nativas australianas apenas com as sementes que o seu malfadado amante lhe ia trazendo. Sempre que Alice pedia a Candy ou a Twig que lhe contassem mais coisas, elas sugeriam-lhe sempre que perguntasse a June – mas quando Alice confrontava a avó, esta mostrava-se evasiva. *A Ruth Stone representa o modo como Thornfield sobreviveu*, dizia, ou algo parecido e igualmente críptico, do tipo: *É por causa da Ruth que um dia vais herdar esta terra*. Alice tinha uma vontade intrínseca de lhe responder que isso era ridículo, pensar que quem quer que fosse pudesse considerar-se *dono* de terras, árvores ou flores. Ou do rio. Mas acabava invariavelmente por se deixar tomar por um pensamento mais persistente: *Então e o meu pai?* perguntara um dia a June. *Ele devia ter herdado Thornfield de ti, certo?* Mas June não lhe respondera.

Na carta que escreveu à neta quando ela fez dez anos, June dizia que se ela encontrasse a sua voz, June dar-lhe-ia respostas; a verdade é que a avó nunca lhe falou de Clem. Ou de Agnes. Ou de como eles se conheceram, e por que razão partiram. Tudo o que Alice conseguiu perceber sobre os pais e o que acontecera entre June e Clem eram meias-verdades. Ela sabia que a história da sua família estava enterrada na mesma terra de onde June arrancava flores que diziam as coisas mais difíceis de pronunciar; se ao menos Alice soubesse onde escavar... Só depois de chatear as Flores até à exaustão é que conseguiu desencantar uma única e simples verdade: nem mesmo June se revelara imune no que respeita ao amor e ao destino. Um e outro tinham devorado partes da sua vida, e cuspidos os restos que faziam dela a mulher que era. O pai de June morreu quando ela era muito nova, e tanto o amante como o filho tinham-na abandonado. Sempre que June amou um homem, acabou com o coração partido. Alice estava ligada a June por laços de sangue – e de dor – e, agora, pelo triste fado de esperar por uma promessa, apenas para a ver ser quebrada junto ao rio.

Alice apoiou-se no eucalipto com o canivete na mão, raspando raivosamente o nome de Oggi do tronco. Arrancou as letras do nome dele, bem como o seu sorriso, o bom coração e a generosidade. Quando acabou, atirou o canivete ao rio, seguido de uma boa braçada de seixos.

Deixou-se cair no chão e abraçou os joelhos, soluçando. Jamais voltaria a permitir que o amor a enganasse daquela maneira.



Através da janela, June viu Alice regressar do rio. Caminhava pesadamente, carregando aos ombros a sua dor, a expressão tão extenuada como quando tinha nove anos e June a trouxera para

casa, vinda do hospital. Mas pelo menos estava ali. June não a tinha perdido.

Alice entrou na cozinha pela porta de trás e a avó apressou-se a disfarçar, preparando uma caneca de chá.

– June... – começou a jovem, sem terminar a frase.

A avó voltou-se para olhar para ela. Abriu-lhe os braços. Alice pareceu estudá-la, como que a ponderar alguma coisa antes de se deixar envolver pelo seu abraço.

Enquanto amparava a neta nos braços, June lembrou-se de uma entrada específica no seu tão amado Dicionário de Thornfield: a da ervilha-do-deserto: *Tem coragem, acredita*, escrita na bonita caligrafia de Ruth Stone. June tinha aprendido com a mãe e com os livros tudo o que havia para saber sobre a ervilha-do-deserto. Como era frágil e difícil de se propagar, apesar de crescer descontroladamente em algumas das paisagens mais agrestes da Austrália. Mas também o modo como, nas condições certas, acabava sempre por florescer, linda e radiosa.

Paisagem é destino

Alice Hoffman

Tojo de ervilha-amarga



Significado: **Beleza Cruel**

Daviesia ulicifolia | Em toda a Austrália

Arbusto espinhoso com deslumbrantes flores-de-ervilha amarelas e encarnadas. Floresce no verão. A semente propaga-se facilmente após a escarificação. As sementes permanecem viáveis por muitos anos. Inimigo dos jardineiros por ser demasiado espinhoso, representa um excelente refúgio para aves pequenas, protegendo-as dos predadores.

Alice estava de pé no terraço das traseiras, vendo o céu da tarde escurecer sobre os campos de flores. Enterrou o rosto nas voltas da echarpe. Aos vinte e seis anos as tempestades deixavam-na tão assustada como quando tinha nove.

Fevereiro era um mês extremamente cruel para todas quantas habitavam Thornfield. Ventanias quentes de verão sopradas de noroeste causavam estragos, ameaçando devastar os campos de flores e danificar as hortas e os politúneis. Dias e dias de calor seco e vendavais fortíssimos eram quase insuportáveis; levantavam o pó e as cinzas de coisas há muito esquecidas, reabrindo feridas antigas e despertando histórias há muito silenciadas em cantos esquecidos, sonhos e livros por acabar. Nas noites sufocantes, os pesadelos eram frequentes. Em meados de fevereiro, nenhuma mulher de Thornfield fora poupada.

Para Alice, o pior de tudo era o vento que uivava por entre os campos de flores, chamando por ela. O tempo errático trazia-lhe sempre de volta aquele dia fatídico em que entrara na cabana do pai.

Retirou o medalhão de dentro da camisa de trabalho. Os olhos da mãe fixaram os seus, num preto e branco granulado. Alice ainda se recordava bem da cor dos olhos dela: o modo como mudavam consoante a luz; como se iluminavam quando contava histórias; quão distantes se tornavam quando estava no seu jardim, enchendo os bolsos de flores.

Alice sacudiu as botas enquanto via os campos de flores serem fustigados pelos ventos fortes. Disse a si própria que jamais sairia de Thornfield, o sítio onde a mãe encontrara consolo e segurança, onde aprendera a falar com as flores. O local onde os seus pais se tinham conhecido e, Alice gostava de acreditar, onde se tinham amado com a mesma intensidade com que ela amara Oggi.

Já quase que por instinto a jovem enterrou dentro de si os pensamentos sobre Oggi. Não se permitia perguntar «e se?». E se tivesse decidido ir atrás dele quando ele não apareceu no rio naquela noite? E se tivesse ido sozinha até ao Vale das Rosas? E se o tivesse encontrado e juntos tivessem definido um plano completamente diferente? E se ela tivesse ido para uma universidade no estrangeiro, como Oxford, por exemplo – onde lera que os edifícios eram feitos de arenito da cor do mel – e não para uma escola por correspondência, fazendo exames na mesa da cozinha de June? E se, quando fez dezoito anos, tivesse dito que não a June, que não queria ficar a gerir Thornfield? E se nunca tivesse entrado na cabana do pai? E se a mãe tivesse deixado o pai e criado Alice em Thornfield, com Candy, Twig e June? Com o irmão mais novo de Alice?

E se, e se, e se?

Alice viu as horas. Na véspera, June e algumas das Flores tinham ido aos mercados das cidades vizinhas e regressariam naquela tarde, mas se Alice ficasse à espera delas para ajudá-las a descarregar, corria o risco de encontrar os correios fechados. O negócio estava a melhorar, depois do Natal, e havia uma imensidão de encomendas para aviar; as jóias de June estavam mais populares do que nunca.

Alice atravessou a casa e parou no vestíbulo para enfiar o seu *Akubra*. Uma nuvem de poeira subia em remoinho no fundo dos degraus do alpendre. Abriu muito lentamente a porta de rede.

– Pó do diabo – sussurrou.

A espiral de poeira pairou ali por alguns momentos, atingindo praticamente a altura de um homem, depois dispersou e espalhou-se. Alice soltou um suspiro exasperado, lembrando a si própria que era fevereiro – uma época em que o passado soprava e os fantasmas pairavam por todo o lado.

Subiu para a carrinha, aliviada com a calma do seu interior. Olhou para o lugar do passageiro, sentindo a falta da companhia de Harry. Enquanto Alice tentava adaptar-se à enormidade da sua ausência, para June a morte de Harry traduziu-se no constante recurso à sua garrafinha de whisky, procurando consolo sem contenção ou secretismo.

June tinha chegado a um ponto crítico. À medida que envelhecia mostrava-se cada vez mais agitada, fervia em pouca água, quer fosse pelo atraso na chegada do correio, uma ventania inesperada, ou o murchar das pequenas flores numa acácia baileyana. De vez em quando, Alice ouvia-a murmurar o nome de Clem, enquanto fazia as suas joias a partir de flores que apenas contavam histórias de perda e de luto. Cada vez com mais frequência os olhos de June focavam-se em algo longínquo, algo que Alice não conseguia enxergar. O que estaria ela a recordar? Estaria finalmente a fazer o luto pelo filho? Sempre que a jovem pensava em fazer aquele género de

perguntas a June, acabava a optar pelo silêncio, por ser mais fácil. Silêncio e flores. Às vezes deixava-as na bancada da avó. Um punhado de jacintos-dos-bosques cor de malva: *sinto a tua bondade*. E June deixava sempre a sua resposta na almofada de Alice. Um raminho de estrelas-de-Belém: *não há quem não te ame*.

Deixou-se ficar sentada na carrinha, olhando os eucaliptos manchados, a casa, o ateliê coberto de hera, as espigas secas de trigo, as flores silvestres que cresciam nas fendas por entre as pedras. Thornfield tornara-se a sua vida. Toda a sua vida. A linguagem das flores era aquela em que ela mais confiava.

Suspirou profundamente e ligou a ignição. O céu começava a escurecer. Quando arrancou, ficou a olhar pelo retrovisor, vendo Thornfield desaparecer ao fundo.



Alice ouviu o ribombar de um trovão no momento em que estacionou e começou a descarregar as caixas das encomendas. Serviu-se de um carrinho para levá-las até aos correios, onde as despachou e recolheu a correspondência de Thornfield. Quando saiu, a luz da tarde assumira um arrepiante tom esverdeado. Um relâmpago rasgou os céus, levando Alice a correr para a carrinha. Ligou a ignição, tentando abstrair-se dos seus temores, vasculhando a pilha de correspondência. Extratos bancários, contas de telefone, faturas e publicidade. E um envelope escrito à mão. Endereçado a ela. Alice voltou a carta. O remetente era da Bulgária.

Rasgou o envelope com as mãos trémulas. Deu uma vista de olhos rápida ao texto, absorvendo apenas uma palavra aqui e ali. No fim, o nome dele, escrito pela própria mão. *Oggi*.

Com um longo suspiro começou a lê-la, obrigando-se a ler devagar para absorver cada palavra.

Zdravey Alice,

Já perdi a conta a quantas vezes tentei escrever-te esta carta. Encheria uma caixa inteira com as minhas tentativas, cartas cheias de coisas que não tenho coragem de te dizer. Mas o velho clichê é verdadeiro: o tempo faz qualquer coisa à dor que nada mais consegue. Agora tenho a sensação de já terem passado anos suficientes. E esta é a carta que eu te vou escrever e enviar.

Para ser sincero, não me saís da cabeça desde a noite em que combinámos encontrar-nos no rio. Vi na Internet que assumiste as rédeas de Thornfield, e que o negócio vai de vento em popa sob a tua orientação e cuidado. Também tenho visto todas as tuas fotos de perfil, atualizadas a cada ano. E nos teus olhos consigo ver a miúda de que me recordo.

Mas isso já foi há muitos anos. Agora somos pessoas diferentes. Com vidas diferentes.

Atualmente vivo em Sófia com a minha mulher, Lilia. Há cinco anos tivemos uma filha. Chama-se Iva. É muito parecida contigo quando eras criança. É rebelde e aventureira, sensível e sonhadora, e adora livros. Sobretudo contos de fadas. O seu livro favorito é uma história búlgara muito conhecida acerca de um lobo ingénuo e uma raposa astuta e atrevida. A moral da história é que as pessoas engenhosas vão sempre tentar abusar da tua fraqueza, se as deixares. A Iva pede-me que lhe leia esta história vezes sem conta. E eu leio-a as vezes que consigo suportar. A Iva sofre sempre pelo lobo. Pergunta-me por que é que ele não consegue ver como a raposa é astuta. E eu nunca sei o que lhe responder.

Depois de tantos anos, escrevo-te agora para fechar a ferida. Quero muito que sejas feliz. Depois de tudo o que se passou, desejo-te uma ótima vida.

Cuida de ti. Cuida de Thornfield.

Vsichko nai-hubavo, Alice. Tudo de bom.

Oggi

Alice trincou o lábio inferior e gritou de dor. Largou a carta. Inclinou-se sobre o volante e viu os relâmpagos rasgarem as nuvens de tempestade. Um bando de catatuas-de-peito-rosado guinchou de dentro da coroa verde-prata de um eucalipto. A estrada à frente dela acenou-lhe, seguindo para fora da vila. Como desejava saber até onde a poderia levar... E se decidisse segui-la até ao fim, sem parar? O fardo dos seus sonhos fracassados pesava-lhe nas costelas, arrasadas pelo peso dos seus suspiros. Imaginou cada um deles como se fosse uma flor prensada, cada uma esmagada ainda em pleno florescimento, uma lembrança daquilo que poderia ter sido. Deu um forte pontapé na porta, limpou as lágrimas e meteu a primeira. A verdade é que ela era a única culpada no meio de tudo aquilo. Por não ter ido atrás de Oggi. Por não ter partido quando tivera oportunidade. Por que motivo resolvera ficar? Aquela era a vida que construía; dedicando-se de corpo e alma à terra que guardava da mesma maneira segredos e flores. Terra essa que um dia seria sua; uma terra de que não queria nem um centímetro quadrado.

Pegou de novo na carta, gemendo de dor sobre as suas linhas. *Nos teus olhos consigo ver a miúda de que me recordo. Mas isso já foi há muitos anos. Agora somos pessoas diferentes. Com vidas diferentes.*

Antes sequer de se aperceber do que fazia, Alice pisou com força o acelerador, levantando pedrinhas do chão. Num mero capricho, em vez de virar para casa, seguiu pela direção oposta, descendo a Main Street. Fez uma curva acentuada à esquerda e entrou na estrada poeirenta, sombreada pelos arbustos. Aventurou-se pela densa vegetação que ladeava a alameda de eucaliptos até chegar à antiga casa de Oggi. Tinham-se passado oito anos desde a última vez que ali estivera.

Assim que se viu na clareira, Alice arquejou. Saiu da carrinha debaixo da forte tempestade. As bravias roseiras Ognian tinham consumido parte da casa. Trepavam desenfreadamente pelas paredes,

cobrindo-as, bem como grande parte do telhado. Para onde quer que Alice olhasse, só via arbustos silvestres em pleno florescimento; uma casa sufocada por um fogo de rosas. A fragrância era quase intoxicante.

Alice gritou a plenos pulmões. Disse o nome dele em voz alta, dirigido a ninguém. O vento chicoteou-lhe o rosto. Andou de um lado para outro, para a frente e para trás. Ao longo daqueles oito anos ele *sabia* onde ela estava, e o que fazia da vida. Demorou oito anos a conseguir escrever-lhe. Mas continuava sem lhe dar respostas. Porque não fora ter ao rio naquela noite, como tinham combinado? O que é que aconteceu? Por que razão esperou tanto tempo para contactá-la? O que é que não tivera coragem de lhe dizer na altura? Como suportava viver com outra mulher a vida que tinham planeado juntos? Por que raio falou tanto do conto de fadas preferido da filha? Ele sabia onde ela estava durante todo aquele tempo, mas ela não sabia nada dele, nem sequer se estava bem; ao longo de todos aqueles anos, Alice procurara o nome dele na Internet, mas sem sucesso. Para Alice, Oggi não passava de algo que ela tinha sonhado.

O vento arrancava as rosas dos seus caules, espalhando-as aos pés de Alice. Ela agarrou num punhado de pétalas e desfê-las em pedaços. Precipitou-se sobre a casa coberta de rosas, arrancando a hera, cortando-se nos espinhos. Arrancou e despedaçou e gritou, tomada por uma onda de fúria, dor e humilhação.

Uma súbita bátega de chuva fria retirou-a do transe. Alice ficou atordoada ao tomar consciência do que acabara de fazer. Correu para a carrinha, completamente encharcada. A chuva batia com força contra o vidro. Deixou-se ficar ali sentada, recuperando o fôlego. Olhou para a casa por entre o movimento do limpa-para-brisas.

Um relâmpago atingiu em cheio um arbusto próximo, seguindo-se um estrondo incrível quando um gigantesco ramo de eucalipto caiu no chão. Arrepiada de frio e de medo, Alice fez inversão de marcha. Seguiu de regresso a casa debaixo de um forte temporal e com pétalas de rosa coladas à pele molhada.



Quando chegou a Thornfield, viu toda a gente agitadíssima, correndo a fechar as janelas, do dormitório e do ateliê, amarrando coisas, e trazendo para dentro de casa tudo o que não estivesse amarrado. A chuva tinha abrandado, mas o vendaval permanecia cortante e impiedoso. A jovem lutou contra o vento, subindo os degraus do alpendre.

– O que é que se passa? – perguntou a June, escondendo os olhos inchados.

– Uma tempestade horrível – gritou-lhe a avó. – Nem sei como conseguimos cá chegar. A meteorologia lançou avisos de cheias ciclónicas.

– Cheias? – Alice olhou para os campos de flores com uma expressão aterrada.

– É o que dizem. Temos de andar depressa, Alice.



Assim que a chuvada recomeçou, não voltou a abrandar. Todas se esforçaram por proteger a quinta, mas não havia praticamente nada a fazer para preservar os canteiros de flores da força do vento, e da chuva que caía em catadupa. A eletricidade foi cortada pouco depois de o sol se pôr. As janelas do dormitório encheram-se da luz de velas e candeeiros a petróleo, bem como a sala de jantar. Candy, Twig, June e Alice sentaram-se à mesa e comeram os restos de um caril de mandioca que Candy aqueceu num pequeno fogão a gás.

– Estás bem, ervilhinha? – quis saber Candy, estendendo-lhe uma taça com coentros frescos picados. – Estás muito calada.

Alice recusou os coentros com um gesto do garfo.

– É por causa desta tempestade. – As palavras de Oggi insistiam em vir-lhe à mente. Algo no conto preferido da filha dele a inquietava. Frustrada, poisou os talheres no prato, fazendo mais barulho do que era suposto. – Desculpem – disse, pressionando as têmporas com os dedos. O vento uivava por debaixo das portas e fazia abanar as janelas. A tempestade piorava a olhos vistos. Estaria Thornfield em perigo? – Meu Deus, custa-me tanto respirar... – Alice arrastou a cadeira para trás. Levantou-se e andou de um lado para o outro.

– Alice? – O rosto de June revelava genuína preocupação. – O que é que se passa?

– Nada – apressou-se a responder num tom irritado. Fechou os olhos com força para evitar que as lágrimas caíssem. Esforçou-se por afastar a imagem das rosas a devorarem a casa de Oggi.

– Não é só por causa da tempestade, e esse *nada* não nos convence, Alice. O que se passa? – insistiu Twig.

O estrondo do ramo a partir-se e a cair no chão junto à casa de Oggi afluiu-lhe aos ouvidos.

– O que é que vocês não me estão a contar? – lançou subitamente. – O que é que eu não sei?

– O quê? – June empalideceu.

– Não sei. Eu... Não consigo... – Alice abanou a cabeça. – Desculpem. – Respirou fundo e fechou os olhos por uns segundos. – Recebi uma carta do Oggi, assim do nada. E fiquei triste, só isso. – Alice ergueu o rosto na direção das três.

Os olhos de Candy dardejaram entre June e Twig. Esta repousou os olhos em Alice, calmamente. O rosto de June era imperscrutável.

– O que é que ele te disse na carta? – Twig poisou o garfo.

– Pouca coisa. – Alice abanou a cabeça. – Apenas que queria fechar «velhas feridas» entre nós. Casou e já é pai. Quer que eu tenha «uma ótima vida» ... – A voz falhou-lhe. – Mas não disse porque me deixou aqui, ou o que é que o levou a ir-se embora. E eu não compreendo... Não sei como

cheguei até aqui, como é que a minha vida se resumiu a isto. – A respiração saía-lhe profunda e irregular. – Não sei quem devo ser, a que lugar pertença ... – Fez uma pausa. – E agora veio a porcaria desta tempestade, e podem seguir-se inundações e estou com medo. Não sei quem sou sem este sítio. O que é que pode acontecer se perdermos os campos de flores? Por que é que não conversamos mais? Sobre seja o que for? Estou farta de tudo aquilo que não dizemos umas às outras. Eu quero saber coisas! Quero muito ter uma conversa *real* em vez de receber um ramo de flores de cada vez que me revelo... *inconveniente*. Eu quero saber, June! – Olhou para a avó com uma expressão suplicante. – Quero ouvir as coisas da tua boca. Quero saber tudo. Sobre os meus pais. E de onde venho. Vivo todos os dias com o peso desta sensação de... de... – Gaguejou de frustração, fazendo círculos vazios do ar com as mãos. – De estar à espera de qualquer coisa que nunca virá. Tu disseste-me que quando eu encontrasse a minha voz, June, tu dar-me-ias as respostas... – Os ombros encovaram-se-lhe de desespero.

O rosto de June ensombrou-se.

– Alice – disse, levantando-se e dando um passo na direção da neta. Esta perscrutou-lhe os olhos, esperançada. A chuva zunia lá fora. – Eu não vou a lado nenhum. Tens-me sempre a teu lado – disse ela num fio de voz.

A desilusão queimou-a por dentro.

– Essa é sempre a tua resposta para tudo, não é? – lançou-lhe num tom amargo. – *Esquece tudo, porque eu estou aqui*. – Ao constatar o que o seu tom agressivo fazia à avó, Alice estremeceu. – Desculpa – balbuciou, tentando recuperar a compostura. – Desculpa, June.

– Não – murmurou June. – Não. Tu tens toda a razão em estares zangada. – Dobrou o guardanapo e saiu da sala. Passado um momento, Twig levantou-se e foi atrás dela.

Alice enterrou o rosto nas mãos. June tinha apenas tentado cuidar dela. Por que é que ela não se limitava a deixá-la fazer isso, esquecendo o resto? Mas outra pergunta impunha-se: por que razão June não lhe contava o que ela queria saber? E, pensando bem, porque é que Oggi não o fizera? Se se tinha dado ao trabalho de lhe escrever passados oito anos, já com uma vida estável e família própria, porque é que insistia em esconder-lhe coisas?

Candy começou a levantar a mesa.

– Desculpem – repetiu Alice.

Candy assentiu.

– A culpa não é tua, ervilhinha. Toda a gente tem as suas histórias tristes. E sem dúvida que é esse o caso aqui, sempre foi. É delas que crescem as nossas flores. – Brincou com os talheres. – E a June tem tantas histórias emaranhadas dentro dela... Creio que ela não sabe mesmo por onde começar.

Alice resmungou:

– Talvez pelas coisas mais simples, não? Tipo: «Alice, foi assim que os teus pais se conheceram», ou «Alice, foi por isto que o teu pai se foi embora», ou «Alice, o teu avô era assim»

...

– Eu percebo-te. Mas se ela te contar uma história, sente que terá de te contar outras dez que estão relacionadas. Se puxares por uma raiz, a planta toda vem atrás. E essa ideia deve aterrorizá-la. Consegues imaginar? Seres confrontada com tanta coisa, logo tu que gostas tanto de controlar tudo, tal como a June? – Candy parou à porta da sala com um molho de talheres numa mão e o candeeiro a petróleo na outra. – Deve ser horrível carregarmos o fardo de querermos muito contar uma coisa a alguém, algo que essa pessoa deve saber, mas pensarmos que, para isso, temos de mergulhar bem fundo dentro de nós, a um sítio onde não queremos ir, para encontrarmos essa história que sabemos não poder reescrever.

– Sim, mas... e onde é que isso me deixa? O único familiar que me resta não me conta nada sobre a minha família. Tudo o que tenho são histórias em segunda mão, e por mais que eu goste das coisas que tu, a Twig ou mesmo o Oggi me contaram sobre Thornfield e sobre os meus pais, não é de todo a mesma coisa do que ouvi-las da boca da June. Vocês não viveram as mesmas histórias que ela viveu.

– Pois não – disse Candy. – Mas, como eu sempre te disse, pelo menos tens uma história, ervilhinha. Pelo menos sabes de onde vieste. Não desprezes essa dádiva que...

– Não desprezo – interrompeu-a Alice, esforçando-se por não elevar a voz. – Sei que é tudo pelo meu bem, Candy, mas já estou a ficar farta dessa treta de ter de me mostrar grata pela história que conheço, e vê-la como uma forma de evitar lidar com as histórias que *não conheço*. Histórias que a June prometeu contar-me quando eu era miúda, e que nunca contou.

A sala encheu-se com o som da forte chuvada que caía. Passado um momento, Candy pigarreou:

– Lamento imenso essa história do Oggi.

Alice não respondeu.

Ao sair da sala, Candy levou consigo quase toda a luz que as iluminava.



Nessa noite, Alice viu-se mergulhada num mar de sonhos de fogo. Uma e outra vez tentou gritar pela mãe, que deixara as suas roupas à beira-mar. Uma e outra vez o mar de fogo não se rendia. Na praia ardida, um lobo e uma raposa perseguiam-se mutuamente por entre as dunas com as caudas a arder. Nas águas rasas, um menino largava um barquinho de papel no mar, os vincos incandescentes. Quando acordou, alagada em suor, Alice levantou-se. As têmporas latejavam-lhe de ansiedade e exaustão. Acendeu a lanterna e desceu para preparar uma chávena de chá.

Parou a meio do corredor. Ouviu vozes vindas da cozinha, e o ar tresandava a whisky. Alice aproximou-se mais.

– Estás a um passinho muito pequeno de a perderes, June – sibilou Twig. – É isso que queres? Tens de lhe contar a verdade. Tens *mesmo*!

– Cala-te, Twig – A voz de June saiu-lhe entaramelada.

Alice percorreu o corredor pé-ante-pé, encostada à parede.

– Pensas que sabes tudo, mas não sabes nada – balbuciou a velhota, arrastando a língua. – Não passas de mais uma que pensa que sabe tudo.

– Não consigo falar contigo assim. Nem percebo o que dizes. Precisas de te ir deitar.

– Eu vejo perfeitamente como tu a amas, ou julgas que não? Achas que eu não sei que tu vês nela a filha que não pudeste criar?

– Cuidado com o que dizes, June.

– Ohh... *Cuidado com o que dizes...* June – a mulher imitou-a, entre soluços ébrios.

Alice encostou-se à porta.

– Eu salvei aquela miúda – sibilou June, esforçando-se por articular as palavras. – Salvei-a. O Oggi ter-lhe-ia roubado o futuro... ter-lhe-ia partido o coração. Já vimos isso acontecer, Twig, ou não te lembras? O dia em que liguei para os Serviços de Imigração... foi a melhor coisa que pude fazer por ela.

O choque da traição de June reverberou pela jovem como se tivesse sido fisicamente agredida. Recordaria aquela noite como se a tivesse observado através de uma janela, em vez de a testemunhar pessoalmente. O modo como irrompeu pela cozinha, os olhos em chama e as mãos trémulas. O horror e o remorso na expressão de Twig ao aperceber-se de que Alice as ouvira. O sorriso ébrio de June, tentando recuperar a compostura. Os gritos de Alice. Twig a tentar consolá-la. O choro de June. A dor profunda no olhar de Twig enquanto lhe contava a verdade.

– Ele foi deportado. – A voz de Twig falhou-lhe. – Ele e a Boryana foram mandados de volta para a Bulgária.

Literalmente em ebulição, Alice olhou para a avó.

– Denunciaste-os? – gritou. June olhou para ela, incapaz de focá-la.

– O que é que se passa? – Candy irrompeu pela cozinha, estremunhada.

Um surto de adrenalina levou Alice a agir. Saiu a correr da cozinha, subiu as escadas aos tropeções e entrou no quarto. Pegou num saco de viagem e encheu-o com todas as coisas de que gostava a que conseguiu deitar a vista. Depois cambaleou escada abaixo, empurrou as mulheres que a esperavam no vestíbulo, e tirou as chaves e o chapéu do gancho. Ao abrir a porta foi literalmente abalroada pela força do vento e da chuva. Cambaleou para tentar recuperar o equilíbrio. Candy e Twig imploraram-lhe que não se fosse embora. Recordar-se-ia da cena seguinte sempre da mesma maneira: lenta e distorcida; voltou-se para olhar para os rostos delas, tão cheios de preocupação. Atrás delas, June cambaleou no escuro.

Alice olhou fixamente para as três mulheres. Após um momento, virou costas e irrompeu pela tempestade, batendo com a porta atrás de si.



As escovas do limpa-para-brisas não eram suficientes para a chuva torrencial que caía sem parar. Alice cravou as mãos no volante, sentindo a carrinha derrapar na estrada lodosa e inundada; os braços tremiam-lhe do esforço de a segurar. Não tirou o pé do acelerador, temendo ficar atolada se o fizesse. Ou pior, perder a coragem e voltar para trás.

Tencionava atravessar a vila, transpor os seus limites e entrar pela estrada do mato, seguindo para leste. Mas depois de uns quantos quilómetros a descer, travou subitamente: à luz fraca dos faróis da carrinha, deparou-se com a estrada completamente inundada, impedindo-a de seguir. O rio tinha subido. Alice estremeceu de medo; os campos de flores seriam totalmente destruídos; as sementes levadas dos seus leitos pela enxurrada.

Estudou a escuridão pelo retrovisor. E se não seguisse na direção da costa, mas para o interior? Para longe da água. Deu uma aceleradela no motor. Outro momento passou. Bem agarrada ao volante, conseguiu inverter a marcha e voltar para trás. Na estrada que cortava para Thornfield, o pé desacelerou sem que ela o quisesse. Irritada, pisou o acelerador a fundo, com as mãos cravadas no volante, seguindo para oeste em plena escuridão.



Por mais que Twig e Candy chorassem e implorassem, June recusou-se a voltar para dentro. Deixou-se ficar ali, cambaleando no escuro, chicoteada pelo vento. Alice ia voltar. June fixou o olhar em frente, para ser a primeira a ver os faróis da carrinha da neta. Alice ia voltar. E June poderia finalmente explicar-se.

O whisky que lhe corria no sangue começou a diluir-se, e ela foi sentindo o frio de gelar os ossos. Quando a rajada seguinte se abateu sobre ela, June caiu de joelhos. A porta da frente abriu-se de rompante e Twig saiu, com um casaco nas mãos.

– Levanta-te, June – gritou-lhe, a voz abafada pelo vento. – Levanta-te e leva-me esse rabo arrependido para dentro de casa! – Twig envolveu June com o casaco e ajudou-a a levantar-se.

– Não! Ela vai voltar para trás, e eu quero estar aqui quando ela vier! – June tremia. – A Alice vai voltar e eu vou explicar-lhe tudo.

Twig olhou-a fixamente. June preparou-se para uma resposta mordaz.

Ficaram ambas assim por um momento, de pé mas sem se tocarem, até que Twig envolveu os ombros de June. E ela deixou. E, com o céu a chorar-lhes em cima, voltaram-se em direção a casa.

Banksia vistosa

Significado: **Tens-me cativa**

Banksia speciosa | Austrália Ocidental e do Sul

Pequena árvore com folhas finas e “dentes” proeminentes. As suas flores amareladas em forma de espiga florescem ao longo do ano, armazenando as sementes até que elas se abram com fogo. As flores atraem pássaros que se alimentam de néctar, sobretudo os beija-flores.

Alice conduziu o resto da noite pelo meio da tempestade. De madrugada, parou para meter gasolina numa estação de serviço próxima da fronteira do estado. Atestado o depósito, estacionou debaixo de um eucalipto para dormir umas horas. Quando acordou, o sol queimava-lhe o rosto e tinha a boca seca. Saiu da carrinha e entrou na estação de serviço, saindo dez minutos depois com um café bem forte num copo de papel, um bolinho seco com cobertura de açúcar, e um mapa. Deu duas dentadas no bolo antes de o deitar no lixo com uma careta. Arrancou com os pneus a derraparem na gravilha, e seguiu as placas que indicavam oeste, com o mapa aberto no lugar do passageiro. Afastou todo e qualquer pensamento que não fosse sobre aquilo que tinha à sua frente naquele momento. A única coisa que queria era afastar-se o mais possível da água; tinha vivido toda a vida junto ao mar ou ao rio.

Quanto mais se dirigia para o interior, mais estranha e árida lhe parecia a paisagem. Campos amplos e planos de erva amarela, afloramentos rochosos aqui e ali, e barrancos de eucaliptos retorcidos. Via ocasionalmente um telhado de chapa ondulada de uma quinta, ou um depósito de água prateado, junto a um moinho de vento – tudo debaixo de um céu azul e infinito.

Ficou sem bateria no telemóvel logo no primeiro dia, mas nem se deu ao trabalho de procurar o carregador no saco. Sempre que se sentia cansada, encostava à beira da estrada, onde quer que estivesse, trancava as portas e dormia umas horas. Profundamente, e sem sonhos. Quando passava

por uma terreola-de-uma-rua-só, plantadas como sementes ao longo da estrada poeirenta, parava para abastecer e comprar sanduíches, ou pêssegos em lata que comia com os dedos. Outras vezes desfrutava de um chá com uma gotinha de leite, enquanto estudava o mapa; chamou-lhe a atenção o nome de uma vila. Ficava, no mínimo, a mais alguns sufocantes dias de viagem, mas Alice não se deixou desanimar. Na paragem seguinte comprou uma garrafa com pulverizador, que enchia com água da torneira, e ia borrifando o rosto para se refrescar. O sol escaldante abatia-se sobre ela sem misericórdia.

Na terceira noite na estrada, com o corpo ainda todo transpirado, apesar de o sol já se ter escondido, Alice viu um cartaz de néon azul e branco catrapiscando ao longe, nos arredores de uma cidade mineira. Arrumou a carrinha no parque de estacionamento do pequeno motel e pagou um extra por um quarto com ar condicionado e quitchenete. Numa loja de conveniência ali próxima comprou uma embalagem de mistura para panquecas, um pacote de manteiga e um frasco de melaço. Esfomeada, fez as panquecas na pequena cozinha antes sequer de descalçar as botas. Depois despiu-se, ficando apenas em cuecas, e estendeu-se sobre a colcha com flores que cobria a cama. Foi debicando das panquecas douradas com manteiga e melaço, acabando com a pilha inteira, deliciada com o ronronar do ar condicionado que lhe refrescava o quarto. O suave embalar dos filmes ininterruptos da televisão por cabo fê-la cair em mais um sono profundo e sem sonhos.

Na manhã seguinte, Alice saiu do quarto e deixou a chave na receção do motel. O sol tinha acabado de nascer, mas o calor já era abrasador. Inicialmente, achou que era uma ilusão de ótica, mas olhou em volta e parou. O escuro da noite anterior não lhe permitira aperceber-se da mudança da cor da terra. Ainda que já tivesse ouvido falar no Red Centre, o centro vermelho, nunca esperou ver um vermelho daqueles. Era mais uma espécie de cor de laranja. Tipo ferrugem. Tipo fogo. Maravilhada, fechou os olhos e ficou a ouvir os sons da manhã. O cantar dos pássaros, o zumbir dos aparelhos de ar condicionado atrás de si, o vento do deserto, um cão a ladrar. Abriu os olhos, e olhou à volta. Caminhou na direção da carrinha à procura da fonte do latido.

Aninhado junto a um arbusto estava um cachorrinho castanho-claro com uma mancha branca no meio das costas. Alice olhou em volta. Não havia outros carros no estacionamento, nem nenhum a chegar ou a partir. O cãozinho ladrou de novo. Não trazia coleira e tinha uma série de peladas no lombo. Enquanto Alice olhava para ele, as pulgas vinham à tona do pelo e voltavam a desaparecer na mancha branca. O cachorrinho não tinha dono ou, se tivesse, era alguém que pouco ou nada se importava com ele. Alice espreitou por entre as pernas do bichinho. Era uma cachorrinha. Pô-la debaixo de um braço, abriu a porta da carrinha e poisou-a no lugar do passageiro. Trocaram um olhar.

– O que achas de *Pippin*? – perguntou Alice. A cachorrinha pôs a língua de fora. – Muito formal? – Alice meteu a primeira e saiu para a via rápida, continuando a seguir as placas até à cidade que lhe despertara a atenção no mapa. – Vamos a isto, Pip – disse. – Já só nos falta meio dia de viagem.



A vila de Agnes Bluff ficava na base do gigantesco afloramento vermelho que lhe dava o nome. De ambos os lados da rua principal, uma extensão de eucaliptos, e montras de lojas de estilo vitoriano enfeitadas nas mais diversas cores. Uma agência noticiosa, umas quantas galerias de arte, uma biblioteca, alguns cafês, um minimercado e uma bomba de gasolina. Foi lá que Alice parou, e estava prestes a começar a abastecer quando Pip ganiu, fazendo chichi no banco do passageiro. A urina tinha sangue.

– Oh, Pip! – gemeu Alice. A cachorrinha ganiu de novo.

Alice correu para dentro da estação de serviço e regressou pouco depois trazendo um papel rabiscado com indicações de uma morada. Acelerou, rezando ter combustível suficiente para chegar ao veterinário mais próximo.



Pip gania desesperadamente nos braços de Alice, enquanto esta batia com o punho na porta de vidro da clínica veterinária. Espreitou através da montra. Um relógio de parede anunciava três minutos depois da uma. Um papel na porta dizia que, aos sábados, a clínica fechava à uma. Seria sábado? Alice não fazia ideia. Continuou a bater à porta até um jovem mais ou menos da sua idade surgir de detrás do balcão, com um estetoscópio ao pescoço. Deu a volta à chave e abriu-lhe a porta.

– Posso ajudar?

– Por favor – suplicou Alice.

A jovem seguiu-o até ao consultório. O homem calçou umas luvas finas de borracha e tirou Pip dos braços de Alice. Inspeccionou-lhe as zonas das peladas. Observou-lhe os olhos com uma lanterninha, depois a boca. Quando se endireitou, o calor do seu olhar tinha desaparecido.

– A tua cadela tem um quadro grave de sarna.

– Oh, ela não é minha. Ou melhor, ela... eu... encontrei-a na rua esta manhã. Aliás, encontrámo-nos uma à outra. Numa bomba de gasolina.

Ele estudou-lhe o rosto por um momento.

– Aconselho-te a lavares bem as mãos – disse-lhe, já com uma expressão mais suave, indicando-lhe um lavatório a um canto. Alice lavou as mãos com água quente.

– Daí o cheiro dela – disse o veterinário.

Alice olhou para ele, confusa, limpando as mãos a uma toalha de papel.

– Não te cheira? – insistiu ele.

Ela enfiou as mãos nos bolsos.

– Bom... não. Não reparei.

– E também é por isso que ela não para de se coçar.

Nisso, ele tinha razão. Alice apercebera-se de que a cachorrinha não tinha parado de se coçar desde que a encontrara.

– E também tem sangue... na urina. – A voz de Alice falhou-lhe.

– Sim, também tem uma infeção grave no trato urinário, e é isso que provoca a hemorragia. Está com febre alta, certamente da má nutrição. – Tirou as luvas e deitou-as no lixo. – Infelizmente é um quadro muito comum nos cães vadios daqui da zona.

O veterinário pegou em Pip e fechou-a numa pequena jaula. A cadelinha começou logo a uivar.

– Eh! – exclamou Alice, avançando para ela.

– Ela necessita de cuidados médicos urgentes – interrompeu-a o jovem. – Estou apenas a tratar dela.

Alice ainda levou uns segundos a absorver a informação. Deu um passo atrás. Pip gemeu de dentro da jaula, com a cauda entre as pernas.

Já lá fora, na receção, o veterinário quis saber os dados de Alice.

– Eu... não... – gaguejou a jovem.

– És nova por estas bandas?

Alice assentiu.

– Tens emprego cá?

Ela negou.

– E sítio para ficar?

Alice não respondeu. Ele escreveu qualquer coisa num bloco de notas e arrancou a folha.

– Vai até ao Bluff Pub. Eles alugam quartos. Pede para falar com a Merle e diz-lhe que vais da minha parte – disse ele, estendendo-lhe o papel.

– Obrigada.

Os olhos de Alice percorreram o cabeçalho impresso da folha, *Moss Fletcher. Veterinário de Agnes Bluff. Moss*. A jovem lembrou-se imediatamente de uma página do Dicionário de Thornfield: *Moss¹¹: Amor sem exceção*.

Quando Alice saiu do veterinário, o calor seco atingiu-a como um muro invisível. Nada naquele sítio lhe era familiar. O céu era de um azul deslavado, vazio e estendia-se infinitamente. Não havia o menor vestígio de água do rio ou da fragrância de flores. Aquele sítio deixava-a com a cabeça a andar à roda e o pulso acelerado.

Cambaleou até à carrinha, esmagada pelo ritmo louco das batidas do coração. Respirou com dificuldade enquanto levava a mão à porta, sem conseguir abri-la. Regressaram-lhe memórias: o oceano e o fogo a rugirem indistintamente.

Tentou fechar os olhos, ultrapassar o pânico e respirar. Tentou proteger-se a si mesma, antes de ver tudo negro.



Moss passou uma revista rápida pelos animais antes de fechar a clínica. A cachorrinha de Alice estava medicada e a dormir. O jovem veterinário saiu para a tarde abrasadora, que cheirava intensamente a gasóleo queimado e ao frango assado de uma churrascaria próxima. O cheiro lembrou-o do que tinha pela frente: mais uma noite em casa, completamente só.

Atravessou o parque de estacionamento até ao carro, reparando numa carrinha amarela de caixa aberta. *Alice Hart. Florióloga. Quinta de Thornfield. Onde Germinam Flores Silvestres*, dizia na porta. Não estava ninguém lá dentro. Rodeou-a e deparou-se com Alice caída no chão de asfalto, a sangrar do nariz.

Precipitou-se sobre ela, repetindo o seu nome. Ela não reagiu. Tinha a pele de um tom assustadoramente pálido. Verificou-lhe o pulso e a respiração. Tirou o telemóvel do bolso e ligou para um médico. Teve o cuidado de não a mover de onde estava. Quando atenderam, Moss respondeu às perguntas, sentindo o coração a mil.

Por favor, outra vez não!



Não era um oceano de fogo: Alice flutuava num rio. Um rio feito de estrelas. Deixavam-lhe a pele verde-prata. Deixou-se boiar de costas, vendo-as chover do céu noturno. Algumas ficavam presas nos ramos mais altos das silhuetas dos eucaliptos. Outras colavam-se-lhe às pestanas, e entre os dedos dos pés. Engoliu umas quantas. Eram doces e frescas. Reuniu uma braçada delas, surpreendendo-se com a sua leveza, e espalhou-as cuidadosamente em seu redor. Um círculo de estrelas. Dentro do qual nada doía.



Alice engasgou-se ao retomar a consciência, achando que estava a cuspir estrelas.

– Oggi... – balbuciou.

– Sim, Alice, é natural que te sintas tonta. Tem calma.

Abriu os olhos. Viu uma mulher que lhe sorria enquanto lhe apontava para os olhos uma pequena lanterna. A sensação agitou-lhe a memória; estava numa cama de hospital, num quarto todo branco. Tinha uma agulha espetada no braço. Gemeu e virou a cabeça para o lado. Junto dela estava um homem sentado muito direito numa cadeira, olhando-a fixamente. Ergueu uma mão, cumprimentando-

a, e Alice levantou dois dedos, retribuindo. O veterinário. Era o veterinário. Moss qualquer-coisa. *Amor sem exceção.*

– Estás a soro, Alice. Chegaste cá gravemente desidratada. Temos muitos casos destes em visitantes que não estão habituados ao calor do deserto. Foi por isso que desmaiaste. – A mulher vestia um casaquinho branco com o nome bordado no bolso: *Dra. Kira Hendrix*. – Vou fazer-te algumas perguntas de rotina, sim? Tens algum historial de tensão baixa na família?

Alice não sabia. Abanou a cabeça.

– E problemas de ansiedade, ou ataques de pânico?

– Só quando era miúda – respondeu rapidamente.

– E sabes o que os provocou?

O vento a soprar? A visão de uma flor? A chama persistente de um sonho?

– Não sei – respondeu Alice.

– Tomas alguma medicação?

A jovem voltou a abanar a cabeça.

– Felizmente não partiste o nariz, por isso vais ficar bem rapidamente. Para já, precisas de muito descanso. E de beber muitos líquidos. Se sentires algo estranho ou fora do normal não hesites em voltar cá. O Dr. Moss disse-me que chegaste hoje?

Alice assentiu.

– E onde é que estás hospedada?

Alice olhou de relance para Moss. Ele susteve o olhar nela por uns segundos, antes de falar.

– Está no hotel por cima do pub, doutora.

– Hmm... – murmurou a médica. Deu uma palmadinha amigável no ombro de Alice e voltou-se para Moss, de sobrolho erguido: – Posso falar consigo?

Juntaram-se no canto mais afastado do quarto. Alice ficou a olhar para eles. A doutora Kira ostentava um ar sério, enquanto o veterinário parecia surpreso.

– Ótimo – disse a Dra. Kira num tom mais alegre, pondo um fim à conversa. Regressou para a cabeceira de Alice. – Vamos lá tirar-te esse soro, Alice, e dar-te alta. Vai comendo refeições leves, pouquinho de cada vez, e repousa bastante.

Alice concordou, com um gesto de cabeça e os olhos baixos.



Moss destrancou as portas da carrinha e afastou-se para dar passagem a Alice, que trepou debilmente para o lugar do passageiro. O interior estava imaculado. Uma arvorezinha de cheiro pendia do retrovisor, soltando uma leve fragrância a eucalipto.

Seguiram em silêncio. Moss pigarreou algumas vezes.

– Eu... hmm, encontrei-te caída no parque de estacionamento quando fechei a clínica – disse, sem olhar para ela. – Não te mexi, liguei para a Dra. Kira, e ela veio logo e levou-te na ambulância. Eu segui atrás.

Alice manteve os olhos na estrada, distraíndo-se com a imagem dele a encontrá-la inconsciente. Uma sensação de profunda vergonha fez-lhe arder os olhos. *Não vais chorar agora.*

– Chegámos – disse Moss, encostando à porta da clínica. Levou a mão ao bolso e tirou as chaves da carrinha de Alice. – Estavam na tua mão quando te encontrei. – Soou algo nervoso, como se tivesse sido ele o responsável pelo desmaio dela.

– Obrigada – disse Alice, baixinho. – Por tudo. – Pegou nas chaves, reparando num esgar de dor na expressão do veterinário quando ela lhe raspou com a chave no nó do dedo. – Desculpa – murmurou, cobrindo o rosto com as mãos. Suspirou, abanando a cabeça para si própria. – Obrigada – repetiu, saindo da carrinha e dirigindo-se à sua. Mas assim que viu as letras pintadas na porta, parou abruptamente. Ali estava, nu e cru, tudo aquilo que ela queria deixar para trás.

Alice Hart. Floriógrafa. Quinta de Thornfield, Onde Germinam Flores Silvestres.

– Alice?

Ela voltou-se, tentando esconder a porta do ângulo de visão de Moss.

– Ficas bem?

– Sim – assentiu a jovem – Obrigada. Vou ver se arranjo um quarto no pub.

Ele desviou o olhar, depois olhou de novo para ela.

– A Dra. Harris pediu-me que te vigiasse nas próximas 24 horas. – Pigarreou. – Importas-te?

Alice forçou um sorriso:

– Descanso. Muitos líquidos. Pouca comida de cada vez. Acho que consigo. – Só lhe apetecia atirar-se para uma cama, tapar a cabeça com os cobertores e não voltar a levantar-se. – Mas obrigada na mesma.

– Sim... Ok. – Outra longa pausa. – Bom, a Merle tem o meu número, se precisares de alguma coisa – disse, metendo a primeira. Alice acenou, aliviada por vê-lo afastar-se.

Entrou na carrinha e foi direta à estação de serviço. Depois de atestar, entrou na loja e percorreu as prateleiras até encontrar tinta para retoques e riscos em automóveis. A única cor disponível era azul-turquesa. Pegou numa latinha e num pincel. A caminho da caixa, um expositor com autocolantes grandes, coloridos e brilhantes chamou-lhe a atenção. Pegou em duas embalagens, pagou e saiu.

No estacionamento do pub, dedicou-se a pintar as letras da sua carrinha com a tinta azul brilhante. Sob a luz ténue do seu primeiro dia no deserto, Alice cobriu de azul-turquesa aquilo que era e de onde vinha.



Quando lá chegou, Merle não estava no pub. Foi recebida por uma jovem de sotaque cerrado, que lhe fez o *check-in* e lhe debitou com notável entusiasmo o menu do jantar. Alice fez de conta que ouviu. A rapariga tinha um mapa-múndi tatuado no antebraço, pontilhado com pequenas estrelas. Como seria a sensação de estarmos num local tão distante de tudo o que conhecemos, um sítio por nós escolhido, para conhecer e explorar? Como seria não ter outro objetivo senão o de viajar e colecionar experiências – tão vívidas e plenas de sentido que quiséssemos marcá-las indelevelmente na pele? Cada uma daquelas pequenas estrelas deixou Alice atormentada: *Nunca estive ali. Nunca estive ali. Nunca estive ali.*

– Menina? – A rapariga acenou com um menu na cara de Alice, sorrindo radiosamente.

– Desculpe. – Alice abanou a cabeça, como que para acordar. – Posso pedir para o quarto?

– Com uma boa gorjeta... – sugeriu a outra.

Depois de fazer o pedido, Alice subiu finalmente ao quarto. Entrou e fechou-se à chave.

Sentou-se na cama, descalçou as botas e deitou-se de lado, a cabeça enterrada na almofada – soltando o pranto que lhe vinha pressionando as costelas há dias.

¹¹ “Musgo”, em inglês. (N. da T.)

Laranja imortal



Significado: **Escrito nas estrelas**

Waitzia acuminata | Austrália Ocidental

Planta perene, com folhas longas e estreitas, e flores cor de laranja, amarelas e brancas. Florescem na primavera, depois das chuvadas de inverno. Em massa, estas flores são espetaculares. Podem ser encontradas aos milhares em matos e desertos do ocidente da Austrália, e há muito quem viaje de longe só para ver esse espetáculo.

Alice foi acordada pelo nascer do sol. Afastou do corpo o lençol transpirado e sentou-se na cama, esfregando do rosto o sal de lágrimas secas. O quarto estava mergulhado numa luz laranja. Foi à janela e abriu as cortinas. Uma luz desenfreada inundou o quarto, refletindo a vila de Bluff. Alice olhou por entre os prédios e as ruas, avistando as dunas de areia vermelha, e as planícies de erva de *spinifex*¹² e de carvalhos-do-deserto estendendo-se a perder de vista. Recordou-se dos caranguejos-soldado, da brisa marítima, das canas-de-açúcar, da água prateada do rio, e dos amplos campos de flores vívidas. O ar do deserto era tão seco e sedento que o suor do corpo se evaporava antes ainda de se formar. Sentia-se mais longe do que nunca de quem quer que fosse, do que quer que fosse e de qualquer lugar que conhecesse.

Estou aqui, murmurou em voz alta.



Depois de um café e um *scone* de mirtilos no bar, Alice saiu do hotel e dirigiu-se à carrinha. Verificou se a tinta turquesa da porta já tinha secado e foi ao porta-luvas buscar os autocolantes. Cobriu ambas as portas com eles, e deu um passo atrás, cruzando os braços. Nunca pensou que o

anonimato lhe custasse apenas umas demãos de tinta e umas borboletas autocolantes.



Mais tarde encontrou um supermercado e encheu o congelador do pequeno frigorífico com cubos de limonada. Chupou três de seguida, deitada na cama a olhar pela janela, vendo o sol do meio-dia esquentar as árvores. Mais à tardinha, quando começou a arrefecer, saiu para explorar aquela estranha paisagem vermelha.

Caminhou ao longo da base da ribanceira, observando os arbustos atarracados e nodosos, as folhas pontiagudas do *spinifex*, e os delgados carvalhos-do-deserto. Parou para observar com curiosidade as flores silvestres que cresciam por entre as rochas, e apanhou umas quantas, guardando-as nos bolsos. Um bando de pintassilgos esvoaçou por cima dela, cantando para o céu vívido da tarde. Alice engoliu em seco; a chocante sensação de *outro mundo* que a paisagem do deserto lhe oferecia esmagava-lhe os sentidos.

Os dias e as noites foram passando. A ferida no nariz de Alice sarou. Ocasionalmente lá surgia uma memória, e Alice deixava-a entrar. Mas sempre que se via ameaçada por recordações da noite em que deixara Thornfield, fazia tudo o que lhe era possível para se abstrair, para não pensar na terrível traição de June, ou no que tinha acontecido a Oggi e Boryana. Teriam sido presos? Vívido momentos aterradores? Teriam sabido que fora June quem os denunciara? Alice sabia muito bem como empurrar para baixo as perguntas sem resposta.

De modo a conseguir atribuir uma certa estrutura aos seus dias, desenvolveu a sua própria rotina em torno do sol; não se cansava daquela luz alaranjada do deserto. Todas as manhãs, sentava-se no parapeito da janela do quarto, acima da chapa ondulada do telhado do pequeno hotel. Assim que o sol nascia, pintava as cordilheiras e os desfiladeiros rochosos das mais variadas tonalidades: da cor-de-vinho brilhante, ao ocre, passando pelo bronze cintilante e o amarelo claro. Contemplando a expansão infundável do céu, Alice tentava respirar mais fundo, como que a querer inspirar todo aquele espaço – e como se pudesse criar dentro dela uma vastidão semelhante.

Depois da alvorada, ia dar um passeio. A vila situava-se no antigo leito de um rio que secara, cheio de pedrinhas brancas, de onde cresciam grandes eucaliptos-manchados. Vagueava ao longo dos seus troncos de várias cores, parando de vez em quando para observar uma rocha cinzento-pálido ou uma bolota de eucalipto caída. Era difícil acreditar que já tinha havido água por aquelas bandas, como se o rio não passasse de mero folclore, algo que há muito, muito tempo desaparecera no céu, quem sabe à boleia das asas das catatuas-negras.

A meio do dia, na altura de maior calor, Alice ficava no quarto com o ar condicionado ligado no máximo, fazendo *zapping* pela parafernália de canais de cabo. Assim que arrefecia, voltava a sair para os seus passeios. À noite, depois do jantar, encontrava refúgio nas sombras e observava as

estrelas.

Passaram-se duas semanas. Não voltou ao veterinário. Nunca verificou o correio eletrónico. Retirou o cartão do telemóvel e deitou-o fora.

Para seu espanto, havia coisas no deserto que lhe traziam conforto, um consolo quase medicinal. A cor flamejante da terra e a sensação de a fazer escoar pelas mãos, suave como pó de talco. O canto melódico dos pássaros. A luz do início e do final de cada dia. O vento quente, o verde-prata das folhas de eucalipto, o céu infinito e acolchoado de nuvens, e, acima de tudo o resto, as flores silvestres que cresciam no leito seco do rio, por entre raízes e rochas. Alice tinha começado a colhê-las e a prensá-las – sem nunca admitir a si própria que era a familiaridade daquelas flores o que lhe dava maior consolo.

Uma manhã, descobriu que tinha enchido um caderno de notas inteiro com flores prensadas. Depois de tomar o pequeno-almoço no bar, dirigiu-se à vila para comprar um novo.

Numa ruazinha calma perto do leito seco do rio, encontrou a biblioteca local. Sorriu ao ver o mural desbotado na parede do edifício, numa tentativa de fazer parecer que a pequena casa quadrada era uma pilha de livros. O interior revelou-se um bálsamo refrescante no meio do calor abrasador.

Encantada, percorreu as estantes com todo o tempo do mundo. Lembrou-se da biblioteca da sua infância, plena de uma luz pastel e com janelas de vitrais que contavam histórias.

– Sally... – murmurou para si mesma.

– Posso ajudar? – perguntou a bibliotecária, junto a uma estante próxima.

– Onde estão os contos infantis? – quis saber Alice.

– Na estante das traseiras.

Alice passou os dedos pelas lombadas das histórias de que se recordava de ter lido em criança. Veio-lhe à lembrança a sua secretária, o cartão da biblioteca, os fetos da mãe. Procurou um livro em particular, e quando o encontrou deixou cair uma lágrima de emoção.

Mais tarde, depois de se ter inscrito na biblioteca e guardado no bolso o seu novo cartão, Alice levantou o número máximo de livros permitido e levou-os para o seu quarto de hotel. Ficou toda a tarde a folheá-los, passando a ponta do indicador por frases soltas, parando de vez em quando para pousar um livro aberto sobre o peito enquanto via os padrões rendilhados das sombras dos eucaliptos dançarem pelas paredes do quarto. Nessa noite parou num *takeaway* de comida tailandesa, pediu um prato extra picante, muniu-se de um *pack* de seis cervejas bem geladas, e deitou-se na cama, debaixo do ar condicionado, enquanto devorava os livros que tanto amara em criança, cheios de histórias sobre mulheres que largavam as suas peles de foca, abandonando-as – e ao mar – pelo amor de um homem.



Uma tarde, quando Alice regressava do leito do rio com um punhado de flores silvestres na mão, Merle, a dona do pub e do hotel, intercetou-a no bar.

– Alice Hart – anunciou ela. – Tens uma chamada.

Alice seguiu a mulher até um pequeno escritório nas traseiras. Tinha as palmas das mãos transpiradas. Tê-la-ia June encontrado?

O auscultador do telefone estava pousado na secretária. Alice esperou até estar sozinha, limpou as mãos suadas aos calções, e atendeu.

– Estou? – Levou a outra mão ao ouvido para abafar a barulheira vinda do bar, cheio de gente àquela hora.

– Achei que gostarias de saber que a tua cadela está muito melhor – disse Moss, do lado de lá. Alice respirou de alívio.

– Estou? – ouviu-o insistir.

– Olá! – exclamou ela, aliviada.

– Olá – riu-se Moss.

– Desculpa... – Alice repreendeu-se por dentro. – Obrigada por teres ligado. São ótimas notícias.

– Sim, são. Quando é que podes cá vir buscá-la? Está gordinha, feliz e mais fofa que a permanente da Merle.

Alice surpreendeu-se com a sua própria gargalhada. Assim como com o calor da voz dele.

– Amanhã – deu por si a dizer.

– Ótimo. – Uma pausa de alguns segundos. – E tu, como tens estado?

– Bem, muito bem – disse Alice brincando com as flores que colhera. – Desculpa por não ter...

– Tudo bem. Tens andado ocupada. A descansar. E a requisitar quase todos os livros da biblioteca.

– O quê?

– Estamos numa terreola – riu-se Moss. – É difícil não dar nas vistas por aqui. Pelos vistos, gostas de ler, hã?

Alice ouviu Merle pigarrear junto à porta.

– Desculpa, tenho de desligar – disse.

– Ok. Vemo-nos amanhã?

– Onde?

– No *The Bean*, na Main Street? Às onze?

– Combinado.

Alice desligou.

– Desculpe – balbuciou para Merle, já fora do escritório.

– Tudo bem – disse ela, com um sorriso curioso e um sobrolho erguido. – Vai uma cerveja, amor?

Estamos na *happy hour*.

– Sim, mas posso tomá-la no...

– Não. – Merle interrompeu-a com um gesto de mão. – Ninguém bebe sozinho quando eu estou presente. Anda daí até ao bar. Conta-me o que fazes aqui, como acabaste sozinha no meu pub, no meio de nenhures. Eu adoro uma boa história.

A ideia de contar a sua vida fosse a quem fosse deixava Alice nauseada. As palavras de Moss martelaram-lhe os ouvidos: *É difícil não dar nas vistas por aqui*.



Moss desligou e ficou a olhar para o telefone como se ele pudesse responder-lhe às perguntas que tinha sobre Alice Hart. Perguntas que já o atormentavam há dias. Tinha esperado ansiosamente que ela fosse buscar a cadelinha, mas Alice nunca aparecera. Conversas regulares com Merle deixavam-no a par da situação da rapariga. Continuava por aquelas bandas. E estava bem. Não voltara a desmaiar, pelo menos que alguém tivesse dado por isso. *Porquê tanto interesse?* perguntara-lhe Merle. *Se há alguém neste mundo que sabe que é impossível salvar todas as almas abandonadas, és tu*. Moss mudou de assunto. Não podia dizer a Merle que, desde que chegara à cidade, cinco anos antes, Alice fora a primeira pessoa a fazê-lo sentir que tinha algo para oferecer, algo para dar. Depois de ter perdido Clara e Patrick, nunca pensara poder voltar a sentir algo assim. E contudo... ali estava ela. Alice Hart. Uma mulher que sabia a linguagem das flores.

Foi ao frigorífico, sacou de uma cerveja e voltou para a secretária. Um toque do rato devolveu a vida ao ecrã do computador. Moss sentira a pulsação acelerar quando se deparara com aquela fotografia. Era logo a primeira do resultado da sua pesquisa: *Alice Hart. Floriógrafa. Quinta de Thornfield*. Bastava entrar na página *Sobre Nós* do *site* da quinta que a fotografia de Alice aparecia. Estava de pé na imagem, num enorme campo florido, rodeada por eucaliptos nodosos e a segurar um buquê de flores nativas tão grande que a fazia parecer mais pequena. Olhava de lado para a câmara, com um quase-sorriso, os olhos claros e expressivos. Tinha o cabelo apanhado em cima, preso com uma enorme flor encarnada em forma de coração.

Alice Hart viveu praticamente toda a sua vida em Thornfield, aprendendo a linguagem das flores nativas, típica da quinta. É uma floriógrafa talentosa e pode ajudá-lo a criar o buquê perfeito para transmitir o que lhe vai no coração. Consultas sujeitas a marcação prévia.

A seguir pesquisou o termo *floriógrafo* no Google: «pessoa fluente na linguagem das flores, uma moda que atingiu o pico da popularidade na era vitoriana.» Moss alimentava a esperança de que a

pesquisa no Google anulasse o seu fascínio por ela, mas a enigmática história de Alice só serviu para deixá-lo mais encantado.

Moss reclinou-se na cadeira, lendo as informações de contacto da Quinta de Thornfield. Deu mais um gole na cerveja. Pegou no telefone, mas pousou-o de novo. Recostou-se. Pegou novamente no telefone e marcou o número que surgia no ecrã. Cravou os dedos na garrafa de cerveja enquanto aguardava que atendessem.

Estava prestes a desligar quando uma mulher atendeu, a voz embargada pelas lágrimas.



Alice instalou-se ao balcão do bar. O crepúsculo inundava a sala num caleidoscópio de cores.

Merle pousou uma base de copo no balcão e, por cima, uma caneca de cerveja gelada para Alice.

– Saúde! – disse ela, erguendo o seu *shot* de *bourbon*. – Então diz-me lá, Alice Hart, o que fazes tu aqui? De onde vens? Para onde vais?

Alice envolveu a caneca de cerveja com ambas as mãos.

– Vá lá, não sejas tímida. Toda a gente que aqui vive tem a sua história. Achas que és a única branca a fugir para o deserto para ser outra pessoa? Desculpa, minha querida, mas não és assim tão especial. – Merle tamborilou no balcão com as unhas de acrílico. Ouviu-se um berro vindo do pequeno jardim interior, seguido dos contornos de uma discussão.

– Ei! Parem com essa merda! – berrou Merle, fazendo Alice saltar de susto. – Não saias daqui, amor, deixa-me só resolver isto.

Alice suspirou de alívio. À sua volta, o bar foi-se enchendo de gente. Com a caneca de cerveja numa mão e as flores na outra, desceu do banco alto e foi passando por entre as pessoas até chegar à porta, saindo para o fresco do fim da tarde. Deu um gole na cerveja e abriu a outra mão. As flores estavam irremediavelmente esmagadas. Às tantas, Alice apercebeu-se de que estava alguém atrás de si.

– Desculpa, não quis assustar-te – disse uma mulher, mostrando-lhe uma bolsa de tabaco, como que a justificar-se. Tinha uma voz agradável. Alice assentiu educadamente, dando um gole na cerveja. A mulher enrolou um cigarro, acendeu um fósforo e debruçou-se sobre a pequena chama. Vestia uma farda qualquer, mas àquela luz Alice não conseguiu ler a insígnia. Afastou o fumo de cima de Alice sacudindo a mão.

– Este é o único pub das redondezas. Está sempre cheio.

– Sim, eu sei – disse Alice. – Estou cá hospedada.

– Ah, claro. E já estás por cá há muito tempo? – perguntou-lhe a outra, erguendo um sobrolho.

– Faz hoje um mês. – Alice deu por si a sorrir.

– Ah... então ainda te faltam dois.

– Para?

– Para começares a sentir que *não estás* noutra planeta. Calculo que não conheças o deserto, que venhas da cidade ou da costa. Tens aquele arzinho de veado-encadeado-por-faróis que te denuncia.

Alice olhou fixamente para a mulher.

– E como é que sabe que eu não sou simplesmente assim? – ouviu-se dizer.

A mulher fez uma pausa antes de responder, com uma risadinha nervosa:

– Tens toda a razão. Fui desagradável, desculpa.

Alice assentiu, observando a espuma na sua cerveja.

– Eu vivo nos arredores da vila. Cresci no meio da poeira vermelha – disse a mulher, sorrindo. –

O que talvez possa explicar a minha talentosa capacidade de interagir socialmente.

Alice não conseguiu deixar de lhe sorrir.

– Sou a Sarah, já agora.

– Alice.

Apertaram as mãos.

– O que é que faz, Sarah? – Alice apontou-lhe para a farda.

– Sou diretora do parque – respondeu ela, apontando por cima do ombro para um ponto na escuridão.

– Parque?

– Sim, o Parque Nacional de Kililpitjara? Pelos vistos, nunca lá foste?

Alice abanou a cabeça.

– Mas devias. É um sítio muito especial. – Sarah expeliu uma onda de fumo. – Então e tu? O que é que fazes?

– Eu... hmm... – A voz da jovem falhou-lhe. – Desculpe – disse, esfregando a testa. – Eu... estou no

ramo das comunicações.

– Comunicações? – repetiu Sarah.

Alice assentiu.

– Tirei uma licenciatura em comunicações empresariais na Universidade Aberta. E costumava...

– Calou-se. Tentou de novo: – Costumava dirigir uma quinta de flores. Mas agora já não. – Se Sarah reparou na atrapalhação dela, não o denunciou.

– C’um caneco! O modo como este sítio se encarrega de dar sentido às coisas nunca deixa de me espantar – riu-se Sarah, abanando a cabeça. Alice olhou em volta do pub, sem perceber. – Não, não. Não é o pub. Refiro-me ao deserto. As pessoas que aparecem por cá. O *timing* e as coincidências loucas de tudo isto.

Alice limitou-se a sorrir educadamente.

– Acabámos de abrir uma vaga para um *ranger* especializado no atendimento ao visitante. Por

isso é que eu vim à vila, para que me aconselhassem a pessoa certa para o lugar. – Sorriu para Alice. – Não é fácil, porque precisamos de alguém que consiga fazer o trabalho duro, e ao mesmo tempo que seja especializado em comunicações.

Alice assentiu lentamente, começando a compreender.

– O salário não é mau. E tem alojamento incluído – disse Sarah. – Dou-te o meu cartão. E se por acaso te interessar, mandas-me um email e eu envio-te todos os pormenores, pode ser?

Alice sentiu as palmas das mãos humedecerem. Há muito tempo que não sabia o que era ter um rasgo de esperança.

– Isso seria ótimo – disse ela, sacudindo coisas invisíveis dos braços.

Quando Sarah retirou um cartão do bolso e o estendeu a Alice, ela conseguiu finalmente ler as insígnias na t-shirt. Diziam *Kililpitjara National Park* e ostentavam o desenho da bandeira indígena australiana: a metade de cima preta, um círculo amarelo no meio, e a metade inferior vermelha. No centro do círculo amarelo um molho de ervilhas-do-deserto-de-Sturt.

– Obrigada – disse Alice, aceitando o cartão.

Sarah olhou para o relógio e fez menção de se retirar:

– Tenho mesmo de ir andando, mas foi um prazer conhecer-te, Alice. E vou estar atenta a um eventual email teu.

Alice ergueu o cartão, à laia de despedida, enquanto Sarah desaparecia no meio da multidão. Em seguida, aproveitou para observar melhor o cartão, aproximando-o da luz. Tinha o mesmo emblema da t-shirt. Alice não precisou de consultar o Dicionário de Thornfield. Há muito que sabia de cor o significado das ervilhas-do-deserto-de-Sturt, mais precisamente desde a manhã do seu décimo aniversário, quando abriu o medalhão que June lhe ofereceu e leu a carta que ela lhe escrevera.

Tem coragem. Acredita.



Na manhã seguinte, Alice aguardava já à porta da biblioteca quando esta abriu, às nove em ponto.

Apressou-se até aos computadores, com o cartão de Sarah na mão. Procurou o site oficial do parque e esperou que a página carregasse. Olhou para o relógio. Dali a duas horas ia encontrar-se com Moss.

A página carregou lentamente, enchendo o ecrã com a *homepage* do parque nacional. No cabeçalho, uma belíssima fotografia da paisagem. Alice aproximou-me do computador, como se conseguisse obrigá-lo a carregar a página mais depressa.

Um céu cor de malva pálido, salpicado por uns quantos tufos de nuvens. Uma risca cor de azeitona logo acima da linha violeta do horizonte. Uma vista aérea de uma densa folhagem verde sobre a terra ocre e brilhante.

Ainda levou uns minutos a perceber que estava a olhar para uma cratera vista de cima; não teve noção do seu tamanho antes de a fotografia carregar completamente. E logo a seguir distinguiu uma estradinha de terra vermelha pontilhada com veículos. Os seus olhos foram de imediatos atraídos para o centro da cratera, repleto de flores silvestres encarnadas. Tamborilou sobre a secretária enquanto esperava que uma fotografia pormenorizada das flores carregasse totalmente. Parou de bater com os dedos. O coração da cratera era formado por um círculo de ervilhas-do-deserto-de-Sturt, de um vermelho-sangue absolutamente arrebatador.

Apertou o medalhão enquanto fazia um *scroll* descendente.

Ainda que o Kililpitjara, ou a Cratera de Earnshaw, tenha sido apenas «descoberto» por não-indígenas no início dos anos 50, representa uma paisagem cultural viva para os Anangu há milhares de anos. Em termos geológicos, a cratera corresponde ao local de impacto onde um meteorito de ferro embateu, há centenas de milhares de anos. Segundo a cultura Anangu, a cratera foi causada por um poderoso embate, igualmente provindo do céu, mas não de um meteorito; foi onde o coração de uma mãe caiu na Terra. Há muitos e muitos anos, Ngunytju vivia nas estrelas. Uma noite, quando ela não estava a ver, o seu bebé caiu do berço, do céu até à Terra. Quando se apercebeu do que acontecera, Ngunytju ficou inconsolável. Arrancou o coração do seu corpo celestial e lançou-o para a Terra – para que aterrasse próximo do corpo caído do seu filho.

Alice parou de ler. Recostou-se na cadeira, deixando assentar as imagens da história da criação da cratera. Pouco depois, continuou a ler:

Em pleno centro do Kililpitjara nasce um círculo amplo e concêntrico de ervilhas-do-deserto-de-Sturt, que florescem ao longo de nove meses do ano. Chegam visitantes dos quatro cantos do mundo para ver florescer o coração de Ngunytju. É um local sagrado, com um profundo significado espiritual e cultural para as mulheres Anangu. Elas acolhem os forasteiros e convidam-nos a conhecer a história da sua terra, pedindo-lhes apenas que não apanhem flores na cratera.

Alice fez um novo scroll até à fotografia. Abriu uma nova janela. Criou um novo endereço de email, grata pela caixa de correio em branco. Escreveu um texto breve, endereçou-o ao correio eletrónico de Sarah e clicou em *enviar* sem se dar tempo sequer para pensar duas vezes. O computador respondeu com um alegre tilintar. *Enviado.*

Alice recostou-se na cadeira, olhando fixamente para a cratera celestial. A legenda captou-lhe a atenção:

Na língua Pitjantjatjara, Kililpitjara significa pertencente às estrelas.

¹² Erva nativa da Austrália, cuja resina era tradicionalmente usada pelos aborígenes para afinar a ponta das lanças. Também é muito utilizada para melhorar a produção de látex. (N. da T.)

Arbusto Pérola



Significado: **O meu mérito oculto**

Maireana sedifolia | Austrália do Sul e Território do Norte

Muito comum em desertos e ambientes salinos, este arbusto baixo alberga um fantástico ecossistema de tesouros quase ocultos: osgas, carriças, fungos e colónias de líquenes. Resistente à seca, tem uma folhagem perene cinzento-prata que forma uma densa cobertura do solo, retardadora de fogo.

Alice desceu apressadamente a Main Street, com a mente cheia de estrelas cadentes e flores cor-de-sangue com centros vermelho-escuro. Verificou o nome do café que escrevera nas costas da mão, lembrando-se das orientações de Merle. Descer a Main Street, virar à esquerda. Procurar esplanada com plantas, e mesas todas diferentes. Estava quinze minutos atrasada.

O café *The Bean* ficava num pequeno beco recuado, com cadeiras coloridas e mesas todas diferentes, sarapintadas de tinta. Entre cada mesa, uma mini-selva de plantas envasadas. Oferecia um refúgio fresco e exuberante em pleno deserto.

Moss estava sentado a uma mesa, debaixo de uma árvore-de-guarda-chuva envasada, passando os dedos pela grade metálica de uma pequena transportadora de animais.

– Bom dia – disse a jovem, olhando de relance para ele. Moss endireitou-se, o rosto espelhando um alívio nítido. Pip agitou-se na transportadora, reagindo à chegada de Alice. Pareceu-lhe gordinha, fofa e com os olhos límpidos. A jovem engoliu em seco.

– Não tinha a certeza se virias – disse ele.

Uma rapariga com rastas no cabelo veio registar os pedidos, deixando à sua volta um rasto forte a *Patchouly*.

– Cafês?

– Para mim um expresso com umas gotas de leite, por favor – disse Moss. A empregada assentiu e olhou para Alice.

– O mesmo, obrigada – disse ela. A rapariga tomou nota dos pedidos e desapareceu lá para dentro.

– E então... – disse Moss. Alice disfarçou, brincando com a cadelinha por entre as grades. – Como tens andado?

Ela cerrou os lábios, assentindo rapidamente com a cabeça.

– Bem – respondeu, deixando que Pip lhe mordiscasse os dedos.

– Não voltaste a desmaiar?

Alice recostou-se e encontrou o olhar dele. Pareceu-lhe genuinamente preocupado. Negou com a cabeça. A empregada regressou com os cafês.

Moss sorriu e mudou de tática:

– Bom, a Pip está ótima, como vês. Dei-lhe uma dose forte de antibiótico.

Alice assentiu:

– Obrigada.

– Queres pegar-lhe?

– Sim, por favor. – O rosto de Alice iluminou-se.

Ele abriu a transportadora. A cachorrinha deixou-se pegar, visivelmente encantada, lambendo-lhe o queixo e farejando-lhe as orelhas.

– Ela não ia sobreviver se não ma tivesses trazido quando a encontraste – disse Moss. – As necessidades dos animais são muito como as nossas. E na maioria das vezes o amor e o carinho podem revelar-se medicamentos poderosos.

Uma série de rostos surgiram na mente de Alice antes que ela conseguisse evitá-lo: o sorriso malandro de Candy; a passada calma e ponderada de Twig; as mãos trémulas de June.

– Este ar quente e seco é um inferno – murmurou Alice, limpando os olhos com a mão. Fechou-os por um momento, imaginando-se a si própria através de uma vista aérea, um ponto indistinguível perante a imensidão do deserto.

– Alice? – Moss chegou-se à frente, tocando-lhe no braço. Alice sobressaltou-se, chegando a cachorrinha ao peito. Ela não era fraca. Não precisava de ajuda.

– Não preciso que me salvem – disse calmamente.

Uma estranha expressão ensombrou o rosto do veterinário. Olhou para trás dela, para a Main Street – onde as lojas se espalhavam sob a sombra das árvores.

– Nunca achei que precisasses – disse ele, assumindo o mesmo tom calmo. – Mas sei o que é virmos aqui parar, completamente sozinhos. – Entrelaçou os dedos sobre a mesa. – Não sei se já ouviste, mas costuma dizer-se por aqui que os brancos acabam no Red Centre por duas razões: ou

estão a fugir da lei, ou de si próprios. E de certeza que...

– Eu não estou a fugir – interrompeu-o Alice, sentindo-se corar de indignação. – De nada nem de ninguém. – Esforçou-se para não deixar que o queixo lhe tremesse. Não queria que ele a visse chorar. – Tu não me conheces, Moss. Não preciso de proteção. Não preciso... – Calou-se antes que o nome de June lhe saísse da boca. – Não preciso de ajuda – declarou, assertiva.

Moss ergueu as mãos, como que pedindo desculpa.

– Claro. Tu é que sabes. – O olhar dele perdeu o brilho. Por que motivo não a confrontava? Porque raio não iniciava uma discussão? Ela parecia mais do que disposta a isso.

– Eu não pedi ajuda – disse ela. Pip ganiu nos seus braços e Alice apercebeu-se de que estava a apertá-la demasiado.

– Não estou a perceber esse tom de acusação, ou por que estás tão chateada. Tu apareceste na minha clínica e desmaiaste no parque de estacionamento, Alice. Que tipo de pessoa *não* te ajudaria?

A emoção reprimida soltou-se do corpo de Alice num único suspiro. Esgotada, passou um dedo pelos padrões do revestimento de fórmica da mesa, seguindo as ondas marmoreadas do branco até ao azul. Acossou-a uma memória agri-doce: o pai ziguezagueando na sua prancha em direção ao horizonte.

Sem mais uma palavra, Moss deixou uma nota de dez dólares em cima da mesa e arrastou a cadeira para trás. Alice não o seguiu com o olhar quando ele se afastou, mas quando ele já estava quase no fim do beco, não conseguiu evitar chamá-lo. Moss voltou-se.

– E no teu caso fugiste de quê? Da lei ou de ti próprio?

Moss baixou o olhar por um momento, as mãos bem enfiadas nos bolsos. Quando o ergueu tinha uma tristeza profunda estampada no rosto, que agrediu Alice como uma estalada. Dirigiu-lhe apenas um meio-sorriso e afastou-se sem responder.

Alice ficou onde estava, olhando o espaço que ele deixara vazio. Só quando Pip a mordiscou num dedo é que se apercebeu de que Moss não lhe tinha cobrado o tratamento.



Nessa tarde, Moss correu até lhe doerem os músculos, no seu habitual jogging vespertino. Abrandou até passar a uma marcha rápida, percorrendo o trilho que escalava a escarpa do Bluff.

Queria muito ter-lhe contado, para honrar a promessa que fizera a Twig. Mas quando Alice chegou ao café, primeiro tão cautelosa e depois tão frágil, não conseguiu dizer-lhe. Moss não ia ser como aquele médico que, num corredor de hospital, cuspira as palavras que lhe fizeram as pernas ceder. Não queria ser esse tipo de pessoa com Alice – a pessoa de quem ela sempre se lembraria por lhe ter comunicado em primeira mão a morte do seu único familiar vivo.

Vieram-lhe à cabeça as palavras de Twig: *foi o próprio coração que a matou. Depois das*

inundações, a June sofreu um ataque cardíaco fortíssimo. Mesmo não conhecendo June, aquelas palavras doeram-lhe. A June e a Alice tiveram uma relação conturbada, mas eram a única família uma da outra. A voz de Twig falhara-lhe naquela parte. A Alice está bem? perguntara. Moss nem hesitou em garantir a Twig que Alice estava ótima e em segurança. E sim, dadas as circunstâncias, evidentemente que ia pedir a Alice que lhe ligasse. Evidentemente que lhe diria que Twig precisava que ela regressasse a casa.

Chegado ao cume, Moss parou de correr, esforçando-se por respirar enquanto olhava para a cidade. Que ideia fora aquela de ligar para Thornfield? Por que raio se deixara envolver daquela maneira na vida de uma estranha?

Baixou-se, pousou as mãos nos joelhos e tentou respirar pela boca – tal como o psicólogo do hospital lhe pediu que fizesse, na altura. Era a primeira viagem de férias da família. Lucas ia sentado na cadeirinha de bebé, agarrado ao balde e à pá. Clara tinha um vestido de verão novo, de cores vivas. Moss tirou os olhos da estrada por uns segundos apenas, mas os pneus resvalaram na gravilha solta. À velocidade a que seguiam, a tração às quatro rodas falhou. Acabou com alguns pontos e um colar ortopédico. *Tem muita sorte em estar vivo*, dissera-lhe o médico. *E a Clara? E o Patrick?* Moss gritara até ser sedado.

Com razão ou sem ela, Moss não podia ser – *não iria ser* – o portador daquele tipo de notícia na vida de Alice.



O telefonema chegou dois dias depois.

– Telefone para ti – disse Merle, da entrada do quarto de Alice.

– Quem é? – quis saber a jovem, dando um passo atrás.

– Amiga, eu faço muitos serviços neste sítio, mas secretária pessoal não é um deles.

– Claro – murmurou Alice. – Desculpe. – Fechou Pip no quarto e seguiu Merle escadas abaixo.

– Merle?... Obrigada por me deixar ter cá a Pip – disse a jovem quando entraram no escritório.

– Tudo bem. O Moss fica a dever-me uma – disse a outra com um piscar de olho. Apontou para o telefone, em cima da secretária. Assim que ela saiu, Alice atendeu.

– Estou? – disse, nervosamente.

– Alice? É a Sarah Covington, recebi a tua candidatura ao lugar de *ranger*. Obrigada.

Alice respirou de alívio, feliz por não ser ninguém de Thornfield.

– Alice?

– Sim, Sarah, estou aqui. Desculpe.

– Ah, ótimo. Pois é, fiquei muito impressionada com o teu currículo. Gerir uma quinta de flores não é coisa pouca. E como a vaga que temos cá é para um contrato temporário, não precisamos de te

entrevistar. O que quer dizer que o lugar é teu se o quiseres, Alice.

A jovem esboçou um grande sorriso.

– Estou?

– Desculpe, desculpe, Sarah, estou a dizer que sim com a cabeça! Obrigada, claro que aceito!

– Ótimo. Quando é que podes começar?

– Que dia é hoje?

– Sexta-feira.

– Que tal já na segunda?

– Tens a certeza? Não precisas de mais tempo para fazeres as malas e te organizares?

– Não.

– Então, combinado. Segunda-feira. Encontramo-nos na central do parque. Peço ao Posto de Controlo que me avise pelo rádio quando passares por lá, para te ir esperar.

– Posto de Controlo?

– Perceberás quando lá chegares.

– Ok. Posto de Controlo. Central do parque. Kililpitjara. Segunda-feira. Lá estarei.

– Vou gostar de te ter cá, Alice.

A chamada desligou-se. Alice pousou o telefone.

Pela primeira vez não desejou que o coração abrandasse.



A segunda-feira amanheceu límpida e quente. Alice e Pip percorreram o leito seco do Bluff pela última vez, com ela a guardar nos bolsos as folhas em forma de asas de morcego da árvore-de-coral. *Cura para as dores do coração*, lembrou-se, e escreveu isso mesmo mais tarde, no seu caderno de notas, colando na página todas as folhas menos uma. Enfiou os seus escassos pertences dentro do saco e, depois de uma última olhadela ao quarto, deixou o hotelzinho do pub que lhe servira de lar por uns tempos.

– Vamos voltar a ver-te? – perguntou-lhe Merle, enquanto esperavam pelo recibo do pagamento. Rasgou o papelinho da máquina e estendeu-o a Alice, assim como o cartão. Alice recebeu-os com um gesto de agradecimento e enfiou-os no bolso. Nunca tinha imaginado que algum dia viesse a gastar o dinheiro que poupara para conhecer o mundo com Oggi naquela sua nova vida no deserto – completamente sozinha.

– Nunca se sabe – respondeu a jovem, saindo para o parque de estacionamento sem olhar para trás.

Arrumou o saco na parte de trás da carrinha, abriu a porta, assobiou a Pip e esperou que ela saltasse lá para dentro. Sentou-se ao volante, tirou do bolso a última folha da árvore-de-coral e

prende-a no retrovisor. *Cura para as dores do coração.* Quando arrancaram, a cadelinha sentou-se com um ar muito atento, ladrando para a estrada aberta à frente delas – o que deu uma ideia a Alice. No semáforo seguinte, desceu a rua onde ficava a clínica veterinária. Mas assim que viu a carrinha dele estacionada à porta, perdeu a coragem e pisou com força o acelerador.



Nos arredores da povoação, a estrada surgia iluminada pelo sol matinal. Atrás dela, Agnes Bluff ia diminuindo à distância. Chegada a um cruzamento, a jovem seguiu para oeste, bem para o interior do deserto. Abriu o vidro, repousou o braço na janela e deitou a cabeça para trás. Imaginou que o calor seria bem capaz de esturricar-lhe as memórias, tal como o sol da Austrália Central fizera com as carcaças de gado espalhadas pela terra árida. Deixando na paisagem nada mais que ossos brancos e pó.



Alice conduziu durante três horas, percorrendo o deserto ermo até encontrar uma estação de serviço. Atestou o depósito e deu de beber à cadelinha. A zona estava apinhada de caravanas de campistas, veículos todo-o-terreno e camionetas de turismo. Alice recordou a conversa que tivera com Moss. *Os brancos acabam no deserto por duas razões: ou estão a fugir da lei, ou de si próprios.* Apressou-se a enfiar a cadela na carrinha. Não tinha cometido nenhum crime, mas também não era exceção.

Olhou em volta e perguntou-se o que pensariam as pessoas se a observassem. Uma rapariga na sua carrinha, com o seu cão, sabe-se lá com que destino? Esperou que não fosse demasiado óbvio o facto de não fazer ideia do que estava a fazer. Esperou que ninguém conseguisse perceber como se esforçava por acreditar que era possível fugir de qualquer coisa, desde que o desejo de o fazer fosse suficientemente forte.

Enquanto observava as famílias, os mochileiros e os grupos de turistas, Alice sentiu um poderoso surto de esperança em relação ao sítio para onde ia. Se conseguisse reconstruir a sua vida num local onde um coração desfeito embatera no solo para se transformar em flores, talvez tudo o que deixara para trás também pudesse transformar-se em algo assim tão bonito.

A paisagem rochosa e vermelha transformou-se paulatinamente em solo limpo e arenoso. Já só lhe faltavam cerca de cem quilómetros para chegar a Kililpitjara. Para se distrair, entreteve-se a estudar os padrões imaculados das dunas. A mais próxima avolumava-se à sua frente, uma pirâmide intocada de areia vermelho-vivo, ondeada pelo vento. Limpou o suor do rosto à t-shirt. As pernas colavam-se-lhe ao banco de vinil. O sol estava alto, a luz ofuscante e ardente. Pip desceu do banco e

enroscou-se no chão da carrinha, fugindo ao calor. Alice pisou o acelerador.

– Estamos quase lá, Pip.

Finalmente, após uma ligeira subida, Alice deparou-se com uma penumbra púrpura mesmo à sua frente, bem longe no horizonte. Piscou os olhos várias vezes para ter a certeza de que não era uma miragem. Enquanto se aproximava, inclinou-se para a frente, descolando as coxas do assento de vinil. Atrás das dunas ondeantes, foram surgindo topos de edifícios. Algumas velas brancas. Camionetas de turismo. Uma estrada que saía da via rápida, com sinais iguais de ambos os lados: *Bem-vindos ao Earnshaw Crater Resort*. Alice seguiu pela estrada até surgir um cartaz anunciando o Posto de Controlo do Kililpitjara National Park. Passou um portão e parou junto à janela de uma pequena casinha de tijolo e chapa ondulada – onde uma mulher a esperava, vestida com a mesma farda que Sarah envergava quando se conheceram.

– Olá. – Alice inclinou-se para a frente para falar pelo intercomunicador. – Chamo-me Alice Hart.

A mulher percorreu com o dedo a lista de uma prancheta, depois sorriu-lhe.

– Avança, Alice. A Sarah está à tua espera – disse-lhe através do intercomunicador e carregando num botão que fez abrir a cancela.

Alice entrou no parque, fascinada pela visão da cratera mesmo à sua frente. Parecia saída diretamente de um sonho, mudando de forma a cada curva da estrada. Ostentava uma beleza estranha, hipnotizante, elevando-se como uma pintura ocre e vermelha recortada no azul do céu. As dunas de areia – pontilhadas com arbustos de spinifex e conjuntos de acácias e carvalhos-do-deserto – pareciam não ter fim, desmedidas e arrebatadoras. Após semanas no deserto, Alice sentiu-se pequena, desconhecida e deslocada – mas curiosamente, gostou da sensação. Era como se pudesse, a qualquer momento, recriar-se completamente; sem que ninguém se apercebesse. Podia ser quem muito bem desejasse.

Vinte minutos depois, estacionou junto a uma casa em enxaimel, rodeada de árvores e arbustos sob a gigantesca presença da cratera. Desligou o motor. Ficou a ouvi-lo arrefecer. Voltou a limpar a cara transpirada à t-shirt. Ao ver uma torneira numa das paredes do edifício, colocou a trela na coleira de Pip e saiu da carrinha. Em seguida, prendeu a trela à torneira, abriu-a, e ficou a ver a cadelinha beber água, feliz da vida. Atrás dela, abriu-se a porta de rede da casa e Sarah saiu de lá, com um sorriso caloroso.

– Alice Hart. Sê muito bem-vinda!

– Obrigada – sorriu-lhe a jovem de volta. De súbito, apercebeu-se de que ter um cão num parque natural poderia revelar-se problemático. – Sarah, não lhe disse na altura, mas eu tenho uma cadela...

– Tudo bem, há mais guardas florestais que têm cães por aqui. O teu quintal está protegido por uma vedação. – Sarah fez um gesto para que Alice a acompanhasse. – Anda daí. Tens um contrato para assinar, temos de tratar da tua farda, e depois eu mostro-te onde vais ficar instalada.

Alice seguiu-a, ligeira e satisfeita, para o interior da casa de madeira. Talvez as coisas pudessem mesmo ser tão simples quanto deixar tudo para trás e recomeçar de novo.



Com uma pilha de fardas verdes no banco ao lado dela, Alice saiu do parque de estacionamento e seguiu Sarah por um anel viário que rodeava a cratera. A enormidade da sua parede exterior era enganadora, como se fosse a encosta de uma cadeia de montanhas; mais uma sucessão de cumes do que uma enorme cratera circular de rocha. Qualquer coisa nela fez Alice estremecer: o tamanho, a idade, o impacto do meteorito a embater na terra. Pip bocejou, no banco ao lado de Alice.

– Tens toda a razão, Pip – murmurou Alice. Tinha a mente demasiado cansada. Estava um calor quase insuportável. Não estava em condições de se pôr a contemplar geologia celestial.

Pouco depois, Sarah saiu do anel viário e entrou numa estradinha que curvava por entre uma clareira de acácias. Alice espreitou pelo meio das árvores, distinguindo alguns edifícios e um campo de futebol poeirento. Chegaram a uma rotunda e seguiram pela primeira saída. Passaram por uma ampla zona de trabalho vedada, dentro da qual se via um barracão de alumínio, bombas de gasolina, e várias garagens gradeadas cheias de maquinaria e veículos com o logotipo do parque. Quando por lá passou, Alice viu dois guardas-florestais dentro do recinto. Um usava chapéu e óculos de sol, e falava com a colega por cima do capô de um *coupé* utilitário. Ainda que não lhe visse os olhos, Alice apercebeu-se de que ele a seguira com o olhar.

Passaram uma duna, depois uma curva apertada, parando finalmente em frente a uma casa de tijolo pintada de branco, com uma garagem gradeada e uma vedação fechada a cadeado. Alice perguntou-se qual seria a razão para tanta segurança, tantos cadeados e vedações. Sarah saiu do seu utilitário e fez um gesto a Alice para que estacionasse na garagem gradeada vazia.

– Não tens mais bagagem? – perguntou-lhe, pegando no saco e na caixa dos livros. Pip saltou da carrinha para explorar as imediações.

– Tenho umas roupas de cama e utensílios de cozinha que comprei antes de vir para cá. Estão na parte de trás da carrinha.

Sarah tirou umas chaves presas ao cinto de trabalho e abriu a porta da frente da casa. Pip correu lá para dentro, à frente delas.

A casa cheirava a limpezas recentes e tinha imensa luz. Alice pousou as coisas em cima da mesa de jantar, encantada com a vista proporcionada pelo vidro da porta de correr das traseiras, plena de acácias, arbustos de spinifex e rosídeas.

– Tens uma chaleira no armário da cozinha e leite no frigorífico, se te apetecer um chá – disse Sarah. – Vou mostrar-te onde se liga o ar condicionado e onde fica o quadro elétrico. – Sarah apontou para um interruptor logo à entrada da porta e ligou-o. Ouviu-se imediatamente o zumbido suave do ar

fresco a inundar a sala. – O sistema não permite que desça abaixo dos vinte e cinco graus, mas chega perfeitamente.

Alice assentiu.

– O quadro elétrico fica nas traseiras, junto ao depósito da água. Se a luz for abaixo, é lá que fica o interruptor. E também é lá que passas o teu cartão de energia. Aqui pagamos os nossos consumos de eletricidade. Já tens um cartão carregado com cinco dólares, e podes sempre recarregá-lo na loja de Parksville.

– Parksville?

– É onde estamos – explicou-lhe Sarah. – As habitações e a comunidade do *staff*. – Fez um gesto largo em torno delas. – Os trabalhadores do parque vivem deste lado da duna – apontou para a duna de areia avermelhada que se via do quintal das traseiras. – Do lado de lá fica um pequeno armazém que vende de tudo um pouco, a receção e o alojamento dos visitantes. A vinte quilómetros daqui fica o resort, onde estão hospedados os turistas. E lá encontras o supermercado, o posto dos correios, o banco, a estação de serviço e uma série de pubs e restaurantes.

Alice assentiu de novo.

O rosto de Sarah encheu-se de compaixão.

– Um passo de cada vez, amiga. E em breve estarás como peixe na água. Já pedi a uma das guardas-florestais que passe por aqui e te faça uma visita guiada pelo parque.

– Obrigada – disse a jovem.

– Bom, vou deixar-te para te instalares à vontade. Vemo-nos amanhã bem cedo, pela fresquinha?

– Claro. E obrigada, Sarah... por tudo.

Enquanto via o carro de Sarah afastar-se, Alice encostou as costas à porta e fechou os olhos. A casa encheu-se de um silêncio que lhe fez latejar as têmporas. *Estou aqui*. Inspirou. E expirou. *Estou aqui*.

Pip lambeu-lhe um tornozelo. Alice abriu um olho e espreitou a cachorrinha. Esta pôs a cabeça de lado e Alice sorriu. Estavam na sua nova casa.

Encostada à parede da sala encontrava-se uma estante alta de madeira, e uma robusta secretária cinzenta e respetiva cadeira. Alice sentou-se e passou as mãos abertas sobre o tampo, pensando nos seus cadernos de apontamentos sobre as flores. Olhou para o quintalzinho traseiro, reconfortando-se com a visão das flores nativas. Passaria a escrever ali, decidiu. Vieram-lhe à memória os seus dias de menina, quando escrevia à secretária de madeira de eucalipto feita pelo pai: o tampo liso e brilhante, o cheiro dos lápis-de-cera e do papel. Os fetos verdes e aveludados do jardim da mãe. Alice abanou a cabeça, voltando a concentrar a atenção na secretária à sua frente, e na vista que a porta de vidro lhe oferecia: terra vermelha e poeirenta, arbustos verdes, e uma vedação de arame que separava a casa das dunas que a rodeavam, tudo debaixo de um céu muito azul.

Próximo da secretária, um arco abria caminho para o quarto principal. Alice levantou-se e foi

fazer a cama de lavado.

Depois dirigiu-se à janela do quarto e por ali ficou. Ao fundo, a parede de rocha vermelha da cratera resplandecia sob o calor, qual sonho flamejante.

Grevílea de Mel



Significado: **Premonição**

Grevillea eriostachya | Interior da Austrália

O Kaliny-kaliypa (Pitjantjatjara) é um arbusto “desgrenhado” com folhas longas e estreitas verde-prata que produzem flores verde-vivo, amarelas e cor de laranja. Nasce geralmente em dunas e colinas de areia vermelha. As flores contêm um néctar espesso, parecido com mel, que pode ser sugado das flores; uma guloseima muito apreciada pelas crianças Anangu.

Às cinco horas dessa tarde, Alice ouviu buzinar lá fora. Espreitou pela janela da cozinha e viu o perfil de uma mulher ao volante de um dos utilitários do parque. Deixou uma tigela de água fresca para Pip, afagou-a entre as orelhas, pegou nas chaves de casa e correu para a porta da frente. As chinelas de dedo que trazia nos pés levantaram pequenas nuvens de poeira vermelha sob a luz do entardecer.

– Alice! – A mulher tirou os óculos escuros e cumprimentou-a como a uma velha amiga. – Sou a Lulu. – Os olhos dela eram da cor das folhas do eucalipto; verde-pálido e castanho-avelã. À volta do pescoço tinha um fio de cabedal fininho com um pendente em forma de estrela.

– Olá – disse Alice timidamente, quando entrou no carro.

– Anda daí ver o pôr do sol, *chica* – disse Lulu, como se já estivessem a meio de uma conversa. Acelerou e o carro resvalou na estrada de terra, afastando-se da nova casa de Alice. Um bando de catatuas cinzentas e cor-de-rosa esvoaçou por cima delas.

– E então, Alice, de onde és?

A cratera elevava-se à frente delas, as orlas plenas de luz.

– Hmm... primeiro da costa leste, e ultimamente do interior. Vivi numa quinta... E noutros sítios – engoliu em seco. – E tu?

– Venho do sul. Da costa, não da cidade. – Lulu olhou para ela, sorrindo. – Então somos ambas raparigas do mar.

Alice concordou silenciosamente. Viu as dunas, as ravinas de areia vermelha e os arbustos verdes-acastanhados passarem pela sua janela. O espelho retrovisor do lado dela estava coberto de um pó cor de fogo já muito entranhado. Transmitiu-lhe uma certa calma, curiosamente, aquela cor ardente e o modo como se colava a tudo. Olhou para as mãos. Os vincos finos dos dedos estavam cobertos do mesmo pó. Entrelaçou as mãos no colo.

Lulu entrou no anel viário.

– A Sarah sugeriu que eu te indicasse quem vive onde, mas eu não vejo necessidade, uma vez que ainda não conheces ninguém. Por isso, decidi ir diretamente para o ponto de observação do crepúsculo. – Espreitou para cima, para as barrigas violeta de umas quantas nuvens. – Hoje deve estar lindo.

A parede vermelha da cratera erguia-se ao fundo. Por cima dela, o som familiar das hélices de um helicóptero. Alice reparou nos flashes das máquinas fotográficas.

– Viagens turísticas – explicou Lulu. – O pôr do sol daqui é um verdadeiro circo, *chica*.

Alice ficou a ver os helicópteros a circularem.

– O circo do pôr do sol – repetiu, em tom curioso.



O parque de estacionamento estava cheio de camionetas, carros de aluguer, autocaravanas e jipes. Havia uma cacofonia crescente de conversas entre turistas, cliques de câmaras fotográficas, zumbidos dos geradores das camionetas, e o som do abrir e fechar das portas dos carros e das portinholas das autocaravanas. Lulu estacionou ao lado de outro utilitário com o logotipo do parque e acendeu os quatro piscas.

– Bem-vinda ao teu primeiro crepúsculo no Kililpitjara – disse-lhe Lulu, saindo do carro. Alice seguiu-a, mas parou ao vê-la falar com um colega, o jovem do chapéu e óculos escuros por quem ela passara há pouco.

O vestido de algodão que Alice trazia pareceu-lhe subitamente desadequado. Cruzou os braços sobre o peito, invejando a farda do parque que Lulu envergava, a robustez das suas botas. Sentiu-se tremer, mesmo debaixo do calor. Tentou ao máximo não olhar para o outro *ranger*, mas Lulu não lhe deu hipótese.

– Alice, este é o Dylan Rivers. Dylan, é a Alice Hart, a nossa nova colega.

Alice esforçou-se por olhar para ele, vendo o seu reflexo nas lentes espelhadas dos óculos do outro.

– Viva – disse ele, com um aceno de cabeça e um toque no chapéu. – Bem-vinda ao País das

Maravilhas.

Alice sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo mas decidiu que ia manter-se calma.

– Obrigada.

– É a tua primeira vez na toca do coelho? – Dylan apontou para a multidão.

– Sim. Começo amanhã.

– Que comece o batismo de fogo – declarou Lulu.

Alice ergueu as sobrancelhas.

Lulu riu-se:

– Não te preocupes, *chica*, vai correr bem. Todos nós já passámos por isto. Faz parte da essência deste lugar.

Dylan preparava-se para acrescentar mais qualquer coisa quando um grupo de turistas lhe desviou a atenção.

– Vou ter de pedir-vos que passem para este lado da barreira, por favor. – Fez o grupo passar de novo pela cerca baixa que tinham transposto, espezinhando plantas e flores silvestres só para conseguirem uma fotografia da cratera. Regressou para junto de Lulu e Alice, tão próximo que ela conseguiu sentir o cheiro da colónia que ele trazia.

– Por vezes pergunto-me se esta gente se lembraria sequer de ter estado cá, se não fossem as fotos – comentou ele, abanando a cabeça.

– Isto é assim todos os dias? – quis saber Alice.

Dylan assentiu:

– No pôr e no nascer do sol. Há coisa de dois anos, os guias turísticos começaram a catalogar este sítio como um «local para ver antes de morrer». Desde então, o número de visitantes duplicou. – Voltou-se subitamente para Lulu. – Olha lá, o Aiden contou-te o que aconteceu na noite passada? – perguntou-lhe.

Lulu endireitou-se, quase cautelosa, e abanou a cabeça:

– Hoje ainda não o vi. Ontem estive de serviço ao crepúsculo, e esta manhã estive eu na alvorada. – Olhou para Alice de relance. – O Aiden é o meu namorado – esclareceu-a. – Alice pressentiu-lhe uma certa tensão no tom de voz.

– Bom, – prosseguiu Dylan –, ontem, no final da patrulha da tarde, a Ruby entrou na cratera e deparou-se com um grupo de mingas¹³ fora do trilho pedestre. Já estavam dentro do Kututu Kaana. Como é óbvio, ela pediu-lhes para saírem e respeitarem as ervilhas-do-deserto, e lá vieram eles com o mesmo argumento de sempre: «Temos tanto direito a estas flores como outra pessoa qualquer, somos australianos, este sítio também é nosso, não pode impedir-nos de estar aqui.» Enfim, a cena do costume. A Ruby teve de pedir reforços, e chamou o Aiden. – Dylan abanou a cabeça. – Quando fui trabalhar esta manhã, ela estava no escritório da Sarah a queixar-se imenso. Ouvi a Sarah dizer que

não podia fazer grande coisa. Pediu-lhe um relatório do incidente e marcou uma reunião com o *staff* do parque.

– Credo – murmurou Lulu. – E já viste a Ruby hoje?

Ele encolheu os ombros.

– Deve ter ido até à terra-mãe, acho eu.

– Sim, aposto que sim.

Alice esforçou-se por seguir a conversa deles. *Mingas? Terra-mãe?* Até que, finalmente, Dylan e Lulu lembraram-se que ela estava ali.

– Desculpa – disse ele. – Aposto que nada disto faz sentido para ti, para já.

– Mas vai fazer, em breve – apressou-se Lulu a dizer.

– Tudo bem. – Alice sorriu. – E esse sítio que referiram? – quis saber.

– O Kututu Kaana? É o círculo de ervilhas-do-deserto no interior da cratera. Significa *Jardim do Coração* – explicou Lulu.

– Jardim do Coração... – murmurou Alice.

Lulu assentiu.

– O problema tem a ver com o trilho pedestre. Percorre a circunferência exterior da cratera e sobe a parede até à plataforma de observação dos visitantes, que foi construída já depois do acordo de Handback – quando este local passou a ser reconhecido como terra aborígene. Da plataforma, o trilho segue depois para a cratera e rodeia as ervilhas-do-deserto, seguindo um caminho que existe há milhares de anos. Tradicionalmente, trata-se de um passeio cerimonial para as mulheres aborígenes. Há anos que os Anangu andam a pedir que o parque seja interdito a turistas. E a hipótese ainda foi considerada, mas desde que começou esta invasão de turistas, a ideia foi posta de lado.

– Porquê? – perguntou Alice.

– Os turistas trazem dinheiro, certo? Pagam o bilhete de ingresso do parque para chegarem perto das ervilhas-do-deserto. Por isso, a caminhada para o interior da cratera, assim como o Kututu Kaana, permanecem abertos. E não há nada a fazer, os turistas insistem em colher as flores para levarem para casa como recordação. E isso, para as mulheres como a Ruby, cujos antepassados sempre viveram ali, é terrível. Cada flor representa um pedaço do coração de Ngunytyu.

– *Oong-joo?* – repetiu Alice.

– Ngunytyu – corrigiu-a Lulu. – Quer dizer *Mãe*.

Coração de mãe. Alice sentiu um aperto no estômago.

– A principal preocupação é a ameaça que isto representa para as ervilhas-do-deserto. Se os turistas não pararem de apanhar as flores, arriscamo-nos a uma possível extinção. Se as raízes das ervilhas-do-deserto forem danificadas, as suas flores – que representam literalmente o coração deste sítio, a sua história, e o seu povo – ficarão destruídas.

Alice tentou que não lhe vissem os olhos marejados de lágrimas. Não conseguia entender por que

é que tudo aquilo a perturbava tanto.

– Amanhã vais assistir a tudo isto em primeira mão – disse-lhe Dylan.

Alice concordou com um aceno, olhando para as hordas de turistas que não paravam de chegar. Muitos saiam das camionetas, bebendo champanhe em copos de plástico e comendo canapés de salmão. Famílias com cestos de piquenique e cadeiras de campismo instalavam-se nas primeiras filas do espetáculo que o magnífico pôr do sol na cratera lhes proporcionava. Casais sentavam-se nos tetos dos seus jipes de olhos postos no céu. Havia uma certa energia nervosa no ar. *Estejam sossegados*, Alice quis gritar-lhes. *Prestem atenção*.

À volta deles, as agulhas dos carvalhos-do-deserto balançavam sob a luz laranja-pálido. Nuvenzinhas baixas de borboletas amarelas dançavam em torno das acácias. A parede da cratera mudava paulatinamente de cor, à medida que o sol ia baixando, variando do ocre puro ao vermelho-vivo, passando por um lindíssimo tom chocolate-purpureado. O sol descia sobre a linha escura do horizonte, brilhante como uma brasa, lançando os seus últimos raios para o céu. Algo naquela vastidão fez Alice recordar-se de como se sentira há muito, muito tempo, ainda menina, a olhar para a linha do oceano.

Enquanto olhava para o céu, sentiu um suor gelado aflorar-lhe a pele – que ela interpretou como um sinal de aviso. A visão começou a toldar-se e as mãos a tremer. Escondeu-as debaixo dos braços. Fechou os olhos com força. *Por favor*. Sentiu a respiração arquejante. *Respira*, ordenou-se. Mas o coração recusava-se a abrandar.

– Estás bem? – A voz de Dylan soou-lhe distante. Viu-o aproximar-se dela e tirar os óculos escuros.

O momento que se seguiu transformou-se na memória que Alice mais tarde reteria na mente: o céu glamoroso por detrás dele, o ar seco sobre a pele dela, e o zumbido das moscas, como as abelhas de Thornfield. O resfolhar das acácias e o sussurro da terra debaixo dos seus pés – como se todos os sentimentos que ela tivesse experienciado até ali representassem um treino, a prepará-la para aquele momento: a primeira vez que os seus olhares se encontraram. Não era como um feitiço, nem como ser atropelada por um camião, ou apanhar um choque, ou qualquer uma das outras coisas que as Flores lhe tinham descrito quando ela era criança.

Para Alice, apaixonar-se não era mais do que sentir as entranhas incendiarem-se. O sentimento consumiu-a, de tão forte, como se sempre tivesse conhecido aquele homem e andasse toda a vida à procura dele.

Ali estava ele.

Quando os joelhos cederam, ela captou-lhe o olhar, fixando-o intensamente enquanto resvalava para o chão.

Um mar de luz ondeou-se-lhe pelas pálpebras.

Alice, estou aqui. Consegues ouvir-me?

O rosto de Lulu surgiu-lhe desfocado à frente dos olhos.

– Sally? – murmurou Alice.

– Quem? – A voz dele. De Dylan. Dylan estava acocorado ao lado dela.

– Alice Blue – balbuciou a jovem, olhando-o nos olhos.

– Ela está bem, está só a dizer coisas sem nexo. – Lulu levou as mãos aos ombros de Alice e ajudou-a a soerguer-se.

– Vamos lá com calma, *chica*... – Abriu uma garrafa de água e estendeu-lha. O parque de estacionamento estava deserto. O céu, quase escuro. Alice estava sentada mesmo à frente do feixe de luz vindo dos faróis do utilitário de Lulu.

– Gostas de dar nas vistas, hã? – disse Dylan, com um meio-sorriso.

Uma onda de vergonha tomou a jovem de assalto.

– Desculpem – murmurou.

Dylan ampliou o sorriso.

– Estou a ver que nos vais dar água pela barba, Alice Hart.

– Quando foi a última vez que comeste alguma coisa? – quis saber Lulu, de sobrolho franzido.

Alice lembrou-se da sanduíche que comera nessa manhã, na estação de serviço. Abanou a cabeça.

– Ok, então vamos lá jantar em minha casa. – Lulu ajudou-a a levantar-se. A sombra da cratera erguia-se silenciosamente sobre o céu estrelado. Sem gente, aquele sítio pareceu-lhe completamente diferente.

– Vocês ficam bem? – quis saber Dylan sem tirar os olhos do rosto de Alice.

– Tudo fixe – disse Lulu, num tom firme. Rodeou o carro para entrar no lugar do condutor. Dylan abriu a porta do passageiro, deixando Alice entrar. Roçou a mão no cotovelo dela antes de fechar a porta. Esta sentiu a pele arder no ponto onde os dedos dele lhe tocaram.

– Obrigada, Dylan – disse Lulu, ligando a ignição.

– Toma conta dela – disse ele, afastando-se com um aceno. *Toma conta dela*. Uma onda de prazer percorreu o corpo de Alice. Esforçou-se por segui-lo com o olhar, no escuro da noite.

Enquanto se dirigiam a Parksville, Alice olhou para o céu cheio de estrelas.

– Obrigada, Lulu – disse, baixinho.

Lulu estendeu a mão e acariciou-lhe o braço.

– Isto é sempre muito intenso para os recém-chegados. Como te disse, é um batismo de fogo, *chica*.



Lulu deixou-se ficar no escuro, encostada à cerca das traseiras da sua casa, vendo o feixe de luz da lanterna que dera a Alice acenar-lhe, já da porta de casa dela. Lulu acendeu a dela, respondendo

ao aceno. Atravessou o pequeno quintal e entrou em casa. Ouviu o som do chuveiro. Aiden estava a tomar um duche. Pôs a loiça suja no lava-loiça, as garrafas vazias de Corona no lixo e ficou à espera que ele acabasse para poder encher a pia.

Não tinha sobrado nada do jantar. Lulu fizera uns tacos de peixe, uma velha receita da avó que já viajara pelo mundo, partindo de Puerto Vallarta, no México, quando a avó conseguira fugir a um casamento forçado. O segredo estava na pitada de cacau fresco. Sempre. Nem que fosse só um bocadinho. E resultava. Alice tinha comido como um cão esfaimado, enchendo o prato três vezes. E bebera várias cervejas, até esboçar aquele sorriso de satisfação que Lulu esperava sempre conquistar quando cozinhava. Um dos vários talentos herdados da *abuela*.

E fora também a avó que lhe dissera que ela tinha uma coisa chamada *la prevision*. *Tal como eu*, acrescentava, com um sorriso sábio. A premonição era algo comum nas mulheres da família, um elo inquebrável que atravessava gerações: ver o perigo antes de ele acontecer; identificar o trauma quando este surgia escondido; ver o amor antes de ele florescer. *Confia em ti, Lupita*, costumava dizer-lhe a avó, olhando bem no fundo dos seus olhos. *Foi por isso que te chamámos «Lobinha»*. *Os teus instintos vão guiar-te sempre, tal como as estrelas*.

Lulu tinha doze anos quando a avó morreu. Depois disso, a mãe, tolhida pela dor, decidiu acabar definitivamente com todas as tradições da família. Tirou de casa tudo quanto eram rosários e santinhas emolduradas. Acabou com o chocolate picante e com as *calaveras*¹⁴. Nada de fogo, nem especiarias. Nada de contos do folclore. Nada de borboletas-monarcas. Nada de premonições. Mas as visões de Lulu não desapareceram. A mãe levou-a a um médico, na vila. *Imaginação hiperativa*, foi o diagnóstico dele, sorrindo e oferecendo um punhado de gomas a Lulu – e à mãe o conselho de consultar um optometrista. Lulu passou a usar óculos. *As visões desapareceram?* perguntara-lhe a mãe com um brilho exasperado nos olhos. Lulu baixara os óculos novos e fizera que sim. A partir de então, nunca mais contou a ninguém das suas visões. Em vez disso, passava as noites à janela do quarto – sussurrando à avó, que a ouvia do céu.

À medida que Lulu foi crescendo, as visões tornaram-se cada vez mais fortes. Bastava-lhe ouvir o riso de alguém, sentir o cheiro da chuva, ver o modo como a luz caía, ou uma simples flor silvestre, que desde logo se erguia uma cortina na mente dela, revelando-lhe um retalho da vida de alguém. *Não tenhas medo*, dizia-lhe a avó. *É esse o teu dom, Lupita*.

Anos mais tarde, as visões mantiveram-se, mas raramente faziam sentido – uma mulher estranha correndo pela praia, um rapaz desconhecido largando um barco de papel no mar, uma casa feita de flores sendo engolida pelo fogo – mas Lulu sentia tudo aquilo tão vividamente como se se tratassem de memórias suas.

Cerca de três semanas antes de Alice chegar, Lulu estava no pátio de trás a envasar sementes quando a cortina da mente dela se abriu e uma nuvem de borboletas-monarcas esvoaçou à frente dos

seus olhos. A sensação das asas delas a tomarem-lhe o corpo tão intensamente quase a fizera perder o equilíbrio. Nessa tarde, quando parou o carro à porta da casa de Alice e viu de perto os autocolantes das borboletas-monarca colados nas portas da carrinha dela, Lulu ouviu a voz da avó: *Guerrero del fuego*. Guerreiro do fogo. Lulu nunca conseguira fazer corresponder as visões que tinha a alguém que conhecesse. Até conhecer Alice Hart.

– Lu? – Aiden surgiu no corredor, secando a cabeça a uma toalha.

– Desculpa? – Lulu voltou-se para ele.

– Perguntei se a Alice chegou bem a casa.

Ela assentiu. Costumava falar da avó a Aiden, mas nunca lhe contara – nem a ninguém, aliás – das premonições. Tentou algumas vezes, mas como não arranjava palavras que lhe soassem minimamente plausíveis, acabava sempre por dar a volta à conversa. E Aiden chegara à conclusão que as tonturas da namorada eram crónicas e hereditárias, e fazia sempre questão de lhe perguntar se andava a descansar o suficiente, ou a comer bem, de forma a manter os níveis de açúcar no sangue.

Aiden pendurou a toalha nas costas de uma cadeira e dirigiu-se ao louceiro.

– A Alice parece-me muito simpática – observou. – E pelo que me contaste, o Dylan esbanjou charme para cima dela, como de costume. – Pegou num copo de vinho e na garrafa de tinto que tinham aberto na noite anterior.

– Sim, é verdade – concordou Lulu. Sentiu um arrepio ao recordar-se da maneira como Alice olhara para Dylan.

– Ela sabe que ele tem namorada? – quis saber Aiden, servindo-se de um copo de vinho.

Lulu deitou demasiado detergente na água do lava-loiça.

– Hmm... não sei.

– Não será boa ideia informá-la? – disse Aiden.

– Não me cabe a mim dizer-lho, *mi amor*. – Lulu abriu as torneiras para temperar a água, mantendo-se de costas para ele.

– Pois eu acho que te cabe a ti, sim, meu amor – respondeu ele. Lulu enfiou as mãos na água quente e cheia de espuma, tratando de lavar um prato. Se ao menos os erros do passado fossem assim tão fáceis de lavar...

– Ela parece-me meio triste... – observou Aiden, afastando-a do lava-loiça para assumir ele a tarefa. Apontou com o queixo para o copo de vinho. Lulu pegou-lhe e deu um gole, secando as mãos num pano.

A conversa deles ficou por ali. Lulu dirigiu-se lentamente à porta das traseiras, levando consigo o copo de vinho. Pôs a mão na maçaneta.

– Diz olá à tua avó por mim – disse-lhe Aiden. Ela dirigiu-lhe um sorriso grato.

Lá fora, a noite estava morna e prateada, o céu pejado de estrelas sob a luz de uma lua minguante. Cães uivavam à distância. Lulu sentou-se na duna do fundo do quintal e foi beberricando do seu

vinho. Sentiu a terra vermelha fresca e fina. Pegou numa mancheia e deixou que lhe escoasse por entre os dedos, enquanto via os contornos dos carvalhos-do-deserto sobre as janelas iluminadas da casa de Alice. Afloraram-lhe à mente chamas ferozes; e borboletas da cor do fogo.

Passado um momento, Lulu voltou-se lentamente na direção oposta, observando a casa de Dylan. Estava escura e silenciosa. Um movimento nas sombras captou-lhe a atenção. Lulu manteve-se atenta, dando um longo gole no seu vinho. A lembrança da colônia dele encheu-lhe os sentidos.

¹³ Termo depreciativo para “turista” em calão australiano (N. da.T.)

¹⁴ Representação do crânio humano feita em açúcar ou argila, usada no México, na celebração do Dia dos Mortos. (N. da T.)

Ervilhas-do-deserto-de-Sturt



Significado: **Tem coragem. Acredita.**

Swainsona formosa | **Interior da Austrália**

As malukuru (Pitjantjatara) são plantas famosas pelas suas flores vermelho-sangue em forma de folhas, cada uma com um centro bulboso preto, que provavelmente dará o sentido literal ao seu nome indígena – olho de canguru. Representam uma arrebatadora visão no deserto: um ardente mar de vermelho. Sendo as aves os seus polinizadores mais comuns, florescem inclusivamente em zonas áridas, mas são extremamente vulneráveis ao apodrecimento das raízes, o que dificulta a sua propagação.

Pouco antes do amanhecer, Alice e Pip caminharam por entre os arbustos até ao portão preto da casinha que agora habitavam. Quando Alice o abriu, a cadela abanou a cauda, feliz por poder explorar as redondezas, farejando freneticamente o ar. Subiram uma duna e desceram-na até ao outro lado, entrando nos trilhos de fogo – como Aiden lhe disse chamarem-se as veredas em redor de Parksville. *São corta-fogos*, dissera-lhe ele. *Impedem as chamas de se propagarem, em caso de incêndio.* Alice concordara com um aceno de cabeça, esforçando-se por parecer interessada, mas sentiu as entranhas gelarem-lhe. Bebera o resto da sua cerveja de um trago só, tentando afogar as memórias do fogo e do fumo.

Conversar com Aiden enquanto Lulu fazia o jantar revelara-se encantador, e Alice sentiu-se feliz na companhia deles e no aconchego da sua casa: o riso rouco de Lulu, o fritar dos tacos, os frasquinhos de aloé vera e malagueta verde, as estantes repletas de livros e os autorretratos emoldurados de Frida Kahlo. Sentiu saudades, sem saber dizer de quê. O regresso à sua nova casa, praticamente vazia e a cheirar a lixívia, revelara-se algo triste. Deitou-se a pensar em paredes coloridas, frasquinhos pintados à mão e livros que lhe enchessem as prateleiras despidas.

Alice e Pip passaram por uma ala de carvalhos-do-deserto e chegaram ao anel viário. Atravessaram-no, entrando numa zona de mato e seguindo o trilho que ziguezagueava pela encosta da cratera acima, perdendo-se de vista lá no topo.

– Vamos, Pip.

O céu começava a acordar. As botas dela esmagavam o cascalho.

Quando chegaram à plataforma de observação, o colarinho da t-shirt de Alice estava ensopado de suor. Pip seguia muito juntinho a ela, ofegando fortemente. Um enxame de moscas pretas zuniu em volta do rosto da jovem. Enxotou-as, observando os arredores. De ambos os lados da plataforma surgiam paredes ocre que se erguiam em torno e por cima delas – uma onda circular de rocha arrancada da terra por um violento impacto. No centro da cratera, e num círculo perfeito, estendia-se um jardim selvagem e fluorescente de ervilhas-do-deserto, ondulando sob a brisa. Um gigantesco coração de mãe, um mar de vermelho. Do chão da cratera brotava um surpreendente manto de relva cor-de-lima. O Kututu Kaana era bem mais impressionante do que Alice imaginara; representava todas e cada uma das histórias que ela alguma vez lera, ouvira falar, ou sequer imaginara, sobre os oásis no deserto.

Tem coragem. Acredita.

A força da saudade da mãe, da avó, e das mulheres que deixara para trás, arrebatou-a sem aviso ou misericórdia. Arquejou com a dor, mordendo o lábio com força até sentir o sabor a sangue.



Mais tarde, já em casa, Alice tomou um duche e arranjou-se para o seu primeiro dia no novo emprego. Vestiu-se com particular cuidado e atenção, olhando no espelho a sua nova farda verde de *ranger*, demorando-se nas insígnias cosidas nas mangas da camisa. Passou os dedos pelas ervilhas-do-deserto no centro da bandeira indígena. Era muito diferente do seu avental de Thornfield. Nunca tinha sentido tanto orgulho em envergar uma farda que conquistara por seu próprio mérito.



Atou as botas novas, pegou na mochila e no chapéu.

– Não brinques com cobras, ok? – Deu um beijinho no nariz de Pip, fechou-a na garagem de grades, e entrou na carrinha. Atravessou Parksville em direção à central. O céu tinha a cor do lápis-lazúli, e a luz da manhã era amarelo-limão.

Quando Alice estacionou na central do parque, sentiu o coração descompassado. Respirou lenta e profundamente, tentando abrandá-lo.

– Wiru mulapa mutuka pinta-pinta – disse uma voz suave à janela dela.

– Desculpe? – Alice pôs a mão em pala sobre os olhos. Uma mulher, com a camisa igual à sua, estava junto à carrinha. Usava um lenço preto, vermelho e amarelo debaixo do seu Akubra de abas largas. Ao pescoço trazia um colar de sementes brilhantes vermelho-sangue. Vestia umas calças brancas, com periquitos-australianos estampados nas mais variadas cores – numa visão tão viva e

alegre que Alice não conseguiu deixar de sorrir.

– Sou a Ruby. – A mulher estendeu-lhe a mão. Alice saiu da carrinha e cumprimentou-a. – Estava a dizer que adoro as borboletas da tua carrinha.

– Oh! – Alice sorriu nervosamente, olhando de relance para os autocolantes das portas e pensando em tudo aquilo que eles escondiam. – Obrigada.

– Sou a *Ranger* Sénior de cá, e esta manhã vou dar-te formação. À tarde saís para o terreno com os outros *rangers*. – Ruby dirigiu-se a um utilitário do parque. – Guias tu – disse, atirando as chaves a Alice.

– Ah, ok – Alice apanhou as chaves no ar. Dirigiu-se ao carro e abriu a porta do passageiro.

Ruby entrou.

– Boa, vamos lá a isto. Segue para o anel viário.

– Ok.

A postura de Ruby era parecidíssima com a de Twig, pensou Alice. Tentou lembrar-se de qualquer coisa para dizer, mas as palavras secaram-se-lhe na boca, como o pó vermelho.

– O meu trabalho consiste basicamente em formar novos *rangers*, como tu – disse Ruby, passado um momento. – Ensinar-te as histórias que contamos aos turistas. E também sou poeta, e artista. Represento o Conselho das Mulheres do Deserto Central, e vivo entre o parque e Darwin. A minha família...

– Isso deve ser um contraste incrível – interrompeu-a Alice, desejosa por uma oportunidade de contribuir para a conversa. – Viveres aqui e na cidade. – Fez uma pausa para respirar. – Então és poeta? Eu sou louca por livros. Adoro ler. E sempre gostei de escrever histórias, mas há muito que não o faço, praticamente desde a adolescência. – Para seu desespero, os nervos faziam-na falar sem parar, algo nada habitual nela. Por uma estranha razão, não conseguia calar-se.

Ruby dirigiu-lhe um educado aceno de cabeça e calou-se. Voltou-lhe as costas. Alice mordeu o lábio, cada vez mais nervosa.

Não a devia ter interrompido. Deveria pedir-lhe desculpa? Tentar mudar de assunto? Estaria Ruby à espera que ela lhe fizesse perguntas sobre o parque? E se sim, o quê? E que perguntas é que *não* lhe devia fazer?

Alice tentou concentrar-se na condução. Quando se aproximavam do parque de estacionamento principal, ouviram-se ruídos do rádio.

– *Parque nacional dezanove. Dez-nove. Daqui setenta e sete. Sete-sete. Escuto.*

O timbre de Dylan atingiu Alice como um murro no estômago. Cravou os dedos no volante. Ruby chegou-se à frente e desligou o rádio, com uma expressão o mais casual possível.

– Estaciona aqui – a mulher apontou para o estacionamento. Uma dúvida terrível instalou-se na mente de Alice. Teria sido demasiado óbvia? Estaria Ruby a pensar que ela estava mais interessada em Dylan do que em prestar um bom serviço no seu primeiro dia de trabalho? E não seria verdade?

Por favor, para, implorou a si mesma.

Ruby abriu a porta e saiu do carro. Alice seguiu-a. Deteve-se no início do trilho para ler uma série de painéis informativos. Ruby parou ao lado dela.

– Isto quer dizer que os turistas *sabem* que o Jardim do Coração é sagrado e que lhes é pedido que não arranquem flores de modo a preservá-lo? – quis saber Alice, apontando para os painéis.

Ruby assentiu:

– Está tudo devidamente explicado nos panfletos, nos guias turísticos e na informação ao visitante. Convidamos os turistas a conhecerem o parque e a aprenderem as histórias deste sítio, mas pedimos *por favor* para não apanharem flores.

Alice lembrou-se da conversa que tinha ouvido na noite anterior.

– Mas mesmo assim, eles colhem-nas?

– Sim. Deitam a mão a tudo o que podem – disse Ruby, afastando-se, com as mãos atrás das costas.

Caminharam em silêncio. O trilho de terra vermelha seguia pela parede exterior da cratera, passando por campos de *spinifex* e alas de acácias e carvalhos-do-deserto, tão altos quanto finos. Passado algum tempo, chegaram a um gigantesco rochedo vermelho – exposto como uma porta aberta à entrada de uma pequena gruta. Ruby rodeou-o e entrou. Alice seguiu-a, arquejante, ainda pouco habituada àquele calor sufocante.

– Trouxeste kapi? – Ruby olhou-a sob a luz ténue da caverna, o sobrolho franzido.

Alice olhou-a sem expressão, ajustando os olhos à semiobscuridade.

– Kapi. Água.

Alice corou, lembrando-se que deixara na carrinha junto à central a mochila com a garrafa de água, bem como o seu chapéu. Praguejou mentalmente contra si própria, sentindo-se estúpida. Abanou a cabeça.

– Vais ter de andar *sempre* com água, daqui para a frente. – Ruby abanou a cabeça e ergueu o olhar para o teto da caverna. Alice revirou os olhos perante a sua própria estupidez. Que tipo de idiota é que anda no deserto sem água?

Alice seguiu o olhar de Ruby para o teto da caverna, e ouviu-a sussurrar. A toda a volta dele surgiam pinturas na rocha – em cores que iam do ocre ao branco, passando pelo vermelho.

Ruby explicou-lhe os símbolos que as mulheres foram pintando ali ao longo de milhares de anos, contando histórias sobre mães, filhos, ervilhas-do-deserto e estrelas.

– Esta terra representa o lugar para onde as mulheres da minha família trouxeram as suas histórias. Para prestarem testemunho. Para se lamentarem. Para honrarem tudo aquilo que amaram. É um lugar pesaroso. E é por isso que não vivemos aqui.

Alice aproximou o olhar das pinturas.

– O trilho até Kililpitjara segue um percurso cerimonial à volta do Kututu Kaana, onde a planta

malukuru cresce do interior do coração da estrela-mãe. – Ruby mantinha um tom de voz baixo. – É por isso que pedimos às pessoas que não apanhem flor alguma. Cada uma representa um pedaço dela.

Seguiu-se um momento em que nenhuma das duas falou. Ruby despediu-se do lugar com um aceno de cabeça, virou-se e saiu. Mas Alice deixou-se ficar, fascinada pela arte exibida na rocha, grata por ter tido a oportunidade de conhecer Sarah, em Agnes Bluff.

Acabou por apanhar Ruby um pouco mais adiante, e deu por si a perguntar-se como se sentiria Ruby por ter constantemente de lutar para proteger um local e a sua história – uma história fulcral para a cultura da sua família, há milhares e milhares de anos? Onde arranjaria ela forças para continuar a lutar? E quem era aquela gente que ignorava a vital importância daquele sítio, a sua cultura e tradição, arrancando displicentemente da terra as ervilhas-do-deserto, e negando, ainda assim, estar a destruir os pedaços do coração da estrela-mãe? Havia cartazes espalhados por tudo quanto era canto. Ninguém podia alegar desconhecimento.

Ruby caminhou à frente dela, e Alice seguiu-a. Insegura de si própria e do seu lugar, deixou todas as perguntas por fazer.



O caminho pedestre cruzava-se com oanel viário num lugar chamado Kututu Puli, onde um tanque de água e um banco de jardim protegido por um toldo ofereciam uma excelente visão da parede da cratera sobressaindo dramaticamente da terra: uma cascata de pedras vermelhas e rochedos cobertos por líquen prateado e cor-de-menta. Por um momento, Alice sentiu-se enfeitiçada – literalmente. Até que se lembrou que tinha sede, e bebeu do tanque de água até ficar saciada.

– Este sítio é muito árido – concordou Ruby. – Foi onde o coração de Ngunytyju pegou fogo, ardendo completamente ao embater na terra. É isso que estas pedras representam, pedaços do seu coração em chamas. O líquen é de onde o fumo ainda se ergue das cinzas, manchando a parede da cratera.

Alice não olhou para Ruby, temendo que ela lhe visse os olhos marejados de lágrimas – e decidiu de uma vez por todas que ela não passava de uma idiota lamechas e inútil.

– Também vives em Parksville? – disse Alice, agarrando-se à primeira coisa que lhe ocorreu. Porque não lhe fazia mais perguntas sobre a história da cratera para poder fazer bem o seu trabalho? Amaldiçoou-se em silêncio.

– Uwa – assentiu Ruby. – Mas só quando estou cá a dar formação. Venho de propósito ensinar-vos a nossa cultura. Como te disse, a minha família não vive aqui. É um sítio triste, pesaroso. Não é um local para se viver. – Ruby sacudiu o pó das mãos. – Estás pronta para prosseguirmos?

– Sim – respondeu Alice, ansiosa por lhe perguntar por que razão os *rangers* viviam ali, se não era um sítio para se viver.

Fizeram em silêncio o restante caminho que rodeava a cratera. Um grupo grande de turistas passou por elas, seguindo na direção contrária, a caminho do parque de estacionamento principal. Alice olhou-os com uma expressão desconfiada; teria algum deles colhido uma ervilha-do-deserto? Um bando de andorinhas sobrevoou-as, cantando. O sol caía em farripas através das copas dos eucaliptos. Às tantas, o trilho fazia uma curva acentuada e começava a subir a parede da cratera: Alice reconheceu o percurso que tinha feito naquela manhã com Pip. Protegeu o rosto do sol. Ainda nem estavam a meio da manhã, mas com o sol a cair a pique sobre elas dava a sensação de estarem no mínimo uns quarenta graus.

Chegadas à plataforma de observação, Ruby sentou-se para recuperar o fôlego. Alice fez o mesmo, deixando-se cativar pelo coração das ervilhas-do-deserto.

– Kungka, agora vou contar-te toda a história deste local – começou Ruby.

– Oh, sim, por favor – exclamou Alice, encantada com a ideia. – Eu... bom, li na Internet sobre o coração daquela mãe que caiu aqui, depois de o bebé dela ter caído à Terra, numa outra cratera de impacto próxima desta. – Não se conteve a disparar tudo o que sabia.

Desta vez, Ruby nem sequer olhou para ela. Olhou em frente por alguns segundos, levantou-se e deixou a plataforma, seguindo o trilho descendente da cratera.

Sem saber o que fazer ou pensar, Alice viu-a afastar-se, estupefacta com a sua própria estupidez. *Porque é que não te calas de uma vez?* gritou para si própria. Nunca quisera tanto impressionar alguém como Ruby. Mas os seus nervos e a sua tagarelice estavam a estragar tudo.

Levou as mãos à cabeça. A verdade é que nunca tinha passado por uma entrevista de emprego nem tido uma formação como aquela. No fundo, nunca tinha saído de debaixo do olhar protetor de June. Aquela era a sua primeira grande oportunidade de fazer algo por si própria, sem a ajuda de ninguém. E pelos vistos tinha acabado de a destruir.

Tem coragem. Acredita.

Levantou-se. Alisou a farda. Assentiu para si mesma, firme e determinada, e seguiu Ruby até Kututu Kaana.



A temperatura no interior da cratera era irrespirável. Saíam ondas de calor diretamente da terra. Bandos de pássaros verdes esvoaçaram por cima delas.

– Estes tjulpu – riu-se Ruby, acenando aos pássaros. – Cuscos atrevidos!

À medida que se aproximavam das flores, Ruby apontou para elas e preparou-se para falar. Desta vez, Alice ficou calada.

– Os minga vêm cá por causa da nossa história, mas assim que cá chegam ficam surdos. Querem conhecer a história, mas não a ouvem. Só ouvem se puderem levar um pedaço com eles. – A voz de

Ruby soou triste, mas forte, carregada de sotaque. – Tantas pessoas que insistem em seguir fora do trilho pedestre... representam um perigo para as raízes. Estas malukuru, estas flores, são fortes. Crescem aqui, e têm milhares de anos. Mas as raízes... As pessoas agridem as raízes, deixam-nas doentes, e tudo isto pode morrer. Verdade. Pedimos-lhes que não o façam, mas continuam a ir para dentro do círculo. Para apanharem flores. Para levarem consigo um pedaço do coração de Ngunyitju. Fazem adoecer as raízes. E se estas raízes adoecerem, todas nós adoecemos.

Alice aguardou um momento antes de falar:

– Apodrecimento das raízes – disse. – As ervilhas-do-deserto-de-Sturt são vulneráveis ao apodrecimento das raízes. Se as raízes forem danificadas, as flores têm mais propensão para morrer disso do que da seca.

Ruby olhou-a com uma expressão que revelava ao mesmo tempo surpresa e satisfação.

– Eh! – disse ela, dando uma palmadinha amigável no ombro de Alice. – És um bocado ninti pulka no que respeita às nossas flores-coração, não és, kungka? – Sorriu-lhe. – És bastante esperta, hã?

Alice expirou de alívio, deixando finalmente que os ombros se descontraíssem.

– Tu és boa gente, kungka. – Ruby soltou uma risada, dando um pontapé numa pedra. – Só precisas de fechar mais a boca e abrir mais os ouvidos. Acalma lá esses pensamentos que tens na cabeça, que são como os tjulpu atrevidos. – Apontou para os pássaros das calças. – E vais ver que aprendes melhor a história deste sítio.

Alice assentiu, incapaz de a olhar nos olhos.

Ruby apontou para a manga da camisa de Alice.

– Ouve, quando exhibes a nossa bandeira nos braços, és responsável por contares a verdadeira história deste sítio a todos os mingas que vêm dos quatro cantos do mundo. – Uma lufada de ar quente soprou à volta delas, fazendo agitar levemente o círculo de ervilhas-do-deserto. – Este é um local de pesar. Um local sagrado, para o amor, a tristeza, o descanso e a paz. Contém as histórias de culto das nossas mulheres, desde há milhares de anos. Das minhas antepassadas, que criaram os seus bebés e cuidaram desta terra, assim como esta terra cuidou delas. E estas flores, as malukuru, são o que mantém vivas estas histórias. Temos de trabalhar todos juntos para protegê-las. E agora, isso também é responsabilidade tua. – Ruby apontou para Alice. – Palya, Kungka Pinta-Pinta?

Alice olhou para ela.

– Ok, Menina Borboleta? – traduziu a outra, sorrindo.

O que é que queres ser quando fores grande, Coelhinha? A mãe de Alice tinha as mãos enfiadas num balde de fertilizante e estava ajoelhada junto aos tão amados fetos do seu jardim. Tinha o rosto ensombrado por um chapéu de jardinagem. Alice não precisou de muito tempo para saber a resposta. *Uma borboleta, ou então escritora*, respondera, sorridente. Qualquer coisa que a mantivesse perto do jardim da mãe, ou por entre as páginas dos livros.

– Palya, Kungka Pinta-Pinta? – Ruby voltou a perguntar.

– Palya – respondeu Alice.

Ruby assentiu, sorrindo-lhe. De mãos atrás das costas, tratou de seguir pelo trilho em torno das flores, e para fora da cratera. Alice lançou um último e prolongado olhar às ervilhas-do-deserto, antes de lhes voltar as costas.



Depois de um almoço de sanduíches e sumos na cafetaria do centro dos visitantes, Ruby chamou Alice à parte. Tinha uma expressão estranha no rosto.

– Antes de saíres para a formação desta tarde, há uma coisa que te quero mostrar.

Alice seguiu-a por um lance de escadas, subindo a um sótão do centro dos visitantes que servia de armazém. Estava atulhado de tralha, quente e abafado, e cheio de prateleiras com grandes caixas de plástico. Ruby tirou uma delas para baixo. Abriu-a e fez um gesto a Alice para que olhasse para o interior. Estava cheia até acima com cartas, umas impressas, outras escritas à mão. Dentro de cada uma delas estava uma ervilha-do-deserto seca e prensada.

– Flores de arrependimento – explicou Ruby. – Estas cartas são todas de pessoas que as colheram como recordação, levaram-nas para casa, lá para os países de onde vêm, e depois começaram a acreditar que o azar que foram tendo na vida não passava de uma maldição por terem ignorado a nossa cultura. – Apontou para as prateleiras cheias de caixas semelhantes.

Alice inclinou-se sobre a que tinha aos pés.

– Vê à vontade – disse-lhe Ruby.

Alice vasculhou a caixa, espantada pela quantidade de flores secas colhidas e devolvidas. Os envelopes tinham selos dos quatro cantos do mundo, e continham cartas de pessoas a pedirem perdão, a suplicarem que as libertassem «da maldição». Uma carta manuscrita chamou-lhe a atenção. Quando Alice a abriu, caiu-lhe na mão uma ervilha-do-deserto murcha e enrugada. Leu em voz alta:

«O meu marido ficou doente logo depois de termos deixado o Kililpitjara. Quando chegámos a casa, em Itália, descobrimos que era cancro. Poucos dias depois, o nosso filho morreu num acidente de autocarro. E por fim, tivemos uma inundação em casa. Por favor, aceitem as nossas mais humildes desculpas por não termos respeitado o vosso lindo país quando o visitámos. Por favor, poupem-nos a mais tragédias. Estamos tão arrependidos por termos colhido as flores da cratera; por termos levado connosco o que não nos pertencia. – Alice abriu a boca, absolutamente incrédula. – São todas assim? Cartas a pedir perdão e que os libertem «da maldição»?

Ruby fez que sim com a cabeça.

– «A maldição» não passa de um mito que tem viajado à volta do mundo desde que os mingas começaram a vir para cá.

– Queres dizer que... não é real? – perguntou Alice.

– Não! – Ruby pareceu raivosa. – Claro que não é real. É apenas o remorso a atormentar a mente das pessoas que se sentem culpadas.

Alice pensou de imediato em June, na sua confissão desarticulada na noite em que partira de Thornfield.

– É impossível escaparmos quando fazemos algo de errado – observou a jovem. – Por mais que tentemos enterrá-lo bem nas profundezas do nosso ser. – Ao perceber que Ruby lhe observava o rosto bem de perto, Alice disfarçou. Pôs a carta de volta na caixa e limpou às calças o pó das mãos. – E vocês alguma vez respondem a estas cartas? Dizem-lhes que essa maldição não é real? Que não passa de uma invenção, e que nada tem a ver com a vossa cultura?

– Ora! – disse Ruby, secamente. – Tenho mais que fazer do que andar com os mingas ao colo e ensinar-lhes que deviam ter aberto os olhos e os ouvidos ao que lhes foi ensinado quando cá estiveram. Aquilo que estava mesmo diante dos seus olhos.

Alice concordou com um aceno, deixando que as palavras de Ruby se instalassem na sua mente.

– Mal posso acreditar que sejam tantas – murmurou, voltando a vasculhar as centenas de envelopes.

– É por isto que nos preocupamos tanto com a probabilidade da malukuru ficar em risco de extinção. Pior ainda, há muito mais histórias destas guardadas no sótão da nossa sede. Até já começámos a ter reuniões para tentar perceber o que fazer com elas. Há um casal de universitários que mostrou interesse em catalogar todas estas histórias. Mas vão ter de ser rápidos, já não temos espaço de armazenamento em mais lado nenhum.

Aflorou à mente de Alice uma conversa que tivera com a mãe, em criança: *Um fogo pode ser uma espécie de feitiço que transforma uma coisa noutra.*

– Que tal queimá-las? – sugeriu a jovem.

Ruby estudou-lhe a expressão, visivelmente agradada.

– É uma ideia.



Quando finalmente chegou a casa nessa noite, Alice mal conseguia abrir os olhos. Entrou, meio cambaleante, e ligou o ar condicionado. Depois deixou-se ficar debaixo de um duche frio durante algum tempo, vendo a água que lhe escorria pelo corpo ficar vermelha do pó.

Depois do almoço tinha estado a trabalhar com Lulu. *A Ruby mostrou-te as flores de arrependimento?* perguntara-lhe ela, quando andavam a explorar o terreno e Alice lhe descreveu a sua manhã. Alice assentira. *Caramba, debes ter feito alguma coisa de muito bom, chica. A Ruby nunca mostra essas flores a ninguém, a não ser que a pessoa lhe agrade.*

Debaixo do chuveiro, e recordando as palavras de Lulu, Alice sentiu-se corar de satisfação. Tinha feito algo de bom.

Mais tarde, a jovem partilhou com Pip o resto dos tacos que Lulu lhe tinha dado na noite anterior, e caiu na cama ainda antes do pôr do sol. O ar cálido que entrava em casa trazia consigo a fragrância rica da terra seca – e do doce fim do seu primeiro dia.

Os sonhos dela encheram-se de visões de June. De cada vez que a avó abria a boca para falar com Alice, saía-lhe dos lábios uma torrente de flores secas, brancas e castanhas.



Ruby estava no pátio de sua casa à hora do pôr do sol, vendo pequenos arco-íris formarem-se à sua frente enquanto pulverizava com água as plantas nos vasos. O cheiro rico a minerais que saía da terra vermelha fê-la regressar à infância. Como uma canção, surgiram-lhe doces memórias da mãe e das tias. O céu exibia uma paleta de argila-rosa, ocre e cinzento-pedra. Os seus três cães corriam atrás uns dos outros, felizes, com as orelhitas no ar. Era naquela altura mais melosa do dia que eles ficavam mais tontinhos.

Pendurou a mangueira e pegou no machado de jardinagem, dirigindo-se ao quintal para cortar uns quantos ramos de *wanari*. Eram ótimos para atear brasas, porque ardiam até ao fim. Empilhou a lenha na braseira do quintal, chupando o sangue de um dedo quando se picou num espinho. Pegou numa braçada de agulhas de carvalho-do-deserto, ramos e troncos finos, e enfiou-os no meio da lenha. Alguns fósforos depois, o lume crepitava.

Ruby sentou-se no toco de um tronco com o seu caderno de notas e uma caneta e relaxou os ombros. Pouco depois, fechou os olhos. Sentiu o peso da família perdida. Desde criança, quando fora retirada à mãe, que a única constante na vida dela era a ausência da sua família. Viu-a nos olhos dos filhos quando eles nasceram, e ouviu-a muitas vezes nos seus sonhos. Era uma visibilidade invisível; tudo o que ela via era quem lhe faltava.

Enquanto o jantar cozinhava numa frigideira sobre as brasas e o céu escurecia, Ruby abriu o caderno de notas e tirou a tampa da caneta com os dentes.

Olhou para as chamas. Aguardou.

As estrelas rodopiaram, os cães deitaram-se a dormir, a brisa quente do deserto soprou. E ela aguardou.

O novo poema desceu das estrelas, olhando para ela – como acontecia com a maioria dos seus versos. Caíam sobre as dunas de areia fina e esvoaçavam pelo país da sua mãe, trazendo terra, fumo, amor e pesar.

existem sempre sementes que nos tecem

*e são levadas pelo vento, separando-nos
será que o vento vem das origens
ou da mãe ou do pai
serão as minhas origens para sempre dispersadas
ou manter-se-ão na distância se eu partir
ficará o vento sem fôlego
ficarei eu deixada para morrer
sem casa e sem família*

Ruby pousou a caneta e esfregou as mãos. Estavam trémulas, como sempre ficavam quando os seus antepassados a brindavam com um poema. Passado um momento, pegou de novo na caneta e escreveu *Sementes* no topo da folha.

Temperou e virou o bife na frigideira, e juntou uma colher de manteiga de alho às batatas fritas. Recostou-se e ficou a ver as chamas bailarem. Espirais de fumo erguiam-se para o céu.

Enquanto se servia do jantar, Ruby deu por si a recordar o momento em que estivera no meio das flores de arrependimento com a rapariga nova. Já tinha visto muitas pessoas como Alice a chegarem e a partirem de Kililpitjara, mais do que os poemas que escrevia no seu caderno de notas. Sabia distinguir as perdidas e sem rumo das autênticas e plenas de expetativas com a mesma facilidade com que catava pulgas dos seus cães. Quando Sarah lhe apresentou Alice, toda trémula e pálida como a cal, Ruby não lhe prestara especial atenção. Mas depois de passarem a manhã juntas, mudou de ideias. Vira algo em Alice Hart; o tipo de coragem que uma sobrevivente identifica noutra. Ruby ainda não sabia o que Alice procurava, mas percebeu que seria vital, ao distinguir-lhe aquele fogo no olhar.

Spinifex



Significado: **Prazeres perigosos**

Triodia | Austrália Central

Tjanpi (Pitjantjatjara) é uma relva forte, alta e pontiaguda, que invade o interior do deserto vermelho australiano e as serras pedregosas. Floresce nos terrenos mais pobres e áridos do deserto. Forma tufos densos, e as raízes podem alcançar os três metros de profundidade. Alguns tipos de tjanpi são usados pelo povo Anangu para a produção de resina.

Alice mergulhou a fundo na sua nova vida em Kililpitjara. Prosseguiu a formação com Ruby, aprendendo as histórias sobre a terra, e tornou-se inseparável de Lulu, fazendo os mesmos turnos que ela – dez dias seguidos e quatro de folga. Alice ouvia-as atentamente, e aprendeu muitíssimo com as duas mulheres. Com voz forte e determinada, guiava os turistas até à cratera, dia após dia, contando-lhes as histórias nativas e incentivando-os a protegerem o Jardim do Coração. Ficava absolutamente extasiada sempre que via compreensão e entendimento nos olhos dos visitantes. À medida que as semanas foram passando, a jovem certificou-se de que ninguém dos grupos dela colhia uma única ervilha-do-deserto.

Depois do trabalho, e com os dias já mais frescos, Alice e Lulu percorriam juntas os trilhos do fogo, ou então preguiçavam no pátio uma da outra, bebendo café forte e desfrutando dos bolos caseiros de chocolate picante que Lulu fazia. Debaixo de céus multicores, Lulu foi contando a Alice histórias sobre a avó, uma mulher com anéis de turquesa em todos os dedos e o cabelo tão espesso que partia os pentes a tentar domá-lo. *Então e tu, Alice? Fala-me da tua família.* Alice tinha demasiado medo de lhe contar a verdade. Então, inventou histórias sobre a mãe e o pai, os sete irmãos, as brincadeiras que tinham juntos, as aventuras partilhadas, a bonita casa onde viviam, junto ao mar. As histórias saíam-lhe da boca tão facilmente que nem pareciam mentiras. Eram tão reais

quanto Alice desejava que fossem; representavam os mundos dentro dos quais tinha crescido, descritos nas páginas dos seus livros.

À noite, quando estava sozinha, Alice revia os seus cadernos de flores. As florinhas prensadas tinham-se transformado no seu consolo e bálsamo; as suas histórias; as suas memórias de infância; a solidão e a confusão; a sua vida sem a mãe; ressentimento, dor, medo e culpa. Os seus sonhos por concretizar. A sua penitência. A ânsia de ser consumida pelo amor.

Após alguns meses, Alice deixou de se sentir tão insegura e incompetente. Sabia os nomes de todos quantos viviam no parque, e tinha bem memorizada toda a informação crucial: os dias em que os fornecedores dos produtos alimentares chegavam no gigantesco caminhão-articulado, quantas viagens conseguia fazer de Parksville até ao resort dos turistas antes de se acender a luz do combustível da carrinha. O Kililpitjara tornou-se um sítio onde ela se sentia segura. Ali não havia passado. Ninguém sabia da sua vida por entre os canaviais, ou no meio dos campos de flores. No deserto ela podia simplesmente *ser*. O trabalho deixava-a com os músculos doridos, bolhas nos dedos e uma sensação de exaustão física tão forte que já nem sonhava com o fogo. Estava fascinada pelo deserto: as suas cores, a vastidão, a sua beleza estranha e impressionante. Quando não estava na patrulha da alvorada, Alice passava as manhãs em longas caminhadas com Pip, acabando inevitavelmente na plataforma de observação. Era inevitável ficar com os olhos marejados de lágrimas sempre que olhava para as ervilhas-do-deserto; confiava nelas para se manter focada, para se sentir inteira. Ainda que tivesse ensinado à cadela algumas das ordens de assistência do velho Harry, não tinha necessidade de recorrer a elas. Nunca mais voltou a desmaiar. E a única coisa que lhe fazia acelerar o coração era estar perto de Dylan Rivers.

No último dia do seu turno de dez, Alice e Lulu encontraram-se na zona de trabalho da central para lavarem os seus carros de serviço. Tinham o rádio com o volume no máximo, e já sonhavam com o que iam fazer nos quatro dias de folga que tinham pela frente quando o utilitário de Dylan passou pelo portão de segurança. Instintivamente, Alice baixou os óculos escuros que tinha pousados na cabeça.

– Olá, kungkas – disse, parando ao lado delas e abrindo a janela. – Tudo bem?



Alice dirigiu-lhe um pequeno sorriso e um aceno de cabeça. Ficou sem fala. Lulu olhou-a de relance, e depois para Dylan:

– Estamos no último dia do turno, por isso não podíamos estar melhor – disse ela, algo friamente.
– Que inveja – respondeu ele. – Eu ainda só vou a meio.

Dylan não tirava os olhos de Alice, o que deixava a jovem bastante desconfortável. Ela temia que ele conseguisse ver-lhe o coração e perceber de que matéria ele era feito: sal, flores nativas,

histórias e uma irremediável paixão por ele. Lulu contara-lhe que ele tinha namorada; chamava-se Julie e era guia turística de uma empresa sediada fora da cidade. Alice ficara cheia de ciúmes.

– Já têm planos para a vossa folga? – quis saber o jovem.

Ela conseguia sentir o cheiro da pele dele, a colónia que usava, doce e fresca, que lhe fazia lembrar o desabrochar de folhas verdes. Só lhe apetecia correr, entrar no carro dele e arrancarem juntos para assistirem a todos os pores e nasceres do sol que os separavam da costa leste, onde finalmente veriam a terra vermelha dar lugar à areia branca, e onde poderiam recomeçar do nada, junto ao mar turquesa. Ela era boa em recomeços.

– Se temos! Não é verdade, Alice? – A pergunta de Lulu interrompeu-lhe os devaneios. Sem fazer a menor ideia do que a outra estava a falar, limitou-se a assentir e a sorrir com uma expressão ausente.

– Fixe. Bom, vou andando. Tenham um bom dia – afastou-se, acenando a ambas. Anéis de prata e pulseiras de cabedal enfeitavam-lhe as mãos.

– Não te metas nisso. – A voz de Lulu soou baixa e grave. – Vai sobrar para ti. Dali não levas nada senão desgostos.

Alice voltou a cara. De relance viu o perfil de Dylan, enquanto ele se afastava. As luzes traseiras do seu utilitário destacaram-se na luz ténue do final da tarde.

– Ele é fixe como colega, *chica* – avisou-a Lulu. – Mas nada mais do que isso. Ficarias tão vulnerável quanto a rapariga do conto de fadas que vagueia num bosque escuro.

Alice sentiu-se grata pela luz ténue que lhe sombreava – e escondia – o rosto. Lulu enfiou a esponja no balde e tratou de esfregar o para-brisas.

– Já dormiste com ele, certo? – perguntou Alice, baixinho.

Lulu olhou-a de relance, depois para a linha do horizonte.

– Só não quero que venhas a sofrer.

Alice sentiu-se tonta. Não aguentava a ideia de os ver juntos, de o ver com alguém que não ela própria.

Lulu retirou a espuma do para-brisas e voltou a mergulhar a esponja no balde, suspirando.

– Eu desconheço o que deixaste para trás, Alice, mas sei que vieste para cá para te recomposes – disse ela. – Portanto faz isso, *chica*. Passas a vida a dizer que adoras a minha casa e que gostarias que a tua fosse assim, mas a verdade é que continuas a viver como uma freira. Decora a casa. Embeleza-a. Usa as tuas folgas para te aventurares, para explorares o que te rodeia. Há muita coisa bonita aqui, para além da cratera. Olha, por exemplo, há um desfiladeiro perto daqui que tens mesmo de conhecer. É lindo ao nascer do sol. Por isso, cresce. Por favor. Expande a tua vida *aqui dentro*. – Lulu apontou para o coração. – Não dês tudo aquilo que tens a alguém que não o merece.

Alice mexeu-se nervosamente. Não tinha contado a ninguém o que deixara para trás, e, no entanto, Lulu já tinha percebido.

Depois dos carros lavados, seguiram juntas para casa sob um céu aguarela esbatido.

– Jantas lá em casa? – disse Lulu, bastante animada. – Vou fazer *enchiladas* de queijo. Com guacamole.

– Hmm... que bom. Claro que sim.

Quando estacionaram à porta de casa de Lulu, a conversa que tinham tido assomou de novo à mente de Alice. Conversou e riu-se das piadas de Lulu ao longo do serão, mas não conseguiu deixar de se perguntar: teriam Lulu e Dylan dormido juntos? Por que razão ela não lhe respondeu diretamente à pergunta?

Mais tarde, pronta para ir para a cama, Alice decidiu esquecer o assunto. Tal como Lulu observara, ela nunca fora propriamente muito comunicativa em relação à sua vida anterior ao deserto. Alice sabia melhor do que ninguém que havia certas histórias que era preferível ficarem por contar.



Esforçou-se ao máximo por acatar os conselhos de Lulu. Foi até ao resort no dia da chegada de novos fornecimentos e encheu um carrinho com vasos de plantas, uma cama de rede, uma caixa de luzinhas decorativas e umas lâmpadas de jardim a energia solar. Na zona de trabalho mais ampla do parque, Alice descobriu uns quantos caixotes de madeira, e dedicou-se a lixá-los e a pintá-los de verde. Voltou-os ao contrário e usou-os como base para os vasos. Espetou as lâmpadas solares bem fundo na terra vermelha do quintal das traseiras, pendurou a cama de rede e enrolou as fiadas de luzinhas decorativas à volta das vigas de madeira do pátio. Reuniu verdadeiros tesouros, como um delicado pássaro-de-cetim, dizendo a si própria que era tudo em prol do seu bem-estar. Para ajudá-la a acolher o seu novo eu.

Passou horas a fazer compras na Internet. Comprou um novo jogo de lençóis de cama com estampado de borboletas, a respetiva capa de edredão, uma cortina de duche com borboletas, e uma toalha de mesa coberta de pequenas borboletas-monarcas. Descobriu um site de aromaterapia e comprou um difusor, um fornecimento de velas flutuantes que daria no mínimo para um ano e um conjunto de frasquinhos de óleos essenciais. Para preencher a estante onde guardava os cadernos de notas que trouxera consigo de Agnes Bluff, Alice descobriu uma livraria *online* e gastou em livros praticamente todo o seu ordenado. Quando chegaram, desempacotou-os e colocou-os cuidadosamente nas prateleiras, como se de bolbos sensíveis se tratassem. Sobre tudo as histórias sobre as *selkies*.

Como Dylan vivia no lote oposto ao dela, Alice não o via muitas vezes. Quando se cruzavam na estrada ou na zona de trabalho, ela baixava a cabeça. Sempre que não estava escalada para os pores do sol, a jovem entretinha-se a passear a cadela na zona da cratera. Caminhavam até Kututu Puli para verem o sol aconchegar-se por detrás dos rochedos vermelhos cobertos de líquenes. Com a dose

certa de determinação, conseguia trabalhar e afogar o amor ardente que lhe consumia o coração. Talvez os sentimentos que tinha por ele não passassem de uma espécie de febre. E talvez conseguisse curá-la de vez.



No seu dia de folga, Alice vagueou nervosamente pela casa. Lulu e Aiden estavam ocupados. Ruby não estava em casa. Alice já tinha dado dois passeios, um de manhã e outro à tarde, limpado a casa de alto a baixo, e ido até à vila comprar um novo brinquedo para Pip. Por volta das seis, o céu já estava suficientemente escuro para se verem as luzinhas do quintal, e foi lá que acabou por se render aos pensamentos sobre Dylan – a que, até àquela altura, tinha conseguido resistir.

O crepúsculo exibia uma tonalidade púrpura esfumada. Desde a primeira noite em que acendera as luzinhas decorativas, Alice vira nelas os pequenos faróis secretos do seu coração. Quando se deitava na cama e ficava a vê-las brilhar, era consumida pela esperança de que aquelas luzinhas frágeis conseguissem de algum modo alcançá-lo através das dunas – e lhe dissessem tudo o que ela não era capaz de dizer.

Um forte bater na porta da frente sobressaltou-a. Pip desatou a ladrar.

– Já vou! – gritou a jovem, apressando-se para a entrada de casa. Seria ele? Abriu a porta de rompante.

– Feliz inauguração da casa! – disseram Lulu e Aiden em uníssono.

– Oh! – Alice reagiu, espantada. – Que queridos! – Dedicou-lhes um sorriso rasgado, esforçando-se por esconder a desilusão.

Lulu trazia numa mão um pirex de tacos com queijo gratinado e guacamole e, na outra, um vaso mexicano que Alice andava a namorar há algum um tempo, com rosas-do-deserto recém-cortadas. Alice deu por si a recordar a entrada no Dicionário de Thornfield a elas associada: *Paz*. Quanto a Aiden, trazia o autorretrato emoldurado de Frida Kahlo que tinham em casa deles e de que Alice tanto gostava. E um *pack* de seis Coronas fresquinhas.

– Para ti, *chica*! – disse Lulu, sorrindo-lhe enquanto ela e Aiden lhe estendiam os presentes. – Sabemos que te esforçaste imenso a transformar a tua casa num lar, e quisemos vir festejar contigo.

– Estou sem palavras – disse Alice, com a voz embargada. – Entrem, entrem, queridos amigos. – Afastou-se para deixá-los entrar. Ao fechar a porta, a cadela ladrou. – O que foi? – perguntou-lhe Alice. Pip insistiu, olhando para a porta. Por um instante, Alice voltou a encher-se de esperança. Mas quando abriu a porta, viu Ruby na soleira, sorrindo-lhe na penumbra.

– Tens de mandar arranjar a luz cá de fora, Pinta-Pinta – disse-lhe, entrando com um pão acabado de fazer e a cheirar deliciosamente a manteiga de alho. – Ainda está morno. – Estendeu o pão a Alice e entrou, sentando-se à mesa onde já estavam Lulu e Aiden. Alice levou o pão e os tacos para a

cozinha, forçando-se a manter o sorriso. Obrigando-se a não chorar por os seus queridos e generosos amigos lhe terem surgido à porta em vez de Dylan. Entreteve-se a servir bebidas e a pôr a mesa, sentindo-se cheia de gratidão – e de outros sentimentos tolos.



Depois da inauguração improvisada, a determinação de Alice começou a fraquejar. Não queria admitir que não conseguia passar um dia inteiro sem ao menos ter um vislumbre do carro dele, ou de lhe ouvir a voz através do sistema de rádio do parque. Sentia uma avidez tão forte, como nunca sentira por coisa alguma; uma fome que não conseguia saciar. Começou a cancelar programas com Lulu, e a mentir a Ruby, dizendo que precisava de estar sozinha. *Algo de estranho se passa contigo, chica. Sinto-o perfeitamente*, disse-lhe Lulu. Alice persistiu em afastá-la.

Durante muito tempo tentou convencer-se de que os longos passeios que dava à tarde nada tinham a ver com Dylan. Sempre que percorria o empoeirado trilho de terra vermelha à volta da cratera, recusava-se a admitir que o fazia por um só motivo: o momento em que o veria surgir na curva junto aos eucaliptos desgrenhados. E insistia em ignorar que planeava deliberadamente os seus passeios para *acidentalmente* esbarrar com ele nos pores do sol de Kututu Puli. Dylan retinha a atenção total do grupo de turistas que conduzia, contando-lhes a história de Kililpitjara. Mas levantava sempre o olhar quando ela passava, provocando-lhe um arrepio de prazer e expectativa.

E assim se foi desenrolando o joguinho entre ambos, dia após dia. Ela chegava, acelerando ou abrandando a passada de modo a coincidir com os minutos finais do passeio do grupo dele, a que se seguia sempre uma última patrulha pelo anel viário. Se ela pressentia que tinha de abrandar, deixava-se ficar sob o seu arco preferido de acácias, brincando com os ramos e folhas. Ou apanhava um molho de flores silvestres para mais tarde prensar e guardar no seu caderno. Mas se percebia que precisava de acelerar o passo, lançava-se num *jogging* ansioso, sem parar para sequer apreciar, à medida que a tarde arrefecia, o cair da luz, o canto dos pássaros, ou o cheiro da terra vermelha. Não parava debaixo do arco de acácias, nem pensava em colher flores silvestres. Tinha uma única coisa em mente: sempre ele e apenas ele.

Chegada a Kututu Puli, parava para encher o cantil – propositadamente deixado vazio. Sentava-se no rebordo do depósito de água, engenhosamente voltada para o esplendor da luz do crepúsculo. Sabia que as pernas e os pés ficavam visíveis do trilho. Ele passava por ali e encostava para observá-la. A jovem olhava fixamente para o sol enquanto esperava.

Ele está a chegar.

E por mais vezes que ouvisse o som dos pneus do carro dele esmagarem a estrada, a emoção nunca diminuía.

O motor do carro cortava o silêncio. A porta abria-se.

Ele estava ali.

E se alguém estivesse a ver, tudo não passava de um encontro casual de dois colegas. *Todos* os dias da semana.

– Bom dia – diria ele com um sorriso.

– Bom dia – responder-lhe-ia Alice, manifestando sempre a mesma dose de surpresa ao vê-lo – e esboçando sempre o mesmo sorriso eternamente ensaiado.

Enquanto o sol se punha, os dois sentavam-se a conversar, calmamente, com todo o tempo do mundo. Revelavam cautelosamente um ao outro pedaços selecionados de si próprios. Nunca falavam de quem ela era antes de chegar ao Kililpitjara. Nunca falavam de quem mais existia na vida dele. Em vez disso, rodeavam esses assuntos, mostrando um ao outro apenas as suas melhores meias-verdades.

– Já estiveste na costa oeste? – perguntou-lhe ele um dia, sem olhar para ela.

Ter-lhe-ia lido os pensamentos, ou os sonhos acordados? Alice também não olhou para ele.

– Ainda não – disse, num tom descontraído, afastando as moscas e mantendo o olhar na mesma direção que o dele – fixo nos tufos de spinifex. – Mas adorava. Ver o ponto onde a terra vermelha encontra a areia branca, e o mar verde-água.

Ele riu-se:

– Que raio fazemos nós aqui, então?

Ela riu-se com ele. Borboletas amarelas esvoaçavam sobre a relva, ébrias da luz alaranjada. O líquen escurecia nas sombras, e a parede da cratera refletia as cores do pôr do sol.

Ainda que a presença dele atenuasse as memórias dolorosas que Alice só queria esquecer, sempre que se encontravam, a vida que ela deixara para trás trepava-lhe pelo coração como uma vinha, botão a botão, semente a semente. Até que, numa tarde passada juntos, Alice apercebeu-se de que tinha estado todo aquele tempo a recolher buquês para ele mentalmente; contando-lhe silenciosamente os seus mais profundos anseios da única maneira que sabia – através da linguagem tácita das flores nativas da Austrália.

Murta do deserto



Significado: **Sou uma chama, ardo.**

Thryptomene maisonneuvii | Território do Norte

Tradicionalmente, nas manhãs de inverno, as mulheres Anangu batem com uma tigela de madeira nos arbustos pukara (Pitjantjatjara) para recolherem o orvalho rico em néctar doce das flores. Thryptomene deriva do grego, e significa “tímido” ou “pudico”; este arbusto parece modesto mas, do inverno até à primavera, produz um manto de florinhas brancas com centros vermelhos que florescem como quem revela um segredo.

O vigésimo sétimo aniversário de Alice calhou no segundo dos seus quatro dias de folga. A jovem não disse a ninguém, nem mesmo a Lulu.

Deixou-se ficar na cama a observar o céu de inverno e as cores que ia vendo – azul-escuro e violeta, tons de pêssego e rosa claro – antes de o sol nascer e iluminar a terra vermelha. Decidira manter acesas as luzinhas decorativas do seu quintal dia e noite. Deu por ela a pensar nos mexericos que ouvira entre o pessoal da cozinha: nos seus dias de folga, Dylan tinha ido visitar a namorada, Julie. Aquilo feriu-a profundamente, sobretudo porque na véspera tinham estado juntos em Kututu Puli, e ele não lhe dissera nada.

Alice levantou-se. O seu hálito produziu nuvenzinhas de vapor no ar gélido do quarto. Pip saltou da cama e foi arranhar a porta das traseiras.

– Só mesmo por ti, Pip – resmungou Alice, arrastando-se do aconchego da cama para lhe abrir a porta. Tremendo de frio, acendeu o aquecimento central e aguardou que o calor a envolvesse.

Quando voltou a entrar em casa, Pip deu-lhe uma lambidela carinhosa. Alice riu-se, assentindo.

– Pequeno-almoço de aniversário parece-me uma ótima ideia.

Foi até à cozinha e aqueceu leite num fervedor. Deitou metade numa tigela que poisou no chão para Pip, e o resto numa caneca para ela – que acabou de encher com um café expresso. Tirou um

livro da estante e voltou para a cama. A cadelinha seguiu-a, lambendo os bigodes cheios de leite.

Alice recostou-se nas almofadas. Beberricou do café com leite e abriu o livro, mas o mundo lá fora representava uma distração bonita de mais. O orvalho da noite anterior, já meio derretido, fazia brilhar as flores de murta banhadas pelo sol. O céu estava azul-porcelana, pontilhado de nuvens pequenas e muito branquinhas. Ao longe, a parede da cratera surgia vibrante sob o sol da manhã.

A mente dela vagueou pelas histórias que já conhecia sobre aquele sítio, sobre a mãe que deitara o filho a dormir sobre as estrelas e, por distração, o deixara cair à terra. A paisagem e a história daquele local estavam tão intrinsecamente ligadas...

Aconchegou-se debaixo do edredão. Ficou a ver borboletas amarelas esvoaçarem sobre os arbustos floridos; estariam também irmãs suas no jardim de Dylan? O que estaria ele a fazer, naquele preciso momento, enquanto ela estava em casa sozinha no dia do seu aniversário? Ficou com lágrimas nos olhos. Não costumava questionar-se sobre quem poderia ter sido se a vida tivesse seguido um rumo diferente. Mas naquele dia não conseguiu controlar-se. Se June não tivesse intervindo, estaria ela com Oggi na Europa naquele momento? Seria sua mulher, em vez de Lilia, e Iva filha de ambos? Se Alice não tivesse descoberto que June os denunciara, teria alguma vez deixado os campos de flores? E, bem lá no fundo, a mais dolorosa pergunta: estaria a mãe viva, acaso ela nunca tivesse entrado na cabana do pai? O pensamento seguinte atingiu-a em cheio no coração: ela era agora um ano mais velha do que a mãe era quando morreu.

Alguém bateu com força na porta da frente. Alice destapou a cabeça, coberta pelo edredão. A pele em torno dos olhos estava húmida de lágrimas. Pip lambeu-lhe as bochechas salgadas. Um novo bater na porta.

– *Chica?* Sou eu!

Alice sentou-se e envolveu-se com o edredão. Levantou-se da cama e foi até à porta, abrindo uma frincha.

– *Dios mio!* – exclamou Lulu. – Alice, o que é que se passa? – Empurrou a porta e precipitou-se para dentro, com um gigantesco par de asas de borboleta feitas à mão e um saco pequeno. – Bom, isto agora não é minimamente importante – observou, pousando as asas e o saco na mesa.

Alice deixou que ela a conduzisse até ao sofá, onde se deitou, enrolada como uma bola. Lulu desligou o aquecimento e escancarou a porta da rua para deixar entrar o sol morno e o ar fresco da manhã. Preparou duas canecas de chá com mel e instalou-se ao lado de Alice. A cadelinha correu lá para fora para caçar borboletas.

– O que é que se passa, *chica?* – perguntou Lulu docemente. – Há séculos que não andas bem.

A imagem de Dylan surgiu-lhe como um clarão. Alice não conseguiu olhar para Lulu.

– Tenho saudades da minha mãe, Lu – gemeu. – Sinto falta da minha mamã – repetiu infantilmente e com a voz embargada.

Ela achava que já não tinha mais lágrimas para chorar, e, contudo, uma pequena ribeira delas

correu-lhe pelo queixo, pingando para dentro da caneca.

– Não lhe podes ligar? Ou ao teu pai? A algum dos teus irmãos, talvez? A vida aqui pode ser muito dura para alguém que se veja afastado da família. Sobretudo de uma família tão grande como a tua. – Lulu afagou o braço de Alice. Esta não percebeu o que a amiga lhe disse, até se lembrar da farsa que inventara sobre a sua família de conto de fadas. E chorou ainda mais.

– Então... – disse-lhe Lulu, os olhos toldados de preocupação.

Alice abanou a cabeça e limpou a cara. Enfiou a mão por dentro da t-shirt e puxou pelo medalhão, tirando-o do pescoço. Estendeu-o a Lulu, que o afagou, passando o dedo pelo entalhe da ervilha-do-deserto.

– Esta é a minha família. – Alice abriu o medalhão e mostrou-o a Lulu. O rosto jovem e esperançoso de Agnes olhou para elas. Alice virou a cara para o jardim da casa, coberto de flores de murta. *Sou uma chama, ardo.* – A verdade é que eu não tenho uma família grande. Na verdade, não tenho família nenhuma. – Algures à distância, ouviu-se o grasnar de um corvo. Alice preparou-se para enfrentar uma Lulu zangada, mas para seu espanto viu-a sorrir-lhe docemente.

– Então esta é a tua mãe?

Alice assentiu:

– Chamava-se Agnes. – Limpou o nariz às costas da mão.

Lulu olhou para a fotografia, depois para Alice.

– És tão parecida com ela.

– Obrigada – murmurou a jovem, o queixo trémulo.

– Não respondas se não quiseses, mas... como é que ela... – A voz de Lulu falhou-lhe.

Alice fechou os olhos, recordando a sensação dos músculos e tendões estirando-se sob a pele do pai quando ela lhe abraçou as pernas, na prancha de windsurf. Os hematomas no corpo nu e grávido da mãe, saindo do mar. O irmão ou irmã que ela jamais conheceria. O candeeiro a petróleo que deixara aceso na cabana do pai.

– Não sei bem – respondeu. – Não sei.

Lulu pegou na mão de Alice e pôs-lhe na palma o fio com o medalhão.

– Este medalhão é lindo.

– Foi a minha avó que o fez. – Alice fechou a mão à volta dele. – Na minha família, as ervilhas-do-deserto significam coragem – disse. – «Tem coragem. Acredita.»

Deixaram-se ficar sentadas em silêncio, desfrutando do chá adocicado. Passado um momento, Lulu levantou-se e pôs as mãos nas ancas:

– Não te vou deixar sozinha hoje – declarou. – O Aiden já acendeu a braseira lá de fora. Vamos fazer um churrasco e tu estás convidada.

Alice ia começar a protestar, mas a outra interrompeu-a:

– Não, esta não é negociável, *chica*. Além disso... fiz *guacamole* a mais. – Lulu conhecia as

fraquezas da amiga, e sabia como usá-las.

Alice fungou e olhou para a mesa da cozinha, que parecia prestes a levantar voo, com as enormes asas de borboleta lá pousadas. Olhou para Lulu de sobrolho franzido.

– Ah, e também preciso de ti para outra coisa. Estou a fazer uma fantasia de borboleta para a minha prima, e ela tem mais ou menos o teu corpo. Quero ver se lhe serve – declarou Lulu.

– O quê? Queres que eu experimente uma fantasia agora?

– Sim. Mas podes tomar um duche primeiro. E talvez lavar a cabeça?

– Desculpa?

– *Chica*, eu não posso dar o fato à minha prima cheio de lágrimas e de ranho, não achas? E a minha avó sempre me disse que um bom banho é um dos melhores remédios para a tristeza. Para além do guacamole dela, claro. Que, como já te disse, acabei de fazer e está à tua espera em minha casa.

Quando Alice entrou para debaixo de um duche bem quente, ficou a ouvir o som da loiça a ser lavada na pia, sob o alegre cantarolar de Lulu. E, apesar de tudo, não conseguiu deixar de sorrir.



Acabada de sair do duche, e vestida com a fantasia de uma borboleta-monarca gigante, Alice seguiu Lulu pelo trilho de terra entre as casas de ambas. O laranja-vivo das asas tinha a mesma tonalidade flamejante da terra vermelha.

– Como é que eu me deixei convencer a ir para tua casa assim vestida? – resmungou Alice.

– Para o Aiden te tirar fotografias para mandar à minha prima. E o que é que interessa o teu aspeto, *chica*? Estamos praticamente no sítio mais isolado do planeta.

Alice encolheu os ombros, resignada. Não queria admitir que vestir aquele fato a fazia sentir-se melhor. Lulu não se tinha poupado nos pormenores: das antenas feitas de arame presas no cabelo dela, ao vestido às bolinhas pretas e brancas e às asas cuidadosamente pintadas à mão e atadas nas costas. Alice estava literalmente transformada.

Atravessaram o pequeno quintal da frente, até à casa de Lulu.

– O Aiden deve estar de volta do churrasco, nas traseiras. Deixa-me só ir buscar a minha máquina fotográfica – disse Lulu, atravessando o pequeno corredor da casa. Alice reparou na grande tigela de guacamole em cima da mesa da cozinha e precipitou-se para lá para lhe meter o dedo.

– Nem penses! – avisou-a Lulu, espreitando de dentro do quarto. Alice riu-se, chupando o dedo.

– Pronto, já cá estou – Lulu regressou para junto dela, com a máquina ao ombro. Olhou para Alice de olhos semicerrados, e esta mostrou-lhe as mãos com um ar inocente.

Dirigiram-se para as traseiras da casa.

– Aiden? – chamou Lulu.

Uma serpentina desenrolou pelo ar numa das esquinas da casa, e depois outra. E outra ainda.

– Lu? – perguntou Alice, incerta do que se estava a passar.

Lulu aproximou-se dela e envolveu-lhe a cintura com o braço, encaminhando-a para o pátio traseiro – onde a esperavam a maioria dos seus colegas do parque.

– Feliz Aniversário! – gritaram Ruby, Aiden e vários outros *rangers* em uníssono, incluindo Sarah, com os seus copos de plástico erguidos.

Alice levou as mãos ao rosto, incrédula. Lulu e Aiden tinham transformado o pátio num salão de festas – sob o tema «Borboletas». Havia grinaldas e bandeirolas em forma de borboleta à volta do pátio, e toldos de cores garridas pendurados entre as árvores. O churrasco ardia em todo o seu esplendor. Sobre um grande tapete retangular via-se uma pilha de almofadas, pufes e mantas, e os arbustos estavam cobertos de serpentinas coloridas. Uma mesa de armar exibia uma série de saladas e molhos, tiras de milho e batatas fritas, junto a uma geleira de cinquenta litros com um papel colado a dizer *Ponche Perigoso*. E, para grande gáudio de Alice, toda a gente usava um par de asas de borboleta.

– Achavas que não sabíamos que fazias anos? – riu-se Lulu.

Alice sorriu, os olhos marejados de lágrimas.

– Vamos lá, malta! – gritou Lulu. – Está na hora do Ponche Perigoso!

Alguém pôs música. Aiden ia virando habilmente as espetadas no churrasco. Alice, ainda atordoada da surpresa e da bebida, cumprimentou toda a gente com abraços exuberantes e alegres. Foi enchendo os copos de ponche vazios, remexeu as brasas e distribuiu aperitivos por toda a gente. Fez tudo o que pôde para não pensar na única pessoa que não estava presente.



Quando o céu escureceu, ainda o ponche fluía animadamente. Alice sentou-se com Lulu junto do fogo, cada uma enrolada na sua manta.

As chamas erguiam-se para o céu, soltando faúlhas como estrelas.

– Não sei como agradecer-te – murmurou Alice.

Lulu apertou-lhe a mão.

– Foi um prazer.

O fogo ia assumindo um caleidoscópio de cores: amarelo, cor-de-rosa, cor de laranja, cobalto, ameixa, bronze.

– Posso dizer-te uma coisa?

– Claro – disse Alice, sorridente.

– Eu sabia que havia algo de especial em ti, *chica*. Desde o momento em que chegaste ao parque... e vi a tua carrinha.

Alice encostou-se à amiga carinhosamente.

– Que coisa mais querida de se dizer.

– Estou a falar a sério – disse Lulu, dando um gole no ponche. – Na minha família, as borboletas-monarcas são filhas do fogo. Saem de dentro do sol carregando as almas dos guerreiros que lutaram e morreram nas batalhas, e regressam à terra para se alimentarem do néctar das flores.

Alice cravou os olhos no fogo, vendo-o crepitar e sibilar. Aconchegou-se na manta, pensando em tudo aquilo que estava velado sob os autocolantes das borboletas colados na carrinha dela – e de quem era filha e neta.

– A primeira vez que vi as guerreiras do fogo na tua carrinha, percebi que ias mudar tudo aquilo que a vida representa para ti nestas bandas – declarou Lulu.

Guerreiras do fogo. Alice não soube o que responder.

– Ponche Perigoso! Venham abastecer-se de Ponche Perigoso fresquinho! – gritou Aiden, do fundo do quintal. As asas dele estavam descaídas e tortas. Uma das antenas estava partida, caindo-lhe para a testa. Lulu desatou a rir à gargalhada. Grata pela distração, Alice fez o mesmo.

– Anda daí! – Lulu pegou na mão de Alice e puxou-a para que se levantasse, dirigindo-se à mesa do ponche. – Vamos abastecer-nos.

Beberam e dançaram debaixo das estrelas de inverno. Enquanto dançava, Alice tomava cada vez mais consciência das suas asas de borboleta. Não conseguia deixar de pensar no relato de Lulu.

Filhas do fogo.



Ele chegou nas primeiras horas da manhã, quando a música era suave, o fogo crepitava, e toda a gente que não tinha conseguido voltar para casa pelo seu próprio pé dormia nos pufes e almofadas, enrolados em mantas. Alice olhou por cima das chamas, viu-o estacionar o jipe, sair e dirigir-se diretamente à geleira do ponche. Aiden deu-lhe uma amistosa palmada nas costas e estendeu-lhe um copo cheio. Dylan engoliu-o de um trago só.

– Viagem lixada? – quis saber Aiden, servindo-o de outro copo.

Dylan emborcou-o novamente.

– Como está a Julie?

Dylan abanou a cabeça.

– Deixou de ser um problema meu.

Aiden serviu-o do terceiro copo de ponche.

– Eh pá, lamento imenso, mano.

– As coisas são como são – respondeu-lhe o outro com um encolher de ombros.

Voltou-se para perscrutar o pátio. Através do fogo, os seus olhos encontraram os dela.



Quando o céu começou a clarear, Alice e Dylan eram os únicos acordados.

– É a tua primeira direta no deserto? – perguntou-lhe ele.

Alice assentiu com um sorriso ébrio, trincando nervosamente o rebordo do copo de plástico. A atenção que ele lhe dava era hipnótica.

– Bom – prosseguiu ele, olhando o céu –, não sei se alguém já te disse, mas se não assistires ao nascer do sol... não conta.

Deixaram o quintal iluminado de Lulu e Aiden e, embrulhados nas mantas, começaram a subir a duna de areia.

– Aí vem o sol – disse Dylan, quase num murmúrio e sem tirar os olhos de Alice. Ela sentiu um arrepio. O céu estava tão claro, tão vivo com as suas cores inconstantes, que a jovem deu por si a abrir os braços, como que a querer absorvê-lo todo.

– Faz-me lembrar o mar – murmurou. – Tão extenso... – Tinha a cabeça aturdida de álcool e de memórias.

– E tens razão – disse Dylan. – Em tempos idos, este sítio já foi o leito de um mar interior. – Fez um gesto largo à volta deles. – O deserto é um antigo sonho do mar.

Alice sentiu um caleidoscópio de borboletas no estômago.

– Um antigo sonho do mar... – repetiu.

A pele de ambos parecia tingida pela luz vibrante da alvorada. Dylan permaneceu ao lado dela. Ainda que não se tocassem, estava tão próximo que Alice sentiu na dela o calor da sua pele.

– És tão bonita – sussurrou-lhe ele ao ouvido. Ela tremeu de alto a baixo.

Enquanto o mundo se acendia, Dylan aproximou-se mais dela e envolveu-a num abraço. Ficaram assim por um longo momento, enlaçados pelo nascer do sol – até o som da chegada das primeiras camionetas de turistas quebrarem aquele feitiço.



Lulu aguardou à porta das traseiras, desequilibrando-se ao levar aos lábios o seu copo de ponche. O quintal estava pejado de serpentinas, bandeirolas de borboletas, caricas e tampas de garrafas. Deixou-se ficar ali, num equilíbrio instável, os olhos fixos na duna de areia por detrás da casa de Alice, no espaço por entre as acácias onde Dylan se escondia; o mesmo sítio onde Lulu o vira meses a fio, observando Alice através das janelas de casa dela.

Tudo começou na tarde em que Alice chegou, quando passou por Parksville na sua carrinha amarela. Lulu estava a atestar o carro numa das bombas, quando Dylan estacionou ao lado dela. Ainda fez conversa com ela, no seu habitual registo de macho – que Lulu acreditava ser a maneira

que ele arranjava de apagar a história entre ambos. Até que parou a meio de uma frase, de olhos fixos na estrada. Lulu voltou-se e percebeu tudo: Alice acabava de chegar, com o longo cabelo escuro a esvoaçar pelo vidro aberto, e um cão sentado ao lado dela. Olhou diretamente para eles. E para ele. Lulu continuou a falar, mas Dylan já não a ouvia. Estava fascinado por Alice. Do mesmo modo que em tempos estivera por ela.

Mais tarde nessa noite, depois de Alice jantar em casa de Lulu e Aiden e ter seguido a pé para a sua, Lulu sentara-se lá fora nas dunas com um copo de vinho, quando um movimento na sombra lhe captou a atenção. Lembrou-se de imediato do cheiro de Dylan na sua pele, e ficou atenta, esforçando-se por apurar a visão na escuridão, e sustendo a respiração ao perceber que era ele. Viu-o percorrer sorrrateiramente a vedação que separava a sua casa da de Alice. Sem se conseguir conter, Lulu correu para um canto do quintal onde conseguia ter uma melhor perspetiva de Dylan aninhado sob as estrelas, escondido no meio dos arbustos de acácias, observando a recém-chegada. Dentro da sua nova casa, Alice percorreu todas as divisões, como se fosse um hóspede. Sentou-se no sofá a olhar para as paredes e a fazer festinhas à cadela. Tinha uma expressão tão triste. Dylan esperou até ela ir para a cama e apagar a luz. Por fim, levantou-se silenciosamente e regressou a casa. Lulu fez o mesmo, e foi deitar-se. Lembrou-se que Aiden lhe perguntou na altura por que razão estava a tremer.

No dia seguinte ao entardecer, Lulu estava na cozinha a moer malaguetas e grãos de cacau, quando uma silhueta passou ao longe, mas mesmo em frente à sua janela. Aguardou pelo crepúsculo antes de sair para as sombras do quintal de trás. Mais uma vez, Dylan estava sentado na areia vermelha, semi-iluminado pela claridade vinda das janelas abertas da casa de Alice. Ela dançava na cozinha enquanto fazia o jantar, o cabelo ainda húmido de um duche recente caindo-lhe pelas costas. Ao som mágico de uns *blues*, a jovem bamboleava o corpo em frente ao fogão. Depois, pôs a mesa para dois e serviu um prato para ela e outro para a cadela. Dylan deixou-se ali ficar até Alice ir para a cama, e só então regressou a casa.

Noite após noite, Lulu não conseguia resistir a espiar Dylan quando ele atravessava as dunas de areia, iluminado pela luz da casa de Alice; mas odiava-se por fazê-lo. Deu por si a esperar ansiosamente pela hora em que ele se insinuasse por entre as árvores. Protegido pela escuridão, sentava-se lá fora enquanto Alice tomava um chá ou lia um livro, ou via um filme no sofá, abraçada a Pip. Ou quando lhe dava para regar as plantas que tinha nas estantes e ajeitar os livros, quando finalmente se lembrou de decorar a casa nova. Dylan foi mantendo sempre uma cautelosa distância – até à véspera do dia de aniversário de Alice. Esta tinha regressado de um passeio com a cadela, quando Lulu viu Dylan entrar silenciosamente pelo portão da vedação das traseiras da casa dela. Protegido pelos arbustos de murta, aproximou-se perigosamente da casa, surgindo iluminado pelas luzinhas decorativas espalhadas pelo quintal. Observando. Parecendo esperar por algo que estava fora do alcance da visão de Lulu.

Esta nem sequer tentou resistir a segui-lo: saiu do quintal e rodeou a duna por detrás da casa de

Alice. Escondeu-se atrás do tronco largo de um carvalho-do-deserto, de onde conseguia ver Dylan escondido nos arbustos, observando Alice sentada à secretária, tirando flores dos bolsos e prensando-as entre as folhas do seu caderno de notas, manuseando-o com tanto cuidado como se se tratasse de um ovo de passarinho. Começou a escrever, depois fez uma pausa. Olhou cegamente para a escuridão. E foi então que aconteceu. Lulu ouviu Dylan sustar a respiração, como se Alice estivesse a olhar diretamente para ele com aqueles seus enormes olhos verdes; como se fosse ele a razão para o rosto dela se encher de esperança. Lulu correu para casa. E disse a si própria que fora por causa da corrida que, sem se conseguir controlar, vomitara bÍlis no lava-loiça da cozinha.

Quando a festa surpresa chegou ao fim e Alice e Dylan saíram juntos, Lulu fingiu que estava a dormir. Seria a primeira investida de Dylan sobre Alice um convite para partilhar com ele um nascer do sol? Tal como fizera com ela?

Lulu deixou-se ficar à porta das traseiras, observando e esperando até, como era de prever, que eles regressassem das dunas, meio cambaleantes. Ele levou Alice a casa, ficando por ali durante bastante tempo depois de a ver entrar. O sol já surgia bem ardente no céu quando Dylan finalmente se foi embora, com um sorriso ébrio e apaixonado no rosto. E Lulu não conseguiu evitar ficar a olhar, muito depois de ele ter desaparecido da sua vista.



Na tarde a seguir à sua festa de anos, Alice enroscou-se no sofá, olhando através do quintal para o portão da vedação das traseiras. Um bando grande de passarinhos fazia piruetas mesmo em frente aos olhos dela, uma constelação de estrelas invertidas regressando aos seus ninhos. A luz da tarde iluminou a árvore morta e enegrecida junto à porta de casa, revelando uma fiada de filamentos de seda deixada pelo cortejo invernososo das lagartas. Alice já tinha lido sobre elas no guia da fauna e flora do parque: as bichinhas seguiam-se umas às outras através das fiadas de seda que deixavam atrás de si, e que eram invisíveis a não ser quando captadas pela luz.

A casa dela estava imersa no silêncio, interrompido apenas pelo clique ocasional do sistema de aquecimento, o ressonar de Pip e o leve borbulhar de um tacho ao lume. O cheiro fresco a citronela, coentros e coco provocou-lhe um roncar de estômago. Olhou para o portão. Esperou. A luz passou de dourado a canela. A voz de Dylan ecoou-lhe nos ouvidos. *Vou só a casa tomar um duche e já lá vou ter. Entro pelo portão de trás?*

Horas antes, Alice vinha da vila, a caminho de casa, quando viu o carro dele parado na berma da estrada do anel viário. Dylan parecia estar a verificar alguma coisa no motor. Viu-a chegar e acenou-lhe. Alice encostou atrás do carro dele e saiu. Sentiu uma febre pelo corpo todo só de olhar para ele.

– Pinta-Pinta – exclamou Dylan, saudando-a com um toque na aba do chapéu. Fechou o capô.

– Bom dia – disse ela com um sorriso radioso.

– Estás de ressaca?

Ela abanou a cabeça.

– Não. Estranhamente não. Privação de sono, isso talvez.

– Também eu.

No ar pairava o doce odor das acácias de inverno.

– E então, que tal o teu primeiro dia com 27? – perguntou-lhe ele.

– Foi dia de abastecimento. Fui comprar comida – riu-se ela.

– Ah – concordou ele, rindo com ela. – Ou seja, um dia em cheio.

– Sim. Mas ainda não acabou. O que é que fazes logo à noite? – lançou-lhe, sem pensar duas vezes.

Os olhos dele procuraram os dela.

– Nada de especial.

– Vou fazer uma sopa tailandesa de caril verde. 100% caseira.

– Nham...

– E então – disse ela, tentando soar descontraída –, jantas comigo?

– Adorava.

– Às seis?

Ele assentiu:

– Vou só a casa tomar um duche e já lá vou ter. Entro pelo portão de trás?

– Claro – disse ela num tom casual.

E ali estava o feixe de luz da lanterna dele a iluminar o caminho até ela através das folhas altas de spinifex. Alice levantou-se e correu para o quarto. Escondeu-se atrás da cortina da janela, observando, esperando.

Ele entrou pelo portão de trás, fechando-o em seguida. A luz pálida das estrelas caía-lhe sobre os ombros. Desligou a lanterna e seguiu pelo meio dos arbustos de murta até ao pátio, todo iluminado pelas luzinhas decorativas.

– Pinta-Pinta? – chamou ele, da porta de trás.

– Olá! – disse ela, oferecendo-lhe um sorriso radioso ao atravessar a sala para lhe abrir a porta.

Dylan esfregou os pés no capacho e entrou. Ela inalou as espirais invisíveis da colónia dele, fechando os olhos por uns escassos segundos. Ele tirou o Akubra e olhou em volta, com uma expressão apreciativa, demorando-se nos vasos de plantas, nos quadros, nos livros, nos tapetes, na secretária, na sopa que fervilhava no fogão. Alice fingira que tudo aquilo era por ela, mas na verdade fora tudo pensado na esperança de que aquele momento acontecesse.

– Tens fome?

– Oh, se tenho! – respondeu ele, caindo no sofá.

– Álcool para curar a ressaca?

– Sempre – disse ele, rindo.

Alice abriu o frigorífico e tirou duas garrafas de cerveja. O som efervescente quando ela as abriu transmitiu-lhe um tal alívio, que desejou poder abrir uma dúzia de uma só vez.

– À nossa – disse, estendendo-lhe uma garrafa.

– À nossa – respondeu ele com um aceno de cabeça. Tocaram com as cervejas uma na outra, e Alice sentiu um surto de nervos tomar-lhe o corpo.



Depois da sopa, e de mais umas quantas cervejas, instalaram-se no sofá. Os rostos dos dois estavam afogueados do calor, do álcool, do chili e de mais qualquer coisa. Tinham estado à mesa a partilhar histórias sobre onde tinham crescido. Ambos sabiam fazê-lo lindamente, revelar certas partes de si e outras não. Há semanas que andavam naquilo. Mas agora, as respetivas histórias tinham secado – como poças de sal ao sol.

– Estas tuas luzinhas decorativas... – murmurou ele, passado um momento.

– O que é que têm? – quis saber Alice.

– Vejo-as de cada uma das janelas da minha casa. Há meses que me andam a distrair.

Um arrepio de excitação percorreu-a.

– A sério?

Ele voltou-se para ela. Desta vez, Alice não virou a cabeça.

De súbito, a boca dele estava na sua, tão suave quanto urgente. Alice beijou-o de volta, profundamente, não querendo fechar os olhos. Não era um sonho; ele estava ali.

Espalharam as roupas pelo chão – como as peles das *selkies* à beira-mar. Quando ele se chegou para trás para poder olhar para ela, Alice tapou-se com os braços. Mas ele afastou-os, encostando a mão dela ao peito dele. Alice sentiu a narrativa do coração de Dylan debaixo da pele e dos ossos.

Ele está aqui. Ele está aqui.

Alice puxou-o para si; inspirou profundamente, como que a recuperar o fôlego; ele colou-se a ela. Braços e pernas entrelaçados, indistinguíveis. Nu e cru, eletrizante. Quase assustador. Fragmentos de memórias na mente dela. Areia molhada debaixo dos pés, pureza nos pulmões, pele salgada, grasnar de gaivotas junto ao mar prateado. O impulso do vento sobre o cabelo dela, soprando por entre os altos talos verdes das canas-de-açúcar. O fluir silencioso do rio. Punhados de flores vermelhas a serem arrancadas da terra.

Parakeelya de folha larga



Significado: **Vivo e morro pelo teu amor**

Calandrinia balonensis | Território do Norte

A Parkilypa (Pitjantjatjara) é uma planta suculenta que cresce nos solos arenosos das regiões áridas, com folhas verdes e frescas, e vibrantes flores púrpuras que brotam sobretudo no inverno e na primavera. Em épocas de seca, as folhas representam uma fonte de água; a planta pode ser cozinhada e consumida.

A partir daquela noite passaram todos os minutos livres um com o outro. Alice tinha a noção de estar a negligenciar os outros amigos, sobretudo Lulu, mas a verdade é que não queria estar com mais ninguém.

À medida que o inverno foi passando, Alice e Dylan acendiam fogueiras e dormiam lá fora, na tenda dele, debaixo das estrelas. Pip aproveitava sempre para se enroscar entre os dois.

– Devias mudar as tuas escalas – disse-lhe ele uma noite, vendo-a aninhar-se na prega do seu cotovelo e olhando para o céu. – Tenho demasiadas saudades tuas aos fins de semana, quando um de nós trabalha e o outro está de folga. Quero ver-te com mais frequência.

Que bálsamo para os ouvidos de Alice: ele queria estar mais vezes com ela. Ergueu os olhos para ele com um sorriso doce, ébria do cheiro da sua pele, a fresco e a terra. Dylan retirou o braço suavemente e soergueu-se. Desatou os nós das pulseiras de cabedal e pegou-lhe nas mãos. Ela sorriu, assentindo ao vê-lo atar as pulseiras no pulso dela.

– Ngayuku pinta-pinta – disse ele com a voz rouca.

Ao sentir-se puxada para ele, a voz de Lulu surgiu inadvertidamente na mente de Alice: *ficarias tão vulnerável quanto a rapariga do conto de fadas que vagueia num bosque escuro.*

– Ngayuku pinta-pinta – murmurou ele de novo, as mãos rodeando os pulsos dela. – Minha borboleta.

Alice encaixou o corpo no dele.



Enquanto aguardava pela autorização de mudança de turnos, Alice centrava em Dylan a sua vida no deserto. Se tinham ambos a seu cargo os turnos do crepúsculo, percorriam juntos os trilhos do fogo, com Pip sempre presente, saltitando entre ambos. Alice enchia os bolsos de flores silvestres, para mais tarde colar nos seus cadernos, enquanto Dylan se dedicava a fotografá-la sob a fundente luz vermelha. Quando Alice estava escalada para a patrulha noturna e acabava tarde, ia direta para casa dele e encontrava-o quase sempre à sua espera, com o jantar feito ou um banho de espuma preparado. Nessas noites, Dylan e Pip sentavam-se junto à banheira, encostados à parede, enquanto ele lia em voz alta para Alice que relaxava na água tépida. Sempre que tinham um dia de folga juntos, dedicavam-se à jardinagem, banhados pelo calor do sol, até um deles se distrair com uma zona nua e quente da pele do outro; Alice contara-lhe que, em criança, costumava ajudar a mãe na horta, e um dia chegou a casa do trabalho e deparou-se com a surpresa de um terreno arado, pronto a acolher sementes. À noite, enroscavam-se um no outro no sofá, com o aquecimento ligado e a televisão sintonizada na BBC, assistindo a filmes e documentários antigos. Nas raras ocasiões em que o céu de inverno surgia enevoadado e não havia sol, ficavam na cama. Esses dias passaram rapidamente a ser sinónimo de panquecas: Alice preparava uma pilha gigantesca delas e levava-as para a cama para ambos devorarem.

Numa tarde fria, depois de um festim de panquecas, deixaram-se ficar na cama, vendo as partículas de pó flutuarem na luz cinzenta através de uma fresta da cortina. Às tantas, Dylan suspirou e desembaraçou-se do corpo dela. Tinha estado agitado e inquieto o dia todo, praticamente sem olhar para ela, nem mesmo durante o sexo lânguido e sonolento.

Alice não sabia o que se passava. E também não sabia por que razão estava tão relutante em perguntar-lhe.

Desenhou círculos sobre o estômago dele, o peito, o pescoço, o rosto. Ele não reagiu.

– O que é que se passa? – sussurrou-lhe. O seu amor por ele resolveria tudo. O que quer que fosse. Ele não respondeu. Ela esperou. Voltou a perguntar.

– Nada – lançou-lhe ele num tom irritado, afastando-se dela. – Desculpa. – Abanou a cabeça. – Desculpa, Pinta-Pinta. – Sentou-se, repousando os cotovelos nos joelhos.

Ela levantou-se lentamente e ficou sentada ao lado dele. Sentiu um buraco no estômago, estranhamente familiar, que a deixou desconfortável. Escolheu as palavras cautelosamente, para não o deixar ainda mais perturbado.

– Podes contar-me – incitou-o, num tom doce. – Seja o que for. – Carinhosa, estendeu a mão, hesitou por um instante, e depois pousou-a nas costas dele. Ele reagiu ao toque dela.

– Desculpa – murmurou, voltando-se para enterrar o rosto na curva do ombro de Alice. – Desculpa. Não vou dar cabo disto tudo, desta vez.

Ela afagou-lhe o cabelo.

– Eu sei – sussurrou-lhe. – Eu sei.

– Vai ser melhor – disse ele, como que para si mesmo. – *Eu* vou ser melhor. – Beijou-lhe o pescoço, o rosto, a boca, num sentimento de urgência cada vez mais forte enquanto a tomava nos braços.

Alice fechou os olhos com força, entregando-se ao beijo. Que queria ele dizer com *melhor*? Ele ia ser diferente de quê? Como? Sentiu um peso no peito.

– Eu amo-te – murmurou-lhe Dylan, instalando-se entre as pernas dela. Sussurrou-lhe a mesma frase uma e outra vez.

Alice absorveu as palavras dele, apagando definitivamente as dúvidas que lhe surgiram na mente.



O inverno começou a esmorecer. As manhãs tornaram-se cada vez mais quentes, os tentilhões começaram a voar e a deixar os ninhos, e a vida de Alice com Dylan prosperava.

No entanto, à medida que o seu amor por ele se tornava mais e mais intenso, era difícil para Alice ignorar a tensão crescente na sua amizade com Lulu. Poucos dias depois de ver satisfeito o seu pedido de mudança de turnos, Alice viu Lulu a olhar para o quadro de informações na sala de convívio. E pela expressão dela ao ler os novos turnos, algo de muito errado se passava.

– Olá, Lulu – disse Alice alegremente, tirando duas canecas lavadas do lava-loiças. – Vai um café e fofocas antes da patrulha da tarde?

O olhar inexpressivo da outra não vacilou. Passou por ela e saiu da sala sem uma palavra.

– Provavelmente sente-se excluída – alvitrou Dylan, mais tarde, nessa noite. – Tu não a conheces há muito tempo, eu sim. É todo o género de ter ciúmes e inveja deste tipo de coisas.

Alice mexeu o risoto de legumes que estava a fazer. Fazia sentido. Que outra razão poderia haver para Lulu se mostrar tão fria com ela? Mas a verdade é que a história de Lulu com Dylan continuava a chateá-la. Deu um gole no copo de vinho branco e lançou um olhar a Dylan.

– O que é? – perguntou ele.

Ela deu outro gole e não respondeu.

– Vá, diz lá – disse Dylan, sorrindo. – Consigo ler o teu rosto como se fosse um livro, Pinta-Pinta.

Encorajada, ela devolveu-lhe o sorriso.

– Tu e a Lulu alguma vez... – A voz falhou-lhe.

– Eu e a Lulu? – perguntou Dylan em tom de gozo, abanando a cabeça. – Acho que ela teve um

fraquinho por mim há uns anos, quando nos conhecemos, mas nunca deu em nada. – Chegou-se a ela, abraçando-a por trás, em frente ao fogão. – Não te rales com isso. Aquilo passa-lhe, vais ver.

– Ok – disse Alice, voltando-se para beijá-lo.



Assim que se viram a trabalhar nos mesmos turnos, Alice e Dylan tornaram-se completamente inseparáveis. Saíam juntos para trabalhar, almoçavam juntos, regressavam juntos a casa. Ela embalava piqueniques que acabavam por não ser comidos, porque preferiam escapulir-se à hora do almoço para sítios secretos, no utilitário dele – sempre com o rádio ligado para eventuais serviços inesperados – dedicando exclusiva atenção um ao outro. Depois do trabalho partilhavam cervejas, viam o céu mudar de cor, cozinhavam na braseira do quintal e deitavam-se a ver as estrelas, com Pip enroscada entre ambos. Alice nunca ia para casa – e até evitava olhar para ela, sempre às escuras, através do quintal dele.

Nas primeiras folgas conjuntas de quatro dias, Dylan acordou-a com um café e beijos pelo rosto todo.

– Anda comigo – disse-lhe docemente, enrolando-a no edredão e conduzindo-a até à porta da frente. Alice esfregou os olhos e beberricou do seu café, vendo-o abrir a porta de rede com um floreado teatral. A manhã surgia cristalina. Alice piscou os olhos sob a luz do sol. O velho jipe dele estava parado à porta, cheio de tralha no banco de trás e uma tenda amarrada ao tejadilho.

– Vamos pirar-nos daqui? – indagou ele, de sobrolho erguido.

– Para a costa oeste? – exclamou Alice, encantada.

– Bom, duvido que conseguíssemos ir e vir em quatro dias – brincou ele. – Mas eu conheço um sítio que é quase tão bom.

– Uma viagem romântica – murmurou Alice, abraçando-o e envolvendo-o com o edredão.

Dylan sorriu-lhe, puxando pelo edredão para a deixar exposta, completamente nua, aos olhos dele.

– Mas ainda temos um tempinho antes de partirmos...

Alice sorriu e deixou-se perseguir para dentro de casa.



Duas horas mais tarde, Alice, Dylan e Pip percorriam a via rápida no meio de um borrão de areia vermelha, campos dourados de spinifex, e carvalhos-do-deserto seculares. Tinham as quatro janelas abertas. Pelo retrovisor, Alice divertiu-se a ver a língua da cadelinha abanar ao vento. De quando em vez, a paisagem ondulante estabilizava, proporcionando uma belíssima vista de flores silvestres

florescendo na primavera. A jovem deixou-se enfeitiçar pelos vastos campos amarelos, laranja, roxos e azuis. Dylan beliscou-lhe suavemente a coxa, sorrindo. Ligou o rádio e cantarolou, rouco e desafinado. Alice fechou os olhos, inacreditavelmente feliz.

A meio da tarde, Dylan abrandou e saiu da via rápida, entrando numa estrada não assinalada, ladeada por arbustos baixos e floridos. Por um instante, Alice questionou-se como saberia ele da existência daquele caminho. Dylan esperou que as rodas aderissem ao piso antes de acelerar, soltando nuvens de pó vermelho. Percorreram a estrada aos solavancos, até chegarem a uma ampla planície de deserto. A profunda solidão e total isolamento deixaram Alice emocionada. Perguntando-se para onde iriam, olhou para Dylan com uma expressão curiosa – mas ele limitou-se a sorrir.

Pouco depois, viraram num trilho estreito e quase indistinguível que escalava um cume. Dylan meteu a tração às quatro rodas e subiu o trilho pedregoso, desviando-se dos ramos mais baixos das árvores. Em redor deles os afloramentos vermelhos surgiam pontilhados por amplos cachos de flores silvestres. Troncos branquíssimos de eucaliptos gigantes agitavam os seus ramos verde-menta. O céu ostentava um belíssimo tom de azul-safira. Ocasionalmente, sobrevoava-lhes a silhueta escura de um falcão.

– Pinta-Pinta... – Dylan sorriu-lhe, apontando para a crista da cumeeira à sua frente. Depois de lá chegarem, desceram pelo outro lado, chegando a um desfiladeiro vermelho e rochoso, adornado por acácias e eucaliptos-mallee, e com um amplo riacho verde-chá correndo por entre os bancos de areia branca.

– Que sítio é este? – perguntou Alice, boquiaberta.

– Espera só até veres o pôr do sol – disse-lhe ele. Encostou numa clareira enclausurada por carvalhos-do-deserto, e Alice deu por si a pensar que ele não tinha precisado de mapa algum para encontrar o seu destino.

– Como é que descobriste este sítio?

– Antes de trabalhar no parque, fui guia turístico – respondeu-lhe. – E um dos meus colegas mais velhos, com quem trabalhava muitas vezes, trouxe-me cá. Era a terra dos avós dele, um local feliz onde a família se reunia e partilhava bons momentos. Quando me vim embora, ele disse-me que eu devia cá voltar sempre que pudesse. – Puxou o travão de mão. – Disse-me que trouxesse a minha família comigo. – Os olhos dele expressavam uma ternura imensa.

Alice não se sentiu capaz de falar, com o nó espesso que se lhe formou na garganta.

Dylan chegou-se mais a ela.

– Como é que eu tive tanta sorte? – murmurou.

Ela respondeu-lhe com um beijo profundo. Segundos depois ouviu-o gemer.

– Deixas-me doido, Pinta-Pinta. – Abanou a cabeça e recompôs-se. – Anda daí, temos de montar a tenda.

Dylan saiu do jipe e abriu a porta à cadela, que foi imediatamente para dentro do riacho.

Alice ficou para trás, a ver a cadela nadar e Dylan assobiar alegremente enquanto tirava do carro o fogareiro e a geleira. Aquela era a sua pequena família. Alice saiu do carro para se juntar a eles e apercebeu-se de que nunca se tinha sentido tão inteira em toda a sua vida.



Ao pôr do sol, já tinham montado a tenda, reunido braçadas de gravetos, e dedicavam-se agora a ouvir a música do rádio do jipe, bebendo vinho tinto enquanto esperavam que as espetadas que prepararam – com queijo haloumi, cogumelos, curgete e pimento – assassem na fogueira. O ar cheirava intensamente a lenha e eucalipto. Um bando de catatuas pretas sobrevoou-os, guinchando, e um grupo de pequenos cangurus saltitou ao longe. Alice não conseguia deixar de sorrir. Quando as paredes do desfiladeiro começaram a mudar de cor, Dylan pegou-lhe na mão e levou-a pela margem do riacho até ao tronco de um eucalipto gigante. Sentou-se, fazendo-lhe um gesto para que fizesse o mesmo. Ela aninhou-se entre as pernas dele, encostando-se ao peito.

Dylan mordiscou-lhe a orelha.

– Olha bem para isto.

À medida que o sol se afundava, ia lançando os últimos feixes sobre o desfiladeiro, numa lindíssima tonalidade de caramelo.

– Espantoso – murmurou Alice.

– Mas espera, ainda há mais...

Aninhada nos braços dele, Alice ficou a ver todas as cores do céu a escorrerem pelas paredes do desfiladeiro e a acumularem-se, como uma poça, na superfície vidrada do riacho, refletindo espirais de luz de volta para cima. Abanou a cabeça, incrédula: o desfiladeiro e o riacho formavam um reflexo perfeito um do outro, mergulhados nas cores vibrantes do entardecer. Aquela visão trouxe-lhe à lembrança os seus livros de contos de fadas: o cálice vazio encantado que se enchia miraculosamente; o poço mágico que escondia o céu nas suas profundezas.

Dylan apertou-a mais no seu abraço.

– É preciso ver para crer, não é?

Uma memória invadiu-a como um soco. *Há um desfiladeiro perto daqui que tens mesmo de conhecer.*

Alice sentou-se, soltando-se dos braços dele. Dylan olhou-a, sorrindo.

– Quantas mulheres já trouxeste aqui? – lançou-lhe ela, visivelmente tensa.

Ele estranhou:

– Desculpa?

Ela sentiu o estômago revolver-se. Tinha quebrado o feitiço. Irremediavelmente.

Ele ergueu as mãos, defensivo.

– Que raio de pergunta é essa agora?

– Não – disse Alice, fingindo leveza no tom de voz. – Não queria dizer *mulheres*, queria... Bom, já trouxeste a Lulu aqui? – A mente dela era um borrão de disparates e ruído. Não queria chateá-lo, muito menos naquele momento, mas não conseguiu deixar de lhe fazer aquela pergunta. Como poderia Lulu conhecer aquele sítio ao pôr do sol, senão através dele?

Dylan enxotou-a friamente e levantou-se, zangado.

– Não estou a acreditar que ouvi isto – disse-lhe, seguindo em direção ao acampamento.

– Dylan! – Alice chamou-o, correndo atrás dele pela areia suave.

– O que é? – gritou-lhe ele, voltando-se para fixá-la, os olhos plenos de raiva. – Já te disse que eu e a Lulu nunca tivemos nada. Por que raio insistes nisso e estragas o nosso primeiro fim de semana fora? Acreditas nela e nos seus ciúmes imbecis mais do que em mim? A sério?! E que raio queres dizer com «quantas mulheres já trouxeste aqui»? Quem é que pensas que eu sou?

– Meu Deus – gemeu Alice, à beira das lágrimas. Ele tinha razão. Lulu podia estar a referir-se a outro desfiladeiro qualquer, ou mesmo ter ido àquele sem Dylan. Estava a ser ridiculamente insegura. E para quê?

Dylan desatou aos pontapés à fogueira, lançando faúlhas à sua volta.

– Desculpa! Perdoa-me, por favor – implorou Alice, tentando tocar-lhe. Ele ignorou-a. – Podemos esquecer o que eu disse? Por favor? Fui muito estúpida, não sei por que disse aquilo. Por favor, perdoa-me. – Tentou de novo, abrindo os braços para ele. – Deixa-me compensar-te. Eu faço o jantar. Abrimos outra garrafa de vinho. Esquecemos tudo, pode ser?

Ele lançou-lhe um olhar fulminante, antes de lhe voltar as costas e afastar-se.

– Dylan? – disse ela com a voz trémula.

Ele avançou, desaparecendo no escuro.

Sem conseguir parar de tremer, Alice preparou o jantar. Grelhou os legumes e o queijo que restavam, deu de comer a Pip, e encheu dois copos de vinho. Dylan só regressou uma hora depois. O jantar estava frio, o queijo seco e borrachoso. Ele sentou-se e depenicou do prato com um garfo.

– Até conseguiste estragar o jantar. – Deitou para a fogueira o conteúdo praticamente intacto do prato. Serviu-se de mais vinho. A pouca comida que Alice conseguiu ingerir assentou-lhe no estômago como uma pedra gelada. Deixou que a cadela comesse os restos do prato dela.

– Lamento tanto – murmurou por fim, esfregando o joelho no dele. – Desculpa.

Ele limitou-se a olhar fixamente para o lume.

Alice continuou a pedir desculpa – pelo que lhe pareceram horas a fio – até que, finalmente, ele estendeu a mão para a perna dela e afagou-a.

Alice precisou daquela noite e do dia seguinte até ficarem bem. Na viagem de regresso a Kililpitjara, os seus esforços para manter a calma e a complacência pareciam ter trazido Dylan de volta para ela.

Quando chegaram ao portão de casa dele, Dylan inclinou-se e beijou-a antes de sair para abrir o portão. Num instante em que o apanhou de costas, Alice encolheu-se: tinha chupões e nódoas negras da última noite de amor passada no desfiladeiro. Ele mostrara-se mais bruto que o habitual, mas agora, para seu enorme alívio, tudo parecia ter voltado ao normal.

Enquanto tiravam as coisas do carro, Dylan fez uma pausa para beijá-la ternamente.

– Obrigada por um fim de semana fantástico – sussurrou-lhe, procurando-lhe os olhos.

Alice beijou-o, plena de gratidão. De futuro teria apenas de ter mais cuidado e pensar duas vezes antes de falar.



A primavera pintou o deserto central nas mais variadas cores. Os arbustos de grevilea floriram numa explosão de âmbar e amarelo, enchendo o ar de um intenso aroma adocicado. Dragões barbudos preguiçavam, ociosos, sobre as pedras expostas ao sol por entre as ervas altas de spinifex. A pequena horta que Alice plantara no quintal de Dylan começava a dar rebentos. As tardes quentes já pediam gelados e banhos de sol; ela deitava-se no quintal dele, numa toalha de praia estendida sobre a terra vermelha, a cantarolar com os fones nos ouvidos enquanto lia um livro, até Dylan a ver de biquíni. Desejava-a mais do que nunca. O desentendimento durante o acampamento há muito que estava esquecido. Os dias eram cada vez maiores, as estrelas brilhavam mais e mais.

– Devíamos organizar um churrasco – sugeriu Alice um dia, enquanto preparava um chili de pimentão-doce e uma salada verde para o jantar. – Esta casa está a ficar tão gira, e está-se tão bem lá fora...

Dylan não respondeu. Estava sentado à mesa da cozinha, iluminado pela luz de néon do teto. Alice não conseguiu ler a expressão no rosto dele.

– Querido? – chamou-o, tirando a frigideira do lume.

– Claro – respondeu ele. – Acho uma ótima ideia.

– Que bom! – Alice mostrou-se feliz, levando os pratos para a mesa. – Amanhã já desafio a malta toda. – Beijou-o e sentou-se para jantarem. Ele respondeu-lhe apenas com um sorriso breve.

Na manhã seguinte, Alice chegou à sede entusiasmada. Ela e Dylan andavam tão colados um ao outro, longe de tudo e de todos, que seria ótimo poderem passar algum tempo com amigos e colegas, para variar.

Quando entrou no escritório do pessoal, nem de propósito: Thugger e Nicko, dois *rangers* que Alice conhecia mal, estavam precisamente a comentar que não tinham nada de especial para fazer no fim de semana de folga que aí vinha.

– Estou a organizar um churrasco. Querem vir? – perguntou Alice, sorridente.

– Fixe! Claro que sim, obrigado – disse Thugger.

– Boa! Conta connosco! – concordou Nicko.

– Ótimo – disse Alice, feliz da vida. – Vai ser no quintal do Dylan, ele é ótimo a fazer churrascadas no carvão! Podemos...

– Oh – interrompeu-a Thugger, trocando um olhar rápido com Nicko. – Sabes, lembrei-me agora que vou ter de ir a Bluff este fim de semana. Tenho de... hum...

– Pois é! – disse o outro. – Porra, esqueci-me completamente, meu. Temos de levar os jipes à revisão, não é?

– Pois...

Alice olhou de um para o outro, estranhando.

– Fogo, ainda bem que nos lembraste, Alice! – observou Thugger, visivelmente aliviado.

– Fica para a próxima, amiga – disse Nicko, falsamente pesaroso.

– Mas obrigado pelo convite – acrescentou Thugger, saindo rapidamente do escritório com Nicko atrás dele.

Depois de eles saírem, Alice foi fazer um chá. Cerrou os maxilares. Não ia chorar. Não ia fazer juízos de valor sobre o que acabara de acontecer.



O dia dela não melhorou, pelo contrário. Fez uma série de asneiras durante o turno, culminando com o martelar de um dedo que a deixou a uivar de dor.

– Volta para a sede e trata desse dedo, Alice – disse-lhe Thugger, libertando-a do trabalho.

Depois de vista e devidamente tratada pelo enfermeiro do parque, Alice foi até à sala de convívio para beber um chá e comer uns biscoitos. Sentia um peso terrível no coração. Lulu e Aiden estavam junto ao fervedor elétrico, de canecas na mão. Assim que Alice entrou, calaram-se subitamente. Ela foi ao armário tirar um saquinho de chá e voltou-lhes as costas. O silêncio tornou-se cada vez mais desconfortável, ensurdecador. Até que Aiden resolveu quebrá-lo:

– Estás bem, Alice?

Antes de ela poder responder, Lulu esvaziou o resto do chá no lava-loiça e saiu, sem uma palavra. Aiden olhou para Alice, sem saber o que dizer, optando por seguir a namorada.

– Estou ótima – murmurou Alice para si mesma, vendo-os sair.



Os dias seguintes foram correndo sem grandes sobressaltos: Alice desafiou outros colegas para o churrasco em casa de Dylan, e as respostas foram mais do mesmo: desculpas esfarrapadas da parte de todos. No final da semana, Alice apercebeu-se de que Dylan não passava de um mero conhecido,

de um colega de trabalho, para o resto do grupo. Não tinha amigos em Kililpitjara. Só a tinha a ela – e Alice não sabia porquê.

Depois do trabalho, quando estacionou à porta dele e saiu para ir abrir o portão, lembrou-se de um dos livros que Dylan lhe lera: uma coletânea de contos japoneses. Um deles contava a história de uma artista de *kintsugi*, ou «restauro com ouro», uma arte japonesa de reparar cerâmica partida ou rachada com laca misturada com pó de ouro. Havia uma bonita ilustração de uma mulher debruçada sobre uma pilha de loiça partida, empunhando um pincel com as cerdas banhadas em pó dourado. A história encantara-a; a ideia de objetos quebrados e consertados fazerem parte da história, não serem apenas postos de lado ou escondidos.

Alice estacionou ao lado do utilitário de Dylan e saiu, batendo com a porta com renovada determinação. O que quer que o levasse a acreditar que não era suficientemente bom, fosse qual fosse a razão pela qual as pessoas não queriam estar com ele, o que quer que fosse que ele sentisse *quebrado*, ela estava lá para se derreter em ouro e consertar.



Uns dias depois, o Earnshaw Crater Resort enviou convites para o Baile Anual a todo o *staff* do parque e agências de turismo.

Quando Alice sugeriu irem juntos, Dylan mostrou-se evasivo e pouco interessado.

– Não passa de uma enorme seca – disse ele com uma careta.

– Sim, mas será divertido se formos os dois, certo? – disse ela, entusiasmada, prendendo o convite com um imã no frigorífico. Já não iam a uma festa desde o aniversário dela. E andava a namorar um vestido dourado que tinha visto na Internet; a ideia de finalmente ter um motivo para se aperaltar deixava-a feliz e entusiasmada. Assim como terem um pretexto para saírem juntos e socializarem.

– A sério que fazes mesmo questão de ir? – perguntou Dylan atrás dela, interrompendo-lhe os pensamentos.

Ela voltou-se para ele:

– Sim, gostava de ir. Muito, mesmo. Já tenho saudades de beber uns copos e dançar um bocado. – Alice abraçou-o e pressionou os lábios nos dele. – Ficar alegre... – Provocou-o, pondo-se em bicos de pés para beijar-lhe a curva do pescoço. – Fazermos amor ao nascer do sol... – Decidiu ali e naquele momento que iria surpreendê-lo com o vestido novo. E talvez experimentar um penteado diferente. Usar batom e umas gotas daquele seu perfume que ele tanto adorava. – Podemos fingir que é um encontro de namorados – disse-lhe docemente, fixando-lhe o olhar.

– Queres um encontro comigo, Pinta-Pinta? – Ele fechou os olhos, louco de desejo.

– Sempre – respondeu ela, estremecendo ao sentir que ele lhe pegava ao colo e a levava para a

cama. Ia ser fantástico, disse para si mesma. Ia ser a melhor noite de sempre para os dois.



No dia do Baile Anual, Alice correu para casa mais cedo para tomar um duche. Abriu o fecho do seu novo vestido dourado, abusou do batom e do rímel, e enfiou as botas novas de cowboy, enfeitadas com borboletas douradas nos saltos. Quando Dylan entrou em casa, Alice corou de excitação. Esperava-o, com uma cerveja fresca na mão, e «esquecera-se» de usar cuecas – algo que ela sabia que o deixava doido.

Assim que ele a viu, quase tropeçou. Ficou parado à entrada de casa.

– Pronto para uma noite a dois? – perguntou-lhe ela com um sorriso sensual. Rebolou-se levemente dentro do vestido.

Dylan esvaziou calmamente os bolsos na cómoda da entrada e dirigiu-se à cozinha, sem uma palavra.

O seu silêncio glacial deixou-a sem reação. Ouviu-o vasculhar o armário dos medicamentos e tirar dois comprimidos de uma embalagem.

– Amor? – chamou-o ela, esforçando-se por disfarçar o desapontamento. – Estás bem?

Ele não respondeu. Alice entrou na cozinha.

– Querido? – chamou-o de novo.

Ele manteve-se de costas voltadas para ela.

– Que vestido é esse? – perguntou-lhe num tom gélido que a arrepiou.

– O quê?

– Para que é que estás vestida assim?

Alice baixou o olhar para o vestido novo. O dourado pareceu-lhe subitamente berrante ao invés de mágico.

Dylan voltou-se para ela com um olhar sombrio:

– Para que é que foste comprar um vestido novo para a noite de hoje? – A voz tremeu-lhe. – Para que é que te embonecaste toda dessa maneira? Para os gajos te comerem todos com os olhos?

Alice sentiu-se ficar rígida dos pés à cabeça enquanto ele caminhava à volta dela com um olhar desdenhoso. Doeu-lhe ao respirar.

– Responde-me – disse ele, calmamente.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Não teve como lhe responder. A voz quebrou-se-lhe totalmente.



Ruby sentou-se junto ao lume, no quintal de trás, o caderno de notas aberto no colo, a caneta na mão – aguardando. Pouco lhe interessava o baile anual. Desde que se levantara que tinha sentido um poema a chegar. E não queria correr o risco de perdê-lo.

Sobre as dunas, atraiu-a um movimento à entrada do portão de Dylan. A cadelinha de Alice apareceu e desapareceu por detrás de um eucalipto. Lá dentro, a silhueta de Dylan andava de um lado para o outro, iluminada pela luz débil que saía das janelas de casa.

Ruby observou-o atentamente. Respirou fundo e levou a caneta ao caderno com a mão trémula.

A estação está a mudar

Há algo de amargo no ar.

Carvalho-do-deserto



Significado: **Ressurreição**

Allocasuarina descaisneana | Austrália Central

Kurkara (Pitjantjtjara) é uma árvore com uma casca profundamente enrugada, semelhante à cortiça, que retarda o fogo. Cresce devagar, mas desenvolve rapidamente uma raiz primária que consegue alcançar água em profundidades que ultrapassam os dez metros. As árvores adultas têm uma copa ampla e frondosa. Muitas das kurkara encontradas no deserto central têm mais de mil anos.

Por meados da primavera, quando os arbustos-menta deixaram de florir e as ocasionais chuvas da estação começaram a dar sinal, Alice já tinha aprendido a lidar com as súbitas mudanças de humor de Dylan – do mesmo modo que aprendera, muito anos antes, a interpretar as marés. Desde que se mantivesse atenta, consciente e recetiva, os dois viviam profundamente felizes.

Depois de uma semana de chuva ininterrupta, as estradas de terra e os trilhos pedestres de Kililpitjara transformaram-se num verdadeiro lodaçal vermelho, perigosamente movediço. No quadro de informações da sede surgiram alertas para eventuais perigos de desabamentos e atoleiros. Alice leu-os com atenção, mas isso não evitou que, numa das suas patrulhas a Kututu Puli, se atascasse na lama avermelhada. Os pneus giravam sobre si próprios, e o carro não se movia um metro que fosse. Tentou escavar um pouco à volta das rodas, meter a marcha atrás, mas nada parecia resultar. Acabou por ter de pedir ajuda via rádio.

Thugger foi o primeiro a responder, e conseguiu tirá-la de lá com uma cinta de reboque. De volta à sede, juntaram-se aos outros guardas-florestais que petiscavam lá fora.

– Toma uma bebida – sugeriu Thugger a Alice. – Bem mereces.

– Pinta-Pinta – disse-lhe Ruby, acenando-lhe de debaixo de um carvalho-do-deserto, onde todos se haviam instalado à volta de uma mesa de plástico, desfrutando de canapés e bebidas. – Junta-te a nós.

Alice esforçou-se por sorrir a Thugger e acenar a Ruby. Dylan não estava presente. Talvez viesse a caminho. E, assim sendo, o melhor seria ficar por ali, ou corria o risco de ele ficar chateado, caso ela fosse para casa sem ele. Mas... e se ele não viesse? Ignorou as preocupações que lhe assombravam a mente e juntou-se ao grupo. Decidiu que ficaria apenas uma hora.

Ruby estendeu-lhe uma cerveja.

– É tão bom ver-te, Pinta-Pinta.

Alice também adorava estar de novo com Ruby. Ofereceu-lhe um sorriso radioso, sentando-se ao lado dela.

– Também acho, amiga, não te temos visto ultimamente. Nem sequer foste ao Baile Anual... – comentou Nicko.

Thugger deu-lhe uma cotovelada, provocando um silêncio desconfortável em torno da mesa. Alice sentiu-se corar.

– Bom... – disse Thugger, quebrando o silêncio embaraçoso. – À nossa! – Ergueu a cerveja, com um sorriso amarelo.

Todos o imitaram, quase aliviados, fazendo tilintar as cervejas umas nas outras. Alice deu um longo gole na sua. O álcool descontraiu-lhe os ombros e desfez-lhe o sobrolho carregado. Sentiu-se mais leve e solta, vendo na calorosa receção do grupo um verdadeiro bálsamo.

Ao fim da terceira cerveja, Alice olhou finalmente para o relógio. Susteve a respiração ao constatar que já tinham passado mais de duas horas.

Despediu-se apressadamente de toda a gente, e acelerou até à casa de Dylan. Quando chegou ao portão, constatou que estava fechado a cadeado. Estranhou, já que ele nunca o fazia. Chamou-o, mas a voz foi abafada pelo vento forte. E Pip? Estaria com Dylan, onde quer que ele estivesse?

Alice percorreu de carro Parksville e as redondezas, acabando por estacionar em frente a casa. Há tanto tempo que não passava lá uma noite que fosse, que já nem se sentia em casa ali. Do lado de lá do portão surgiu Pip, saltitando de alegria ao vê-la. Dylan devia ter passado por lá a deixá-la. Alice abriu a porta de casa e entrou.

Lá dentro cheirava a bafio. Alice vagueou pela casa e deparou-se com um rato morto, preso na ratoeira que deixara debaixo do fogão. Deitou-a no lixo, combatendo um vômito. Abriu a porta e escancarou todas as janelas, lavou o queimador de óleos essenciais, e rapidamente o cheiro a sândalo e gerânio-rosa encheu o ar. As estantes estavam cobertas de uma fina película de pó vermelho. Limpou-as, passando os dedos pelas lombadas dos livros há muito esquecidos. Abriu o armário que servia de despensa e pegou numa lata de feijões cozidos. Depressa percebeu que lhe custava comer, dando a tigela praticamente cheia à cadelinha. Ligou várias vezes a Dylan ao longo da

noite, mas ele nunca atendeu. Lá fora no pátio, tremendo de frio e iluminada pelas luzinhas decorativas, olhou através das dunas para a silhueta da casa dele, iluminada pelas estrelas.

Sentiu um buraco no estômago. Ele estava a castigá-la. Por não ter ido logo para casa. Por não lhe ter perguntado primeiro se podia ficar a beber um copo com os colegas. Por não ter tido a atitude mais correta. Ela já o conhecia muito bem.

Entrou em casa e fechou a porta. Tomou um duche rápido para tentar desfazer os nós que sentia nos ombros e deitou-se. Pip aninhou-se junto dela, ressonando baixinho.

Quando estava prestes a adormecer, um ruído junto à janela do quarto sobressaltou-a. O quebrar de galhos sob o peso de pés. Correu para a janela e afastou a cortina, sentindo a pulsação ensurdecê-la. Quando os olhos se ajustaram à luz das estrelas, reparou que o quintal das traseiras estava cheio de sombras. Mas nenhuma que ela reconhecesse como sendo a dele.



Na manhã seguinte, só conseguiu dar alguns goles num café. Foi a tremer todo o caminho até à sede. Assim que lá chegou, ele apareceu a saudá-la, todo sorrisos, beijando-a ternamente no rosto. Receosa, ela perscrutou-lhe o olhar, mas nada viu senão ternura. Dylan beijou-a e acariciou-lhe o rosto.

– Tive uma enxaqueca horrível ontem à noite. Tomei uns analgésicos e apaguei completamente – disse-lhe ele. – Devia ter-te deixado uma mensagem, ou um bilhete... Desculpa, querida. Então e tu? Divertiste-te muito com a malta?

Alice assentiu lentamente, sentindo-se subitamente estúpida. Que raio se passava com ela, afinal? Era tudo da sua cabeça.

Estava a fazer do homem um monstro.



Os dias foram-se tornando mais longos, cada crepúsculo mais dourado que o anterior. A noite em que Alice ficara na sede a beber uns copos com os colegas nunca voltou a ser mencionada. Nem a ideia de eles socializarem com outras pessoas. Quando estavam só os dois, tudo corria lindamente. E não fazia mal.

Muitas pessoas não sabiam, ou não gostavam, de socializar. Cada manhã em que acordava envolta nos braços dele era a manhã perfeita. Tinham os seus altos e baixos, mas as relações não eram sempre um mar de rosas, dizia Alice a si própria. Era natural que existissem confrontos de vez em quando, à medida que se iam conhecendo.

Num dia particularmente radioso, Alice foi a primeira a chegar a casa do trabalho. Nessa manhã,

ela e Dylan tinham combinado dar um longo passeio juntos, quem sabe levarem umas cervejas e sentarem-se numa duna a assistir ao pôr do sol. Tinha acabado de descalçar as botas e enfiar os chinelos quando o telefone tocou.

– Vou atrasar-me um bocado, Pinta-Pinta – disse Dylan com um suspiro. – Tive uma avaria no motor. Vou tentar ser o mais rápido possível, mas duvido que chegue a tempo do nosso passeio.

– Não faz mal, querido – disse ela docemente, esperando conseguir disfarçar o desapontamento na voz. Andava há horas a ansiar por aquele passeio, depois de um dia inteiro enfiada nos escritórios. – Fico por aqui à tua espera com a Pip, e vou pensar num jantarinho bom para nós.

Mas, pouco depois de ter desligado, Alice reparou que a cadela insistia em arranhar a porta de rede. Lá fora, a tarde apresentava-se magnífica. Em breve as dunas surgiriam cor-de-rosa à luz do entardecer. A jovem mordeu o lábio. Já não levava Pip num longo passeio a duas desde que ela e Dylan tinham começado a namorar. A imagem das ervilhas-do-deserto vermelho-vivo sob o crepúsculo invadiu-lhe a mente inquieta. Tinha acabado de dizer a Dylan que ficaria em casa à espera dele. Mas estava uma tarde tão boa... De certeza que ele não ia querer que ela ficasse fechada em casa.

– Anda daí, Pip – disse ela à cadelinha. – Vamos lá dar uma voltinha de meninas!

Excitada, Pip desatou a correr em círculo, tentando apanhar a cauda. Alice pôs-lhe a trela e saíram, subindo e descendo as dunas até à cratera.

Maravilhada, Alice foi descobrindo pequenos tesouros: margaridas sempre-vivas em tons pastel de rosa e amarelo, trilhos de penas esquecidas, brancas e cinzentas, ramos de eucaliptos carregados de botões floridos. Inspirou profundamente, deixando-se inebriar pelo cheiro a terra quente. Admirou o céu azul raiado de púrpura – que a fez lembrar-se dos caranguejos-soldados e das conchas das amêijoas-listadas. *O deserto é um antigo sonho do mar.* Alice sorriu ao lembrar-se das palavras de Dylan, no seu primeiro pôr do sol a dois. Enquanto subia a encosta da cratera com Pip colada aos calcanhares, retomando o percurso que tantas vezes tinham feito juntas quando chegaram a Kililpitjara, Alice sentiu o peito encher-se de nostalgia. Na altura, a paisagem revelara-se-lhe tão estranha, fazendo-a sentir-se insegura de quem era ou do que fazia ali. Mas agora tinha um emprego que adorava, e um homem que a amava como ninguém a amara antes.

Quando chegaram ao topo da parede da cratera, e Alice pôde ver Kututu Kaana – o Jardim do Coração – numa extasiante explosão de vermelho, deitou a cabeça para trás e fechou os olhos de contentamento. Finalmente tinha vindo para casa, para uma vida totalmente sua.



No regresso a casa, brincando com Pip e pensando no que ia fazer para o jantar, Alice parou ao ver o utilitário de Dylan estacionado à porta. Ficou imediatamente tensa,

os nervos à flor da pele. Foi com mãos trêmulas que abriu o portão, esforçando-se por estabilizar a respiração. Não tinha noção de quanto tempo tinha estado fora. E esquecera-se de lhe deixar um bilhete. Entrou em casa. *Não faça dele um monstro.*

A casa estava escura e silenciosa.

– Dylan? – Chamou Alice. – Já cheguei. – Tirou a trela a Pip e descalçou-se. – Dylan?

Mais tarde, quando tentou lembrar-se do que aconteceu e como aconteceu, tudo lhe pareceu ter ocorrido em simultâneo: os ganidos agonizantes de Pip; o grito dela quando viu Dylan pontapear a cadelinha nas costelas; o brilho colérico no olhar dele ao avançar para ela.

– Onde é que andaste, porra?! – Agarrou-a pelo braço. – Com quem é que estiveste? Com quem? Diz-me!

A visão dela toldou-se de negro. A garganta ardeu-lhe quando ele a abanou violentamente pelo pescoço. Sentiu a espinha estalar de alto a baixo.

– Diz-me!

Ele abanou-a com tal violência que lhe levantou os pés do chão. Depois, o som explosivo da porta do quarto a bater, as dobradiças a saltarem dos gonzos com o impacto. Alice deixou-se resvalar para o chão.

Dobrada sobre si própria, tentou desesperadamente respirar. A sua mente pareceu sair-lhe do corpo, como se ela fosse uma mera espetadora, e não um sujeito participante na cena. Olhou fixamente para as bolas de pó e pelo acumuladas nos rodapés. Deixou-se fascinar por elas. Estavam ali, mesmo à frente dos seus olhos, e nunca tinha reparado nelas. Como é que nunca as tinha visto antes?

Um gemido próximo fê-la olhar para debaixo da cama. A cauda da Pip espreitava no escuro.

– Anda cá, bebé – sussurrou-lhe Alice, num fio rouco de voz. Sentiu pontadas agudas e dolorosas nas costas. Teve de chamar docemente a cadela várias vezes, até conseguir que ela saísse do esconderijo. Alice envolveu a cadelinha nos braços, enquanto apoiava as costas na parede. Embalando Pip para trás e para a frente, a jovem afagou-lhe as orelhas e os flancos, pressionando-lhe suavemente as costelas para tentar perceber se estariam partidas. Ainda que tremendo que nem varas verdes, a bichinha não parecia estar em sofrimento. Ao sentir-se afagada, lambeu o queixo de Alice.

Ela fechou os olhos, tentando centrar-se apenas na respiração. Tinha dores no corpo todo, sentindo os hematomas a formarem-se debaixo da pele.

O tempo passou. Em redor dela, a casa parecia sossegada. O zumbido do frigorífico. O *tic tic* do telhado a arrefecer do calor do dia.

Até que ouviu algo vindo da sala. Susteve a respiração para ouvir melhor.

Era ele, a chorar.

Alice suspirou de alívio. Lágrimas queriam dizer que tinha acabado.

Levantou-se tremulamente. Pip correu a esconder-se debaixo da cama.

Dylan estava sentado no sofá com a cabeça entre as mãos. Ao senti-la aparecer, olhou para cima. Tinha o rosto arrepiantemente pálido e manchado de lágrimas.

– Pinta-Pinta – murmurou, a voz quebrada. – Eu... eu... lamento tanto... – Olhou-a nos olhos. – A Pip está bem? Eu... não sei o que é que me deu... A sério, não sei mesmo. – Esforçou-se por recuperar o fôlego. – Fiquei tão preocupado quando cheguei a casa e tu não estavas...

– Fui só passear com a cadela. – Alice lembrou-se subitamente de Toby, do som do corpo dele a embater contra a máquina de lavar.

– Tu não sabes! – gritou ele, abalado. – Não percebes! Há por aqui muitos gajos melhores do que eu. Tu não vês como eles olham para ti. Mas eu vejo! Eu vejo perfeitamente, Pinta-Pinta. E se resolves ir passear por aí sem mim e um deles te vir e... começarem a conversar depois do trabalho... como fazias comigo? – Fungou. – Como é que eu fico, se isso acontecer?

Alice sentia a mente a mil à hora, extremamente confusa. Seria possível que ele não soubesse o quanto ela o amava?

– E se começares a passear e a conversar com um deles... e ele... se apaixonar por ti? – insistiu Dylan.

– Não teria a menor importância, Dylan – interrompeu-o Alice, num tom implorante. – Não percebes isso? Eu não tenho espaço dentro de mim para mais ninguém.

Ele levou as mãos trémulas ao rosto.

– Tudo o que eu sempre quis foi impressionar-te – chorou. – E vê só o que o amor que eu sinto por ti me faz! Eu... só não quero perder-te. Passo-me quando não estamos juntos! Tudo o que eu quero é estar ao pé de ti, e perco o tino quando não estou. És o amor da minha vida, Alice. O amor da... – A voz falhou-lhe: – ... merda da minha vida!

Alice desatou a chorar.

– Eu jamais te bateria! Tu sabes isso, não sabes? – As lágrimas rolaram-lhe pelo nariz. – Jamais te bateria, Pinta-Pinta.

Era verdade, pensou ela. Ele não lhe tinha batido. Tinha apenas deixado que o medo tomasse conta dele.

– Eu *amo-te* – disse ela, enfatizando a palavra por entre soluços.

Ele puxou-a para si.

– Preciso que me ajudes. Não podes fazer este tipo de coisas, deixares-me sem saber de ti. Podes fazer isso por mim? Por nós?

Ela procurou-lhe o rosto, perdendo-se na súplica do seu olhar. Assentiu.

– Nunca mais voltará a acontecer. Nunca mais. – Beijou-a com lábios trémulos. – Nunca, nunca mais.

Os lábios dela pegaram fogo ao encontrarem os dele.

Mais tarde nessa noite, após horas de conversa e chorosos pedidos de desculpa, e depois de Alice verificar uma e outra vez o estado da cadela, e varrido o pó da casa, acabou por deixar que Dylan a levasse até à casa de banho. Ele encheu a banheira e despiu-a ternamente. Ela deixou-se ficar sentada na água quente enquanto ele lavava cada centímetro do corpo dela com gestos lentos e suaves. Murmurou-lhe o seu amor e pedidos de desculpa como se fossem orações. Passado um momento, despiu-se e juntou-se a ela. Alice relaxou nos braços dele, quase renascida, quase capaz de esquecer o que tinha causado a dor que ele agora tentava sarar.



Na manhã seguinte, Dylan deixou uma caneca com café bem quente na cabeceira de Alice, juntamente com um bilhete. Teve de ir trabalhar cedo e não quis acordá-la, sentia-se pessimamente com o episódio da noite anterior, mas amava-a mais profundamente do que nunca.

Alice gemeu de dor quando se sentou na cama. Doía-lhe o corpo todo. Levantou-se e deslocou-se penosamente até à casa de banho, parando ao ver o seu reflexo no espelho. Tinha o pescoço coberto de nódoas negras, as marcas dos dedos dele bem visíveis. Voltou-se de costas para o espelho e abriu as torneiras do duche. Deixou que a água quente lhe acariciasse o corpo e não olhou mais para o espelho.

Pronta para o trabalho, chamou Pip para lhe abrir a porta da rua. A cadela não apareceu. Alice continuou a chamá-la, cada vez mais em pânico, até a encontrar escondida nuns arbustos. Passou cuidadosamente os dedos pelo corpo da cadelinha, mas não lhe encontrou nada de cuidado. Deixou-lhe água e comida na cozinha e apressou-se até à sede; não queria chegar atrasada.

– Não estás a morrer de calor com essa echarpe? – perguntou-lhe Thugger, ao passar por ela na sala de convívio. Ela esforçou-se por sorrir, negando com a cabeça e ajustando mais a echarpe ao pescoço.

Sentada na sua secretária, abriu o correio eletrónico e não pensou duas vezes antes de escrever um email:

Olá, Moss,

desculpa não te ter dito nada mais cedo. Vivo e trabalho em Kililpitjara desde que saí de Bluff. Isto é ótimo e estou muito feliz. Espero que também estejas.

Escrevo para perguntar-te se me podes ajudar: ontem a Pip levou um coice de um cavalo e, ainda que eu não lhe veja nada de mal e não me pareça que tenha dores, continuo preocupada. Noto-a um pouco apática, e pergunto-me se não estará em choque. Podes receitar-me alguma coisa para eu lhe dar, um anti-inflamatório, talvez?

Agradeço-te imenso o teu conselho.

Alice leu e releu o texto, e enviou-o antes que perdesse a coragem.



Algumas semanas depois, Alice e Dylan saíram para trabalhar, cada um no seu carro. Sarah tinha pedido a Dylan que, de caminho, verificasse o estado de umas cercas.

– Vai andando, vemo-nos ao almoço – disse-lhe ele, enquanto se dirigiam aos respetivos carros.

– Tomo isso como um convite – riu-se ela, dando-lhe um beijo de despedida.

Alice ficou a vê-lo arrancar. Já tinham entrado de novo na rotina habitual; ela esforçava-se por se manter sempre atenta aos comportamentos dele, por ajudá-lo sempre que ele lhe pedia, e assim viviam em paz. Felizes.

Moss tinha respondido no mesmo dia ao email que Alice lhe enviara, receitando-lhe um anti-inflamatório para Pip, mas insistindo para que ela a levasse à clínica em Agnes Bluff para um check-up de rotina. Alice tratou de apagar imediatamente aquela troca de emails, e decidiu pesquisar ela própria o medicamento na net. Mas não teve sucesso. No dia seguinte chegou uma encomenda por correio expresso, um envelope almofadado com antibióticos e anti-inflamatórios. Resolveu medicar a cadela com um deles, e respirou de alívio quando a viu recuperada, feliz e descontraída ao fim de dois dias.

Alice sentia-se cada dia mais segura, mais capaz de segurar o barco. O seu pó de ouro parecia manter os cacos bem colados.

Quando chegou à sede nessa manhã, viu os colegas reunidos no parque de estacionamento. O ar pareceu-lhe estranhamente carregado de adrenalina.

– O que é que se passa? – quis saber a jovem, ao sair do utilitário.

– É dia de fogo – esclareceu-a Aiden, apontando para Sarah que saía do gabinete com um maço de folhas na mão.

– Wai. Palya a todos – gritou Sarah, chegando-se ao grupo. – Muito bem. Vamos lá formar equipas. As condições meteorológicas para hoje são bastante propensas a incêndios controlados, por isso vamo-nos concentrar nos cercados à volta da orla meridional. Partam daqui com as equipas já formadas – os chefes de cada grupo devem ser experientes na matéria. Por isso, Nicko, Aiden e Thugger, dividam os grupos entre os três. Quero toda a gente devidamente equipada. Cada equipa leva um camião-cisterna e qualquer outro veículo que esteja disponível. Lembrem-se, malta: a segurança em primeiro lugar. Cuidado com o manuseamento dos queimadores, não brinquem com eles nem os tenham engatilhados. Prestem muita atenção ao vento. Mais importante ainda, sigam as ordens dos chefes de equipa. Tenho aqui mapas para todos, venham buscá-los. Quero que cada pessoa em campo ande com um rádio totalmente carregado. Bom trabalho a todos.

Tratou de distribuir os mapas e deu meia volta para regressar ao escritório.

Enquanto se formavam os grupos, Alice pôs-se em bicos de pés, procurando Dylan. *É dia de fogo*. Sentiu uma forte descarga de memórias de infância: *em todo o mundo as pessoas recorrem ao fogo*, dissera-lhe a mãe numa das suas tardes de jardinagem. *Uma espécie de feitiço que transforma uma coisa noutra*. Sentiu as palmas das mãos ficarem húmidas. Continuou a perscrutar os grupos, procurando o rosto dele. Mas Dylan não estava ali.

– Sarah? – chamou Alice, apressando-se atrás dela.

A outra voltou-se:

– Sim, Alice, diz?

– Desculpa... Eu... Queria saber se... O Dylan está escalado para este serviço? – Envergonhou-se com o tom infantil da própria voz.

– Não, amiga – disse Sarah lentamente. – Preciso de pessoal no parque, e o Dylan já acompanhou centenas de queimadas. – Perscrutou o rosto de Alice. – Ouve, eu não posso mandar ninguém para o terreno que não esteja empenhado de corpo e alma neste trabalho. E escolhi-te a ti porque és muito trabalhadora e demonstras sempre grande interesse no desenvolvimento de novas competências. Mas se estás com a cabeça noutro sítio...

– Não, não – interrompeu-a Alice. – Está tudo bem. Quero muito ir.

– Tens a certeza?

– Tenho, claro.

Sarah assentiu.

– Aiden! – chamou ela. – A Alice hoje fica contigo.

– Palya – respondeu Aiden, da porta da cabana onde se guardava o equipamento.

– Segue as instruções dele – disse Sarah a Alice, voltando-se para se ir embora. – E desfruta da tua primeira queimada.

Alice correu para a cabana. Estava tudo bem. Ia correr tudo bem. Sarah tinha-a escolhido para aprender e expandir as suas competências. Era perfeitamente lógico e compreensível. E não era ela que estava a pôr Dylan de parte. De certeza que ele ia entender que Sarah a incumbira de uma missão sem aviso prévio, daí ela não poder juntar-se a ele à hora do almoço. De certeza que ele ia entender. Ia ficar tudo bem.

A caminho dos cercados da orla meridional da cratera, Alice deu por si a imaginar-se a abrir uma cerveja ao fim da tarde, contando a Dylan como ficara feliz por ter sido escolhida para trabalhar num incêndio controlado. Mas, à medida que a paisagem do deserto se estendia a sua frente – com faixas púrpura de parakeelyas em flor – surgiram-lhe imagens do pai, despertando nela um antigo sentimento de puro medo – tão temível quanto familiar.



Estacionaram todos na orla sudeste da cratera.

– Vamos trabalhar em linha, todos juntos – disse Aiden aos colegas enquanto eles preparavam os respectivos queimadores. – É importante lembrarem-se do seguinte, quer esta seja a vossa primeira ou vigésima queimada: não incendeiem terreno *à vossa frente*. E nunca avancem para um fogo. Queimem o terreno atrás de vocês e afastem-se do incêndio. Palya?

Alice concordou com a cabeça. Sentiu as mãos húmidas dentro das luvas protetoras. Apertou com força o queimador que empunhava, mas o peso do aparelho fez-lhe tremer o braço. O som do líquido combustível no interior da bilha deixou-a ligeiramente enjoada.

– Rádios? – Aiden dirigiu-se ao grupo. Todos exibiram os aparelhos. – Muito bem. Vamos lá a isto!

Um a um, foram-se acendendo os pavios dos queimadores. Alice piscou os olhos ao ver o dela incendiar-se. Sibilava como se tivesse vida própria. A mão tremeu-lhe.

– Certifiquem-se de que têm as válvulas de respiro abertas – gritou Aiden. Voltou-se para Alice: – Vai lançando chamas para o chão atrás de ti, assim... – disse-lhe, baixando o braço de Alice e direcionando o queimador para um círculo de erva atrás deles, ateando-o e afastando-se. Ateava, afastava-se. Ateava, afastava-se. – Afasta-te sempre do fogo – avisou-a de novo.

A terra foi-se incendiando à volta deles, sibilando e crepitando. Alice olhava para baixo, tentando concentrar-se nas suas botifarras, avançando devagar na direção da terra vermelha e dos arbustos, baixando o queimador e lançando pequenas chamas no solo atrás de si.

Um, dois, lançar chama. Um, dois, lançar chama.

Estou, aqui, lançar chama. Estou, aqui, lançar, chama.

A recordação teimava em não deixá-la, surgindo bem visível à sua frente: a terra indistinta debaixo dos seus pés, enquanto ela e Toby se afastavam a correr da cabana do pai. O vento quente no rosto. O relâmpago a estilhaçar o céu em mil bocados. A sua linda mãe a sair de dentro do mar.

– Alice?

Não se tinha apercebido de que tinha parado, deixado de andar.

– Continuem – dirigiu-se Aiden ao resto do grupo. Chamou-a de novo, de fora do cercado, a cerca de cinquenta metros dela.

– Vais dar um passo na minha direção, agora. – A expressão dele estava calma, a voz serena.

Alice olhou para os pés. Recusavam a mover-se.

– Alice, tu consegues. Avança para mim. Agora – gritou-lhe, num tom já mais urgente.

Alice tremia incontrolavelmente: a lata do combustível do queimador parecia-lhe cada vez mais pesada. Os pés não se moviam um centímetro que fosse. O calor da parede de fogo atrás dela era quase insuportável, as chamas perigosamente próximas do seu queimador.

– Alice! – Aiden desatou a correr na sua direção.

Ela não se conseguia mexer.

Ele chegou-se a ela e agarrou-a pelo braço.

– Vou levar-te pelo braço e vamos correr juntos para fora daqui, ok?

Alice nada mais conseguiu fazer senão assentir. Aiden deu-lhe um forte puxão para a frente, forçando-a a correr. Ela sentiu-se estranha, vendo os pés moverem-se ao mesmo tempo que os dele.

Assim que se viram a salvo da linha de fogo, Aiden tirou a mochila das costas e abriu-a, procurando uma garrafa de água e umas gomas doces.

– Toma – disse-lhe, estendendo-lhe as duas coisas. Observou-a atentamente enquanto ela comia e bebia.

– Obrigada... – murmurou Alice, devolvendo-lhe a garrafa ao sentir-se saciada.

– Já passou? – quis saber Aiden.

Ela assentiu.

– Às vezes a Lulu também tem ataques de pânico. E tenta sempre convencer-me de que são tonturas.

Alice afastou o olhar. Não sabia que Lulu também sofria de ansiedade.

– E como te sentes agora? Precisas que eu chame alguém pelo rádio para te vir buscar?

– Não – respondeu Alice. – Não, eu fico bem. – Cravou os dedos no queimador. – Já estou bem – insistiu, esforçando-se por estabilizar a voz.

Aiden pareceu estudar-lhe o rosto.

– Ok – disse, pondo de novo a mochila às costas. – Mas vamos trabalhar juntos, ok? Com calma e firmeza. Segue as minhas instruções.

À medida que ela e Aiden percorriam o cercado, trabalhando juntos na formação de uma linha de fogo metódica, Alice sentiu os ombros relaxarem e a mão deixar de tremer. Com o apoio dele, e o seu olhar sempre atento, conseguiu cumprir a tarefa que lhe fora atribuída.



Uma hora depois, uma equipa de recolha veio buscá-los em várias Moto 4, levando-os para uma distância razoável dos incêndios controlados. No cimo da duna, pararam para almoçar à sombra dos carvalhos-do-deserto. Alice fechou os olhos e deu um longo gole do cantil. Sentiu as axilas húmidas dos suores frios que o medo lhe provocara.

Enquanto o grupo desfrutava das sanduiches em amena cavaqueira, Alice sentou-se um tanto afastada – de costas propositadamente voltadas para a onda de chamas laranja atrás de si. Quando captou o olhar de Aiden, não conseguiu evitar esboçar um sorriso de gratidão.



Ao final do dia, já de regresso à sede, Alice apressou-se a arrumar o equipamento para poder ir para casa ter com Dylan. Estava prestes a arrancar quando Aiden a interpelou.

– Amiga, fui chamado para ajudar na patrulha do crepúsculo, o que nos deixa com falta de um par de mãos para a verificação de segurança. Não demora muito. Importas-te?

Alice engoliu a súbita onda de receio que a envolveu.

– Claro – disse, disfarçando o nervosismo.

– Pinta-Pinta – chamou-a Ruby, do parque de estacionamento. – Eu dou-te uma ajuda e depois deixas-me em casa, pode ser?

– Ótimo – disse Aiden. – Quantas mais, melhor. Obrigado, Alice. – Voltou-se, mas pareceu mudar de ideias e voltou atrás, abrindo os braços. – Estiveste muito bem, hoje – disse, envolvendo-a num abraço terno. – Parabéns, miúda.

– Obrigada – disse ela com um sorriso tímido. – Gostei muito. E agradeço imenso a tua ajuda.

Assim que Aiden se afastou, Ruby e Alice dirigiram-se à cabana dos equipamentos. Um súbito roncar de motor chamou-lhe a atenção. Sentiu o coração desabar ao reconhecer o perfil de Dylan ao volante do seu utilitário de trabalho, acelerando para longe dali.



Quando Ruby e Alice finalmente entraram no carro para regressarem às respetivas casas, o estômago da jovem estava revirado num nó de pavor.

– Nyuntu palya, Pinta-Pinta? – indagou Ruby, olhando-a com estranheza. – Estás bem?

Alice optou por não responder. Não confiava na sua própria voz. Limitou-se a assentir.

– Os fogos assustaram-te, foi? – quis saber Ruby. Alice assentiu de novo. – Uwa, o fogo pode ser assustador. Mas felizmente também tem coisas muito boas. Pode ser usado como um remédio, por exemplo. Mantém a terra saudável, logo mantém-nos saudáveis também.

– Remédio? – perguntou Alice, distraidamente.

– Aquele cercado que tu hoje queimaste – explicou-lhe a outra –, estava coberto de vagens de sementes que precisavam de fogo para se abrirem e germinarem. Sem estes incêndios controlados, a terra adoece. As nossas histórias adoecem, e *nós* adoecemos.

– Para mim o fogo nunca foi um remédio – Alice deu por si a declarar. – Cheguei a pensar que sim, em tempos. Mas estava enganada. Para mim, o fogo sempre representou o fim das coisas.

Ruby estudou-lhe a expressão. Os rádios de ambas começaram a estralejar em uníssono, chamando por Ruby. Esta soltou-o do cinto de trabalho e respondeu, voltando a prendê-lo à cintura.

Seguiram em silêncio o resto do caminho até à casa dela.



Depois de deixar Ruby em casa, Alice fez inversão de marcha e dirigiu-se ao terreno de trabalho. O carro de Dylan estava parado à porta do ateliê. Tê-la-ia visto abraçada a Aiden? Ia haver problema? Com certeza que não, pensou. Não tinham almoçado juntos como combinado, nem se tinham visto durante todo o dia, mas ele certamente entenderia que ela tinha estado a trabalhar. E, tal como Sarah dissera nessa manhã, Dylan já tinha participado em centenas de queimadas. Com certeza não iria criticá-la por querer aprender.

Alice entrou no pequeno ateliê à procura de Dylan, esperando sinceramente que ele não estivesse com ciúmes – de Aiden, ou do dia que ela passara a trabalhar. Ele já lhe dissera várias vezes que ela era o amor da vida dele. Ela tinha de acreditar nisso, de acreditar *nele*, ou estaria certamente a prestar um péssimo serviço àquela relação. Permitiu-se imaginar o cenário que se poderia desenrolar: Dylan a abraçá-la ternamente e a dizer-lhe o quão orgulhoso estava do trabalho dela. Depois seguiriam para casa, abririam umas cervejas, e ele iria querer saber tudo, com todos os pormenores.

Dylan não ergueu os olhos do computador quando ela entrou. O monitor projetava uma luz doentia sobre o rosto dele.

– Olá – disse ela em tom alegre, forçando um sorriso.

Ele não respondeu, os maxilares firmemente cerrados. Alice esperou.

– Já soubeste? Tive hoje o meu primeiro incêndio controlado – disse-lhe. O sorriso forçado fez-lhe doer as faces. Ele continuou sem reagir.

– Ouvi dizer – respondeu, por fim, de olhos cravados no computador. – Não me admira nada, a queridinha do parque ser escolhida para as queimadas.

O medo bloqueou-a. Quando ele se voltou para ela, os olhos estavam afundados e sombrios, os lábios pálidos.

– Mas tu és mesmo assim, não é verdade? Com esses olhos grandes, e as tuas borboletas, e o teu sorriso... As pessoas nunca se fartam de ti, pois não? E tu adoras usá-las, a merda é essa.

Alice sentiu-se pregada ao chão.

– Conta lá, então... Como é que foi? – Os lábios torceram-se num sorriso cruel. – Vá, conta lá. Com quem é que vieste na moto 4? – Empurrou a cadeira para trás; ela estremeceu. – Em que gajo é que enrolaste as pernas, Alice? – Deu um murro na secretária. – Sim, porque eu estive a verificar a tua ficha e ainda não tens licença de moto 4. Tiveste de vir à boleia de algum cabrão... Quem foi? Com quem é que te enrolaste, porra? E não me mintas! – Dylan tinha cuspo nos cantos da boca. Ela não conseguiu falar.

– Diz-me com quem é que estiveste! – berrou-lhe ele, os olhos chispando de fúria.

Rolaram lágrimas pelo rosto dela. Dylan mexeu-se tão depressa que ela nem teve tempo de se preparar para o que aí vinha. Agarrou-a violentamente por um braço e torceu-lho atrás das costas.

– Diz-me – sussurrou-lhe.

Quando ele a empurrou contra a parede pareceu munido de uma força sobrenatural. Alice não conseguia respirar. Nem ouvir. Cambaleante, conseguiu correr uns passos.

– Ah, pois claro, foge, minha puta! Eu vi-te abraçada ao Aiden. Conheço bem o teu género, vaca. Vá, foge! – A voz dele perseguia-a. – Faz boa viagem, minha porca.

Mais tarde, Alice lembrar-se-ia da forma como o seu corpo se movera, à revelia do cérebro. Correndo aos tropeções para longe dele, e para dentro da carrinha. Alice ligou a ignição ao mesmo tempo que pisou a fundo o acelerador. Mais uma vez, a sua mente pareceu flutuar algures por cima dela, desligada, vendo-a conduzir. Parou junto ao portão da casa de Dylan para trazer a cadela, e seguiu estrada fora em direção a casa.



Quando fez a curva para entrar no trilho de acesso à casa, Alice viu um carro de aluguer estacionado à porta, coberto de pó vermelho. Encostou e dirigiu-se tremulamente ao carro, espreitando pelas janelas. Estava vazio.

Ouviu vozes baixas vindas do quintal de trás; sentiu o aroma rico a fumo de tabaco. Pip correu à sua frente.

Sentia as pernas como chumbo. Avançou lentamente pelo pátio traseiro.

E ali, sob a luz ténue do final da tarde, esperavam-na Twig e Candy Baby.

Arbusto-lanterna



Significado: **A esperança pode cegar-me**
Abutilon leucopetalum | Território do Norte

Tjirin-tjirin (Pitjantjatjara) é uma planta que habita regiões secas, sobretudo regiões rochosas do interior. As folhas têm uma base em forma de coração. As flores amarelas, muito parecidas com hibiscos, surgem normalmente no inverno e na primavera, mas por vezes florescem ao longo de todo o ano, exibindo tons vibrantes. As crianças Anangu utilizam-nas como pequenos dardos de brincar.

Candy não controlou a emoção. Precipitou-se sobre Alice e acariciou-lhe o rosto, os olhos marejados de lágrimas.

Twig foi mais comedida. Lançou a beata para o chão e esmagou-a com o pé. Assim que Candy se afastou de Alice, deu um passo em frente e abraçou-a.



Enquanto preparava o chá, Alice não conseguiu evitar que as mãos lhe tremessem. O vapor colava-se-lhe à pele, ao cabelo. A fúria de Dylan persistia em assombrá-la. A repugnância estampada no rosto dele. O poder maléfico da sua força.

Levou três canecas de chá para a mesa da cozinha, onde Twig e Candy se haviam instalado, tão familiares e, ao mesmo tempo, tão fora do contexto na paisagem do deserto. Trémula, pousou as canecas.

– Estás bem? – quis saber Candy, pousando a mão na de Alice.

A jovem sentou-se, fechou os olhos um instante e assentiu.

– Como é que me encontraram? – murmurou.

Elas trocaram um olhar.

Twig deu um gole no chá, antes de responder:

– Através do Moss Fletcher.

– O veterinário? – exclamou Alice, incrédula, com a mente a mil. – De Agnes Bluff?

Twig fez que sim.

– Ele leu as insígnias na tua carrinha quando te levou à médica. Pesquisou Thornfield no Google e ligou-nos, procurando parentes próximos. E depois voltou a ligar-nos quando lhe mandaste um email a dizer que estavas a viver aqui.

Alice não conseguiu olhar para nenhuma delas.

– Ele não devia ter feito isso. – A voz de Dylan: *As pessoas nunca se fartam de ti, pois não? E tu adoras usá-las...*

– Talvez não – disse Candy docemente –, mas ficámos tão aliviadas quando ele nos ligou, querida. – Limpou os olhos. – Tu deixaste-nos, ervilhinha – prosseguiu. – Mande-te milhares de mensagens, emails todos os dias... – A voz quebrou-se-lhe. – Tu limitaste-te a ir embora e nunca mais disseste nada.

Lá fora, as luzinhas brilhavam no escuro da noite que começava a cair. Iria Dylan ligar-lhe? A cabeça dela parecia querer explodir. A adrenalina fora-se esvaindo, deixando-a com uma forte sensação de exaustão.

– Vocês sabem perfeitamente porque é que eu «me limitei a ir embora» – declarou Alice. – Estavam à espera que eu fizesse o quê, depois do que aconteceu?

– Eu sei que é difícil tentares compreender, Alice, mas a June estava apenas a querer proteger-te.

– Oh, por amor de Deus! Isto não é... – Alice levantou-se e arrumou a cadeira bruscamente. – Eu não consigo lidar com isto agora – disse, levantando as mãos. Não lhe restava um resquício de força no corpo para discutir. Não as queria ali. Tinha a cabeça feita num oito; só conseguia pensar em Dylan. Não lhe restava espaço para fantasmas e memórias antigas. Além disso, bem no seu íntimo, ela sabia que estava a ser injusta. Elas não mereciam o seu medo, a sua dor, a sua raiva. A melhor coisa que ela podia fazer para bem de todas era dar tempo ao tempo.

– Preciso de um momento – murmurou, voltando costas e dirigindo-se à casa de banho para um duche retemperador. Quando ia fechar a porta, ouviu Candy dizer:

– Ela morreu, Alice.

As palavras atingiram-na como uma série de pequenas explosões. Conseguia ver os lábios de Candy a moverem-se, mas ouvia apenas fragmentos de frases.

– ... ataque cardíaco fulminante...

Abanou a cabeça com força, tentando ouvir. Não sentia as pernas.

– ... as cheias impediram-nos de sair de casa. Dia e noite, ela sentava-se no terraço de trás a ver

o nível da água subir. Encontrámo-la de olhos muito abertos, fixos nos campos de flores destruídos. – O rosto de Candy era uma tela em branco.

Alice olhou para as duas mulheres como se estivesse a vê-las claramente pela primeira vez. Os olhos de Candy estavam raiados de vermelho, o cabelo azul espalmado e sem brilho. O cabelo de Twig estava já bastante branco nas têmporas. E mesmo debaixo da farda de trabalho, notava-se que emagrecera imenso.

June tinha morrido.

Alice cambaleou até à casa de banho e fechou a porta, encostando-se a ela quando as pernas cederam. Afundou-se no chão. Desejando urgentemente algum tipo de conforto, abriu a torneira da água quente. Entrou no duche completamente vestida e sentou-se debaixo do chuveiro. Ergueu o rosto para a água. Chegou os joelhos ao peito, abraçou-os e permitiu-se desmoronar-se num pranto, finalmente.



Alice deixou-se ficar na casa de banho muito depois de ter terminado o duche. Embrulhou-se em toalhões e ficou sentada no polibã, de olhos fechados, incapaz de se mexer, incapaz de falar.

Pelas paredes ouviu o som das vozes de Candy e Twig a conversarem na sala. O correr da porta de trás. O ruído das canecas a serem lavadas na cozinha. O arrastar das cadeiras da mesa de jantar no linóleo. Passos até à porta da casa de banho.

– Alice. – A voz de Twig. – Nós vamos ver se arranjamos um quarto no resort. Dar-te algum espaço. Foi um erro trazer-te estas notícias assim... sem aviso prévio. – Uma pausa. – Lamentamos muito. – Outra pausa. Passos a afastarem-se. Quando ouviu a porta de casa abrir e fechar, Alice saiu finalmente do duche, envolta num toalhão. Abriu a porta da casa de banho. Pip entrou de rompante, embrulhando-se nas pernas dela.

– Esperem! – gritou.

Twig e Candy já estavam lá fora. Ao ouvirem a voz dela, voltaram para dentro.

– Podem ficar aqui. Tenho espaço suficiente. Neste momento estou na minha folga de quatro dias. – Ergueu o queixo e fixou-as. – Quero que fiquem cá. Temos muito que conversar. – O coração batia-lhe descompassado dentro do peito.

Elas olharam uma para a outra. Candy foi a primeira a falar:

– Que me dizes de eu fazer alguma coisa para jantarmos? Não vamos conseguir pensar claramente com o estômago vazio.

Enquanto Candy se dirigia para a cozinha, e Twig se instalava no pátio para enrolar um cigarro, Alice foi ao quarto vestir-se. Cada movimento exigiu-lhe um esforço descomunal. Primeiro as cuecas. Teria June sentido dores? Uma perna. Depois a outra. Saberla que estava a morrer quando

soufreu o enfarte? Camisa por cima da cabeça. Teria gritado, ou chamado por alguém? Estaria aterrorizada? A cabeça de Alice parecia pesada demais para o pescoço a suportar. Enfiou-se na cama, só por um breve momento, procurando o conforto da sua almofada.

Até que o sentiu.

O cheiro da colônia de Dylan na camisa dela, o aroma a folhas verdes e a mais qualquer coisa. O corpo dele, os seus sonhos, o seu hálito, a terra e a sal.

Alice levou o colarinho da camisa ao nariz, inalando profundamente. Ele ficara triste por se ver excluído dos incêndios controlados. E perturbava-o demasiado o facto de ela atrair a atenção dos outros homens. Ela devia ter sido mais sensível, mais consciente. E devia ir ter com ele e pedir-lhe desculpa. Ele tinha simplesmente perdido a cabeça. Acontecia a qualquer um.

Alice esforçou-se por conter as lágrimas. Sentou-se e apagou a luz da mesa de cabeceira. Olhou para a casa dele, através das dunas. Surgia solitária e com tudo apagado, uma estrutura sombria debaixo do céu estrelado.



Na manhã seguinte, Alice acordou com o cheirinho a café acabado de fazer, e os sons atarefados de Twig e Candy na cozinha. Não sabia onde estava, nem no tempo, nem no espaço. Podia ter nove anos. Dezasseis. Vinte e sete.

– Café? – perguntou Candy ao vê-la surgir na sala, com um ar cansado e olhos sonolentos.

– Sim, por favor.

– Que tal dormiste? – quis saber Twig.

– Que nem uma pedra, sem sonhos – murmurou Alice, bocejando. – E vocês?

– Lindamente – assentiu Twig com um sorriso.

– Nós sentimo-nos como duas adolescentes num acampamento. Imagina, com a nossa idade... –

Candy sorriu, estendendo a Alice uma caneca de café a fumer. Ela agradeceu com um aceno.

Instalou-se um silêncio desconfortável entre as três. Lá fora, Pip corria em círculos, perseguindo a própria cauda.

– A cadela tem de ir passear – disse Alice, dando um gole no café. – Costumamos fazer o mesmo passeio quase todos os dias, do meu quintal de trás até à parede da cratera. Tem uma vista que eu sei que vocês vão adorar.



Com Pip a saltitar à frente delas, Alice, Twig e Candy caminharam por entre árvores e arbustos em direção à cratera. De vez em quando, uma delas parava para apontar uma rosa-do-deserto, ou uma

água-audaz a pairar por cima das suas cabeças. Mas, a maior parte do tempo caminharam em silêncio, seguindo o trilho que escalava a parede da cratera. Quando chegaram à plataforma de observação, Twig arquejava aflitivamente. Teve de se sentar à sombra para recuperar o fôlego.

– Isso é da porcaria dos cigarros de enrolar que passas o dia a fumar – disse-lhe Candy, de sobrolho carregado. A outra fez-lhe um gesto, enxotando-a.

Alice passou o cantil de água às duas e deitou um pouco numa tigela para Pip – que se estendeu, arquejante, ao lado de Twig. O ar fresco da manhã refrescou-lhes a pele. Voltaram-se para observar a cratera. As ervilhas-do-deserto exibiam um resplandecente e mágico tom de vermelho.

– Isto é espetacular – suspirou Candy. – Acho que nunca tinha visto tantas ervilhas-do-deserto juntas.

– Atraem turistas do mundo inteiro.

– Começam a florescer agora, ao longo de todo o verão e até ao outono – observou Twig com um tom conhecedor e visivelmente maravilhada. – Na minha terra chamamos-lhes *flores de sangue* – acrescentou. – E nas nossas histórias, as histórias Koori, elas florescem onde quer que haja sangue derramado.

– Nunca me contaste isso – disse-lhe Candy. – É por isso que tens sempre tanto cuidado ao plantá-las em Thornfield?

Twig assentiu:

– É uma das razões, sim. Fazem-me sempre lembrar a família que perdi. E também – A voz fraquejou-lhe. – a família que encontrei.

– *Tem coragem. Acredita* – murmurou Candy.

Alice apanhou um galho do chão e apontou para a cratera.

– Conta a história indígena que a cratera é o resultado do impacto de um coração de mãe que caiu à terra. Ela arrancou-o do peito e lançou-o das estrelas, para ficar junto do filho bebé que caíra inadvertidamente do seu berço no céu. – Alice quebrou o galho em dois e entreteve-se a descascar uma das metades. – As ervilhas-do-deserto florescem ao longo de nove meses no ano, num círculo perfeito. Dizem que cada uma das flores representa um pedaço vivo dessa mãe, vinculado à terra. – Foi partindo o galho em pedaços cada vez mais pequenos, formando uma pilha aos seus pés. – A minha amiga Ruby diz que se as flores adoecerem, ela e a família também adoecem.

– Faz todo o sentido – comentou Twig.

Ficaram as três sentadas em silêncio durante um momento.

– Ela foi cremada ou enterrada? – Alice não conseguiu olhar para nenhuma delas.

– Cremada – respondeu-lhe Candy. – Deixou instruções expressas para isso. E pediu que as cinzas fossem lançadas ao rio para que ela pudesse encontrar o caminho até ao mar.

Alice abanou a cabeça tristemente, recordando o dia em que mergulhara no rio e sonhara segui-lo até casa.

– Talvez seja melhor voltarmos, Alice. Temos uma coisa para te dar – disse Candy. Twig concordou com um aceno.

– Claro – retorquiu Alice. Assobiou à cadela e orientou-as no caminho de regresso a casa.



Quando chegaram, o sol já ia alto, irradiando calor. Alice encheu três copos com água fresca e rodela de limão, servindo as amigas.

Minutos depois, Candy dirigiu-se ao carro de aluguer e regressou com um objeto embrulhado num pedaço de tecido. Alice reconheceu-o instintivamente.

– Oh, meu Deus!

– Ela deixou escrito no testamento que gostaria que ficasses com ele. – Candy entregou-lhe o embrulho.

Alice desembulhou o Dicionário de Thornfield. Uma onda de doces memórias percorreu-lhe o espírito. A primeira vez que entrou no ateliê com Candy. Twig a ensinar-lhe a cortar flores. June a mostrar-lhe como prensá-las. Oggi, ainda um rapazinho, erguendo os olhos do livro e acenando-lhe.

– Ocupou-lhe uma boa parte dos últimos vinte anos, mas no fim cumpriu a promessa que te fez. – O tom de Twig soou grave e emocionado. – Tudo aquilo que alguma vez sonhaste saber está aí dentro. Nós não nos apercebemos, mas a June dedicou o seu último ano de vida a escrever as histórias de Thornfield, incluindo a dos teus pais.

Alice cravou as mãos no livro.

– Quando as leres – disse Candy –, ficarás a saber que a Ruth Stone nunca quis que Thornfield passasse para as mãos de um homem que não fosse merecedor. – Fez uma pausa, parecendo estudar as palavras cuidadosamente. – Sabes, Alice, quando o teu pai era novo, a June sofreu um ataque cardíaco. Foi uma coisa relativamente ligeira, mas ainda assim ela resolveu fazer um testamento. Mas não disse a ninguém... porque decidiu que o Clem não seria beneficiado. Ela sabia como ele era possessivo em relação à tua mãe, viu isso logo, desde que eram miúdos. E também percebeu desde logo até que ponto ele conseguia ser agressivo connosco. Ou ciumento, quando não era ele o centro das atenções. Ou mesmo maléfico quando se descontrolava, extremamente violento quando perdia a cabeça. Um dia, ele ouviu inadvertidamente a June contar à Agnes que Thornfield um dia seria dela, minha e da Twig. Que tinha tomado a decisão de não incluir Clem no testamento... Bom, no dia em que ele abandonou a quinta, jurou que nunca mais falaria com June, nem com nenhuma de nós. – A voz quebrou-se-lhe. – E foi por isso que nós nunca te conhecemos até chegares a Thornfield, já com nove anos. Nunca mais voltámos a ver ou a falar com os teus pais.

– Então... – Alice afastou-se, como se estivesse a juntar as peças de um puzzle. – Os meus pais abandonaram Thornfield porque a June tomou uma decisão que ela sabia de antemão que ia

deixar o meu pai furioso?

– As coisas não foram assim tão simples. A June achou que tinha boas razões para fazer o que fez. Conhecia muito bem a natureza do filho para deixar nas mãos dele tudo aquilo que ela e as mulheres da tua família construíram. Ele era extremamente volúvel.

– Sim – retorquiu Alice. – Tenho plena noção disso, Candy, acredita. – Sentiu uma dor aguda latejando-lhe nas têmporas. – Por que é que não me disseste que foi por isso que eles deixaram Thornfield?

– Não podia, Alice. Não podia trair a June. Nunca, depois de tudo o que ela fez por mim. Cabiá-lhe a ela contar-te esta história.

– Quer dizer que, por causa disso, ignoraste os teus próprios sentimentos? – Elevou a voz: – Que os erros da June passaram a ser teus também?

– Pronto, já chega – interveio Twig. – Já chega. Faz uma pausa, Alice. Respira fundo.

Alice levantou-se e caminhou pela sala. Lágrimas gordas rolaram pelo rosto de Candy.

– Eu creio que é muito importante – declarou Twig lentamente –, não nos deixarmos perturbar pelo passado.

– Deixar-me perturbar pelo passado?! – guinchou Alice. – Como é que isso pode acontecer se eu nem sequer *conheço* o passado?

– Alice, por favor... – Twig tentou chamá-la à razão. – Tens de te acalmar. Precisamos de falar de coisas realmente importantes.

– Que coisas? – lançou-lhe Alice num tom agressivo.

– Senta-te – disse Twig, firmemente. O rosto dela era absolutamente imperscrutável. E o de Candy também. Alice sentiu uma onda de preocupação instalar-se no lugar da raiva que momentaneamente a consumira. Olhou para Candy, depois para Twig.

– O que é? – quis saber. – Digam-me.

– Senta-te, Alice.

A jovem ia começar a protestar quando Twig ergueu uma mão. Resignada, Alice puxou de uma cadeira e sentou-se.

– Tudo isto é demasiado para assimilar de uma vez só, e nós só queremos poupar-te o mais que nos for possível – disse Twig, entrelaçando as mãos.

– Só lhes peço que me contem. – Alice cerrou os dentes.

– Ok – acedeu Twig. – Bom...

Candy respirou fundo.

– Alice... – Twig não sabia como começar.

– Diz-me, bolas!

– O teu irmão sobreviveu ao incêndio – disse Twig por fim, afundando-se na cadeira.

Alice reagiu como se tivesse levado uma estalada:

– O quê?!

– O teu irmão bebé. Sobreviveu. Foi adotado pouco depois de teres vindo para Thornfield.

Alice ficou a olhar para elas, completamente atordoada.

– Nasceu prematuro e muito doente. Os médicos duvidaram que sobrevivesse. E nessa altura... a

June pôs em causa a sua capacidade de tomar conta de um recém-nascido doente, e também não quis expor-te a mais sofrimento, caso ele não sobrevivesse.

Alice abanou a cabeça, sem conseguir entender.

– E então... descartou-o, pura e simplesmente?

– Oh, minha ervilhinha! – Candy estendeu uma mão para ela. – Tenho tanta pena! É um choque horrível para ti, demasiada informação para processar. Vai levar o seu tempo. Por que não voltas para Thornfield connosco? Por favor. Nós cuidamos de ti e...

Subitamente, Alice levantou-se e correu para a casa de banho. Vomitou e tossiu, tomada por convulsões.

Os rostos de Candy e Twig, cheios de medo, preocupação e amor, inclinaram-se sobre Alice, amparando-a, dizendo o nome dela.



Candy abriu com o pé a porta de rede, levando duas tigelas de massa fumegante para o pátio. Estendeu uma a Twig e sentou-se ao lado dela, iluminada pelas luzinhas decorativas. Comeram em silêncio durante um longo momento. O céu mudara de azul para âmbar e cor-de-rosa. Iluminada por trás, a parede da cratera parecia o casco de um navio encalhado.

– Não achas que devíamos acordá-la? – sugeriu Candy.

– Deixa-a dormir, Candy.

– Ela já está na cama há mais de um dia.

– E, ao que parece, bem precisa do descanso – suspirou Twig.

– E o telemóvel dela? Ainda não parou de tocar.

– Candy...

– Como é que achas que ela fez aquelas nódoas negras? – interrompeu-a a outra, num murmúrio angustiado.

Twig abanou a cabeça. Pousou a tigela e levou a mão ao bolso da camisa, de onde retirou a sua bolsa de tabaco. – Deve ter sido num trabalho qualquer aqui no parque. Sabes bem que às vezes nos magoamos.

– Eu sinto que a perdemos – disse Candy baixinho.

– Sentes isso porque não sabemos nada da vida dela desde que saiu de Thornfield. E nem sequer lhe demos a oportunidade de nos pôr a par, pois não? Trouxemos-lhe notícias devastadoras.

Candy não respondeu. Ficaram ambas a ver o sol a afundar-se no horizonte.

– E não lhe disseste que a June morreu à espera que ela voltasse para casa – disse Candy, passado um momento.

– Nem tu – lançou-lhe Twig.

– Eu sei. – Candy esfregou as têmporas. – A última coisa que ela precisa é desse tipo de culpa.

Surgiram as primeiras estrelas no céu.

– Chegaste a ver os cadernos dela? – perguntou Candy.

Twig assentiu com a cabeça, acendendo um cigarro.

– Estão nas estantes. Cobertos de flores e dos respetivos significados. Alguns têm desenhos, outros têm flores secas. Sem nenhuma ordem em especial, não como num dicionário. As páginas parecem aleatórias, mas quando as folheamos ficamos com a sensação de que contam uma história.

Twig deu uma longa passa e expeliu o fumo para cima, olhando para Candy de relance.

– Que é que foi? – disse Candy, defensiva. – Vi-os nas estantes, fiquei curiosa e dei uma vista de olhos, mais nada. – Brincou com o garfo nos restos de massa fria. – Estou preocupada.

Twig deu outra longa passa no cigarro.

– Também eu.

Candy poisou o garfo na tigela, num gesto decidido.

– Temos de convencê-la a voltar para casa connosco – declarou. – Afinal, um terço de Thornfield pertence-lhe.

– Tudo isso pode esperar. Não vamos a lado nenhum.

– Sim, mas... não a pressentes metida nalgum sarilho? Nós somos a única família que ela tem. Ela precisa de nós. – A voz de Candy soou trémula.

– Não somos a única família que ela tem – fez-lhe ver Twig.

Candy endireitou-se, boquiaberta.

– Como assim? Nós amamo-la. Criámo-la.

– E assim que ela se sentir preparada, vamos estar lá para apoiá-la. Mas neste momento temos de lhe dar o tempo de que ela necessita. Deixá-la fazer o que tem de fazer.

– Que é?

– Viver – disse Twig, simplesmente. – Tu sabes isso. A tua cabeça e o teu coração não estão em sintonia, neste momento. Ela está desesperada por viver a sua própria história, tentar e errar e, mesmo assim, saber que ficará bem.

– Mas... – O lábio inferior de Candy tremeu-lhe. – E se não ficar?

– E então? Que é que queres fazer? Reprimi-la e sufocá-la, como fez a June para tentar protegê-la? Lembra-te que de boas intenções está o inferno cheio.

Candy ficou em silêncio. Pensativa, Twig retirou pedacinhos de tabaco da língua. Ao longe ouviram-se cães a uivar.

– Não a vamos perder outra vez – declarou Twig. – Dá-lhe algum crédito.

Candy concordou com um aceno, o rosto tolhido pela dor.

– Ok – murmurou.

– Ok – repetiu Twig, dando outra passa, ouvindo o crepitar do tabaco no silêncio da noite.



Alice sentou-se no sofá com uma caneca de café. Já estava acordada há umas horas, mas sentia a cabeça tão vazia quanto o céu lá fora. Candy disse-lhe que tinha dormido dois dias seguidos. *Depois de tudo o que te dissemos, devias estar mesmo a precisar.*

Enquanto Candy e Twig levavam os sacos para o carro de aluguer, Pip saltitava à volta delas, metendo-se-lhes no meio dos pés. Elas queriam chegar a Agnes Bluff ainda de dia, já que o voo de regresso seria na manhã seguinte bem cedo.

– Penso que está tudo. – Twig voltou a entrar em casa, sacudindo o pó das mãos. – Sei que já te perguntei isto mil vezes, mas se quiseres que fiquemos...

Alice abanou a cabeça.

– Eu estou bem. E vai fazer-me bem ficar um tempo sozinha para conseguir digerir tudo isto.

– Prometes que nos ligas? – disse-lhe Candy, com um sorriso tristonho. – Sempre que tiveres dúvidas, ou precisares de falar, ou apenas para ouvires a voz de quem te conhece e te ama muito.

Alice levantou-se e avançou para ela.

– Odeio despedidas – gemeu Candy, abraçando-a. – Promete que vais visitar-nos. Não tarda, começam as sementeiras. Vamos tentar começar tudo de novo.

Alice assentiu por cima do ombro de Candy, inspirando o seu cheiro a baunilha.

Candy desfez o abraço.

– Alice Blue... – murmurou ternamente, ajeitando uma madeixa de cabelo por detrás da orelha da jovem antes de entrar no carro.

Alice e Twig ficaram frente a frente, em silêncio. A jovem não conseguiu olhá-la nos olhos.

– Estás bem? – Twig pigarreou.

Alice obrigou-se a olhar para ela.

– Hei de ficar.

Captaram o olhar uma da outra por um momento, até que Twig tirou do bolso de trás um envelope volumoso.

– Quando te sentires preparada – disse –, tens aqui tudo o que precisas. Já devia ter-te dado isto há muitos anos.

Alice aceitou o envelope. Twig puxou-a para um abraço apertado.

– Obrigada – disse a jovem. Twig fez-lhe uma festa, sorrindo.

Alice ficou a acenar-lhes até o carro desaparecer de vista.

Quando entrou em casa, sentiu à sua espera tudo aquilo que Twig e Candy lhe haviam contado. A morte de June. A vida do seu irmão bebé. Andou em círculos, tentando que tudo assentasse dentro do seu coração, mas depressa percebeu que só tinha espaço para Dylan. Já tinham passado dias. Onde estaria ele? Twig e Candy podiam ter-se esquecido de lhe dizer que o telefone tinha tocado enquanto ela dormia. Poisou o envelope que Twig lhe deu e apressou-se para o telemóvel. Como já era de prever, tinha várias mensagens e chamadas não atendidas.

Todas dele. A primeira mensagem era um pedido de desculpas, mas as seguintes revelaram-se cada vez mais frias. A última mensagem deixou-a literalmente maldisposta.

Tenho-me mostrado superior a tudo isto, liguei-te e pedi-te desculpa, e tu ignoras-me? Que simpático da tua parte.

Movida pela culpa e pela compulsão de resolver as coisas, Alice pegou nas chaves de casa e saiu pela porta de trás. Percorreu a vedação em direção à casa dele. Ia pedir-lhe desculpa por ter aceitado o serviço das queimadas. Por não ter sido mais sensível em relação aos seus sentimentos, e por não ter ido ter com ele antes. Ia explicar-lhe que tinha tido a inesperada visita de familiares. Ia contar-lhe tudo. Revelações súbitas de morte e de vida. Ele ia entender.

Mas o portão de Dylan estava fechado a cadeado. E nenhum dos seus carros se encontrava à vista.

– Ele não está em casa – disse uma voz atrás dela.

Voltou-se. Era Lulu. Já não falavam há meses.

– Foi-se embora – informou-a a amiga, enfiando as mãos nos bolsos. – Esteve na sede a falar com a Sarah, parece que tinha assuntos urgentes a tratar. Precisou de partir de repente.

Alice perscrutou-lhe o rosto, tentando compreender.

– Que... Quando? – murmurou por fim.

– Ontem ainda o vi na bomba a atestar o carro. Ele não te disse nada?

Alice não conseguiu conter um suspiro profundo. Que assuntos urgentes? Teria ele contado a Sarah o que se passara no ateliê? Estaria magoado? Doente? Com algum problema? Lulu agarrou Alice a tempo, quando lhe viu os joelhos cederem.

– O que é que eu fui fazer? – Alice desatou num pranto incontido, apoiada em Lulu para não cair. Nem sequer se apercebeu que os seus hematomas ficaram à vista.

– Mas que raio...? – disse Lulu por entre os dentes cerrados, olhando para os braços de Alice. – Ele magoou-te? O Dylan bateu-te, Alice?!

Alice tentou engolir o embaraço.

– Pois – disse Lulu, num tom preocupado, mas firme. – Vamos para minha casa. Anda.

Árvore-de-Coral



Significado: Cura para as dores do coração

Erythrina vespertilio | Austrália Central e Queensland

A madeira de Ininti (Pitjantjatjara) é muito usada para fazer tigelas e lança-dardos. A casca, o caule e os frutos são utilizados nos mais variados tratamentos da medicina tradicional. As suas folhas têm a forma de morcegos e as flores cor de coral germinam na primavera e no verão. As sementes em forma de feijão, atrativas e vibrantes, variam do amarelo escuro ao vermelho-sangue, e são muito utilizadas em decoração e joalheria.

Alice caminhou alheada e trôpega ao lado de Lulu, até casa dela. Sentou-se à mesa de jantar, baixando o olhar para as mãos. As lágrimas corriam-lhe descontroladamente pelo rosto abaixo. Lulu foi à cozinha, regressando com dois copos do que parecia ser água gaseificada, com gelo e rodela de limão e lima.

– Vai ajudar-te a acalmares – disse-lhe.

Alice assentiu, dando um gole. Tossiu violentamente ao perceber que se tratava de um gin tónico bem forte.

– O remédio da minha avó para a febre e para as maleitas do coração – esclareceu-a Lulu.

Os cubos de gelo estalaram no copo.

– E então... Há quanto tempo é que isto dura?

Alice deu outro gole, mais longo, sentindo a dor fechar-lhe a garganta.

– O que é que eu fiz de errado? – Soluçou tanto que não resistiu a um vômito.

– Oh, *chica*... – Lulu voltou à cozinha. – Tu não fizeste nada de errado – assegurou-lhe, levando-lhe um copo de água. Sentou-se em frente à amiga e tomou-lhe as mãos nas suas.

– Porque é que estás a ser tão querida comigo... mais uma vez? – perguntou-lhe Alice, apertando-lhe firmemente as mãos. – Achei que me odiavas.

– Tenho tanta pena, Alice – disse-lhe Lulu, a voz carregada de remorso. – Percebi que vocês

gostavam um do outro no segundo em que se conheceram. Tentei avisar-te, mas não te contei a história toda. Assim que se tornou óbvio que vocês namoravam, tive medo e... fiquei com muita vergonha de te contar o que se passou comigo. – Fez uma pausa e afastou o olhar, não se focando em nada específico. – Nunca contei a ninguém. Nem o Aiden sabe a verdadeira extensão da história. O Dylan lixou-me tanto a cabeça... Tentei fazer pouco caso das coisas, convencendo-me de que quase nem tinha acontecido. Pensei que o problema era meu, como se qualquer coisa em mim não fosse compatível com ele. Que era *eu* a razão de ele ser tão violento, tão agressivo. Que a culpa era toda minha. E cheguei a pensar que contigo podia ser diferente. Se me tivesse passado pela cabeça que ele seria capaz de... – Lulu olhou de relance para os braços da amiga e não acabou a frase.

Enquanto seguravam as mãos uma da outra, Alice olhou para as pulseiras de cabedal que Dylan tirara dos pulsos para pôr nos dela. Enraivecida, tentou arrancá-las com os dentes.

– *Chica!* – exclamou Lulu. – Para, vais-te magoar. – Pegou numa tesoura de cima da cómoda, enfiou cuidadosamente a lâmina sob as tiras de cabedal e cortou-as, libertando os pulsos de Alice. Esta esfregou-os, estranhamente aliviada.

– Sabes que conversa é que o Dylan pode ter tido com a Sarah antes de se ir embora? – perguntou a Lulu, que negou com a cabeça.

– Mas penso que amanhã ficaremos a saber, quando formos trabalhar. – Apontou para o medalhão de Alice, plena de intenção. – *Tem coragem. Acredita.* E eu não te vou deixar sozinha, prometo.



Na manhã seguinte, Alice dirigiu-se à sede do parque, acompanhada de Lulu. Não resistiu a olhar de relance para a casa de Dylan quando por lá passaram de carro. O portão fechado a cadeado, nenhum carro estacionado. A mente dela vagueou instintivamente para dentro da casa. A escova de dentes no copo, ao lado da dele. Os vestidos de verão pendurados no roupeiro. A cama deles junto à janela, tórrida e eternamente descomposta, banhada pela luz. O rosto sonolento dele todas as manhãs. O modo como ele tomava a cabeça dela nas mãos quando faziam amor. A horta. A churrasqueira do quintal. A porta partida do quarto. As bolas de pó. Enquanto se afastavam, o coração de Alice demorou-se nas memórias, emaranhado em anseio, desejo e medo.

Quando finalmente estacionaram no parque da sede, Alice deu por si a abanar a cabeça.

– Não consigo fazer isto – murmurou.

Nenhuma falou durante um momento.

– Consegues, sim – Lulu murmurou-lhe de volta.



Sarah esperava por Alice sentada na secretária dela do gabinete operacional.

– Alice – disse-lhe, o rosto desprovido de expressão. – Posso dar-te uma palavrinha? No meu gabinete?

Alice concordou com um aceno. Enquanto seguia Sarah, lançou um olhar a Lulu.

– Fico aqui à tua espera – sussurrou-lhe a amiga.

Sarah apontou para a cadeira em frente à sua secretária.

Alice sentou-se, lembrando-se do dia em que ali chegara e se sentara precisamente naquela cadeira para assinar o contrato, cheia de esperança e entusiasmo.

– Não me vou pôr com rodeios – declarou Sarah. – Um dos funcionários reportou-me um incidente. – Pegou num envelope de manilha e abriu-o. – O Dylan Rivers deu-me conta de um episódio ocorrido no ateliê da zona de trabalho, depois das queimadas de quinta-feira passada. Diz que o agrediste fisicamente. – Sarah passou os olhos pelas folhas do relatório. – Ainda que tenha afirmado que não pretende levar este assunto avante, enviou-me este relatório, com o conhecimento dos recursos humanos da sede da empresa. – Largou as folhas e reclinou-se na cadeira, apertando a cana do nariz. – Desculpa, Alice, mas estou de mãos atadas. Vou ter de te abrir um processo disciplinar, o que, tecnicamente, equivale à imediata suspensão das tuas funções.

Alice tremeu, tal o esforço para tentar manter-se calma.

– Vou pedir a um dos *rangers* que assuma temporariamente os teus turnos – prosseguiu Sarah num tom grave. – Espero ainda hoje vir a saber pelos recursos humanos em que moldes ocorrerá a tua suspensão. Vão mandar-me um funcionário na próxima semana, o que te dará tempo e oportunidade para me apresentares a tua versão dos acontecimentos.

Alice não conseguiu dizer nada.

– Entretanto, não poderás ter qualquer contacto com o Dylan, pelo menos até o relatório ficar processado. O que não será um problema para ti visto que, como já deves saber, ele pediu uns dias de licença.

Alice fechou os olhos.

– Tens alguma dúvida? Alguma pergunta?

Ela abanou a cabeça.

– Então...? – disse Sarah, num tom mais suave.

Alice abriu os olhos.

– Não há mais nada que eu deva saber, Alice? Algo que queiras partilhar comigo... em confidência?

Alice captou o olhar dela por um momento, empurrou a cadeira para trás e saiu do gabinete sem uma palavra. Lá fora, Lulu esperava-a no seu utilitário com o motor ligado.

– Não te enfiés em casa, *chica* – disse-lhe ela, quando pararam à porta de Alice. – Despe a farda, veste qualquer coisa confortável e anda comigo fazer a ronda. Quem sabe não te faz bem? Caminhar

ao ar livre liberta-nos o cérebro. Ficares enfiada em casa só piora as coisas.

Alice olhou para a sua casa sem a ver realmente. Ele tinha apresentado uma queixa contra ela. Tinha-lhe, consciente e intencionalmente, roubado a voz. *Como a rapariga do conto de fadas que vagueia num bosque escuro.*

Limpou as lágrimas e abriu a porta do lugar do passageiro.

– Dá-me cinco minutos.



Alice seguiu o grupo comandado por Lulu pelo trilho que ia dar à cratera. Fora um erro ter vindo. Não queria ficar a ouvir a história que tão cedo ela própria não poderia voltar a contar. E não queria pensar na razão pela qual não o poderia fazer. Não queria ouvir a voz de Dylan na sua cabeça. Nem reviver a conversa que tivera com Sarah. A humilhação. A incredulidade. Só lhe apetecia desaparecer no meio daquele deserto.

– Está a atrasar o grupo – ouviu uma mulher dizer.

Alice sobressaltou-se:

– Desculpe?

– Venha lá – disse a mulher, empertigada, cravando repetidamente a ponta do bastão de caminhada na terra vermelha.

– Está tudo bem – disse Alice. – Não precisam de esperar por mim.

A mulher baixou a rede mosquiteira do chapéu sobre o cabelo grisalho e o rosto rosado.

– Qualquer pessoa que tenha lido o guia do parque sabe... – Apontou em seu redor com o bastão.
– ... que esta zona é bem mais perigosa do que aparenta.

– Obrigada – disse Alice, perplexa. – Vou ver se não me esqueço disso.

Continuaram a andar e a mulher entreteve-se a esmagar galhos e ramos com a ponta do bastão.

Alice arrepiava-se a cada golpe. A intensidade do seu desejo de ficar sozinha tornava-a mais e mais irritadiça. *Respira*, ordenou a si própria.

Mas a sua mente galopava a mil à hora. A um dado momento do último fim de semana, enquanto Twig e Candy lhe revelavam as verdades que definitivamente descoseram as bainhas da vida dela, Dylan tinha-se sentado algures, quem sabe ao computador, talvez com papel e caneta, decidindo deliberadamente silenciá-la. Teria bebido um café enquanto o fazia? Ou aberto uma cerveja? Como teria sido a sensação de ir transformando cada palavra em setas apontadas diretamente ao coração dela? Ele servira-se sem cerimónias da sua vida, do seu corpo, da sua mente, e empanurrara-se à grande.

Alice sentiu as entranhas revirarem-se.

Teria tremido das mãos? Tido algum remorso, ainda que passageiro? Sofrido de alguma culpa

enquanto fazia pontaria? Teria pestanejado ou mantido os olhos bem abertos, ao atirar? E desde esse dia, onde estaria ele? Para onde teria ido? Haveria algum sítio húmido e escuro para onde pudesse retirar-se? Onde, à luz de uma lamparina, transformasse feno em ouro para poder reaparecer, metamorfoseado?

A mulher do bastão de caminhada surgiu diante de Alice primeiro desfocada, só depois nítida. Agachou-se ao lado do trilho, abriu a mochila e tirou um frasquinho, preparando-se para enchê-lo com o pó vermelho do chão.

Alice respirou fundo, antes de gritar:

– Não! – Precipitou-se sobre a mulher e deu-lhe uma sapatada na mão. O frasco voou e aterrou no chão com uma batida seca. Alguns dos turistas voltaram-se, sobressaltados, arquejantes da caminhada. A mulher sentou-se no chão, com uma expressão incrédula e atordoada. Alice baixou o olhar para ela, os punhos fortemente cerrados dos lados do corpo.

– Está tudo bem aí atrás? – gritou Lulu, avançando por entre o grupo até junto de Alice e da mulher.

– Não, não está mesmo nada bem! – berrou a mulher, levantando-se, furiosa.

– Alice? – indagou Lulu.

– Ela estava a recolher terra num frasco, eu vi-a – disse Alice, asperamente, apontando para o recipiente caído ali próximo.

Lulu apertou o braço da amiga, tranquilizando-a.

– Ok – disse, olhando-a nos olhos. Olhou para a mulher, depois de novo para Alice. – Ok?

Alice assentiu.

– Minha senhora, acompanhe-me no resto do caminho; vou explicar-lhe porque é que aquilo que fez constitui uma infração punida por lei. – Lulu conduziu a mulher para a frente do grupo, olhando para Alice com o sobrolho carregado de preocupação.



Alice fez o resto do caminho em silêncio, sempre na cauda do grupo. Como seria de esperar, ninguém falou com ela. A jovem pensou seriamente em voltar para trás, para ir ter com Pip e enfiar-se na cama. Mas fugir dali apenas serviria para piorar a situação.

Assim que chegou à plataforma de observação, sentou-se, um pouco afastada do grupo. Ainda ouviu a voz de Lulu a pairar à sua volta, enquanto se mantinha de olhos fixos no centro de flores de um vermelho lindíssimo. Os seus pensamentos voltaram-se para Twig, Candy e June. Depois, para a mãe. Sempre a mãe. *Sempre.*

Esperou até as lágrimas secarem antes de se levantar e seguir o grupo que descia para Kututu Kaana.

O trilho da cratera estava inundado de sol. O mar de ervilhas-do-deserto rejubilava sob o calor. Uma águia-audaz sobrevoou-os. Tentilhões chilreavam por entre os arbustos. Alice fechou os olhos e ficou a ouvir. O timbre da voz de Lulu. O ritmo do vento. O sussurro das folhas e flores. Parecia existir uma pulsação própria naquele cenário: um fraquíssimo bater de coração.

O som de um fecho éclair a abrir interrompeu a frágil serenidade de Alice. A mulher do bastão de caminhada afastara-se do grupo e abrira a mochila para retirar outro frasco, ligeiramente maior. Agachou-se junto ao círculo de ervilhas-do-deserto. Alice ficou a vê-la abrir lenta e deliberadamente a tampa do frasco e estender uma mão para as flores vermelhas.

Sem hesitar, lançou-se de corpo e alma para cima da mulher – que gritou ao sentir-se atirada ao chão – e arrancou-lhe da mão o raminho de ervilhas-do-deserto.



Uma hora depois, Alice aguardava, sentada à porta do gabinete de Sarah, os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto entre as mãos. A pele ardia-lhe do excesso de sol que tinha apanhado ao longo do passeio à cratera. Lembrou-se do aroma da pele da mãe; suave, limpo e fresco. A delicadeza da voz dela, a luz que os seus olhos irradiavam quando estava no jardim, por entre os fetos e as flores. Os cheiros de June: a whisky e hortelã-pimenta. O cheiro do rio e das fogueiras que Oggi acendia quando eram adolescentes.

Surgiram-lhe flashes de Dylan, misturados com memórias do pai. Rostos brancos de raiva. O hálito acre de Dylan, o aroma mineral da fúria do pai, o corpo dela, vergado e ferido, água terrivelmente gelada, mãos erguidas, prestes a agredi-la. Sobressaltou-se com os sons do sistema de rádio do parque, fazendo-lhe lembrar estranhamente o choro de um bebé. Quem teria criado o seu irmão? Teria tido uma boa vida até àquele dia? Seria feliz? Saberia da existência dela?

– Alice.

Ergueu os olhos. Sarah aguardava-a, na soleira da porta aberta do gabinete. E desta vez o rosto expressava uma dor profunda.



Ruby estava sentada em frente à braseira do quintal de trás quando ouviu um carro estacionar. Espreitou para a entrada de casa. A carrinha-borboleta de Alice estava apinhada até acima. Concentrou-se de novo no colar que estava a fazer. Aproximou o gancho de um cabide de arame ao fogo e, ao vê-lo incandescente, furou o centro de uma semente de árvore-de-coral. Esperou que arrefecesse, enfiou-a numa linha castanha e pegou na semente seguinte, de uma pilha aos seus pés. Viu Alice sair da carrinha, com a cadela. A sua marcha era arrastada, cansada, e os olhos pareceram-

lhe doentes. Era a perfeita imagem de uma mulher que perdera o seu amor, o seu meio de subsistência e o seu lar – de uma assentada só.

Alice sentou-se ao lado da amiga, fixando as chamas. Pip desapareceu, encantada com a perspectiva de brincar com os cães de Ruby. A brisa forte fazia suspirar os altos carvalhos-do-deserto. Ruby levou a ponta do cabide às chamas, esperando que ficasse incandescente, e furou outra semente. Alice não disse uma palavra durante um longo momento. Foi preciso tentar três vezes, antes de conseguir ouvir o seu próprio murmúrio.

– Ruby, eu... vim cá despedir-me.

Ruby enfiou a semente na linha e pegou na seguinte. A brisa vinda de noroeste, cada vez mais forte, fez-lhes esvoaçar o cabelo. *O vento vai deixar-te doente*, Ruby lembrou-se que a tia lhe dizia frequentemente. *É um vento mau, esse que vem do oeste. Adoece-te o espírito. Por isso é melhor tomares o remédio adequado.*

– Tenho pensado naquilo que me disseste no outro dia, Pinta-Pinta, sobre o que o fogo representa para ti. – Ruby furou a semente e enfiou-a na linha. – E gostava de saber onde fica o teu fogo.

– O meu fogo?

– Sim. O lugar onde te juntas às pessoas de quem gostas, onde te sentes aconchegada, de corpo e alma. O local onde pertences.

Alice ainda levou um longo momento a responder, enquanto via a amiga dedicar-se a finalizar o bonito colar de sementes.

– Isso não sei... Mas sei que tenho um irmão mais novo. – A voz de Alice falhou-lhe. – Um maninho pequeno.

Ruby ergueu a fiada de sementes e atou as pontas uma à outra com um nó cego. O colar resplandecia, vermelho e brilhante, e a cheirar a fogo. Estendeu-o a Alice. Emocionada, esta limitou-se a olhar para ele. Ruby agitou o colar, para que Alice o aceitasse. As sementes de árvore-de-coral chocalharam levemente umas nas outras quando Ruby as depositou nas mãos em concha da amiga.

– Sementes de árvore-de-coral – murmurou a jovem. – A cura para um coração partido. – Os seus olhos estavam vermelhos.

– As mulheres da minha família usam-nas na inma – disse Ruby. – Dão-nos força para cantar e dançar nas cerimónias.

Alice passou os polegares pelas sementes brilhantes e vívidas. Levou-as ao nariz, inalando o aroma fumado.

– Só mais uma coisa – disse Ruby, levantando-se e entrando em casa. Regressou segundos depois com uma bolsinha quadrada de algodão. – Arbusto-menta listado – disse, estendendo-a a Alice. – Põe na tua almofada. Vai adoçar-te o espírito enquanto dormes.

– Obrigada. – Alice levou a bolsinha ao nariz.

– Na minha família – prosseguiu Ruby –, o arbusto-menta listado também serve para curar.

Significa *amor desamparado*. – Estudou-lhe o rosto por um momento. – Desamparo. Esquecimento. Cura. – Encolheu os ombros. – É difícil distingui-los, não é? – Atiçou o fogo que lhe respondeu com um estrepitar. As chamas ergueram-se para o céu vespertino. Deixaram-se ficar ali sentadas, em silêncio.

– Digo-te só isto, Pinta-Pinta – disse Ruby por fim. – Confia em ti. Confia na tua história. Tudo o que podes fazer é contá-la exatamente como foi. – Esfregou as mãos junto ao fogo.

Alice brincou com o colar de sementes.

– Palya? – perguntou Ruby.

– Palya – respondeu-lhe Alice, encontrando o olhar dela.

Ruby sorriu. As chamas pareceram atear os olhos de Alice.



Assim que se afastou o suficiente para Kililpitjara se transformar num sonho distante no horizonte sombrio, Alice encostou. Com Pip a seu lado, saiu da carrinha e caminhou pela areia vermelha, passando a mão pelos tufo de spinifex e acariciando as longas folhas amarelas.

Disse a si mesma que precisava apenas de um momento para se recompor, mas a verdade nua e crua era que, apesar de tudo, ela não sabia se partir seria, de facto, a melhor solução. O seu amor por ele atribuía um colorido a cada um dos seus pensamentos. Limpou as faces, recordando aquela tarde, não há muito tempo, quando ela e Dylan passearam ao pôr do sol.

Imaginemos que um dia íamos mesmo para a costa oeste... – dissera-lhe ele, com aquele sorriso lento de derreter corações. – Pegávamos nas nossas mochilas, metíamo-nos nas carrinhas e arrancávamos. O que é que fazíamos quando lá chegássemos?

Estavam sentados debaixo de um carvalho-do-deserto alto, com as mãos dadas e os dedos entrelaçados.

Ela sorria, fechando os olhos para imaginar o cenário. *Comprávamos uma cabana, comíamos marisco até rebentarmos, plantávamos as nossas próprias frutas e legumes, e...*

– E o quê?

– Fazíamos bebés... Bebés selvagens, de perninhas rechonchudas e sempre descalços. Criados entre a poeira vermelha, a areia branca e o mar. Não conseguira olhar para ele.

Dylan levava-lhe um dedo ao queixo, forçando-a a voltar a cabeça para ele. Os olhos estavam plenos de luz.

– Perninhas rechonchudas... – Riu-se e puxou-a para si, abraçando-a.

– Vou amar-te a minha vida toda – sussurrara-lhe ela.

– A nossa vida toda – respondera-lhe, beijando-a com a mesma necessidade que tinha de respirar.



Alice gritou bem alto nas dunas, sozinha, apenas com Pip a seu lado. Deveria ficar? Lutar pelo seu emprego e tentar resolver as coisas com Dylan? Era impossível que tudo tivesse acabado. Como a artista japonesa com o pincel com pó de esmalte dourado e as peças quebradas à sua frente, ela conseguiria consertar as coisas. Certamente conseguiria salvá-lo. O amor de ambos era suficiente para salvá-los aos dois. Não podia desistir. Tinha de esforçar-se mais, ser exatamente quem ele queria que ela fosse – a pessoa que ele precisava – e transformá-lo num homem melhor. Desde o início que era tudo o que ele queria – ser um homem melhor. Além de que... para onde iria ela agora? Não tinha nenhum lar para onde voltar. Porque não ficar?

Alice caminhou lentamente, subindo e descendo as dunas.

O deserto pregava-lhe partidas na mente. O tempo não tinha qualquer sentido visual. Cem anos antes, podia perfeitamente ter sido aquela manhã. O sol pintava e repintava a paisagem todos os dias, as estrelas brilhavam, as estações sucediam-se, mas não existiam sinais da passagem do tempo. A erosão e a criação aconteciam tão lentamente, que a única coisa que mudava na vida de alguém que vivesse no deserto era a corporalidade desses acontecimentos. Alice sentiu-se insignificante. Galgou a areia vermelha, parando no topo de uma duna alta. Seguiu com o olhar o trilho de regresso à cratera, apreciando a sua silhueta. Poderia ela voltar atrás no tempo? Desfazer tudo e recomeçar de novo?

Pip afocinhou-lhe a perna. Quando Alice se agachou para coçá-la atrás das orelhas, reparou em feridas que tinha nas próprias pernas e que ainda não tinha visto. Não fazia ideia de como as fizera. Devia ter sido naquele dia no ateliê com Dylan, mas não se recordava de se ter magoado nas pernas.

Sentiu um nó no estômago; na sua cabeça tinha apenas nove anos e estava a ver a mãe a sair do mar, nua e coberta de hematomas.

Alice voltou a pensar no conto japonês, desta vez a uma nova e crua luz: ela *não era* a artista com o pincel, nem tão pouco o ouro. Ela representava os pedaços quebrados, concertados e estilhaçados uma e outra vez. Tal como a mãe, que não logrou agarrar a vida para lá do homem que repetidamente a destruiu. Tal como as Flores, que tinham chegado a Thornfield desesperadas por segurança. Durante todo aquele tempo, Alice não se tinha permitido ver aquela crua realidade.

Desamparo. Esquecimento. Cura. Ruby encolhera os ombros. *É difícil distingui-los, não é?*

A cadelinha caminhou em torno de Alice, lambendo-lhe a cara. Ela limpou as lágrimas, imaginando o quanto June teria adorado Pip. Tal como adorava Harry. Uma lembrança de June a caminhar pelo meio dos campos de flores trouxe-lhe um certo conforto, seguindo-se muitas outras. O dia em que June a levou à escola, e como ambas se riram com os puns de Harry. A véspera do seu décimo aniversário, quando estava a dormir abraçada ao cãozarrão e viu June pelo canto do olho, inclinada sobre a secretária dela, preparando o presente-surpresa. A manhã em que Alice saiu do seu

exame de condução para se deparar com June e Harry à sua espera no parque de estacionamento da esquadra. O sorriso desvaneceu-se-lhe ao lembrar-se da sua última noite em Thornfield; Harry tinha morrido e June estava um farrapo; trôpega e bêbeda – profundamente abalada e perdida, quando Alice partiu. Era a última memória que retinha dela. Nunca mais voltara a vê-la.

Alice deixou-se cair no chão, esmagada pela dura realidade de não ter para onde regressar, nem ninguém que a fizesse sentir-se naquele porto seguro de outrora. Perturbada, a cadela começou a uivar.

– Está tudo bem, pronto – disse a jovem, afagando-a. – Já passou. – Respirou lenta e profundamente algumas vezes, tentando acalmar-se para conseguir pensar com clareza. Tinha de decidir para onde ir, nem que fosse só para passar a noite.

Levantou-se e sacudi o pó da roupa, lembrando-se subitamente da manhã em que se despedira de Twig e Candy.

Quando te sentires preparada, tens aqui tudo o que precisas.

Alice olhou para a carrinha lá em baixo, repentinamente consciente. Desceu as dunas com Pip galopando ao lado dela, entrou na carrinha e abriu o porta-luvas com as mãos trémulas, retirando o envelope. Rasgou-o e sacou de um maço de folhas dobradas.

Passou os olhos pelas páginas, retendo ansiosamente as palavras.

Leu e releu as folhas, uma e outra vez, abanando a cabeça de descrença até as palavras começarem a soar reais, a parecerem-lhe verdadeiras. Passou a ponta dos dedos pelas letras. Estava tudo ali, naquelas páginas.

– Foda-se – sussurrou. Pip soltou um ladrido, como que a concordar.

Enfiou o envelope no porta-luvas. Ligou a ignição, meteu a primeira e acelerou, seguindo caminho com o sol a bater-lhe nas costas.

Talvez fosse possível voltar atrás, de modo a descobrir qual o caminho a seguir.



Lulu sentou-se nas dunas à espera que Aiden regressasse da patrulha do pôr do sol. Abraçada aos joelhos, beberricou do seu vinho e enterrou os dedos dos pés na terra vermelha e quente.

Ainda que as estrelas brilhassem, não estava aquele céu noturno de que Lulu tanto gostava. Lá longe fixou as luzinhas decorativas que Alice deixara para trás.

Depois de Sarah ter demitido Alice, Lulu levava-a para casa e ajudava-a a empacotar as coisas. Ela tinha ouvido a conversa. Sarah dissera a Alice que tinha tido muita sorte: dois incidentes reportados em dois dias e, ainda assim, depois de muita negociação, ninguém apresentara queixa. Enquanto Lulu ajudava a amiga a enfiar a vida dela em caixas e sacos, mal lhe ouvira uma palavra. Alice quis devolver-lhe a gravura de Frida Khalo, mas quando ela não estava a ver, Lulu voltou a

colocá-la na carrinha.

– Por favor... avisa-me quando souberes onde vais ficar.

Alice concordara com um aceno, olhando para a estrada à sua frente. Tinha os olhos distantes, de um modo que Lulu nunca os vira antes.

– Por que é que ficaste cá? – perguntou-lhe Alice. – Por que não te foste embora? Depois do que ele te fez?

Lulu ainda levou um tempo a responder:

– Porque me convenci de que a culpa era minha – disse. – Foi a única maneira de conseguir encontrar algum sentido naquilo tudo. – Encolheu os ombros como se não quisesse ouvir as suas próprias respostas. – E depois... conheci o Aiden. Agora tenho uma nova vida aqui. – E também por causa das estrelas – acrescentou com um risinho triste.

De que servia a premonição se insistíamos em permanecer cegos em relação a nós mesmos?

Depois de ver Alice arrancar e desaparecer de vista, Lulu entrou em casa e pegou no telefone antes que perdesse a coragem. Sarah concedeu-lhe uma hora do seu tempo, logo na manhã seguinte. Trémula, Lulu pegou na garrafa de vinho e no copo, e regressou para as dunas, bebendo para acalmar os nervos enquanto esperava que Aiden chegasse a casa.

O utilitário dele não demorou a aparecer junto à entrada. Com o copo vazio, Lulu deu um gole diretamente da garrafa.

Ele surgiu na porta de trás, descalçou as botas e dirigiu-se a ela, que ficou desde logo mais serena com o seu sorriso. A voz da avó surgiu-lhe mais vívida do que nunca: *Foi por isto que te chamámos «Lobinha». Os teus instintos vão guiar-te sempre, tal como as estrelas.*

– Olá, princesa – disse Aiden, sentando-se ao lado dela.

Ela beijou-o e serviu-lhe um copo de vinho.

– Que dia – suspirou Aiden, dando um longo gole. – Que tal estava a Alice quando partiu?

Lulu olhou para as luzinhas da casa da amiga. Abanou a cabeça.

– Estás bem, querida?

Ela tirou-lhe o copo da mão e bebeu mais um pouco de vinho.

– Hei de ficar – disse, olhando as estrelas.

Aiden pegou-lhe na mão e massajou-lhe a palma com o polegar. Lulu sentiu-se invadida de amor e gratidão. Quando finalmente arranjasse coragem para lhe contar a escabrosa história de Dylan, sabia que Aiden a apoiaria incondicionalmente. Sabia que, se necessário fosse, ele deixaria para sempre a vida no deserto. E ela até já tinha começado a procurar empregos na Tasmânia; Aiden sempre lhe dissera que adoraria viver lá. Tudo o que tinha a fazer era contar-lhe a sua história.

Lulu aguardou até sentir a voz segura antes de falar:

– Amanhã de manhã vou falar com a Sarah. Preciso de lhe dizer uma coisa, mas primeiro preciso de ta contar a ti.

Ele olhou-a, aguardando.

À distância, as luzinhas de Alice tremelicaram, cada uma delas uma pequena e trémula chama a arder no céu noturno.

Quando Alice chegou finalmente a Agnes Bluff, o céu estava pejado de estrelas. Estacionou à porta da clínica veterinária e saiu, deixando o motor ligado. Ficou parada à porta, passou os dedos pelo nome dele gravado no vidro. Enfiou a carta na fresta do correio e viu-a cair no chão, do lado de lá, as costas do envelope voltadas para cima com a morada dela rabiscada na sua caligrafia.

Enquanto se afastava, lembrou-se das flores que desenhara para ele. Botões de margarida. Desenhara-as cuidadosamente, uma atrás da outra, vibrantes bolas amarelas em caules fininhos, uma e outra vez, até encher a folha, deixando apenas um espacinho no canto inferior direito – onde escreveu o seu significado.

A minha gratidão.

*Tantas as flores que me trouxeste, amado
meu...*

... recebe agora, tal como eu fiz,

*As tuas flores, e preserva-as onde
não feneçam*

*Pede aos olhos delas que mantenham
suas cores genuínas,*

*E diz às suas almas que as raízes delas
estarão para sempre cravadas
nas minhas.*

Elizabeth Barrett Browning

Crotalária



Significado: **O meu coração foge**

Crotalaria cunninghamii | Estados do oeste e intermédios

Com expansão profusa nos solos arenosos dos bosques de mulga e em dunas de areia, esta planta exhibe uma leve pilosidade nos ramos espessos. A flor assemelha-se a um pássaro ligado pelo bico ao caule central da planta, amarelo-esverdeado e com listas púrpura. Floresce no inverno e na primavera e é polinizada por pássaros e abelhões.

Depois de três longos dias de viagem, a paisagem árida e poeirenta tornou-se verde e exuberante. Já no fim do quarto dia, Alice saiu da via rápida e entrou numa estradinha estreita ao longo da costa até chegar à vila onde vivera em criança. Parou no cruzamento principal, observando o vaivém das carrinhas de caixa-aberta dos agricultores. Havia novas lojas na rua principal: uma de tatuagens, outra de telemóveis, uma loja de roupa vintage e uma loja de surf.

Atrás de si, os canaviais mantinham-se tão verdes e vívidos quanto ela se recordava. As canas pareciam mais baixas, mas o ar continuava doce e húmido. Viu-se a si mesma, com sete anos, desaparecendo por entre as canas altas para reaparecer, descalça e silenciosa, num mundo novo e excitante para lá dos limites da sua casa. Abraçou-se a si própria. Pip lambeu-lhe a perna, como que a consolá-la.

– Estás bem? Estás perdida? – Uma voz amistosa fez Alice voltar-se para trás. Era uma mulher pouco mais velha do que ela, com um bebé encaixado na anca.

– Estou ótima, obrigada – respondeu Alice.

A mulher sorriu enquanto o bebé apontava para Pip. Junto aos semáforos, poisou a criança no chão e carregou no botão para a passagem de peões.

– Desculpa – Alice chamou-a, nervosa por lhe fazer uma pergunta para a qual já sabia a resposta.
– Aquele edifício do lado de lá da estrada continua a ser a biblioteca?

– Continua, sim senhora. – A mulher acenou-lhe e pegou na criança para atravessar a rua.



Ao longo dos anos, Sally Morgan imaginou muitas vezes como seria o dia em que voltasse a ver Alice Hart. Nunca esperou que isso acontecesse de um modo tão simples, numa normalíssima tarde de terça-feira.

As aulas tinham acabado, a biblioteca estava cheia, e Sally estava agachada junto às prateleiras mais baixas da secção infantil, a arrumar livros. Sem razão aparente, sentiu um estranho arrepio na espinha.

Levantou-se lentamente. Lembrou-se subitamente de umas sandálias sujas a espreitarem debaixo de uma camisa de noite esburacada; a cabecinha despenteada erguida para os livros da biblioteca; as covinhas nas bochechas; os olhos selvagens de tão verdes; os cabelos escuros espalhados na almofada da cama de hospital; o ruído e o movimento ritmado, para cima e para baixo, do ventilador que a ajudava a respirar; as maçãs do rosto tão definidas na cara esquelética e infantil; as veias violeta sob as pálpebras pálidas.

Sally caminhou cautelosamente por entre as estantes. Não via nada fora do normal. Nada fora do lugar. Estava demasiado cansada, isso sim. E quando isso acontecia, sentia-se sempre mais vulnerável em relação ao passado. Ainda assim, não resistiu a fazer uma ronda pela biblioteca.

Pessoas a vasculharem estantes. Pais com os filhos. Alunos do liceu sentados em grupo, rindo e cochichando por cima dos livros de estudo.

Nada havia de fora do vulgar. Nada que não fosse como em qualquer outro dia. Sentiu a pulsação abrandar.

Esforçando-se por ignorar aqueles sentimentos tolos, dirigiu-se à sua secretária, pegando pelo caminho em livros desarrumados. Tinha as bochechas afogueadas de desapontamento.

A luz do final de tarde insinuava-se pelas janelas de vitrais. Quando estava a chegar à secretária, Sally ficou encadeada pela luz verde-azulada que saía da cauda da Pequena Sereia. Deu um passo para o lado, baixando os olhos para protegê-los da luz. E, quando os ergueu de novo, viu a menina que ela tanto adorava no rosto de uma jovem mulher parada à sua frente. Os livros que carregava no colo caíram no chão com um grande estrondo.

Há vinte anos que Sally ansiava pelo momento em que Alice Hart caísse de novo, qual estrela cadente, na sua vida.

E ali estava ela.



Alice percorreu a povoação atrás do carro de Sally, ainda atordoada com a cena da biblioteca. Quando Sally a viu, os olhos desfocaram-se-lhe – quase como se estivesse a atravessá-la com o olhar – mas rapidamente correu para ela, envolvendo-a num abraço intenso, balouçando-a para trás e para a frente, balbuciando repetidamente o seu nome. Alice ficou muito quieta, assoberbada pela memória que tinha daquele perfume a rosas, sem saber como reagir.

– Deixa-me olhar para ti! – gritou Sally, fungando e limpando as bochechas. – Mas que bela mulher que tu estás!

Alice corou de inesperado prazer.

– Que tal tomarmos um chá? Tantos anos depois? – sugeriu a outra, de olhos brilhantes.

Alice assentiu timidamente.

– Malta, a biblioteca hoje fecha mais cedo, peço desculpa – anunciou a bibliotecária. Começou a enxotar as pessoas, e pouco depois saiu para o parque de estacionamento com Alice. – Vem atrás de mim, querida.

Alice parou o carro atrás do de Sally, à porta de um pequeno chalé situado numa falésia com vista para o mar. Tinha um bonito deque de madeira envernizada a toda a volta, coberto por uma fragrante videira de frangipani. Do teto pendiam espanta-espíritos feitos de conchas, vidrinhos-do-mar e pedacinhos de madeira deixados pela maré. No jardim, um mar de grevílea cor de flamingo. Galinhas debicavam a relva debaixo de uma enorme acácia cor de prata.

– Uau... – murmurou Alice, maravilhada.

– Entra, entra – chamou-a Sally com um aceno. – Vamos dar um pouco de água a essa tua cadelinha amorosa.

Lá dentro, Alice sentou-se à mesa da cozinha, com Pip a seus pés. Sally fez chá e tirou do armário um bolo de fruta que depois fatiou e barrou com manteiga. Lá fora o oceano rugia. Sally sentou-se à mesa, pousando em frente a Alice um prato com uma fatia generosa e uma caneca de chá a fumar.

– Come qualquer coisa.

Alice ficou surpreendida pela sensação de conforto que a companhia de Sally lhe transmitia. Tinham estado juntas uma tarde apenas, já lá iam vinte anos, e ali estava ela, a acolhê-la em casa como se ela fosse um ente querido há muito perdido.

Deu uma dentada no bolo. Sally fez o mesmo e beberricou do seu chá, olhando para Alice com ternura. Deixaram-se ficar sentadas, juntas num silêncio amistoso. O mar parecia tão próximo, como se corresse dentro de casa. As memórias de Alice atingiram-na como a rebentação das ondas. Sentiu picos nos olhos. Agarrou-se à mesa para se equilibrar, lutando contra uma tontura forte e súbita.

– Alice? – perguntou Sally num tom alarmado.

A jovem tentou falar, mas só lhe saiu um gemido. Sally levantou-se e abraçou-a, esfregando-lhe as costas para acalmá-la.

– Oh, minha querida menina. Respira fundo. Com calma.

Respirando lenta e profundamente, Alice vislumbrou o oceano, seguindo com o olhar uma linha prateada de ondas azuis-esverdeadas que rebentaram depois na praia. *O deserto é um antigo sonho do mar.* A voz dele percorreu-a. *Ngayuku pinta-pinta.* E ela dançava descalça à volta da fogueira deles, os olhos dele no corpo dela, vendo-a rodopiar por entre as chamas, absorvendo-a. *Ngayuku pinta-pinta. Minha borboleta.*

– Respira fundo, Alice. Concentra-te na minha voz. Fica junto da minha voz. – Enquanto Sally a abraçava, as memórias dela não lhe davam tréguas. *Fica junto da minha voz.* O mar de fogo. *Bela Adormecida.* Penas incineradas, sopradas pela brisa. *Subindo, subindo.*

Alice agarrou-se a Sally, as unhas cravadas na camisa dela, subitamente em pânico, temendo desmoronar-se, cair da falésia do rebordo do mundo.



Ao final da tarde, Sally fez uma sopa de batata e alho-francês, enquanto Alice descansava no sofá, vendo o sol acabar de pintar as nuvens e passar o seu pincel às estrelas.

Comeram sem falar, o silêncio entre ambas interrompido pelo som dos talheres a baterem na loiça, a melodia dos espanta-espíritos, o mar ondeando, o cacarejar das galinhas, e os bocejos ocasionais de Pip.

– Vais precisar de um sítio para ficares, querida – disse Sally, limpando as mãos ao guardanapo.

Alice partiu um pedaço de pão em dois e molhou-o no restinho da sopa. Concordou com a cabeça enquanto mastigava.

– Não me falta espaço cá em casa – ofereceu-se Sally. – Tenho um quarto livre que é todo teu, se quiseres. Tem imensa luz de manhã, e uma vista linda para o jardim e para o mar. – Brincou com a colher de sopa. – A cama está feita e tudo.

– Não posso aceitar...

Sally chegou-se à frente e poisou a mão na de Alice. Uma onda de calor envolveu o pulso da jovem e subiu-lhe pelo braço.

– Obrigada, Sally.

Sally assentiu, erguendo o copo.

– À tua – disse, com os olhos cheios de água.

Alice imitou-a.

– E à tua – respondeu.



Depois de arrumarem a cozinha, Sally levou Alice até ao seu quarto. Deu-lhe toalhas felpudas e duas almofadas grandes e fofas.

– Precisam de mais alguma coisa, vocês as duas? – Sally afagou as orelhas de Pip. Alice fez que não.

– Então... até amanhã – disse Sally, abraçando-a.

– Até amanhã.

Alice apagou a luz e deixou as cortinas abertas. O luar entrava pelas janelas, exibindo uma ampla e clara vista do oceano. Deitou-se, puxando Pip para si, aninhando-a na curva da barriga, abraçando-a com força e soltando um pranto silencioso.



Na manhã seguinte, Alice foi até à cozinha, fez café, e levou-o para o jardim – antes de Sally acordar. Ficou grata pela solidão. O céu surgia límpido e azul-bebé. O mar resplandecia, sereno. Pip desatou a correr, perseguindo a cauda. Abelhas zumbiam em torno de uma murta-comum em flor. Alice sorriu. Bocejou e esfregou os olhos. Não dormira um sono seguido: as ondas e as memórias eram demasiado barulhentas. Passeou pelo bonito jardim de Sally, beberricando do seu café, parando para admirar as grevíleas e falar com as galinhas. À medida que o calor do sol lhe atenuou a tensão nas costas, Alice reparou numa ala exuberante, cheia de plantas tropicais envasadas, que se estendia ao longo da casa: monstera, aves-do-paraíso, agaves e fetos.

Alice sentiu-se cada vez mais maravilhada; aquilo era um jardim dentro de um jardim, tão meticuloso e bem cuidado – em contraste com a beleza selvagem que o rodeava. A mistura de verdes. A folhagem variada e tão resplandecente. Mas, ao avançar, a sua admiração foi esmorecendo aos poucos. Cravou os dedos na asa da caneca. Em alguns dos vasos viam-se pequenos brinquedos de plástico rachados e descolorados cravados na terra: uma sereia a acenar, uma concha, um golfinho sorridente, uma estrela-do-mar. A jovem falhou um passo.

No centro do jardim havia uma estátua de madeira em tamanho real. Uma menina a oferecer uma flor. Uma estátua que Alice já tinha visto antes.

– Alice.

Ela voltou-se subitamente, o coração descompassado. Sally esperava-o no fim do trilho de gravilha, o rosto marcado pelo sono e pesado de tristeza.

– Mas por que raio é que isto está aqui?! – gritou Alice, apontando para a estátua com a mão trémula. – Como é que tens uma escultura do meu pai?

Sally recuou um passo, apanhada de surpresa.

– Vem para dentro.

Alice não respondeu.

– Anda daí, Alice. Eu faço mais café e conversamos.



Na sala, Sally pousou uma cafeteira de café acabado de fazer na mesa em frente ao sofá. Fez sinal a Alice para que se sentasse, e ela obedeceu.

– Meu Deus! – Sally riu-se nervosamente. – Há anos que tenho rezado pela oportunidade de ter esta conversa contigo, e agora... as palavras não me saem. – Brincou agitadamente com as mãos. – A verdade é que não sei por onde começar. Que tal fazeres-me tu as perguntas, Alice? Eu respondo a tudo o que quiseses saber.

Alice inclinou-se para a frente, esforçando-se por controlar o tom de voz:

– Podes começar por me explicar por que motivo tens uma estátua do meu pai no teu jardim – disse. – Ou talvez me possas dizer porque é que a minha mãe te deixou em testamento a guarda de mim e do meu irmão? – A pergunta que ela tinha presa na garganta desde que abrira a carta de Twig saiu-lhe num rompante.

Sally empalideceu.

– Uau... Ok.

Alice não conseguia manter o joelho quieto. As palavras da mãe, na carta, ecoaram-lhe nos ouvidos: *Uma vez que June Hart não reúne as condições necessárias para cuidar dos meus filhos, eu, Agnes Hart concedo pelo presente a guarda de ambos a Sally Morgan.*

– Tu conhecestes a minha mãe? – Alice exigiu saber.

– Não – disse Sally. – Não, Alice, nem por isso. Cruzámo-nos algumas vezes na vila, nada mais do que isso.

A jovem abanou a cabeça:

– Isso não faz sentido. Que razões teria ela para te atribuir a nossa guarda?

– Eu não conhecia tua mãe, mas ela conhecia-me a mim, Alice – murmurou Sally. – Ela conhecia-me.

– Não percebo nada do que estás a dizer. – Alice sentiu o coração apertado, como se a sua caixa torácica fosse demasiado pequena para contê-lo.

– Quando eu era nova – Sally começou lentamente –, apaixonei-me. Por alguém que não me pertencia. – Abanou a cabeça. – Eu tinha dezoito anos. Nunca tinha tido um namorado. Via o teu pai de vez em quando, aqui e ali. Era o novo fazendeiro de cana-de-açúcar cá da terra. Calado, diligente... inquietante. Muito metido consigo. Havia algo de intrigante nele. – Fez uma pausa. – Observei-o de longe durante muito tempo. Ninguém sabia grande coisa sobre ele. Não usava aliança. Foi apenas uma noite... Uma noite. Eu estava no pub com um grupo de amigas, tinha bebido uns copos a mais e... ganhei coragem. Fui direta a ele e convidei-o para tomar uma bebida. – Nova

pausa. – Dois meses depois descobri que estava grávida.

Alice olhava-a fixamente.

– Quando é que isso aconteceu?

– Um ano depois de tu nasceres, quando...

– Não! – interrompeu-a Alice. – Isso não é possível.

Sally assentiu com uma expressão grave:

– Temo que sim.

– Não! – repetiu a jovem. Em nenhuma das histórias da mãe existia um irmão. Ela não podia ter sabido da existência de Sally.

Sally aguardou, a expressão aberta, os olhos pesados.

Alice sentiu a cabeça a andar à roda.

– Tu tens um filho do meu pai?

– Tive – murmurou a outra, baixando o olhar para as mãos. – A Gillian morreu aos cinco anos com leucemia.

Alice não conseguiu falar.

– Quando ela nasceu, contei ao Clem sobre a Gilly, mas foi só para ele ficar a saber. Deixei bem claro que não queria rigorosamente nada dele. No entanto, o amor de um filho muda-nos. Não consegui evitar desejar que ele a conhecesse. Na noite em que ela morreu, por mais mórbido que possa parecer, mandei-lhe uma madeixa do cabelinho dela, atada com uma das suas fitas favoritas. Embora o Clem não tivesse tido qualquer contacto com ela quando estava viva, fiz questão que ele ficasse com algo seu. A verdade é que eu estava um verdadeiro farrapo. Zangada. Quis magoá-lo, castigá-lo, lembrá-lo de como a ignorara... em vida e na morte.

Alice sentiu um forte cheiro a petróleo, recordando-se de quando abrira a gaveta da cómoda, na cabana do pai, descobrindo a fotografia de Thornfield e a madeixa atada numa fita puída. O cabelo de Gillian. O cabelo da sua irmãzinha.

– A estátua da Gilly estava à minha porta quando regressei do funeral – disse Sally.

Alice lembrava-se de ver a luz tremeluzente do candeeiro sobre as estatuetas de June... e de uma menina. Pensara erradamente que se tratava dela própria.

– A tua mãe foi ao funeral – prosseguiu Sally. – Eu vi-a, no fundo da igreja. Depois do serviço fúnebre já não a encontrei. Mas ela deixou uma planta envasada junto à sepultura, com um cartão para a Gilly assinado com o teu nome.

Alice rompeu num pranto, cobrindo o rosto com as mãos, imaginando o esforço que a mãe deveria ter feito para ir ao funeral e regressar a casa sem que o pai descobrisse. Como lhe deveria ter custado ultrapassar tamanha traição e, ainda assim, sentir compaixão por Sally. O sofrimento que deveria ter carregado, sabendo que Alice jamais viria a conhecer a sua meia-irmã. A confiança que a mãe certamente depositava no carácter de Sally; o nível de desespero que a levava a deixar os filhos à

sua guarda. O pavor que a consumira ao ponto de sentir necessidade de fazer um testamento.

– Que planta?

– Desculpa?

– Que planta é que a minha mãe deixou na sepultura?

Sally dirigiu-se à janela aberta e estendeu a mão para colher uma flor laranja-vivo de uma bonita árvore frondosa. Ofereceu-a a Alice.

– Algodoeiro-da-praia – murmurou Alice, lembrando-se da coroa de flores que a mãe lhe fizera no dia do seu aniversário. Recordou o seu significado, tirado do Dicionário de Thornfield: *o amor liga-nos eternamente*.

– Um ano depois, tu entraste na biblioteca – continuou Sally. – Reconheci-te de imediato. Soube logo que eras a filha do Clem e da Agnes. A mana mais velha da minha Gilly. E depois do incêndio, quis logo cuidar de ti.

– Cuidar de mim?

– Eu estive lá. No hospital. – A voz de Sally era quase inaudível. – Sentei-me à tua cabeceira quando estiveste em coma. Li-te histórias.

Fica junto da minha voz, Alice. Eu estou aqui.

– Enviei-te uma caixa com livros e... – A voz falhou-lhe.

Os seus livros de infância – que ela sempre julgou serem um presente de June.

– Fiquei contigo até saber que a June estava a chegar. Depois de partires com ela, a enfermeira ligou-me a dizer que o teu irmão tinha sobrevivido, mas que a June não o tinha levado. Depois fui contactada por um advogado acerca do testamento da Agnes, da sua vontade expressa... Pedi ao meu querido John que descobrisse onde estavas. Tinha de saber se estavas em segurança. Quando soube que tinhas ido para Thornfield, obriguei-me a aceitar a vontade da June... e a reconciliar-me com tudo o que se passou.

Alice olhou-a, inexpressiva:

– Que vontade?

Sally estudou-lhe o rosto.

– Oh, Alice – disse, passado um momento.

– Que vontade, Sally?

– A June deixou bem claro que não queria que tu tivesses qualquer tipo de contacto comigo. Ou com o teu irmão.

– Como assim «deixou bem claro»?

Sally empalideceu de novo.

– Eu... escrevi-te cartas, Alice. Muitas cartas, durante anos. Cartas e fotografias do teu irmão, à medida que ele ia crescendo. Sempre quis restabelecer contacto contigo, mas nunca obtive resposta. Com a June como tua tutora legal, não podia impor-me contra a vontade dela. Não tinha poder para

isso. Tudo o que pude fazer foi certificar-me de que não causaria mais sofrimento. A ti ou ao teu irmão.

Alice gritou de frustração. Desesperada por ar fresco, levantou-se e correu para a janela, apoiando a testa contra o vidro frio.

Passado um momento, Sally aclarou a garganta.

– Eu criei o teu irmão, nunca lhe escondendo que fora adotado – disse, num tom sereno. – E ele sempre soube da tua existência.

Alice voltou-se.

– Está prestes a fazer vinte anos. É um amor de menino. Foi viver com a namorada há pouco tempo e trabalha como paisagista. Para o ver feliz é pô-lo num jardim.

Alice afundou-se no sofá.

– Como é que ele se chama? – sussurrou.

– Chamei-lhe Charlie – disse Sally, sorrindo pela primeira vez naquela manhã.

Cauda-de-raposa



Significado: **Sangue do meu sangue**

Ptilotus | Interior da Austrália

Tjulpun-tjulpunpa (Pitjantjatjara) são arbustos pequenos que formam espigas de florinhas roxas, cobertas de uma densa pilosidade branca. As folhas são igualmente cobertas de uma penugem densa em forma de estrela que impede a perda de água. Antigamente, as mulheres usavam as flores pilosas para forrar os recipientes de madeira onde transportavam os bebês.

Alice pedalou colina acima com todas as suas forças, o medalhão a bater-lhe no peito. Arrependeu-se amargamente de não ter ido de carro até à vila; a mochila que trazia às costas magoava-lhe os ombros, cheia que nem um ovo com os ingredientes para o jantar dessa noite. Mas o exercício também lhe fazia bem. Aquele esforço físico ajudava-a a lidar com o stress que sentia desde que Sally agendara aquele jantar. E logo pela manhã, Alice decidiu limpar as teias de aranha de uma bicicleta que estava na garagem de Sally e arrancar com ela. À medida que percorria a estrada até à vila, o mar tornava-se cada vez mais turquesa. Alice interpretara isso como um bom sinal.

De regresso à casa de Sally, Alice pensou no menu pela enésima vez: tacos de perca com *salsa*, guacamole caseiro e biscoitos Anzac – crocantes por fora e fofos e húmidos por dentro. Sally tinha tratado de tudo o resto. Estava determinada a juntar Alice e Charlie o mais serenamente possível.

Nas semanas que se seguiram à chegada de Alice, Sally fez todos os possíveis para que a jovem se sentisse em casa. Ajudou-a a desempacotar os livros e pendurou na parede o retrato de Frida Kahlo que Lulu lhe oferecera. Sentou-se junto dela todas as vezes que ela chorou. Explicou-lhe que June pagara bem para que os pais tivessem funerais condignos; Sally estivera presente em ambos.

Levou Alice ao local onde ela crescera. No sítio recôndito e isolado entre os canaviais e o oceano fora construída uma pousada de juventude e um bar de praia, com uma belíssima vista para o mar, apinhada de bronzeados viajantes. O jardim da mãe desaparecera. Alice não foi capaz de sair do carro. Quando regressou à casa de Sally, correu até à praia, inspirou fundo e gritou ao mar. Sally ouviu atentamente as histórias que Alice lhe contou da quinta de flores e do deserto. Indicou-lhe uma conselheira de luto, que a havia ajudado muito quando a sua Gilly partira. Alice passou a vê-la todas as semanas, duas vezes por semana quando Dylan lhe começou a mandar emails. Deu com eles quando decidiu abrir o correio eletrónico, um mês após ter deixado Kililpitjara. Eram mais de uma dúzia, milhares e milhares de palavras. Dylan começara com um espírito de arrependimento, pedindo desculpa. Mas à medida que ficava sem resposta, revelara-se cada vez mais furioso. *Não os leias*, implorara-lhe Sally. *Só te vão causar sofrimento*. Mas ambas sabiam que ela os lia a todos, palavra por palavra. Uma e outra vez. Sally percebia logo quando chegava um novo email. Nessas alturas, dava a Alice todo o espaço do mundo. Fazia-lhe bolinhos de fruta. Tinha sempre tempo para um passeio à beira-mar, mas nunca insistia se Alice não quisesse falar. A profunda bondade de Sally, a sua tão astuta intuição... era como se durante anos e anos se tivesse estado a preparar para a chegada de Alice.

Quando se despachou do supermercado, Alice decidiu parar nos correios para enviar a resposta à mais recente carta de Lulu. *Isto por aqui mantém-se um sonho chuvoso, nebuloso e verdejante*, escrevera a amiga. *Comprámos uma salamandra a lenha, uma cabra, uma burra (o Aiden batizou-a de Frida), duas vacas-leiteiras e seis galinhas. Por favor, vem visitar-nos. Percorreremos juntas a Baía dos Fogos*. Enquanto colava o selo no envelope, Alice sorriu ao pensar nas palavras de resposta que enviara a Lulu. *Prometo que vou visitar-vos, um dia destes*.

Antes de voltar para casa, parou na biblioteca. Atravessar o átrio continuou a parecer-lhe uma viagem pelo tempo, um regresso aos seus dias de menina – quando Sally alumiou o seu mundo pela primeira vez.

– Chegou correio para ti – disse-lhe Sally, sorrindo de alegria ao vê-la finalmente entrar em casa.

O envelope vinha endereçado a Alice numa caligrafia que ela não reconheceu. O carimbo revelava o remetente: Agnes Bluff.

Por um momento Alice lutou para respirar. Seria possível que Dylan a tivesse encontrado? Mas não. Era impossível. Ele não fazia ideia onde ela estava, só tinha acesso ao seu endereço de email. Enfiou os dedos na ranhura e abriu o envelope. Lá dentro estava um cartão.

Espero que estejas bem, Alice

À coragem. E ao alento, certo?

E que tal ao futuro, e a tudo o que ele tem para oferecer?

Moss

Alice abanou o envelope; um pacotinho de sementes de ervilhas-do-deserto caiu-lhe na mão.

– Isso parece algum tipo de magia – observou Sally.

Alice esboçou um pequeno sorriso:

– E é. – Fechou a mão, sentindo a forma das sementinhas e pensando na cor que ostentariam quando crescessem. *Ao futuro.*

– Estás bem? Como te sentes em relação ao jantar de hoje?

Alice engoliu em seco.

– Bem. Meio nervosa. Aliás, agoniada, mesmo. – Suspirou. – Mas desde que deixei o Kililptijara que não penso em mais nada senão em conhecê-lo. Por isso...

– Vai ser maravilhoso. – Sally levantou-se para abraçá-la. – Ainda vais sair? – quis saber.

– Só me falta mais uma paragem.



Pedalou com força, esforçando-se por subir a última colina, sentindo os pulmões a arder. A imagem da campa dos pais invadiu-lhe a mente. Cerrou os dentes e pedalou até chegar ao cume. Parou para deixar a brisa fresca arrefecer-lhe a pele suada, e olhou para o céu e para o mar. Eram tão extensos... Seguiu com o olhar a fita preta que representava a estrada distante, fixando-se no ponto onde ela se insinuava pelos canaviais e subia a falésia, antes de virar para a casa de Sally. Vendo o mesmo percurso que o irmão iria fazer, quando chegasse.

Alice deixou-se ficar sentada no selim. Após um novo e demorado olhar sobre o oceano, pôs os pés nos pedais e desceu a falésia – rumo à tranquilidade que se estendia à sua frente.



Quando deu por terminado o dia de trabalho, Sally fez um desvio de última hora. Parou o carro debaixo do seu eucalipto branco preferido.

Pegas cantarolavam nos seus ramos. Atravessou a rua e passou os portões ornamentados do cemitério. Percorreu a alameda de eucaliptos, passou a estátua do anjo com as asas escancaradas, virou à esquerda num trilho ladeado de buganvílias floridas, até chegar ao outeiro sombreado pela copa de uma árvore-de-chá. Era sempre ali que finalmente conseguia relaxar os ombros.

Sally sentou-se junto a John e Gilly, as costas direitas, o cabelo esvoaçando levemente sob a brisa marítima. Passou os dedos pelas letras em relevo do nome de John. Beijou o mármore frio que acolhia Gilly. Deixou-se ficar por um momento, ouvindo o canto dos pássaros e o sussurrar das árvores. O esguicho de um aspersor de rega. Ao longe, o motor de um cortador de relva. Quando a

luz começou a esmorecer, olhou para o relógio.

De regresso ao carro, algo a fez deter-se e optar pelo relvado norte do cemitério. Já lá iam muitos anos. Deu por si a percorrer as fileiras de sepulturas, verificando os nomes nas lápides.

Assim que viu as campas de Agnes e Clem, Sally sentiu um baque. Alguém tinha estado ali. Cobrindo a sepultura de Clem viam-se autocolantes já gastos. Sally aproximou-se e reconheceu as borboletas pintalgadas com restos de tinta turquesa. Alice devia tê-las arrancado das portas da carrinha. Uma onda de remorso cingiu-lhe o peito. Voltou-se para o vento, deixando que o seu sopro apagasse os anos, até regressar aos dezoito, de olhos grandes e loucamente apaixonada por Clem Hart.

Tinha posto uns brincos de plástico com margaridas na noite em que se conheceram. *De onde eu venho, isso significa «prendo-me a ti»* – fora a primeira coisa que ele lhe dissera. Quando Clem lhe pegou na mão, Sally agarrou-a e deixou-se guiar por ele. E aconteceu mesmo ali, de encontro à parede de tijolo do pub. Mais tarde, chegou a desejar que os hematomas das costas nunca sarassem, cada um deles a prova inequívoca de que não tinha sido um sonho. Mas quando o viu novamente, Clem olhara-a como se ela não passasse de uma baforada de vapor.

Pouco depois, o pai de Sally aparecera em casa para jantar com John Morgan, um jovem polícia recolocado da cidade. Quando ela lhe apertou a mão cálida e lhe viu o olhar pleno de bondade, Sally soube logo que ele era a resposta. Depois de um noivado-relâmpago, casaram, e não se ouviu um único burburinho de escândalo quando Sally exibiu a barriga saliente. Toda a gente ficou feliz por eles, e Sally viu-se de tal forma envolvida na sua própria mentira que deu por ela a dizer que adorava que o bebé tivesse os olhos de John, ou o seu feitio sereno. Ainda que Sally não tenha ocultado a John o fraquinho que tivera por um agricultor da vila, quando Gilly morreu e ela viu o marido transformado num farrapo, percebeu que Clem Hart era um segredo que ela jamais poderia partilhar com ele.

Sally abriu os olhos e voltou-se para a campa de Agnes. A lápide estava coberta com um bonito arranjo de campainhas-brancas, mirto-de-limão, e a flor escarlata de uma pata-de-canguru. Imaginou Alice ali sentada, compondo um santuário de flores para a mãe.

Passou-se um longo momento. Sally aclarou a garganta antes de falar:

– Agnes... Ela está em casa. Veio para casa, e está linda. – Apanhou uma folha de eucalipto caída e partiu-a em pedaços. – Está segura. Estão ambos seguros. E maravilhosos... Oh, Agnes, são os dois tão maravilhosos...

Por cima dela, escondida algures na copa de um eucalipto, uma pega cantou.

– Eu estou a olhar por eles. – A voz de Sally soou mais forte. – Prometo.

O toque estridente do telemóvel sobressaltou-a. Vasculhou dentro da mala, e atendeu:

– Olá, Charlie.

Sally levantou-se e acariciou a lápide de Agnes, antes de se voltar e se afastar, ouvindo o doce

som da voz do filho.



Ele subiu os degraus da casa onde crescera, combatendo o nervosismo com respirações rápidas.

Vai ser maravilhoso, dissera-lhe Cassie ao dar-lhe um beijo de despedida. *Isto é tudo o que tu sempre quiseste. É a tua família, Charlie. Não tenhas medo.*

Charlie apertou o buquê que trazia na mão. Depois de a mãe lhe ter ligado a combinar o jantar, foi pesquisá-la no Google. Outra vez. *Alice Hart, Floriógrafa, Quinta de Thornfield, Onde Germinam Flores Silvestres*. Comprara-lhe um ramo de telopeas, depois de ler que, em Thornfield, elas significavam *Regresso à Felicidade*.

Parado no deque, deixou-se ficar a ouvir os sons familiares do mar, dos espanta-espíritos, do cacarejar das galinhas, do zunido das abelhas – e da voz da mãe vinda da cozinha. Em conjunto representavam a banda sonora da sua vida. E depois, um novo elemento sonoro: o ladrar de um cão.

– Pip! – Uma voz plena de riso – uma voz que ele não conhecia – avançou para ele.

Charlie engoliu em seco. Reajustou as flores nas mãos suadas.

A sombra dela surgiu primeiro, no corredor. Ele abriu a porta de rede. Relaxou os ombros. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

A sua irmã mais velha. Estava ali.

Roda de fogo



Significado: **A cor do meu destino**

Stenocarpus sinuatus | Queensland e Nova Gales do Sul

As suas profusas flores vermelhas e laranja proporcionam um espetáculo exuberante, do verão ao outono. Antes de desabrocharem, as flores simétricas têm a forma dos raios de uma roda, e foram batizadas devido à sua semelhança com um círculo de chamas.

Já era fim de tarde quando Alice chegou a casa com um ramo de flores-de-fogo acabadas de colher.

Cumprimentou a cadelinha e foi até ao quarto buscar as outras coisas de que precisava: uma capa de plástico com uma resma de folhas, um livro e os seus cadernos de notas. Pôs ao pescoço o colar de sementes de árvore-de-coral que Ruby lhe dera, inalando o seu aroma defumado. Enfiou nos bolsos uma caneta de feltro, uma caixa de fósforos e um novelo de cordel, e levou tudo lá para baixo, para o jardim. Sentou-se com Pip em frente à fogueira que tinha começado a montar há uma semana. A cadela lambeu-lhe o braço quando ela poisou as coisas.

Alice deixou-se envolver pela quietude. O sol de outono aqueceu-lhe a pele; o mar resplandecia em nuances de azul-marinho. Virou-se para olhar para o cantinho onde plantara as ervilhas-do-deserto, já floridas na sua primeira estação. *São geralmente muito caprichosas*, escrevera ela num email recente que enviara a Moss, *mas as tuas não me têm dado nenhum problema*. Moss respondera-lhe dizendo que tinha programada uma conferência na costa no fim do ano. *Estás demasiado longe para uma visita?* Alice não conseguiu evitar sorrir ao responder-lhe.

Uma brisa nordestina fez agitar os espanta-espíritos. Olhou para o relógio. Sally devia estar prestes a chegar a casa, e Charlie e Cassie vinham passar o fim de semana – antes do voo de Alice, na segunda-feira. Tinham decidido festejar a Residência de Escrita Criativa de três meses que Alice

ganhara, em Copenhaga – e que descobrira ser a cidade-natal dos antepassados de Agnes. Quando o email de admissão chegou, Charlie foi a primeira pessoa a quem Alice contou a novidade. *Vais poder ver a verdadeira Pequena Sereia*, observara Charlie, orgulhoso da irmã. *Manda-lhe um abraço meu.*

Já lá ia um ano desde que Alice conhecera o irmão – e já não conseguia imaginar a sua vida sem ele. Na noite em que se conheceram, no jantar organizado por Sally lá em casa, tinham ficado sentados frente a frente, estudando os respetivos rostos, acabando em estrondosos ataques de riso e uma ou outra lágrima ocasional. A partir dessa noite, encontravam-se pelo menos duas vezes por semana, e concordaram em consultar um terapeuta familiar durante duas semanas, enquanto tentavam dar sentido à nova vida que tinham juntos. Alice levou Charlie à pousada e ao bar de praia, para lhe mostrar o local onde ela crescera com os pais. Caminharam pela praia da sua infância e deitaram-se na areia, vendo as nuvens mudarem de forma e de cor, enquanto Alice lhe contava as histórias da mãe. Quando lhe descreveu a paixão que ela tinha pelo seu jardim, Charlie levou Alice a conhecer algumas estufas locais e mercados de flores para quem ele trabalhava. Ao ver a expressão maravilhada do irmão sempre que se via rodeado de plantas e flores, a jovem teve uma ideia. E assim que Charlie a deixasse em casa, ia começar a tratar de tudo.

Cerca de duas semanas depois, Twig e Candy estavam a conversar no terraço quando Alice e Charlie surgiram no trilho de acesso a Thornfield, a carrinha dele carregada até acima com tudo o que era necessário para ajudar no longo processo de recuperação das culturas após as cheias. Twig mostrou-se forte e controlada, mas tão querida como sempre. Candy usava ainda o longo cabelo solto, mais azul do que nunca. Alice reencontrou-se com Myf, Robin e algumas das outras Flores que ainda lá viviam, ficando também a conhecer uma nova, a quem Twig e Candy tinham dado abrigo, entretanto. Charlie ficou muito calado, observando e ouvindo atentamente, deixando-se absorver pelas histórias e paisagens de onde ele e Alice eram originários.

Passaram muitas noites à volta da mesa de jantar, desfrutando dos banquetes de Candy e partilhando memórias. As mulheres ensinaram a Charlie a linguagem das flores de Thornfield; Alice trouxera consigo o dicionário, e esperou até estarem sozinhos com Candy e Twig para mostrá-lo ao irmão. Juntaram-se à volta de Charlie como verdadeiras mães-galinha, sobretudo Twig. Alice notou-lhe uma alegria no rosto que jamais lhe vira antes.

Charlie ficou no quarto antigo de June e Alice subiu a escada em caracol até ao seu velho quarto do sino. Dormiu sempre com as janelas escancaradas, banhada pela luz do luar.

Uns dias antes da data prevista de regresso à costa, Charlie pediu a Alice que lhe mostrasse o rio. – Faz parte intrínseca da história de Thornfield. Levas-me lá antes de irmos embora?

Alice apanhou Twig e Candy a entreolharem-se.

– Eu vi! – disse ela, apontando um dedo acusador para ambas. – Que olhar foi esse?

Twig e Candy trocaram um novo olhar, e esta última saiu da sala, regressando um minuto depois

com uma urna de cinzas.

– Não me pareceu certo fazê-lo sem ti... – A voz de Candy falhou-lhe.

O dia da cerimónia revelou-se fantástico: límpido e vibrante. A luz do sol filtrava-se pela copa dos eucaliptos, em tons de dourado e verde. Twig e Candy disseram algumas palavras, e quando chegou a hora, Alice lançou as cinzas de June à água, vendo-as seguir rio abaixo. A jovem limpou as faces molhadas e exalou profundamente, como que soltando um suspiro há muito contido. Abraçou fortemente Candy e Twig. Anos e anos de memórias envolveram as três mulheres. Quando se preparavam para regressar a casa, Alice puxou pela manga do irmão, indicando-lhe que ficasse para trás.

– Quero mostrar-te uma coisa – disse-lhe.

Alice conduziu-o até ao eucalipto gigante.

– Foi precisamente aqui que os nossos pais se encontraram, para o bem e para o mal. – A voz saiu-lhe trémula. – Este local representa a razão de nos termos um ao outro. Faz parte tanto da tua história como da minha.

Charlie observou o tronco entalhado, passando os dedos pelo nome do pai de ambos. Ainda que com o queixo trémulo, sorriu a Alice; quando levou a mão ao bolso de trás e tirou o canivete, o sobrolho erguido em interrogação, Alice assentiu veementemente. Regressaram a casa de braço dado, a cheirar a resina e a casca de árvore, o nome dele e o da mãe de ambos recentemente cravados no eucalipto gigante.

Na manhã em que deixaram Thornfield, Alice levou uns papéis para a mesa do pequeno-almoço. Fê-los deslizar na direção de Charlie, que a olhou com uma expressão confusa. Twig e Candy, cientes das intenções de Alice, sorriram para ele. Para o resto da sua vida, uma das mais preciosas memórias que Alice reteria seria precisamente a expressão de Charlie no momento em que leu a declaração estatutária que ela assinara, ofertando-lhe o seu terço legal de Thornfield.



Alice poisou o ramo de flores-de-fogo e pegou no livro que trouxera consigo. Os olhos seguiram a caligrafia da avó no Dicionário de Thornfield. Percorreu as histórias que lera já dezenas de vezes, de Ruth Stone, Wattle Hart, e da própria June. De Clem e Agnes. De Candy e Twig. Fez girar o caule de uma flor-de-fogo entre os dedos, considerando o seu significado: *a cor do meu destino*. Recompôs-se, endireitando-se e pondo o dicionário numa cadeira de jardim, a uma distância segura.

A seguir, retirou o molho de folhas da capa de plástico; cópias impressas de cada um dos emails que Dylan lhe enviara desde que ela deixara o deserto, primeiro diários, depois semanais, ultimamente mensais. Leu as linhas que conhecia de cor, da primeira à última.

Foste embora, e contudo ainda aqui estás, aparecendo e desaparecendo de mim. A última caneca de café que usaste. Os teus vestidos pendurados no meio das minhas roupas. A tua escova de dentes ao lado da minha. Ontem choveu. Hoje ainda não consegui sair de casa; não quero ver as tuas pegadas esvaídas da terra vermelha.



Alice amarrotou a folha numa bola dentro do punho, sentindo uma pontada nas costelas só de respirar. Ergueu o rosto para o oceano, inspirando a brisa marítima, permitindo que lhe arrefecesse a pele. Olhou de relance para o Dicionário de Thornfield. *Presta atenção agora, Alice*, ouviu a voz de June dizendo as palavras que escrevera. *Tudo isto representa as nossas formas de sobrevivência.* Alisou a folha, voltou a guardá-la na capa, e pô-la de lado.

Por fim, dedicou a atenção aos seus cadernos de notas, que continham a história que ela escrevera na linguagem das flores durante os tempos que passara em Agnes Bluff, os meses que vivera no deserto e o último ano que vivera com Sally; a história que acabaria por transformar-se na sua candidatura à residência de escrita criativa. *Escreveste um livro*, declarou Charlie, estupefacto quando, Alice mostrara ao irmão e a Sally a primeira parte impressa do manuscrito. Sally abanara a cabeça ao ler o título. *Transformaste sementes em ouro*, dissera-lhe baixinho, sorrindo através das lágrimas.

Alice pegou num caderno de notas da pilha e deslizou as mãos pela capa. Quando a levantou, soltou-se um fio de areia vermelha que lhe resvalou para o colo, reluzindo de um modo quase sobrenatural. Alice equilibrou o caderno entre as palmas e deixou que se abrisse ao meio. Passou os dedos pelos grãos vermelhos apanhados na junção das páginas. A vida e as histórias de outras pessoas sempre lhe tinham dito que o tom da sua vida era o azul. Os olhos do pai. O mar. *Alice Blue*. A cor das orquídeas. Das suas botas. Das rainhas dos contos de fadas. Da perda. Mas o Centro de Alice era Vermelho. Sempre fora e sempre seria. A cor do fogo. Da terra. Do coração e da coragem.

Concentrou-se nos cadernos de notas. Pronunciou em voz alta o nome de cada flor desenhada e prensada, bem como o seu significado – um encantamento para pôr fim ao fardo de carregar dentro de si uma história não-contada.

Orquídea Fogo Negro Desejo de possuir

Flor de Flanela O que se perde, encontra-se

<i>Sempre-viva Viscosa</i>	O meu amor jamais te abandonará
<i>Brunonia azul</i>	Choro a tua ausência
<i>Flor-da-Pena Pintada</i>	Lágrimas
<i>Arbusto-menta listado</i>	Amor desamparado
<i>Campainhas amarelas</i>	Boas-vindas a um estranho
<i>Lírio-baunilha</i>	Embaixador do amor
<i>Beladona violeta</i>	Fascinação, feitiçaria
<i>Caixa de espinhos</i>	Adolescência
<i>Lírio-do-rio</i>	Amor oculto
<i>Acácia baileyana</i>	Firo-me para me poder curar
<i>Taças-de-cobre</i>	Minha rendição
<i>Eucalipto negral</i>	Encantamento
<i>Orquídea Rainha</i>	Consumida pelo amor
<i>Tojo de ervilha-amarga</i>	Beleza cruel
<i>Banksia vistosa</i>	Tens-me cativa
<i>Laranja imortal</i>	Escrito nas estrelas
<i>Arbusto pérola</i>	O meu mérito oculto

<i>Grevílea de mel</i>	Premonição
<i>Ervilha-do-deserto-de-sturt</i>	Tem coragem. Acredita.
<i>SpinifexPrazeres</i>	Perigosos prazeres
<i>Murta do deserto</i>	Sou uma chama, ardo
<i>Parakeelya de folha larga</i>	Vivo e morro pelo teu amor
<i>Carvalho-do-deserto</i>	Ressurreição
<i>Arbusto-lanterna</i>	A esperança pode cegar-me
<i>Árvore-de-coral</i>	Cura para as dores do coração
<i>Crotalária</i>	O meu coração foge
<i>Cauda-de-raposa</i>	Sangue do meu sangue
<i>Roda de fogo</i>	A cor do meu destino

Quando se sentiu preparada, Alice tirou a tampa da caneta de feltro e rabiscou o título do manuscrito na capa de cada um dos cadernos, no meio das ilustrações de flores. Empilhou-os no colo e atou-os com cordel. Juntou à pilha a resma de emails impressos e colocou tudo na base da fogueira. Ao pegar nas flores de fogo, e depois nos fósforos que tinha no bolso, sentiu o coração falhar uma batida. Precisou de uns segundos para se recompor. *Respira*. Tirou um fósforo da caixa e acendeu-o, esperou que a mão parasse de tremer, e aproximou-o do monte de folhas e cadernos. Um rápido acesso de oxigénio, o cheiro a enxofre, um sibilar, um estralejar; a fogueira ganhou vida.

As chamas ergueram-se com o oceano como pano de fundo. Alice viu as flores incendiarem-se e arderem; as folhas dos emails de Dylan encarquilharam e enegreceram; todos os seus cadernos de notas se incandesceram. Ficou a olhar para as palavras que escrevera nas capas até se tornarem ilegíveis.

Passado um momento, dirigiu-se à cadeira de jardim e sentou-se, embalando nos braços o Dicionário de Thornfield. Pip encostou-se às pernas dela. Alice inspirou uma profunda lufada de sal, fumo e flores, olhando fixamente para as chamas. As mudanças de cor. As transformações. A sua linda mãe, para sempre no seu jardim.

Alice pressionou entre os dedos o medalhão de ervilha-de-deserto e o colar de sementes de árvore-de-coral. *Confia na tua história. Tudo o que podes fazer é contá-la exatamente como foi.*

A memória surgiu-lhe límpida e desenfreada: na casa revestida a tábuas, já no fim do trilho, estava sentada à secretária junto à janela, a sonhar com várias formas de atear fogo ao pai.

O seu coração bateu lentamente.

Estou-aqui.

Estou-aqui.

Estou-aqui.

NOTA DA AUTORA

Este romance é denso de histórias e personagens das mais variadas culturas. Gostaria de agradecer aos amigos generosos, às experiências que vivi, às fontes que consultei e a que recorri, e sobre as quais me habituei a escrever. No primeiro capítulo, a frase «a vida acontece para a frente, mas só pode ser entendida para trás» foi inspirada na obra do filósofo dinamarquês, Søren Kierkegaard. O conto infantil preferido de Candy, acerca da rainha que espera tanto tempo pelo regresso do seu amado que acaba por se transformar na orquídea do padrão do seu vestido, foi baseado no conto filipino *The Legend of Waling-Waling*. As histórias indianas de Sita e Draupadi, as que as Flores partilham com Alice foram, também elas, partilhadas comigo por Tanmay Barhale. A história da filha do rei que usava sempre o mesmo tom de azul foi inspirada por Alice Roosevelt Longworth, filha de Theodore Roosevelt, que também sempre usou o mesmo tom azul-celeste, e que ficou conhecida por nunca se vergar às regras da sociedade. O conto búlgaro que Oggi refere na carta que escreve a Alice, sobre o lobo e a raposa, foi inspirado por uma versão do conto popular búlgaro *The Sick and the Healthy*, que por sua vez me foi traduzido e contado por Iva Boneva. As histórias de Lulu sobre as borboletas monarca, guerreiras de fogo e filhas do sol, foram inspiradas por contos mexicanos que Viridiana Alfonso-Lara me foi contando. Para mim foi fundamental recorrer a elementos ficcionais no que respeita aos locais da Austrália Central que Alice visita, e onde vive e trabalha, porque identificar essas partes do romance com locais existentes e facilmente reconhecíveis seria, para mim, contar histórias que não me pertencem e, logo, não posso nem devo partilhar. Esta minha decisão de ficcionar os locais em questão, passou por um aconselhamento prévio com Ali Cobby Eckermann, mulher Yankunytjatjara e poetisa aclamada a nível mundial. Ela concordou que seria a atitude mais razoável a seguir. Kililpitjara, ou Earnshaw Crater – e tudo o que lhe diga respeito – o seu nome, a sua história, a sua paisagem, são meramente ficcionais. O local a que chamei Kililpitjara é fictício no sentido em que o inventei, mas o idioma Pitjantjatjara a que recorri para o criar, e que é utilizado ao longo de todo o romance, é a língua falada pelo povo Anangu. Kilipi significa “estrela”. Tjara significa “parte de algo ou de um grupo maior”. A tradução mais literal será então “que pertence às estrelas”. A referência que me serviu de ferramenta principal foi o “dicionário” IAD Press Pitjantjatjara/Yankunytjatjara para Inglês. O que me inspirou na criação da estrutura geológica do Kililpitjara foram as imagens de Kandimalal (Cratera de Wolfe Creek) e de Tnorala (Cratera de Gosse Bluff), mas a presença, energia e grandiosidade de ambas foram transmitidas in loco, quando eu própria vivi no deserto central. Em 2016, encontrei-me com o Dr. John Goldsmith em Perth, que me transportou pelas suas incursões em primeira-mão pela Kandimalal, bem como a sua experiência como fotógrafo das estrelas do deserto ocidental. O Dr. Goldsmith foi igualmente de uma ajuda inestimável ao esclarecer-me sobre o fenómeno dos círculos concêntricos de estrelas e crateras, e da própria probabilidade do crescimento dos tufos das

ervilhas-do-deserto na formação rochosa, que eu tantas vezes descrevi. A história da criação do Kililpitjara foi inspirada na própria crença do povo Arrernte quanto à sua origem: a história de Tnorala, a cratera de onde um bebé caiu do seu berço de madeira nas estrelas, embatendo na terra, e dos pais que, do céu, eternamente o procuraram. As flores roubadas e devolvidas pelos turistas, plenas de remorso, bem como as cartas de arrependimento que as acompanham – que Ruby mostra a Alice a determinada altura – são inspiradas pelas «pedras roubadas» que os guias turísticos recebem diariamente em Uluru, enviadas por turistas arrependidos de todo o mundo. O poema da Ruby, Sementes, é da autoria da própria Ali Cobby Eckermann, que me deu absoluta permissão para o usar neste contexto. Enquanto vivi no deserto, tive o grato prazer de conhecer muitas mulheres como a Ruby. Partilharam comigo as suas histórias e índoles, que me ensinaram coisas que jamais aprendi noutra sítio qualquer. A Austrália tem uma história negra. Sempre foi e sempre será terra aborígene.

AGRADECIMENTOS

Como leitora, adoro ler a secção dos agradecimentos dos romances. É como entrar num fim de festa, ainda com a animação ao rubro, e ter a oportunidade de ver as pessoas que voaram nas asas do romance darem a cara

É uma emoção inexplicável ter sido capaz de publicar o meu romance. O meu respeito e gratidão ao povo Yugambeh, na terra de quem muitos rascunhos deste romance foram esboçados; ao povo Bundjalung, em cujo país de água salgada eu cresci; ao povo Butchulla, na terra de quem vive a minha mãe e onde crescem os canaviais que desde sempre me encantaram O meu respeito e gratidão aos povos Arrernte, e Anangu em cujas terras trabalhei e viajei durante o tempo em que vivi no Território do Norte. Gostaria ainda de reconhecer a minha gratidão às mulheres de NPY que partilharam comigo a sua cultura e as histórias dos seus antepassados.

À minha extraordinária equipa da Harper Collins Australia, obrigada por excederem os meus mais improváveis sonhos de criança

Alice ‘Whizzy’ Wood e Sarah Barrett, obrigada pela vossa interminável energia, trabalho árduo e pelas nossas saídas e conversas fora de horas. Hazel Lam, obrigada por criares uma das mais bonitas capas de livros que alguma vez vi para a história da Alice Hart. Mark Campbell, Tom Wilson, Karen-Maree Griffiths, Erin Dunk, Essie Orchard e Andrea Johnson, obrigada pela vossa paixão e fê neste romance e em mim. Nicola Robinson, obrigada por todas as preciosas revisões e sugestões; sabias sempre quando podia ser e fazer melhor. Catherine Milne, minha irmã nesta história, fizeste de mim e da Alice o melhor que poderíamos ser. Obrigada por me ensinares a confiar no romance que escrevi e também em mim. Estarei sempre em dívida contigo.

À Zeitgeist Agency: Benyhton Oldfield, Sharon Galant, e Thomasin Chinnery, os meus agentes, obrigada por acreditarem em mim, e na Alice, e serem a equipa de sonho que são. Não escolheria mais ninguém para ficar comigo numa sala de crise.

Obrigada Stéphanie Abou da Massie & McQuilkin Literary Agents pela dedicação e trabalho árduo. À minha incrível equipa de editores e tradutores internacionais por levarem a Alice aos quatro cantos do mundo: obrigada por concretizarem sonhos que eu nem sabia que tinha.

O meu amor, respeito e profunda gratidão a Ali Cobby Eckermann, minha gémea do deserto e do mar, minha irmã ininti; guardo com amor a pulseira e a T-shirt que me deste.

Obrigada por terem aparecido na minha vida e também por terem permitido a inclusão de Seeds

como o poema de Ruby. Obrigada por partilharem as vossas palavras maravilhosas e o vosso enorme coração comigo.

Alice Hoffman, obrigada por responderes à minha primeira carta em 2009 e pela tua generosidade de te manteres sempre em contacto desde essa altura.

Obrigada pela tua inabalável inspiração, magia e também pela permissão para citar uma das tuas cartas neste livro.

Obrigada por escreveres os livros que me acompanharam pelo mundo fora; ensinaram-me a acreditar e a ser corajosa.

Anne Carson, obrigada por me teres dado a honra de poder citar a tua tradução da poesia de Sappho. Obrigada, Gracie e Nicole Aragi, da agência Aragy, pelo vosso apoio e prestabilidade para com este meu pedido.

Julianne Schultz, John Tague, Jane Hunterland, e restante equipa da Griffith Review em 2015, obrigada por tudo o que têm feito e continuam a fazer pelos escritores e leitores australianos. Obrigada por terem sido a casa da minha primeira publicação paga, e por terem atribuído ao primeiro capítulo deste romance o vosso prémio anual de escritores. Esse vosso investimento em mim mudou o curso da minha vida.

Obrigada à Varuna, The Writer's House, pela dose perfeita de estranheza, mistério, beleza e solidão de que eu jamais sonhei precisar para começar a editar este livro. Às mulheres com as quais escrevi na escuridão da minha residência: Biff Ward, Jackie Yowell, Helen Loughlin, e Bec Butterworth, saibam que estão sempre no meu coração, à volta de uma mesa-banquete com os cozinhados da Sheila. Com vinho.

David Jayet-Laraffe, da Frog Flowers, Giulia Zonza, da On Love & Photography, e Nancy Spencer, da Nancy Spencer Makeup, obrigada pela vossa alquimia, por terem criado um jardim tropical dentro de um globo de neve de Manchester e me terem colocado no centro. Obrigada por terem criado uma fotografia de autora absolutamente única, e me terem proporcionado uma experiência plena de amor e alegria que eu jamais esquecerei.

Edith Rewa, rainha das flores e cativante artista botânica, obrigada pelas ilustrações de flores que geram feitiços tão poderosos. Aos livreiros que apoiaram a Alice Hart, e a mim, ao longo de todo o processo da publicação: obrigada pela magia dos livros que trazem ao mundo, e por partilharem parte dela comigo e com este romance. Aos livreiros que vão ler este livro, dar-lhe um lugar nas estantes das vossas livrarias, e partilhá-lo com os leitores, obrigada por serem uma luz em cada cidade e terreola, e fazerem do meu sonho de infância uma realidade, como (bibliófila?) amante da leitura e aspirante a escritora.

Obrigada Kate Forsyth e Carol Crennan por todo o apoio que me deram no retiro de escrita History Mystery and Magic, em 2015, uma experiência que teve um impacto fortíssimo em mim enquanto pessoa e escritora. Às minhas colegas escritoras desse retiro, Sarah Guise, Kellie Watson, e

Bec Smedley, obrigada por terem partilhado comigo os vossos corações e as vossas histórias. Obrigada, Kate, pela tua amizade e por me teres sempre lembrado que a Alice era uma chama que o medo e a ansiedade jamais conseguiriam extinguir.

Obrigada àqueles que me iluminaram o caminho quando me vi numa floresta escura enquanto escrevia este romance, obrigada pela vossa amizade inabalável, amor, força e incentivo: Favel Parrett, Courtne Collins, Nicole Hayes, Alys Conran, Meredith Whitfield, Anni Sartorio, Nick Benson e família Benson, Simone Gingras-Fox e família Gerlinger, Dimi Venkov, Ashley Hay, Khela Hutchinson, Gregoreen and PD, Eva de Vries, Olga Van Der Kooi (e Rogier e Louise), Helen Weston e JP, Sarah Rakich, Vanessa Radnidge, Lilia Krasteva, Jesse Blackadder, Andi Davey, Philippa Moore, Jenn Ashworth, Jane Bradley, Chris e Debbie Macintosh (e Beth e Lil), Cerys Jones, Helen Fulcher, Fraser How, Derek Henderson, Vicki Henderson, Stephen Ashworth, Lorena Fernandez Sanchez, Alex D’Netto, Linda Teo, Ian Henderson, Jenn Ashworth, Rachael Clegg (e Roberto, Joe, Francis, e Ruben), Susan Fernley e Brian Fox, Kate Gray, Cheryl Hollatz-Wisely, Jackie Bailey (Yen Yang e Ellie Belly), Jeremy Lachlan, Josie e James McSkimming, Sani Van der Spek, Dervla McTiernan, e Andy Stevenson (e Lou, Sam e Gina).

Um obrigada muito especial a Kate Forsyth, Brooke Davis, Favel Parrett, Ashley Hay, Jenn Ashworth, Myf Jones, e Ali Cobby Eckermann por terem lido as primeiras provas e apoiarem este romance com tanto amor, entusiasmo e generosidade de espírito.

Agradeço ao Dr John Goldsmith por me ter recebido e respondido às minhas incessantes questões, e pela partilha das histórias sobre estrelas e crateras.

Às mulheres que conheci no curso espiritual Singing Over the Bones, orientado pela Dra Clarissa Pinkola Estés, em 2015, obrigada por terem partilhado comigo o vosso amor e as vossas histórias. E obrigada pelos vossos “uivos de loba” que me têm conduzido desde então.

Aos homens e mulheres que estudei e com quem pratiquei lado a lado no curso espiritual Mindfulness Self Compassion, com Christopher Germer e Kristin Neff, em 2017: o empenho do vosso trabalho, a empatia, apoio e amizade acompanharam-me ao longo do percurso, algo por que ficarei eternamente grata.

Sempre estudei em escolas públicas e alguns dos meus professores da primária e do liceu mantêm-se até hoje como exemplos de como o incentivo é fundamental na formação da personalidade. Mrs Smart, Ms Pearce, Mr Chandler, Mrs Reynolds, e Mr Ham, obrigada por terem visto em mim algo que nem eu própria vi, e por me terem ensinado a acreditar que o esforço, a dedicação e a coragem tornam tudo possível.

À International Society, uma organização não governamental que nos últimos cinquenta anos se tem dedicado a promover a diversidade, disponibilizando um verdadeiro porto de abrigo a estudantes internacionais, refugiados, requerentes de asilo e habitantes da zona da Grande Manchester, obrigada pelo calor e hospitalidade da vossa casa, pela sensação de segurança,

liberdade e imaginação que proporcionam a tantos milhares de nós.

Obrigada à minha International 16s (não sei o que isto é) em todo o mundo; não seria a contadora de histórias que sou sem as histórias que partilharam comigo. Samantha Smith, tatuadora de inacreditável talento, artista e contadora de histórias, obrigada por teres trazido a Alice para a minha vida e para a minha pele. Sou tão grata por te ter encontrado e conhecido... Melissa Acton, tu és uma mulher que consegue transformar uma sala de privação sensorial num verdadeiro paraíso. Obrigada por teres sido uma das minhas primeiras leitoras e por teres dado um lar à Alice no teu coração-amante-de-livros. (coração-bibliófilo?)

Tanmay Barhale, o Batman pode ser o mais famoso, mas tu és a minha superheroína favorita. Obrigada pelas histórias que me contaste, algumas das quais espero ter conseguido honrar neste romance.

Viridiana Alonso-Lara, guerreira-do-fogo, obrigada por teres partilhado comigo o teu coração através das tuas histórias mexicanas, logo desde a primeira noite que nos conhecemos. Obrigada por teres partilhado a tua família e o teu guacamole comigo. Obrigada pelo teu amor. Sem ti, a Lulu não seria quem é.

Ammna Winchester, obrigada pela tua amizade e por me teres dado a honra de partilhar as tuas histórias comigo. Sem o teu generoso apoio e inspiração, não poderia ter descrito tão bem os dias que a Alice passou no hospital.

Boryana Pashova, minha adorada Banana, obrigada pela ajuda nas traduções do búlgaro, por teres acreditado em mim como escritora, e por teres ensinado a gritar com um prato no forno para que cozinhe mais depressa.

Iva Boneva, Money Honey, mulher extraordinária, obrigada por teres partilhado comigo os teus contos infantis búlgaros. Obrigada por todas as barrigadas de riso que tivemos entre Manchester e Sófia, enquanto vivemos juntas os nossos próprios contos de fadas.

Matt Warren e Nick Walsh, obrigada por me terem lembrado que o amor e o riso são remédios poderosos, e por me ensinarem a nunca ter medo ou vergonha de ser como sou.

Brooke Davis, não existe uma secção de Agradecimentos suficientemente grande para eu conseguir expressar tudo aquilo que amo em ti e tudo aquilo por que te estou grata. Nem margaridas suficientes. Obrigada por veres através de mim, por me amares, por me deixares amar-te à minha maneira, nos melhores e nos piores momentos. Obrigada por tudo o que fizeste para criar e fortalecer a Alice Hart, e a mim. Só pensar em ti torna-me uma pessoa melhor.

Myf Jones, amiga inigualável, capitã do leme dos nossos flutuantes mundos, mestra na arte de navegar contra o vento, e irmã para todas as travessias, não há ninguém com quem eu mais goste de festejar-a-comer do que contigo. Obrigada por teres sido a primeira a dar integralmente vida à Alice.

Sophs Stephenson, obrigada por teres tornado o meu primeiro ano de escrita em Manchester único e magnífico, e por teres provado que a Elizabeth Bennet está viva e recomenda-se. Jonny,

obrigada por teres feito o Mr Darcy passar por uma vergonha. E HazelPop, minha querida, a Violet Crawley não te chega nem aos calcanhares.

Sarah de Vries, minha alma gémea à primeira vista, não haverá suficientes inícios de dia à uma da manhã, árvores nuas, road trips, cães com coroas de flores, bugigangas, calças de andar por casa, camarões-tigre, cavalos escuros, coleções de contos infantis ou danças-de-braços coreografadas que consigam medir o amor e a alegria que tu trazes à minha vida. Obrigada por tantas vezes me teres levantado do chão e sacudido o pó. Um brinde ao nosso futuro de cabelos roxos e coleções de borboletas. Libby Morgan, quando eu era miúda e sonhava com uma melhor amiga bibliófila, nunca pensei que ela existisse fora das páginas dos meus livros. Obrigada por teres tornado esse meu desejo realidade e por estes quinze anos de amor magnífico e verdadeiro. Obrigada por teres debatido comigo cada nó cego deste romance e por seres uma incansável e sempre carinhosa voz da razão. Obrigada por cada uma das inumeráveis horas que passámos em terra e no mar. Andy, Jess, Nath, Raff, Mick, Jordy, Lani, Rainy, e Razor: obrigada por me amarem como uma de vós.

À minha família Harris alargada, Merilyn, Matt, Gabe, Leo, Arley, Buggy, Chris, Vicky, Sue, e Annie, obrigada por acreditarem em mim e me terem animado com o vosso amor.

Lee Steindl, obrigada por teres gritado comigo a cada passo desta caminhada. Obrigada por me teres ensinado o poder de uma vassoura, como enfrentar corvos, e por me fazeres doer a barriga de tanto rir. E pelo Moët. Sempre, pelo Moët.

Matty Hutchinson, a Lulu e eu vamos amar-te para sempre. Obrigada por todo o apoio que deste à Alice, por teres dado o nome dela à tua filhota-girassol, e por me teres trazido um bocadinho do bolo dela.

Joan Mary Corfield, obrigada por teres criado um jardim-de-fadas tão extraordinário, pelo qual todas nós deambulámos tão livremente, e pelo amor profundo por histórias e pela escrita que me corre no sangue.

Dadgee, Toby, Goose, Teapot, e Coco, não há nada que se compare a cada regresso meu a vossa casa. Obrigada pelo vosso amor, e pelo lugar mais seguro e luminoso que encontrei para escrever, neste caminho tantas vezes sombrio.

Ao Hendrix, o meu pequeno Thor, e à Kira Navi, Rainha da Fronteira Silvestre, obrigada por me terem recordado quão essenciais e poderosas podem ser as histórias e a imaginação.

À minha mãe, Colleen Ringland: ensinaste-me a ser corajosa. Ensinaste-me a ler aos três anos. Obrigada pela minha vida, Mamaleen. Obrigada por me ensinares o que significa nunca desistir. À minha restante família e amigos, obrigada pelo amor e apoio.

Deixando o melhor quase para o fim, Sam Harris, tu és a melhor coisa que me aconteceu na vida. Obrigada por me ensinares que a paz é uma chama. O teu amor é a mais pura magia que eu conheço.

O meu agradecimento final vai para vocês, caros leitores. As palavras de um escritor só ganham vida ao serem lidas. A Alice Hart jamais viveria plenamente sem vocês.

A minha gratidão é toda vossa.